UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Letras

EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS DE JESUÍTAS DO SÉCULO XVIII

MAYCON HENRIQUE DOS SANTOS PEREIRA

DOURADOS/MS
2020

MAYCON HENRIQUE DOS SANTOS PEREIRA

EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS DE JESUÍTAS DO SÉCULO XVIII

Qualificação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze - PPG Letras/UFGD
(Presidente/Orientador)

_____

Prof. Dr. Protásio Paulo Langer - PPG História/UFGD
(Membro titular)

_____

Prof.ª Dr.ª Vanessa Martins do Monte – Filologia e Língua Portuguesa/USP
(Membro titular)

DOURADOS/MS
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

P436e Pereira, Maycon Henrique Dos Santos
EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS DE JESUÍTAS DO SÉCULO XVIII [recurso eletrônico] / Maycon Henrique Dos Santos Pereira. -- 2020.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Bruno Oliveira Maroneze.
Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio

1. Transcrição semidiplomática. Lexicologia Diacrônica. Jesuítas no Brasil.. I. Maroneze, Bruno Oliveira. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

À minha família, minha mãe pelo apoio em todos esses momentos.

À Mariana que esteve sempre ao meu lado.

Ao Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze, pela orientação, por acreditar, pelo acolhimento e companheirismo nessa jornada.

Aos professores do programa, de pós-graduação em Letras, agradeço pelas valiosas discussões nas aulas.

Aos professores membros da banca avaliadora, Prof. Dr. Protásio Paulo Langer e Prof.ª Dr.ª Vanessa Martins do Monte, agradeço pelas sugestões dadas durante o exame de qualificação.

À CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agradeço pela concessão da bolsa de estudos, cujo apoio financeiro possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho trata da realização da edição semidiplomática e análise do léxico de cartas de jesuítas de meados do século XVIII. As cartas selecionadas são de jesuítas que atuaram no Brasil, especificamente nas missões amazônicas e foram escritas entres os anos de 1749 a 1753. Elas se encontram no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), integrando a coleção de Alberto Lamego. Os documentos apresentam bom estado de conservação, com exceção de alguns que, por conta do suporte e da tinta usada, apresentam deterioração, contudo, são acompanhados de cópias e/ou traduções dos originais. As cartas eram escritas para a rainha-mãe de Portugal, Maria Ana de Habsburgo, consorte do Rei D. José V, e retratavam o trabalho missionário dos jesuítas, especialmente os oriundos da Germânia, que estava sob tutela da rainha. O trabalho consiste na edição fac-similar seguida da edição semidiplomática, que se justifica pois elas apresentam relevância tanto para pesquisas historiográficas quanto para trabalhos em Linguística. Para a realização da edição semidiplomática, fizemos uso dos pressupostos teóricos de Sílvio de Almeida Toledo Neto, César Nardelli Cambraia, Ana Regina Berwanger e João Eurípides Franklin Leal, Heloísa Liberalli Belloto e Segismundo Spina.

Palavras-chave: Transcrição semidiplomática. Lexicologia Diacrônica. Jesuítas no Brasil.

Sumário

Resumo 5

Introdução 7

1.1. Sociedade de Jesus 10

1.1.1. Missionários jesuítas de língua alemã 11

1.2. Relação dos missionários jesuítas 12

1.2.1. Os jesuítas e a expulsão 14

1.3. Relação dos documentos 15

Capítulo 2 – Estudo paleográfico, diplomático e codicológico dos documentos 20

2.1. Estudo codicológico dos documentos 20

2.2. Estudo paleográfico dos documentos 21

2.2.1. Processo de leitura dos documentos 22

2.3. Diplomática e os tipos de documentos 22

2.4. Princípios norteadores e procedimentos para edição semidiplomática 25

2.5. Edição fac-similar 26

2.6. Abreviaturas 27

2.7. Análise diplomática 28

2.8. Alfabeto contrastivo dos documentos assinados por Gabriel Malagrida 31

2.9. Algumas dificuldades de leitura encontradas 52

Capítulo 3 – Edição semidiplomática e fac-similar dos documentos 53

Capítulo 4 – Glossários para entendimento das cartas 188

Considerações finais 203

Referências 204

Introdução

Esta pesquisa é de caráter documental, em que realizamos a edição semidiplomática das cartas escritas por jesuítas na região amazônica e do Grão-Pará em meados do século XVIII. Dada a importância da história da Companhia de Jesus, tornar acessível documentos desse período tem grande importância para outras áreas de pesquisa. Este trabalho oferece uma edição semidiplomática dos documentos com o intuito de subsidiar pesquisas em História da Língua portuguesa e Língua Latina, além de pesquisas históricas.

O percurso inicial da pesquisa surge do nosso contato com a língua latina ainda na graduação e através do curso de latim ministrado pelo professor Bruno Maroneze, orientador desta pesquisa. Com o contato com documentos em latim, surge a ideia de realizar um trabalho voltado para a transcrição e tradução de decumentos que, inicialmente, teriam como objeto de estudo as cartas do jesuíta Francisco Wolf. A pesquisa floresceu e houve a oportunidade, após uma viagem a São Paulo para visitar o IEB e ter contato direto com os documentos, de expandir a pesquisa agregando os documentos escritos por jesuítas de origem alemã que atuaram na Amazônia portuguesa. O recorte ocorreu pelo motivo de adequar a pesquisa ao tempo de duração do programa de mestrado, pois o acervo de Lamego possui cartas de jesuítas que estavam atuando, além da Amazônia, nas regiões do oriente.

Após a delimitação do recorte, iniciou-se o processo da pesquisa bibliográfica que compõe a base teórica da pesquisa e o processo de leitura e transcrição dos documentos. O processo de transcrição ocorreu de forma sistemática e metódica, sob a luz dos critérios estabelecidos nos pressupostos teóricos. Após a conclusão dessa etapa, tínhamos a pretensão de fazer analisar o léxico dos documentos com o intuito de investigar os neologismos. Porém, devido o prazo para defesa da pesquisa que estava próximo do fim, optamos por elaborar o glossário com topônimos e antropônimos. Delimitamos dessa forma, pois o conteúdo dos documentos aborda uma descrição meticulosa dos relatos de viagem e das atividades desempenhadas pelos jesuítas.

Durante o processo de transcrição, notamos que a escrita das duas cartas de assinadas por Gabriel Malagrida guardam diferenças significativas e, por isso, levantamos a hipótese de que não seriam do mesmo punho. Além disso, observamos semelhanças entre a escrita de uma das cartas de Malagrida e as assinadas por Francisco Wolf. Considerando que a datação e o remetente dos documentos serem próximos, cogitamos a hipótese de que o mesmo punho que escreveu a carta de Wolf é o mesmo que escreveu a carta de Malagrida. Com a finalidade de

averiguar essa hipótese, de que se trata do mesmo punho, elaboramos o alfabeto e analisamos a escrita dos documentos assinados pelos jesuítas.

No capítulo 1 desta dissertação, apresentamos um levantamento histórico tratando da contextualização dos documentos apresentados. Por se tratar do período que engloba mudanças políticas no reino português, apresentamos um breve levantamento do período da relação dos jesuítas e o governo português, fatos que culminaram com a expulsão e prisão dos jesuítas.

Neste capítulo, apresentamos um breve levantamento biográfico dos jesuítas mencionados como autores das epistolas.

No final deste capítulo, apresentamos a tabela reportando a relação dos documentos que serão transcritos. Nela, consta informações como datação, autoria, origem, etc. Foi disposto dessa forma para facilitar o trabalho com os documentos.

No capítulo 2, apresentamos o embasamento teórico que referenciou este trabalho. Trazemos os pressupostos sobre estudos codicológicos, paleografia, metodologia para leitura dos documentos, pressupostos para a edição semidiplomática e fac-similar dos documentos. Os autores que embasaram esse estudo foram Sílvio de Almeida Toledo Neto, César Nardelli Cambraia, Ana Regina Berwanger e João Eurípides Franklin Leal, Heloísa Liberalli Belloto e Segismundo Spina.

Neste capítulo, apresentamos o alfabeto utilizado nos documentos 02, 05, 09 e 11. Tal formulação foi necessária para facilitar a leitura e responder as questões levantadas sobre o escriba dos documentos. A hipótese é de que o Padre Malagrida, que assinou dois documentos 09 e 11, provavelmente escreveu apenas um deles, pois a grafia difere dos documentos em que ele assina. A segunda, hipótese é que o escriba dos documentos 02 e 05, assinados por Francisco Wolf, seria o provável escriba de um dos documentos assinados por Malagrida, pois os três documentos guardam semelhanças na grafia. Outro ponto é que as cartas foram escritas no mesmo local e em datas próximas.

No capítulo 3, apresentamos a edição semidiplomática e fac-similar dos documentos. Seguimos a apresentação, primeiramente, da edição fac-similar, seguida pela edição semidiplomática em que seguiremos as normas estabelecidas por Sílvio de Almeida Toledo Neto (do grupo ETeP – USP). Os documentos seguem a numeração estabelecida na tabela exposta no capítulo 1, ficando dispostos da seguinte forma: edição fac-similar do documento seguindo a numeração e identificação do IEB, seguindo pela edição semidiplomática. Nela, consta a contagem de linhas na margem esquerda da folha.

No capítulo 4 e último desta dissertação, apresentamos um glossário com nomes e topônimos que são apresentados nos documentos. Optamos deliberadamente pela ordem alfabética dos nomes, idenficação do documento em que eles ocorrem e breve descrição. Por fim, apresentamos a conclusão final do trabalho.

Capítulo 1 – Estudo histórico dos documentos

1.1. Sociedade de Jesus

A sociedade de Jesus foi inicialmente fundada em 1534, contudo, foi reconhecida oficialmente em 27 de setembro de 1540, através da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*. A sociedade teve como seu líder e fundador Íñigo López de Loyola, ou, como ficou reconhecido, Inácio de Loyola, o primeiro Geral, sendo sediado em Roma (FERRO, 1993, p. 137). De caráter austero, ela se diferenciava das outras instituições eclesiásticas como, "imposição aos membros de uma fortíssima disciplina e de um sentimento de obediência inquestionável" (FERRO, 1993, p. 137). Além disso, continua Ferro (1993, p. 137), a instituição regula toda a vida quotidiana dos missionários, determinando, por exemplo, gestos e expressões faciais. Naturalmente, destaca Ferro (1993, p. 137), essas características foram transportadas para os seus relatos.

Uma das características que constituíam a personalidade de Inácio de Loyola era o desejo de estar a par de todos os detalhes da vida dos missionários, desta forma, segundo Ferro (1993, p. 138) "mesmo antes de estarem estatuídas normas a esse respeito, terá instruído os seus missionários para lhe enviarem relatórios sob a forma de cartas logo que partissem para os seus destinos". Observa-se que a instrução para a escrita das cartas ocorre nos primórdios da Sociedade de Jesus, e com o tempo, como forma de aperfeiçoar o controle das ações dos subordinados ela torna-se uma obrigação. Contudo, havia diferenças entre os jesuítas na Europa e nas províncias, como aponta Ferro:

> Como acontecia com muitas outras questões da Companhia de Jesus, tudo o que se referia às cartas que os missionários deviam escrever estava perfeitamente regulamentado, embora com diferenças consoantes se tratasse de jesuítas na Europa ou no ultramar. Os reitores dos colégios e os propósitos provinciais na Europa deviam escrever semanalmente ao seu provincial e de três em três meses ao Geral em Roma, a não ser que houvesse algum assunto urgente; os provinciais, por sua vez, deviam responder aos seus subordinados de três em três meses e ao Geral mensalmente; o Geral, por sua vez, respondia aos provinciais também de dois em dois meses e aos reitores dos colégios e propósitos locais de seis em seis meses. (FERRO, 1993, p. 140)

Havia instruções de como deveriam escrever e o que se comunicar, desta forma, segundo Ferro (1993, p. 141), a orientação, no geral, era escrever a cada quatro meses uma carta contendo somente as coisas referidas as edificações, em língua vulgar da província, e outra em latim com o mesmo teor. Assim, as cartas seguiam um exemplar em língua vulgar e em latim, acompanhadas de cópias para que houvesse ao provincial e ao Geral.

As regras para os missionários que estavam no ultramar não se aplicavam às normas rígidas dos que estavam na Europa, devido à dificuldade da comunicação que dependia da

disponibilidade das navegações, como era o caso dos missionários da Índia e do Brasil (FERRO, 1993, p. 141).

Como a tarefa dos missionários está bastante ligada as escritas das cartas, Ferro compreende, devido a essa característica do oficio do jesuíta, "que os missionários tivessem desenvolvido métodos de observação e de descrição bastante apurados, ao lado de vícios de forma" (1993, p. 144).

Os desafios para o envio das correspondências eram muitos, dentre eles, que eram em grande maioria feitos por navio[1], estavam os naufrágios, os ataques de corsários e as dificuldades de abastecer os navios. Além disso, o envio das cartas dependia da disponibilidade dos navios e do escriba conseguir escrever a tempo de sua partida. Para solucionar este problema, Ferro aponta que, devido a esses percalços,

> Tudo isso obrigava a que nas casas da Companhia localizadas nos principais portos de comunicação, existissem elementos com a missão de copiar as cartas e de enviar as várias vias para os destinatários, o que tudo tinha que ser feito com cuidado e a tempo da partida dos navios. (FERRO, 1993, p. 148).

1.1.1. Missionários jesuítas de língua alemã

Tendo em vista que a maioria das cartas aqui transcritas foi escrita por missionários de língua alemã, faz-se necessário estudar mais detidamente a presença desse grupo em terras sul-americanas.

Por volta da metade do século XVIII, sob tutela da rainha de Portugal, chega um grande número de jesuítas de língua alemã nas províncias portuguesas, segundo Gatzhammer:

> Em 1750, a rainha-mãe portuguesa, Maria Ana de Habsburgo, tinha pedido pessoalmente, junto do Geral dos Jesuítas em Roma, Pe. Franciscus Retz, o envio de jesuítas alemães. Por intermédio do seu confessor e biógrafo, Pe. Joseph Ritter SJ, estava em contacto por escrito com vários missionários. Ocupava-se pessoalmente do bem-estar dos missionários que partiam através de Lisboa. Poucos anos após a sua morte (1754), deu-se a primeira expulsão de jesuítas do Brasil (GATZHAMMER, 1993, pp. 215-216).

Ao todo, entre os anos de 1759 e 1760, foram expulsos das colônias portuguesas 21 jesuítas de língua alemã, dentre esses, segundo Gatzhammer, 19 desembarcaram em Lisboa e imediatamente detidos e sua maioria foram encaminhados para o forte de São Julião. Gatzhammer descreve a relação dos jesuítas de língua alemã nas colônias portuguesas:

> Na Cochinchina, Jakob Graff; em Macau, Johann Koffler; em Goa, Simon Gumb, Johann Kelle, Jakob Müller e Karl Przikril; Moçambique, Moritz Thoman; no Paraguai, Josef Unger; por fim, a maioria, no Brasil: Johann Breuer, Anselm Eckart, David Fay, Rochus Hundertpfundt, Rötger Hundt, Lorenz Kaulen, Josef Keyling, Anton Meisterburg, Mathias Piller, Martin Schwarz, Ignaz Szentmartonyi, Johann

[1] Ferro (1993, p. 146) destaca que havia o caminho terrestre para as Índias, mas era preferível o caminho por mar, pois o terrestre era mais moroso e apresentava maiores chances das correspondências caírem em mãos inimigas.

> Nepomuk Szluha e Franz Wolff. Não podiam regressar à sua pátria, através dos Estados da Igreja, como outros jesuítas expulsos, tendo de passar até ao ano da primeira libertação (1767), na sua maior parte até 1777, nos presídios portugueses. (GAZTHAMMER, 1993, ps. 216 -219)

1.2. Relação dos missionários jesuítas

As cartas transcritas são de autoria dos seguintes jesuítas: Francisco Wolf, Gabriel Malagrida, Roque Hundertpfundt, Lourenço Kaulen, João Nepomuceno Szluha e Heinrich Hoffmayer. Aqui faremos um breve levantamento histórico dos missionários mencionados.

Roque Hundertpfundt nasceu "em Bregenz, na província da Alta Alemanha [hoje Áustria]" (PORRO, 2011, p. 582). Segundo Arenz e Prudente (2019), o Padre Roque Hundertpfundt, que estava presente na região amazônica desde 1739, teve grande participação na vinda dos missionários de origem alemã, "...como procurador da Vice-Província do Maranhão em Lisboa, ele solicitou o envio de doze "conterrâneos" para o norte da América portuguesa" (ARENZ; PRUDENTE, 2019, p. 3). Hundertpfundt, devido ao terremoto que arrasou Lisboa em 1755, segundo Moura (2000, p. 53) "deixou de padecer os cárceres por se haver retornado para sua pátria por ocasião do terremoto...".

Sobre Francisco Wolff, sabe-se, segundo o levantamento de Lamego, que foi descrito nos documentos, que ele faleceu na prisão de São Julião em 24 de janeiro de 1767, juntamente com Fay. Karl Kohut e María Cristina Torales Pacheco citam que "El 12 de enero de 1767 fallecía David Fay y, doce días más tarde, Francisco Wolff. De este último, el padre Unger escribió una semblanza biográfica, y el padre Kaulen un elogio fúnebre" (KOHUT, PACHECO, 2007, p. 255).

Gabriel Malagrida nasceu em 1689, em Managgio na Itália. Ingressou na ordem jesuíta em 1711, permanecendo até sua morte, em 1761. Malagrida chegou ao Brasil em 1721 para o trabalho missionário. A relação de Malagrida com Pombal foi alvo de vários estudos. Segundo Ivan Teixeira, Pombal, em suas reformas, ampliou seu poder no Tribunal do Santo Ofício com a nomeação de seu irmão, Paulo de Carvalho e Mendonça, para o cargo de Inquisidor Geral (p. 41). Ainda segundo Teixeira, Malagrida se tornou o alvo de Pombal na erradicação jesuíta:

> Depois de diversas manobras para condená-lo, das quais resultaram a exoneração do antigo Inquisidor Geral e a nomeação de seu irmão para o cargo. Pombal queimou Malagrida em praça pública, transformando sua condenação em símbolo do projeto de eliminar as raízes jesuíticas no país. Orador inflamado, Malagrida impusera-se como santo e milagreiro aos devotos do tempo. (TEIXEIRA, 1999, p. 41)

A condenação de Malagrida foi um marco na expulsão dos jesuítas, segundo Teixeira, "Como quer que se interprete esse processo, a verdade é que, depois dele, não houve mais auto-de-fé público em Portugal..." (TEIXEIRA, 1999, p. 41). Para Azevedo, presença jesuíta na América portuguesa ganha força com Antônio Vieira e se extinguem com a condenação de Malagrida (AZEVEDO, 1999 p. 14)

Segundo Arenz e Prudente (2020), o Padre Lourenço Kaulen nasceu em 4 de maio de 1716, na cidade de Colônia. Entrou para a Sociedade de Jesus em 1738, no colégio de Trier. Ele foi missionário na Amazônia portuguesa e autor da carta-ânua de 1756. Chegou à Amazônia portuguesa em 1750 em companhia de Antônio Meisterburg.

Em 1757, o missionário foi destituído de seu cargo, preso e deportado para Lisboa. Ficou detido no Colégio de Nossa Senhora da Lapa; posteriormente foi transferido para a prisão de Almeida, em 1759 e, por fim, cumpriu sentença no Forte de São Julião até 1777, quando foi liberto após a morte de D. José I. Acredita-se que ele permaneceu em Lisboa até sua morte em 1797.

O missionário Anselmo Eckart (Anselm Franz Dominick von Eckart) nasceu em Mogúncia (Mainz), em 4 de agosto de 1721. Dentre os padres jesuítas, o que recebeu maior destaque, segundo Coello (2005), foi Eckart. Oriundo de família abastada, ingressou na Companhia de Jesus em 12 de julho de 1740, Em 1751, foi ordenado sacerdote e, em 1752 foi escolhido pela rainha de Portugal, Maria Ana d'Áustria, para atuar na vice província do Maranhão e Grão-Pará. Em 1753, ele desembarcou em São Luís do Maranhão, juntamente com um grupo de padres, entre eles, Dávid Fáy, János Szluha, József Kayling, Martin Schwarz, Heinrich Hoffmayer, António Velez, António dos Santos, José de Távora e José Barbosa, Manuel da Fonseca, João Luiz e António de Morais (PORRO, 2011, p. 576).

Segundo Papavero e Porro (2013, p. 24), "Com a ordem de expulsão dos jesuítas, Eckart foi deportado para Portugal em novembro de 1757, chegando a Lisboa em 12 de fevereiro de 1758". A grande maioria dos padres foram destinados ao seu cárcere na prisão fortaleza de São Julião, onde muitos pereceram e faleceram. Dentre algumas de suas provações, segundo Papavero e Porro (2013, p. 26), estava a privação da escrita.

O *website* do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Comércio Exterior da Hungria (FLUXO, 2018) disponibiliza breves biografias de missionários de origem húngara que estiveram na América Latina. Assim, tem-se a informação de que János Szluha (1723-1803) foi ordenado sacerdote em 1750 e, a partir de 1752, durante oito anos, participou da missão de Marañón del Peru. Durante sua viagem, aproveitou seus conhecimentos de matemática,

principalmente para fazer cálculos cartográficos. Após a expulsão dos jesuítas, foi encarcerado em Portugal e deveu sua libertação à intervenção de um enviado austríaco.

Segundo o mesmo website (FLUXO, 2018), József Kayling (1725-1791) entrou para a ordem jesuíta em Trenčín. Nos anos 1750, chegou ao Brasil alocado à população Tremembé. Uniu-se aos missionários que já realizavam atividades nessa comunidade indígena. Posteriormente, foi nomeado diretor de um engenho açucareiro e logo expulso do Brasil e encarcerado em Lisboa. Graças à intervenção da rainha Maria Teresa, foi libertado.

Ainda segundo o mesmo website (FLUXO, 2018), Dávid Alajos Fáy (1721-1767), missionário jesuíta, chegou ao Brasil vindo de Portugal, após 46 dias de navegação. Em suas viagens nos rios que desembocam na baía de São Marcos, entrou em contato com vários povos locais. Preparou relatórios sobre a vida e os costumes desses povos, os quais são fontes importantes. Como ele não tinha conhecimentos em ciências naturais, suas notas em muitos casos não refletiam a realidade. Foi expulso do Brasil e encarcerado em Portugal, onde morreu.

1.2.1. Os jesuítas e a expulsão

O conteúdo das cartas aqui analisadas engloba um cenário próximo ao período de culminou com a expulsão dos jesuítas dos territórios portugueses. Não é nosso intuito aprofundar esse contexto, porém traremos uma breve contextualização, pois o conteúdo das cartas, em determinados momentos, alude a certos embates entre os jesuítas e o governo local.

Durante o reinado de D. João V, houve um grande direcionamento do erário para a causa religiosa. No período, foram construídos igrejas e conventos ao passo que a população estava perecendo, esse cenário contribuiu na intensificação de um pensamento anticlerical (PAPAVERO; PORRO, 2013, p. 21). A perspectiva de mudança ocorreu com a ascensão ao trono de D. José, filho de D. João V, em 1750, após a morte do pai.

Com D. José no poder, a mudança se concretizou com a nomeação de Sebastião José de Carvalho e Melo para o cargo de ministro. Carvalho e Melo tinha grande experiência diplomática devido ao seu oficio como embaixador, e segundo Papavero e Porro (2013, p. 21), era conhecedor das obras iluministas francesas. Seus passos seguintes foram a reforma administrativa e a criação das bases para a educação pública. As convicções de Carvalho e Melo chocar-se-iam com os interesses da nobreza e do clero, sua postura foi a redução dos privilégios do clero e atacar a ordem dos jesuítas.

A relação entre Carvalho e Melo e a ordem dos jesuítas se agravaria após 1757. Neste ano, ele foi nomeado primeiro-ministro de Dom José. Em 1758, ocorreu o atentado contra o rei e atribuído aos jesuítas a responsabilidade do fato. Em 1759, Carvalho e Melo decreta a proibição do funcionamento da Ordem em Portugal e em suas colônias decorrendo na prisão e envio dos jesuítas para a Europa (PAPAVERO; PORRO, 2013, p. 21).

Há vários trabalhos que estudaram o período da expulsão e o que houve com os jesuítas durante suas prisões, como a Carta-Ânua do Padre Lourenço Kaulen e os trabalhos de Arenz e Prudente. Porém, não foram encontrados muitos trabalhos que tratem do período imediatamente anterior, que é exatamente o período das cartas aqui estudadas.

1.3.Relação dos documentos

Os documentos aqui estudados encontram se no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Eles configuram-se como componentes do acervo de Alberto Lamego. Encontram-se em local adequado para a sua preservação. As cartas, em sua maioria, são acompanhadas de seus envelopes, alguns contêm o selo. Os documentos estão disponíveis para consulta física e foram digitalizados, a pedido, para esta pesquisa.

A seguir apresentaremos a tabela com a relação dos documentos. Nas colunas apresentamos: o número do documento, conforme numeração do IEB; a datação; local de origem; autor; o número de páginas e de folhas; e uma breve descrição do documento.

RELAÇÃO DOS DOCUMENTOS

Identificação do documento	Nº do documento no IEB	Datação	Origem	Autor	N.º de fólios	Descrição
01	AL-001-00a	27 de janeiro de 1916	Pontevedra (Espanha)	A. de Menezes	2 folhas 1r, 1v, 2r	Carta destinada a Alberto Lamego, datilografada. Menezes devolve os documentos que Lamego havia lhe emprestado.
02	AL-001-003	25 de novembro de 1753	Pará	Francisco Wolf	1 folha (1r, 1v) e 1 envelope	Carta escrita em latim, possivelmente por Wolf.
03	AL-001-004	Início do século XX (estimado)	Local desconhecido	Tradutor desconhecido	1 folha dobrada em quatro e recortada; resulta em 1r, 2r, 3r	Tradução da carta em latim escrita por Wolf. Tradutor desconhecido (possivelmente Lamego).
04	AL-001-005	1 de fevereiro de 1752	Pará	Francisco Wolf	Uma única folha dobrada em duas partes (1r, 1v, 2r, 2v) e 1 envelope	Carta escrita em português, possivelmente por Wolf.

05	AL-001-006	1749	Pará	Francisco Wolf	Uma única folha dobrada; o texto ocupa a metade direita (1r) e o seu verso (1v); e 1 envelope	Carta em latim, possivelmente escrita por Wolf. Encontra-se deteriorada, mas é acompanhada de uma tradução (documento de número 06).
06	AL-001-006	Início do século XX (estimado)	Local desconhecido	Tradutor desconhecido	1 folha (1r, 1v)	Tradução da carta em latim de número 05, feita por autor desconhecido (possivelmente Lamego).
07	AL-001-024	15 de setembro de 1746	Pará	Roque Hundertpfundt	1 folha (1r, 1v)	Carta escrita em latim, provavelmente por Hundertpfundt. É acompanhada por uma tradução (documento de número 08)
08	AL-001-024	Início do século XX (estimado)	Local desconhecido	Tradutor desconhecido	1 folha (1r)	Tradução da carta em latim de número 07 feita por autor desconhecido (possivelmente Lamego)
09	AL-001-025	S/D	S/O	Gabriel Malagrida	1 folha (1r)	Carta escrita em latim, possivelmente por Malagrida. É acompanhada por uma tradução (documento de número 10)

10	AL-001-025	Início do século XX (estimado)	Local desconhecido	Tradutor desconhecido	1 folha (1r, 1v)	Tradução da carta em latim de número 09, feita por autor desconhecido (possivelmente Lamego).
11	AL-001-026	28 de novembro de 1751	Pará	Gabriel Malagrida	2 folhas (1r, 1v, 2r, 2v)	Carta em português escrita por punho desconhecido, mas assinada por Malagrida.
12	AL-001-029	Início do século XX (estimado); referente a carta datada de 16 de novembro de 1753	Local desconhecido; referente a carta originária do Pará	Tradutor desconhecido; referente a carta de autoria de Lourenço Kaulen	5 folhas, com a primeira e a quinta escritas só na frente (1r, 2r, 2v, 3r, 3v, 4r, 4v, 5r); 5 folhas datilografadas só na frente	Tradução da carta escrita em alemão, provavelmente por Kaulen, realizada no início do século XX por autor desconhecido (possivelmente Lamego).
13	AL-001-035	22 de janeiro de 1754	Maranhão	Joannes Nepomucenus Szluha	1 envelope e 1 folha (1r, 1v)	Carta escrita em latim, provavelmente por Szluha.
14	AL-001-040	Início do século XX (estimado);	Local desconhecido; referente a	Transcrição feita por punho desconhecido de	2 folhas (1r, 1v, 2r, 2v) da carta original;	Transcrição, feita por punho desconhecido (possivelmente Lamego),

		referente a carta datada de 22 de agosto de 1753	carta originária de Carará	uma carta de autoria de Joannes Nepomucenus Szluha	1 envelope; e 6 folhas da transcrição, com a primeira página escrita só no verso: 1v, 2r, 3r, 4r, 5r, 6r	de uma carta em latim, provavelmente escrita por Szluha.
15	AL-001-041	Início do século XX (estimado); referente a carta datada de 23 de outubro de 1753	Local desconhecido; referente a carta originária do Pará	Tradutor desconhecido; tradução de carta de Hennig Hoffmayer	9 folhas (1r, 1v, 2r, 2v, 3r, 3v, 4r, 4v, 5r, 5v, 6r, 6v, 7r, 7v, 8r, 8v, 9r)	Tradução, feita por tradutor desconhecido (possivelmente Lamego), de uma carta escrita em alemão, provavelmente por Hoffmayer.
16	AL-001-042	25 de novembro de 1753	Pará	Roque Hundertpfundt	3 folhas (1r, 1v, 2r, 2v, 3r)	Carta escrita em português, possivelmente por Hundertpfundt.

Capítulo 2 – Estudo paleográfico, diplomático e codicológico dos documentos

Neste capítulo, apresentaremos algumas considerações teóricas sobre Paleografia, Diplomática e Codicologia, bem como analisaremos as cartas dos jesuítas a partir desses pressupôs teóricos.

2.1. Estudo codicológico dos documentos

A ciência que estuda os manuscritos denomina se Codicologia, assim como a paleografia e a diplomática, trata se de disciplinas com o intuito de complementar a Filologia. Seu campo de atuação é a materialidade do documento, descrevendo, portanto, o suporte, aspectos físicos, formação, conteúdo, escribas, datação, entre outros (MOTA, 2011, p. 41 - SPAGGIARI e PERUGI, 2004, p. 15-16). Para apresentar a descrição codicológica, tomamos como ponto de partida o seguinte modelo presente no "Guia Básico de Descrição Codicológica" (CAMBRAIA, 2005, p. 28). O modelo propõe os seguintes itens a serem catalogados: cota; datação; lugar de origem; folha de rosto; colofão; suporte material; composição; organização da página; particularidade; encadernação; conteúdo; e descrições prévias. Nesta pesquisa, lançamos mãos de alguns itens que foram pertinentes ao trabalho, como datação, lugar de origem, suporte, número de páginas, autor, particularidades e descrições prévias.

Os documentos de número 02, 04, 05, 07, 09, 11, 13 e 16 são datados do século XVIII e foram escritos em papel com tinta, provavelmente ferrogálica. Os documentos de número 03, 06, 08, 10, 12, 14 e 15, sem data, mas provavelmente do início do século XX, foram escritos aparentemente com caneta-tinteiro. O documento 01, datado de 27 de janeiro de 1916, foi datilografado.

Conforme já mencionado no capítulo 1, os documentos que foram utilizados nesta pesquisa estão arquivados no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). Eles configuram-se como componentes do acervo de Alberto Lamego. Encontram-se em local adequado para a sua preservação. As cartas, em sua maioria, são acompanhadas de seus envelopes, alguns contêm o selo. Os documentos estão disponíveis para consulta física e foram digitalizados, a pedido, para esta pesquisa.

Os documentos não estão encadernados na forma de códice. O suporte de todos é o papel. Alguns apresentam filigranas, que não foram analisadas.

2.2. Estudo paleográfico dos documentos

A paleografia pode ser definida como o "*estudo das escritas antigas*" (CAMBRAIA, 2005, p. 23). Spina (1977, p 18) a define como "estudo das antigas escritas e da evolução dos tipos caligráficos em documentos. Ela também é considera uma ciência que complementa outras áreas, como a filologia, a história, entre outras. Ela[2]. Para Berwanger e Leal (2008, p. 16):

> [...] a Paleografia abrange a história escrita, a evolução das letras bem como os instrumentos para escrever. Pode ser considerada arte ou ciência. É ciência na parte teórica. É arte na aplicação prática. Porém, acima de tudo, é uma técnica.

Berwanger e Leal (2008, p. 19) a subdividem em dois campos de trabalho:

a) Elementar: quando trata somente da leitura; e
b) Crítica: quando procura deduzir informações sobre o material, época, tipo de escrita, tintas, autores etc.

Os estudos paleográficos, constituídos de forma sistemática, originam-se no século XVII, em uma iniciativa do jesuíta Daniel van Papenbroeck (1628-1714), que observando o grande número de documentos falsos circulando na Europa, apresenta critérios para averiguar a veracidade de documentos na obra denominada *Propylaeum Antiquarium circa Veri ac Falsi Discrimen in Vetustis Membranis* (Antuérpia, 1675). Papenbroeck apresenta nesta obra uma classificação das diferentes escritas como critério para suas análises (CAMBRAIA, 2005, p. 23). Outros grandes nomes que contribuíram para a constituição dessa ciência, segundo Cambraia (2005), foram Jean Mabillon (1632-1707) que escreveu a obra *De Re Diplomatica Libri IV* (Paris, 1681), em que aprofunda a análise dos tipos de escrita, e Bernard de Montfaucon (1655-1741) que escreveu *Palaeographia Graeca Sive de Ortu et Processu Litterarum Graecarum* (Paris, 1708), essa obra registra a nomenclatura desse campo de estudo.

As contribuições da paleografia para as ciências da linguagem são muitas. Sua finalidade é tanto teórica quanto pragmática, como explica Cambraia:

> A finalidade teórica manifesta-se na preocupação em se entender como se constituíram sócio-historicamente os sistemas de escrita; já a finalidade pragmática evidencia-se na capacitação de leitores modernos para avaliarem a autenticidade de um documento, com base na sua escrita, e de interpretarem adequadamente as escritas do passado. (CAMBRAIA, 2005, p. 23)

No processo de leitura, o pesquisador deve ficar atento a alguns aspectos da escrita ao realizar a análise paleográfica. Segundo Berwanger e Leal (2012), "o estudioso da leitura

[2] Spina define o documento, objeto de estudo da Paleografia, como material perecível (papiro, pergaminho, papel), concordando com Berwanger e Leal.

paleográfica deve conhecer, antes de tudo, não só a língua em que o documento foi escrito como também na época da inscrição" (BERWANGUER; LEAL, 2012, p. 90).

Dessa forma, o pesquisador observa a base da escrita, a tinta, o tipo de grafia usada, espaçamentos, pontuação, abreviações, traçado das palavras, assim como anotações e adulterações no documento, além de outros aspectos, como aponta Berwanger e Leal (2012, p. 90).

2.2.1. Processo de leitura dos documentos

Um trabalho confiável e que possa vir a ser utilizado em pesquisas linguísticas e históricas deve se pautar em princípios e fundamentos no campo da paleografia. Objetivando estabelecer a edição semidiplomática dos documentos, conservadora, faz-se necessário o estabelecimento de critérios rigorosos. Sob a luz de Tomás Marín Martínez (1991), que na obra "Paleografia y Diplomática" (*apud* FACHIN, 2006, p. 27-28), traça alguns princípios para a leitura dos manuscritos.

- Observar e fixar figura e desenho de letras isoladamente;
- Observar as junções dos desenhos das letras;
- Observar as abreviaturas e buscar explicações para elas;
- Colocar em prática a leitura, iniciando dos textos mais simples aos mais complexo.

A formulação do alfabeto é uma etapa importante no processo de leitura dos textos. Ele trará maior segurança e confiabilidade na elaboração da edição do documento. Trata-se de uma tarefa que requer cuidado e paciência, pois o pesquisador irá encontrar muitos desafios, como pedaços apagados, abreviaturas, rasuras, entre outros.

Ao se estabelecer critérios, como os evocados por Mallon, leva-se em consideração vários fatores que influenciam no momento da escrita, como o tipo de pena, o suporte utilizado, a tinta. A relevância em se analisar o traçado da letra é de grande importância, pois mesmo conhecendo o seu desenho, essas condições adversas podem contribuir para que o desenho fique completamente diferente. Logo, o estudo do traçado contribui para elucidar a intenção do escriba.

2.3. Diplomática e os tipos de documentos

A Diplomática é a ciência que tem por objetivo verificar a autenticidade do documento, segundo Berwanger e Leal (2012), é a ciência que estuda os documentos antigos:

> o conjunto de documentos de arquivos que possam constituir fontos históricas:cartas, atos, tratados, contratos, registros judiciais e outros documentos oficiais que nos legaram os antepassados e, mais particularmente, a idade média. (BERWANGER, LEAL, 2012, p. 25)

A Diplomática é uma das ciências que, em conjunto com a Filologia e a Paleografia, colaboram nos estudos da crítica textual. Define-se a Diplomática como "o *estudo de documentos* (em especial, os jurídicos). Deve-se entender aqui por *documento*, em um sentido estrito, *toda notícia escrita de algum acontecimento*" (CAMBRAIA, 2005, p. 25). Segundo Spina:

> (...) a Diplomática consiste no estudo de todos os caracteres externos do documento – a matéria escriptória, os instrumentos gráficos, as tintas, os selos, as bulas, os timbres, inclusive a letra, a linguagem, as fórmulas -, isto é, numa crítica formal dos documentos, visando com isso a determinar o grau de autenticidade dos mesmos. (SPINA, 1977, p. 20).

Sua origem remete ao século XVII, juntamente com a Paleografia, tinha o objetivo de analisar a autenticidade de documentos oficiais, alicerçado na forma da escrita e seu conteúdo (CAMBRAIA, 2005). Neste trabalho, o uso da Diplomática tem por objetivo averiguar a relação entre autor, obra e sua transmissão, possibilitando uma melhor compreensão das suas condições de produção. É importante considerar alguns aspectos relevantes no processo de produção de documentos, além de fatores históricos, geográficos e sociais, a idade, doenças, condições locais de produção influenciam no momento da escrita. Outras dificuldades aparentes para o pesquisador são o tipo de papel, a tinta, a condição de preservação. Esses fatores tornam o processo de análise sistemático e meticuloso.

A relevância da Diplomática se fundamenta no fornecimento de fontes de como os documentos foram produzidos, suas propriedades e regularidades, estrutura interna e constantes formais. Esses elementos fornecem segurança para a decifração e a reprodução de um documento.

Os tipos de classificação dos documentos aqui estudados seguiram a proposta de Heloísa Liberalli Bellotto (2000), no "Glossário das Espécies Documentais" em que a classificação proposta divide os tipos de documentos em duas categorias: diplomáticos e não-diplomáticos. Os documentos diplomáticos apresentam efeito jurídico e administrativo. Sua formatação apresenta formas fixas e uniformes. Os documentos não-diplomáticos não têm efeito administrativo ou jurídico, seu teor é informativo e não apresentam uniformidade.

Os documentos diplomáticos se subdividem em três categorias: ascendentes, descentes ou horizontais. Os ascendentes são documentos que tramitam de uma instância inferior para uma superior. Os descendentes partem de uma instância superior para uma inferior e os horizontais tramitam dentro da mesma instância, ou entre particulares.

Os documentos diplomáticos podem ser decompostos, segundo Berwanger e Leal (2008, p. 30-31) em: protocolo inicial, texto e protocolo final ou escatocolo.

1. Protocolo inicial – parte inicial do documento, pode ser composto por:
    a. Invocação divina, às vezes, em forma abreviada (“em nome da Santíssima Trindade...”, “In Dei nomine...”);
    b. Titulação, compreendendo o nome e título do autor;
    c. Direção, destinatário, que pode ser individual ou coletivo;
    d. Saudação breve, nem sempre presente, muitas vezes, redigida de forma abreviada (“vos envio muita saúde”; “S”=Saúde).
2. Texto – o corpo do texto, se compõe das seguintes partes:
    a. Preâmbulo: tido mais como um ornamento, de aspecto literário, para chamar a atenção sobre a utilidade do documento, também denominado “arenga” (conversa fiada);
    b. Notificação: dá conhecimento a uma ou várias pessoas;
    c. Exposição ou *narratio:* mostra as causas que tornaram necessário o ato;
    d. Dispositivo: parte mais importante, essência do documento, expressa a vontade do autor;
    e. Sanção: cláusulas finais expressando uma punição, pode apresentar-se sob as seguintes formas; cominatória ou de sanção, explicitando a pena em que se vai incorrer (espiritual ou penal, uma maldição);
    f. Corroboração: expressa o empenho de bens em garantia. Também pode ter o sentido de renúncia a determinadas coisas ou de corroboração, quando a pessoa que recebe o documento é obrigada a divulgá-lo.
3. Protocolo final ou escatocolo – parte final do documento, composto por:
    a. Subscrição ou assinatura – do autor;
    b. Datação: consiste na localização do documento no tempo e no espaço (dia, mês, ano, era, às vezes, hora, cidade, vila etc.) A datação consiste nas datas tópicas e cronológicas;
    c. Precação: constituída por dois elementos:
        i. Assinatura de testemunhas ou a quem foi delegada a execução do ato;
        ii. Sinais de validação: selo e carimbos.

2.4. Princípios norteadores e procedimentos para edição semidiplomática

Neste trabalho, será feita uma edição semidiplomática, ou edição paleográfica, nesse tipo de edição, como afirma Cambraia (2005), haverá um grau médio de mediação, cujo o objetivo é tornar mais apreensível o texto, facilitando a decodificação, por exemplo, de abreviaturas e outros sinais. Desta forma, segundo Cambraia:

> o editor atua de forma mais interventiva, através de operações como desenvolvimento de sinais abreviativos, inserção ou supressão de elementos por conjectura, dentre outras (embora qualquer uma dessas operações fique explicitamente assinalada na reprodução) (CAMBRAIA, 2005, p. 95).

Assim, Cambraia continua (p. 96), os objetivos dessa edição são:

- "facilitar ainda mais a leitura do texto e torná-lo acessível a um público menos especializado e, portanto, mais amplo que o da diplomática";
- "tentar retificar falhas óbvias no processo de cópia do texto, tais como supressão ou repetição de letras, etc."

Em todo processo de edição de um texto, faz-se necessário o estabelecimento de normas ou critérios para edição. Segundo Cambraia (2005), cada tipo de edição requer procedimentos específicos e distintos em sua elaboração, contudo, é necessário normatizar conjuntos de normas. Espera-se que numa mesma edição seja utilizado o mesmo conjunto de normas.

Cambraia (2005) traz alguns princípios que regem a constituição de um conjunto de normas, são elas: "as normas devem ser (a) *apropriadas ao tipo de edição* e, por consequência, à sua finalidade; (b) *internamente coerentes*; (c) *explícitas*; e (d) *rigorosamente aplicadas*" (CAMBRAIA, 2005, p. 110).

Cada tipo de edição deve atender a especificidade do público, logo, uma edição semidiplomática busca um público que busca o fruição pura e simples do texto, ou seja, uma leitura mais acessível, por outro lado, uma edição diplomática, em que a intervenção do editor deve ser mínima, é voltada para atender especialistas e que apresentem recursos para a leitura do documento com suas características originais. Outro princípio norteador é o da *coerência interna*, Cambraia (2005, p. 110) afirma que "fatos iguais devem receber tratamento igual". O uso de normas incoerentes ocasiona uma edição inconsistente, e por fim, inviabiliza o uso adequado por um leitor exigente.

Outro ponto importante, as normas devem ser explícitas, ou seja, deve ficar claro ao leitor os critérios adotados. Além disso, elas devem ser rigorosamente aplicadas em todas as situações.

Sobre os procedimentos básicos para a transcrição, para Cambraia (2005, p. 111), "*transcrever* significa aqui *reproduzir um dado texto em um novo suporte material*". Para a realização da transcrição, é necessário estabelecer o modelo de transcrição dos elementos. Adotaremos a transcrição uniformizada do documento, portanto, "certas características do modelo são apagadas através de um processo de uniformização de variações (gráficas)" (CAMBRAIA, 2005, p. 111).

Neste trabalho adotaremos o conjunto alfabético (ex.: letras) e o não-alfabético (ex.: números). Mais especificamente, lançaremos mão do alfabeto latino na transcrição dos documentos.

Os grafemas de um alfabeto podem variar em *tipo* (romanos redondos, romanos itálicos), e de *módulos* (maiúsculo e minúsculo).

Sobre os *alógrafos contextuais*, quando o grafema apresenta variação de forma, nos documentos transcritos, foi comum encontrarmos a variação < s > e < ∫ >, sendo que a primeira ocorria com grande frequência em início, na dupla grafia e mais comumente na posição final da palavra; a segunda tem ocorrência mais recorrente na dupla grafia e na posição medial da palavra, sendo menos recorrente em posição inicial e, praticamente nula sua ocorrência em final de palavra. Neste sentido, em detrimento da opção pela edição semidiplomática uniformizada, nos casos em que ocorrem o grafema < ∫ >, será transcrito como < s >, assim como para outros *alógrafos contextuais* (< u > e < v >), manteremos o tipo romano redondo e o módulo será adequado ao da sequência gráfica, pois o intuito é facilitar a leitura do documento.

Para a realização da edição semidiplomática uniformizada, seguiremos as normas de autoria de Sílvio de Almeida Toledo Neto (do grupo ETeP – USP), que se encontram transcritas no capítulo 4 desta dissertação.

2.5. Edição fac-similar

Este tipo de edição, também conhecida como fac-símile, fac-similada ou mecânica, tem por característica constitutiva a premissa de grau de mediação zero (CAMBRAIA, 2005, p. 91), sendo assim, só se reproduz a imagem do documento por meio de fotografia, escanerização, etc.

Este tipo de edição permite a consulta do documento de forma "direta", contudo, pressupõe que o consultor reúna as habilidades necessárias para ler esse tipo de texto em sua escrita original, desta forma, esse tipo de edição limita o público.

Para que uma edição fac-similar tenha, de fato, êxito em seu objetivo, ela deve, segundo Cambraia (2005, p. 92), ter "sido realizada com o máximo de rigor e respeito ao modelo".

2.6. Abreviaturas

O uso de abreviaturas remonta ao período do Império Romano e se tornaram frequentes na Idade Média. As razões para o uso das abreviações são múltiplas, podem ocorrer por economia de tempo, tinta e de papel. Como forma reduzida de escrever uma palavra, elas podem ser constituídas por grafemas alfabéticos e não-alfabéticos.

Sobre o estudo das abreviaturas, tomaremos como princípios norteadores as normas e divisões elaboradas por Maria Helena Ochi Flexor, em *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX* (2008). Segundo a autora, apesar de serem comumente usadas nos manuscritos, as abreviaturas não dispõem de regras sistemáticas quanto ao seu uso, contudo, de maneira genérica, podem ser divididas nas seguintes categorias (FLEXOR, 2008, ps.12-14):

a) **Notas tironianas**: Entram em desuso após o século XVI, segundo paleógrafos latinos, elas são a mais antiga forma de "taquigrafia" europeia. Por longo tempo foram quase indecifráveis e, em virtude disso, incluídas entre as escritas misteriosas dos tempos antigos. Elas recebem esse nome, pois atribui-se a Tullius Tiro sua invenção. As notas tironianas baseavam-se nas letras do alfabeto maiúsculo romano. Os sinais eram utilizados em várias posições, tendo significação diferente em cada uma delas. Dois elementos podem ser distinguindos: o *signum principale*, geralmente a inicial da palavra, e os *signa auxiliaria*, que representam uma terminação qualquer da palavra abreviada. Por exemplo: D' = Deus, DO" = Dom.

b) **Siglas**: As siglas são letras maiúsculas do alfabeto, iniciais, que sozinhas representam palavras completas. Por exemplo: B = beato; D = dom; P = padre; PNAM = Padre Nosso, Ave Maria.

   As siglas podem dividir-se em três tipos:

   1. Sigla simples: composta por apenas uma letra;

2. Siglas reduplicadas: quando a letra é repetida, ou por constar duas vezes na palavra, ou para formar o seu plural. Por exemplo: RR = reverendíssimo ou reverendíssimos.
3. Siglas compostas: quando são formadas pelas duas ou três primeiras letras da palavra ou pelas letras dominantes do vocábulo.

c) Abreviaturas propriamente ditas: Apesar das abreviaturas na Idade Média não disporem de regras sistemáticas, é possível agrupá-las da seguinte forma:
   1. Abreviaturas que tomam por base "sinais gerais": são aquelas que indicam a abreviação de uma palavra sem apontar o elemento que falta. Subdividem-se em:
      1.1 abreviaturas por suspensão ou apócope: quando falta o final da palavra;
      1.2 abreviaturas por contração ou síncope: quando falta letras no meio da palavra;
      1.3 abreviaturas com letras sobrescritas: em que, em geral, é colada a letra inicial ou prefixo da palavra, e, em suspensão, a última ou as últimas letras da palavra.
   2. abreviaturas que tomam por base "sinais especiais" que indicam os elementos que faltam na palavra abreviada. Subdividem-se:
      2.1 sinais de significado fixo: independentemente do lugar em que estiverem colocados.
      2.2 Sinais de significado relativo: isto é, que dependem da letra em que se encontram ou da direção em que são colocados.

Além dessas formas fixas, ainda existem algumas variações.

2.7. Análise diplomática

Neste *corpus*, os documentos apresentados são classificados como carta, documento não-diplomático, com forma relativamente estável e com o conteúdo informativo. Segundo Belloto:

> CARTA - documento não-diplomático, mas de desenho mais ou menos padronizado, informativo, ascendente, descendente, horizontal, conforme o caso.
> 1. Correspondência do alto escalão da administração pública em comunicações sociais decorrentes de cargo e função públicos. Nas entidades privadas da área comercial, industrial, bancária, social entre outras, a carta é uma forma de correspondência largamente utilizada para transmitir informações, solicitar favores, fazer convites etc. Sem ser obrigatório, diplomaticamente, há uma certa padronização. Protocolo inicial:

> datas tópica e cronológica. Endereçamento. Direção. Texto: paragrafado, com a exposição e o objetivo da carta. Protocolo final: fecho de cortesia, assinatura, nome e cargo do signatário.
> 2. Dentro das empresas privadas e das instituições sociais, em geral, há uma enorme gama de especificidades relativamente à espécie documental carta, não tanto quanto à sua estrutura, mas sim quanto à sua finalidade e redação de seu conteúdo, como assinala BELTRÃO (1987). Como a preocupação desse glossário é a identificação e a estrutura das espécies documentais, as variantes aqui assinaladas só receberão alguma explicação se a diferenciação recair sobre esses dois elementos. Assim, aquelas nas quais apenas a forma de apresentar o assunto varia, tais como: carta simples, carta com assunto epigrafado, carta com tópicos, carta de apresentação e carta particular, serão tratadas no mesmo item. 3. Na administração colonial: correspondência enviada por autoridade subalterna/delegada ou súdito ao Rei, diferindo do requerimento ou petição pela natureza do teor documental, já que estes últimos destinam-se a solicitar mercês, privilégios ou direitos de existência consolidada, desde que preenchidos os requisitos necessários. Questões de caráter oficial ou particular que se desejasse expor ao Rei, quaisquer que fossem os assuntos, desde que não de caráter peditório, eram-lhe dirigidas por meio de carta. Assim, tem sido confundida com ofício, correspondência entre as autoridades do Reino (que não o Rei) e as subalternas/delegadas em serviço no Ultramar ou entre elas. Em alguns instrumentos de pesquisa, feitos atualmente no Brasil e em Portugal, a identificação dessas duas formas é exatamente o oposto da prática burocrática do Antigo Regime. Tal prática generalizou-se em muitos arquivos porque, na concepção moderna, a carta é particular e o ofício é oficial e, ainda, a carta é ascendente, mesmo na área oficial e o ofício é sempre descendente. Protocolo inicial: Direção - Senhor, seguido da titulação do signatário. Texto: conteúdo, que nos casos mais freqüentes é de teor administrativo. Protocolo final: datas tópica e cronológica e assinatura do autor. (BELLOTO, 2002, p. 51-52)

As cartas analisadas seguem modelos relativamente estáveis. Todas as cartas de autoria dos padres jesuítas eram endereçadas à rainha de Portugal, portanto, seguiam o protocolo inicial, relativamente estável, com a saudação reverenciando a monarca, ex.: *Serenissima Senhora*, *Augustissima e Serenissima Senhora*. Em seguida, é colocado o relato em primeira pessoa, geralmente seguindo de agradecimentos e, depois, de pedidos. Algumas cartas trazem relatos de viagens, relatos do cotidiano do trabalho missionário. Por fim, segue o escatocolo indicando o remetente, a "despedida" e, por fim, a assinatura da carta.

As cartas aqui transcritas apresentam algumas questões paleográficas que precisam ser analisadas. Em princípio, as cartas assinadas pelo mesmo autor apresentam a mesma caligrafia. No entanto, há dúvidas em dois casos. Para resolver essas dúvidas, foi feito um estudo comparativo da escrita dos documentos. Dessa forma, organizamos uma tabela dividida em cinco colunas: a primeira trata da identificação do documento, conforme numeração atribuída pelo IEB; na segunda coluna encontra-se a ocorrência em posição maiúscula inicial; a terceira coluna trata da ocorrência minúscula inicial; na quarta coluna encontram-se as ocorrências de minúscula medial; e a quinta coluna refere se à ocorrência minúscula final.

Foram comparadas as cartas 09, 11, 02 e 05, para testar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: as duas cartas assinadas por Gabriel Malagrida (09 e 11) não foram escritas pelo mesmo punho;

Hipótese 2: as cartas 11, 02 e 05 (a primeira, de Malagrida, as demais, de Wolf) foram escritas pelo mesmo punho.

Conforme pode ser verificado pela comparação dos alfabetos, a diferença entre os punhos de 09 e 11 é muito grande, revelando tratar-se de dois escribas diferentes (apesar da mesma assinatura), confirmando a hipótese 1.

Em relação à hipótese 2, os alfabetos dos três textos são suficientemente semelhantes para que se possa afirmar que foram provavelmente escritos pelo mesmo punho. Como os três documentos são originários do mesmo lugar (Pará) e de datas relativamente próximas (1749, 1751 e 1753), é plausível supor que Francisco Wolf tenha redigido a carta assinada por Malagrida, talvez por este ter um domínio limitado do português escrito.

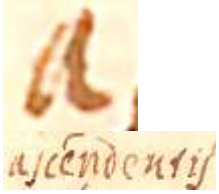
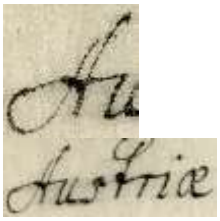
A assinatura dos dois documentos de Malagrida é a mesma, o que mostra que Malagrida de fato assinou ambos. Mas só em um deles a assinatura tem a mesma letra do corpo do documento. Seguem abaixo as assinaturas de Malagrida nos documentos 09 e 11:

Tabela 1 - Assinaturas de Gabriel Malagrida

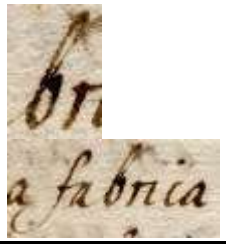
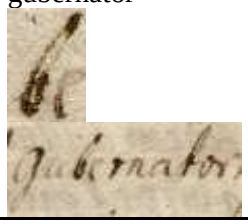
09	11

2.8. Alfabeto contrastivo dos documentos assinados por Gabriel Malagrida

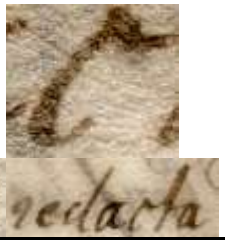
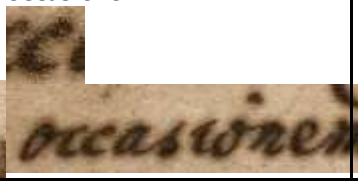
Letra A

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	August	ascendentis 	quam	pro qua
11	Alvara	ampla	exercitar	nunca
02	Austriae 	animo	Majestatis	redacta
05	Advocatam	ad	paupertatem	intima

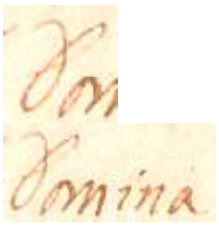
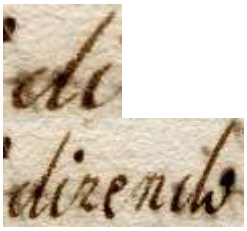
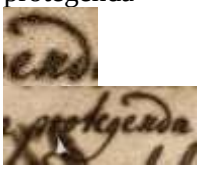
Letra B

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09		Benigna	verbis	ab
11	Bispo	bem	fabrica 	
02		beneficentia	gubernator 	
05			nobis	

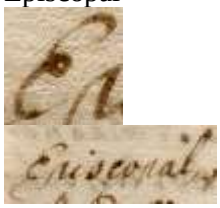
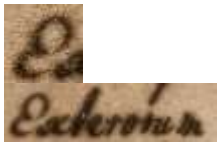
Letra C

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Cum	cum	provocare	hunc
11	Chegado	consentiome	Palacio	
02	Conventus	cum	redacta 	adhuc
05	Civibus	circa	occasionem 	ac

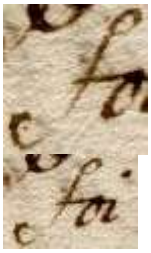
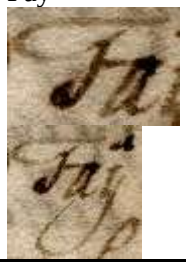
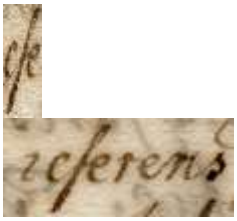
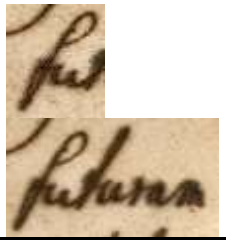
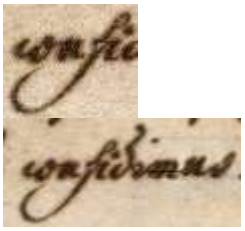
Letra D

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Domina 	divinis	modo	ad
11	Dom	dizendo 	servida	N/O
02	David	dies	removendis	ad
05	Domina	destitutas	protegenda 	ad

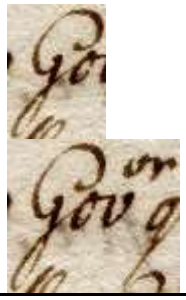
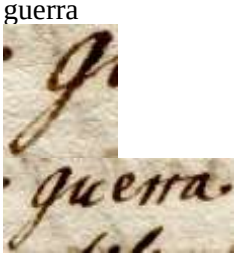
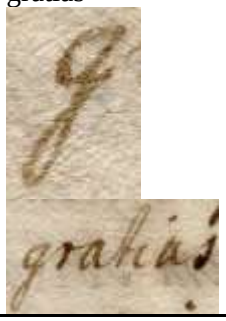
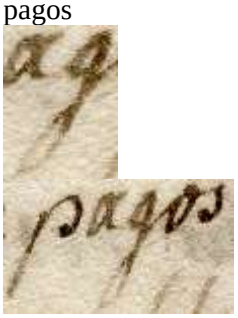
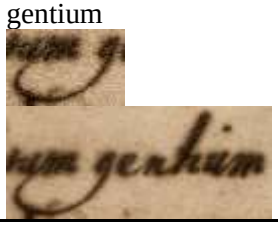
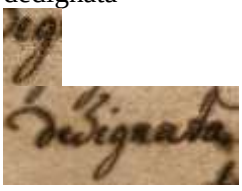
Letra E

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Ego	et	me	Navigare
11	Episcopal 	elle	quem	empede
02		est	Novembris	frate
05	Exterorum 	Est	veniam	prope

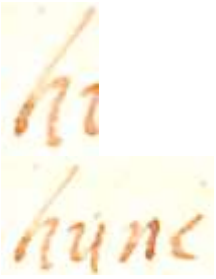
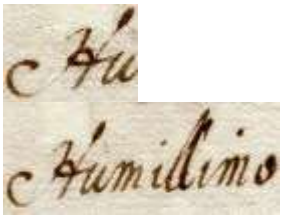
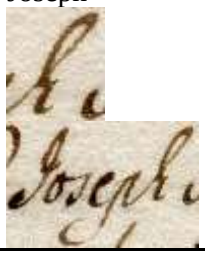
Letra F

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Filius	facerem	refertum	
11	Fr.	Foi 	infinito	
02	Fay 	fructuum	referens 	
05		futuram 	Confidimus 	

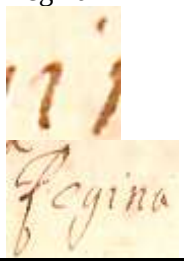
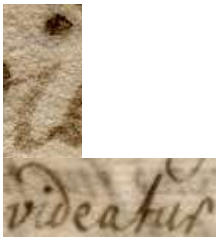
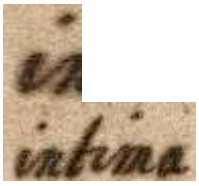
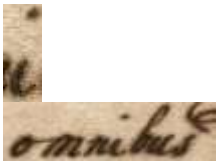
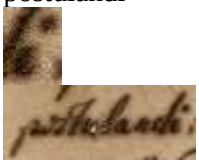
Letra G

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Gabriel	glorie	Regi	
11	Governador 	guerra 	regular	
02	Guaricuruensi	gratias 	pagos 	Meisterburg
05		gentium 	dedignata 	

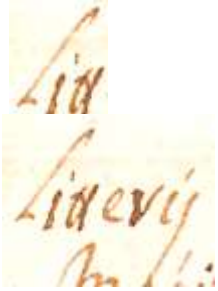
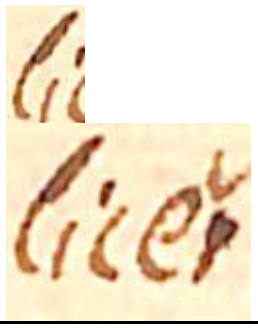
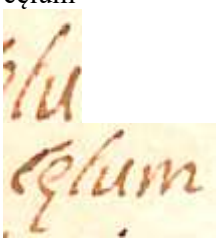
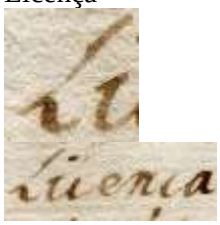
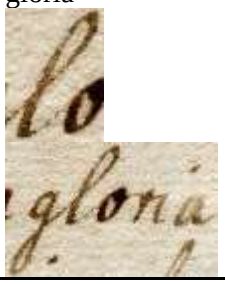
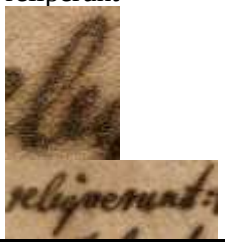
Letra H

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Hoc	hunc 	mihi	
11	Humillimo 	he	conhece	Joseph 
02	Henricum	hoc	Schwartz	
05		hodie	nihil	

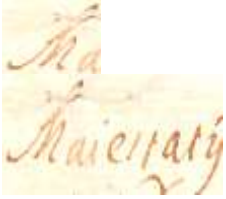
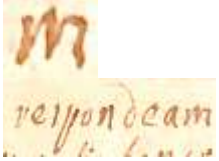
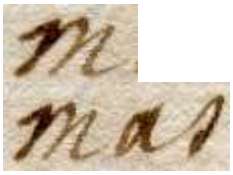
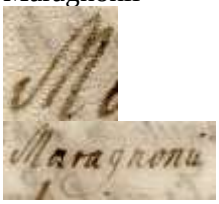
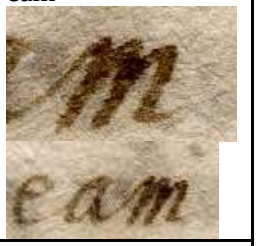
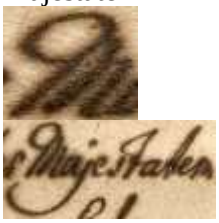
Letra I

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Imperante	iussisti	Regina 	domini
11	Igrejas	interino	mais	esqviescerei
02	Iam	impedimentis	videatur 	Missioni
05		intima 	omnibus 	postulandi 

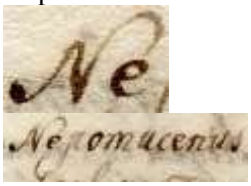
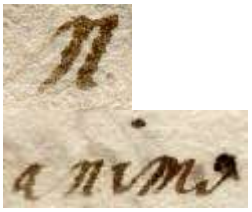
Letra L

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Litteris 	licet 	cęlum 	uel
11	Licença 	lastima	gloria 	qual
02	Literis	luctam	moliatur	nihil
05			reliperunt 	nihil

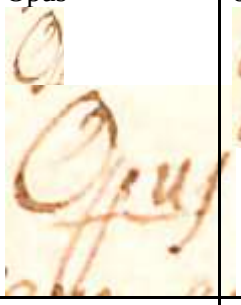
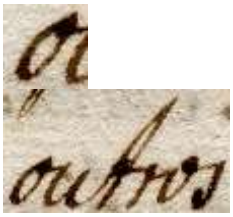
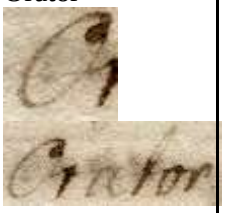
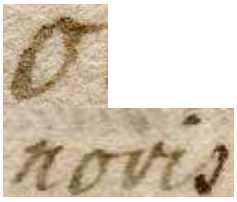
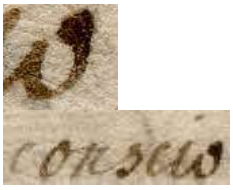
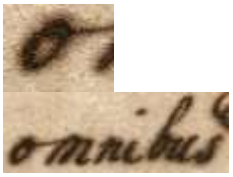
Letra M

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	final
09	Maiestatis 	mea	Domina	respondeam 
11	Missoés	mas 	Novembro	com
02	Maragnonii 	moliatur	nemine	eam 
05	Majestatem 	millia	omnibus	occasionem

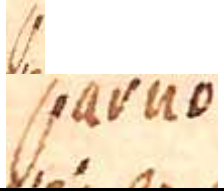
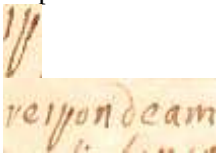
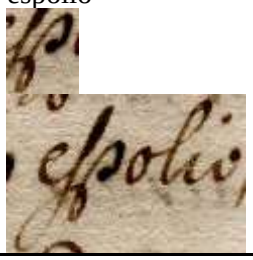
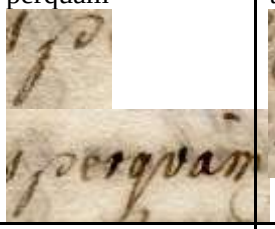
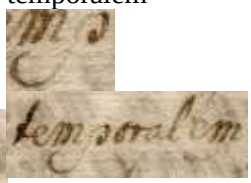
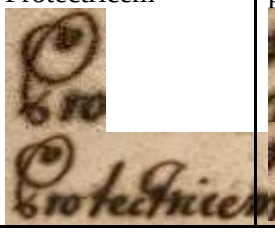
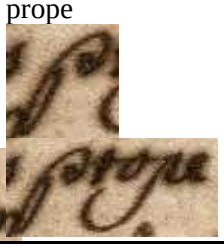
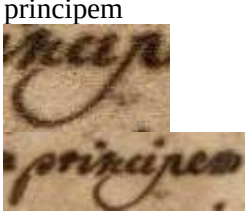
Letra N

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09		nomine	domini	
11	Naó	nella	dizendo	
02	Nepomucenus 	nemine	animo 	non
05		non	Vanum	tamem

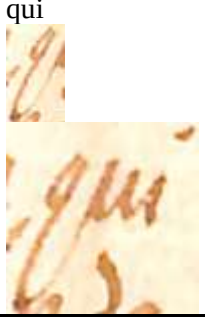
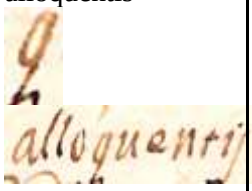
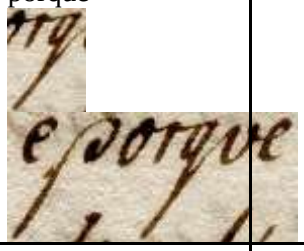
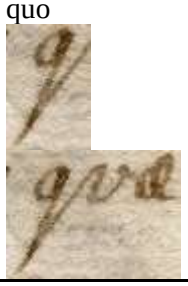
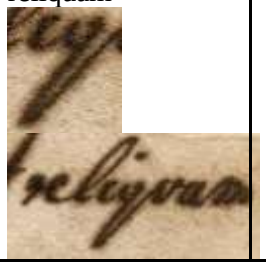
Letra O

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09	Opus 	omnium	Hoc	modo
11	O	outros 	com	Carmo
02	Orator 	orare	novis 	conscio 
05		omnibus 	nemorum	pro

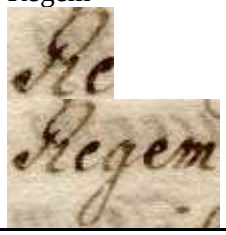
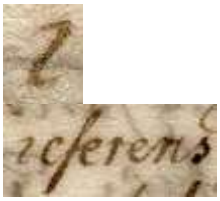
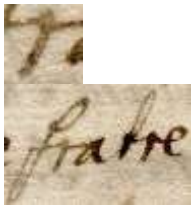
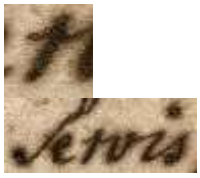
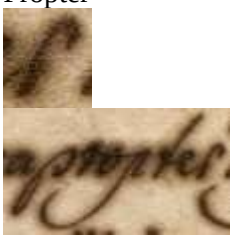
Letra P

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09	Patrem	parvo 	respondeam 	
11	Padres	passar	espolio 	
02	Patrum	perquam 	temporalem 	
05	Protectricem 	prope 	principem 	

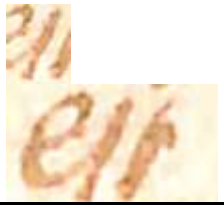
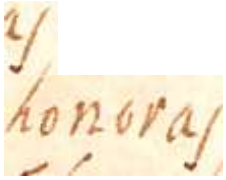
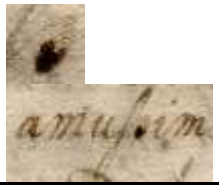
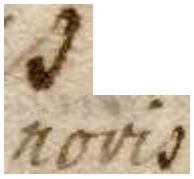
Letra Q

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09	Quod	qui 	alloquentis 	
11		que	porque 	
02		quo 	perquam	
05		quo	reliquam 	

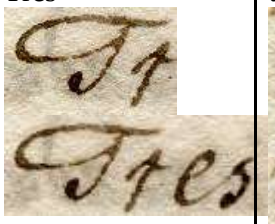
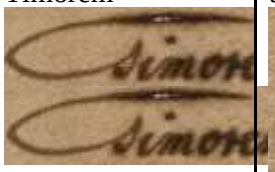
Letra R

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09	Regi	reggia	verbis	Osculatur
11		reduzi	mandarme	fazer
02	Regem 	referens 	fratre 	Timetur
05	Rege	reliquam	servis 	Propter 

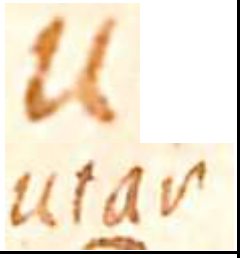
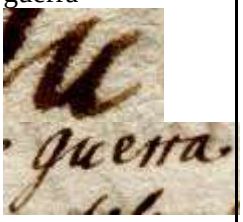
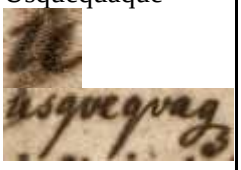
Letra S

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09	Subditorum	statum	est 	honoras 
11	Seminario	se	estaõ	embarcadas
02	Seminarium	sex	Amussim 	novis 
05	Serenissimo	servis	nostras	novis

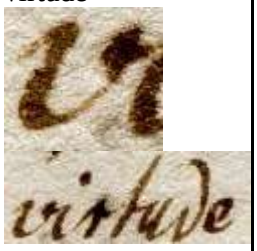
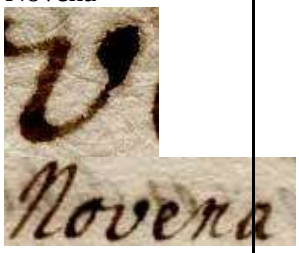
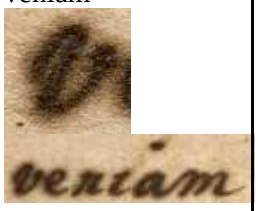
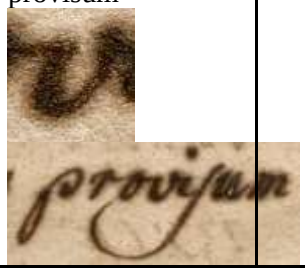
Letra T

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09	Tijrocinio	tam	Maiestatis	et
11	Tratariamos	trinta	entrar	
02	Tres 	tumulatus	redacta	est
05	Timorem 	tamen	postquam	Est

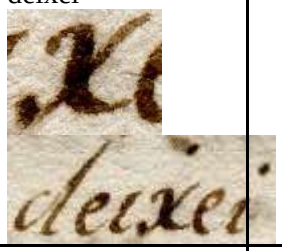
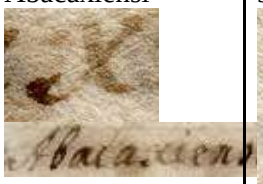
Letra U

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09		utar 	hunc	
11		usus	guerra 	eu
02		unã	dedecus	
05		Usquequaque 	domus	

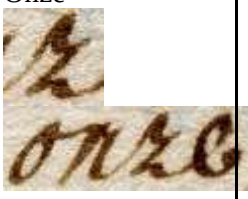
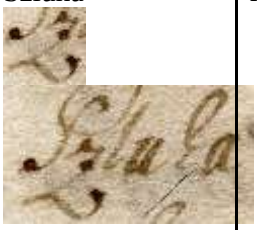
Letra V

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09	N/O (o escriba usa sempre a letra u)	N/O	N/O	N/O
11	Vieyra	virtude 	Novena 	
02	Virginum	vidit	privatim	
05		veniam 	provisum 	

Letra X

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09				
11			deixei 	
02			Abacaxiensi 	sex
05			Exstincta	

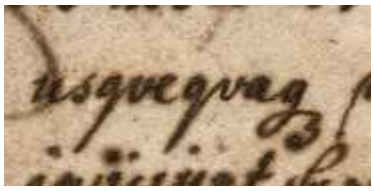
Letra Z

Nº do documento	Maiúscula	inicial	medial	Final
09	N/O	N/O	N/O	N/O
11	N/O	N/O	Onze 	fez
02	N/O	N/O	Szluha[3] 	N/O
05	N/O	N/O	N/O	N/O

2.9. Algumas dificuldades de leitura encontradas

eóque astu (AL-001-003) (“e com tanta arte”)

Aparentemente, está escrito “eógs astu”, o que não faz sentido em latim. Foi só com a comparação com a palavra “usquequaque” (“em todas as situações”), no documento AL-001-006, que percebemos que se trata de uma abreviação de “que”:



Como se pode perceber, o sinal da abreviatura (semelhante a um número 3) se encontra abaixo da linha em “usquequaque”, mas na mesma linha em “eóque”, o que dificultou o entendimento.

[3] Talvez a intenção do escriba fosse escrever o Z maiúsculo: SZluha.

Capítulo 3 – Edição semidiplomática e fac-similar dos documentos

Neste capítulo, apresentaremos a edição fac-similar e semidiplomática dos documentos. A apresentação seguirá a seguinte forma: edição fac-similar em uma página e, na seguinte, a edição semidiplomática. Incluímos aqui apenas os documentos em português e em latim; para os documentos em alemão, apresentamos a tradução em português que acompanha os documentos.

Para a realização da edição semidiplomática uniformizada, seguiremos as normas de autoria de Sílvio de Almeida Toledo Neto (do grupo ETeP – USP). Como nem todas as normas se aplicam aos manuscritos aqui transcritos, desconsideraremos as normas referentes a manuscritos de outra natureza. Além disso, também acrescentamos a norma de número 24, para os documentos datilografados. Seguem abaixo as normas adotadas nesta transcrição:

1. [ ] – Letra(s)/ palavra(s) inexistente(s) por corte ou rasgo do suporte material.
2. [.] – Letra / letras ilegíveis (parcialmente visíveis) por fragmentação do suporte material ou da tinta.
3. [...] – Palavra / palavras ilegíveis (parcialmente visíveis) por fragmentação do suporte material ou tinta.
4. [*] – Letra / letras ilegíveis por dificuldade de decifração da escrita.
5. [**] – Palavra / palavras ilegíveis por dificuldade de decifração da escrita.
6. [abc] – Letra(s) / palavra(s) reconstituída(s) por conjectura.
7. |abc| - Letra(s) / palavra(s) riscada(s) no modelo[4], sem cancelamento.
8. ~~abc~~ – Letra(s) / palavra(s) riscada(s). Sobre letra ou palavra legível, reproduzem-se na transcrição somente os riscos feitos supostamente durante a redação do modelo[5].
9. <abc> - Letra(s) / palavra(s) acrescentada(s) na entrelinha ou na margem. Reproduzem-se na transcrição somente os acréscimos feitos como emenda supostamente contemporânea ao modelo[6]. Transcrevem-se na linha e espaço a que correspondem.
10. Abreviaturas são desenvolvidas em itálico[7].

    11.1 A grafia da parte desenvolvida segue a da variante (palavra ou segmento) desenvolvida mais recorrente no modelo.

[4] Entende-se por *modelo* o *texto material* (manuscrito, impresso etc. que se pretende transcrever.
[5] Supõe-se que o risco seja contemporâneo ao modelo, por suas características paleográficas.
[6] Supõe-se que as emendas sejam contemporâneas ao modelo, por suas características paleográficas.
[7] Somente o que não está no modelo vai em itálico. Ex.: <Snr> desenvolve-se como <S*enho*r>.

11.2 A grafia da parte desenvolvida segue a grafia atual, se a forma (palavra ou segmento) nunca ocorre desenvolvida no modelo.

11. Paragrafação, grafia, pontuação e acentuação do modelo são fielmente reproduzidas.
12. Os alógrafos contextuais de caracteres são uniformizados segundo o alfabeto atual. Exs.: <ɛ> e <h> são transcritos como <h>; <ſ>, <ʃ> e <s> são transcritos como <s>.
13. As letras <i> e <j>, quando não têm pingo, devem ser transcritas como <ı> e <ȷ>. No caso de <ẏ>, o pingo só é marcado quando existe no modelo.
14. Marcam-se as plicas sempre que indicarem hiato e constarem no modelo. Ex.: <uíȷm>.
15. Os sinais de pontuação e de acentuação são uniformizados apenas quanto a sua variação caligráfica, preservando-se a mesma função que têm no modelo. Exs.: <(.> e </.> são transcritos como </.>; < ⁀ > e < ⁓ > são transcritos como < ⁓ >[8].
16. A posição do acento procura respeitar o mais fielmente possível a sua posição no modelo, mesmo que haja variação de posição em uma mesma palavra. Ex.: <m͠aão>, <maã͠o>.
17. As fronteiras entre palavras são modernizadas conforme o modelo de separação vocabular atual[9].
18. Como a edição se organiza de forma que a reprodução do fac-símile está numa página e a transcrição na página seguinte; assim, a transcrição será justalinear, com linhas numeradas de cinco em cinco à margem esquerda.
19. Espaçamento entre linhas: sempre 1,5. Não deve haver linhas totalmente em branco na transcrição, mesmo que existam no modelo.
20. Os fólios[10] são numerados da seguinte forma: ||n.º do fólio (1,2 etc.) + lado do fólio (r. ou v.[11]) + ordem da coluna (a ou b)||. O número é indicado no início da primeira linha do fólio: ||lr.|| ou ||lr.a||, ||lv.|| ou ||lv.b|| etc.
21. Erros evidentes no modelo são indicados em nota de rodapé, ao lado da lição correta, da seguinte forma: espaço] espaço.
22. Intervenções posteriores à redação do texto, escritas por outra mão, devem constar apenas em nota de rodapé, sempre da seguinte forma: ‘no local *x* (sobre a linha *y*, na margem *z*), há a seguinte anotação: ...’.

---

[8] Se, no entanto, a variação ocorrer entre diferentes sinais para a mesma função, a diferença será mantida na transcrição. Ex.: a variação entre <´> e <^>; a variação entre <´> e <~>.

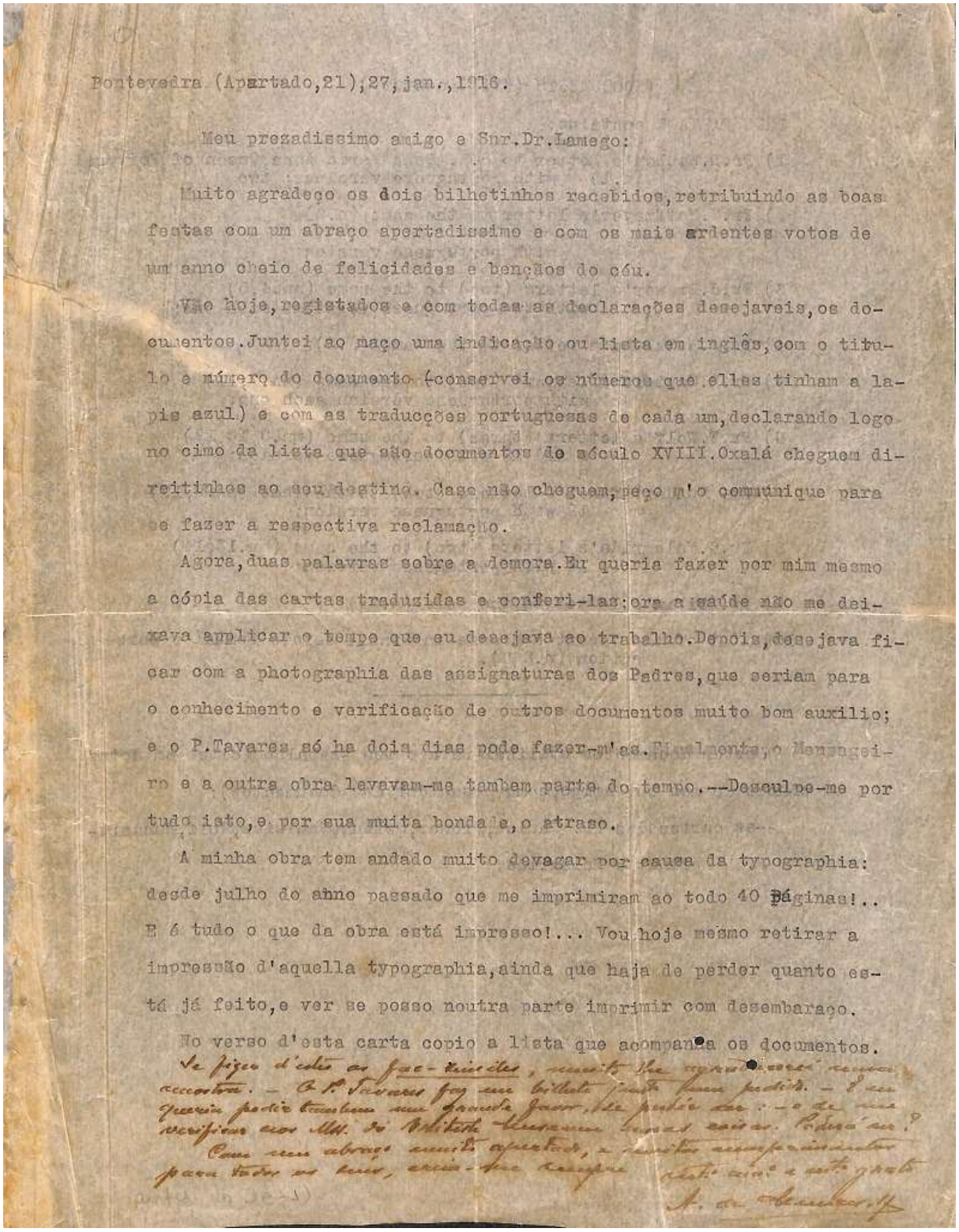
[9] O hífen não é usado entre pronome e verbo. Ex.: *declara sse.* O apóstrofo não é usado quando há supressão de letras. Ex.: *d agua.*

[10] Fólio: cada uma das duas metades de um bifólio. Bifólio: unidade básica do caderno, constituída por uma peça retangular de pergaminho, papel ... dobrada ao meio para formar dois fólios.

[11] r. abrevia *recto* (página à direita) e v. abrevia *verso* (página à esquerda).

23. Selos, sinais, carimbos devem ser referidos em nota de rodapé e descritos quanto aos seguintes aspectos: medidas (altura e largura, em milímetros), cor da tinta, desenho e dizeres.
24. Nas transcrições que se referem aos datiloscritos, será aplicada a fonte Courier New com o intuito de diferenciar os trechos datiloscritos dos manuscritos.

Doc. 01 (AL-001-00a 1r)



Pontevedra (Apartado,21),27,jan.,1916.

Meu prezadissimo amigo e Snr.Dr.Lamego:

Muito agradeço os dois bilhetinhos recebidos,retribuindo as boas festas com um abraço apertadissimo e com os mais ardentes votos de um anno cheio de felicidades e bençãos do céu.

Vão hoje,registados e com todas as declarações desejaveis,os documentos.Juntei ao maço uma indicação ou lista em inglês,com o titulo e número do documento (conservei os números que elles tinham a lapis azul) e com as traducções portuguesas de cada um,declarando logo no cimo da lista que são documentos do século XVIII.Oxalá cheguem direitinhos ao seu destino. Caso não cheguem,peço m'o communique para se fazer a respectiva reclamação.

Agora,duas palavras sobre a demora.Eu queria fazer por mim mesmo a cópia das cartas traduzidas e conferi-las;ora a saúde não me deixava applicar o tempo que eu desejava ao trabalho.Depois,desejava ficar com a photographia das assignaturas dos Padres,que seriam para o conhecimento e verificação de outros documentos muito bom auxilio; e o P.Tavares só ha dois dias pode fazer-m'as.Finalmente,o Mensageiro e a outra obra levavam-me tambem parte do tempo.--Desculpe-me por tudo isto,e por sua muita bondade,o atraso.

A minha obra tem andado muito devagar por causa da typographia: desde julho do anno passado que me imprimiram ao todo 40 páginas!.. E é tudo o que da obra está impresso!... Vou hoje mesmo retirar a impressão d'aquella typographia,ainda que haja de perder quanto está já feito,e ver se posso noutra parte imprimir com desembaraço.

No verso d'esta carta copio a lista que acompanha os documentos.

Se fizer d'estes os fac-similes, muito lhe agradecerei uma amostra. — O P. Tavares faz um bilhete junto [illegible] pedido. — E eu queria pedir tambem um grande favor, se pudér ser: — o de me verificar nos MM. do British Museum [illegible] coisas. Poderá ser?

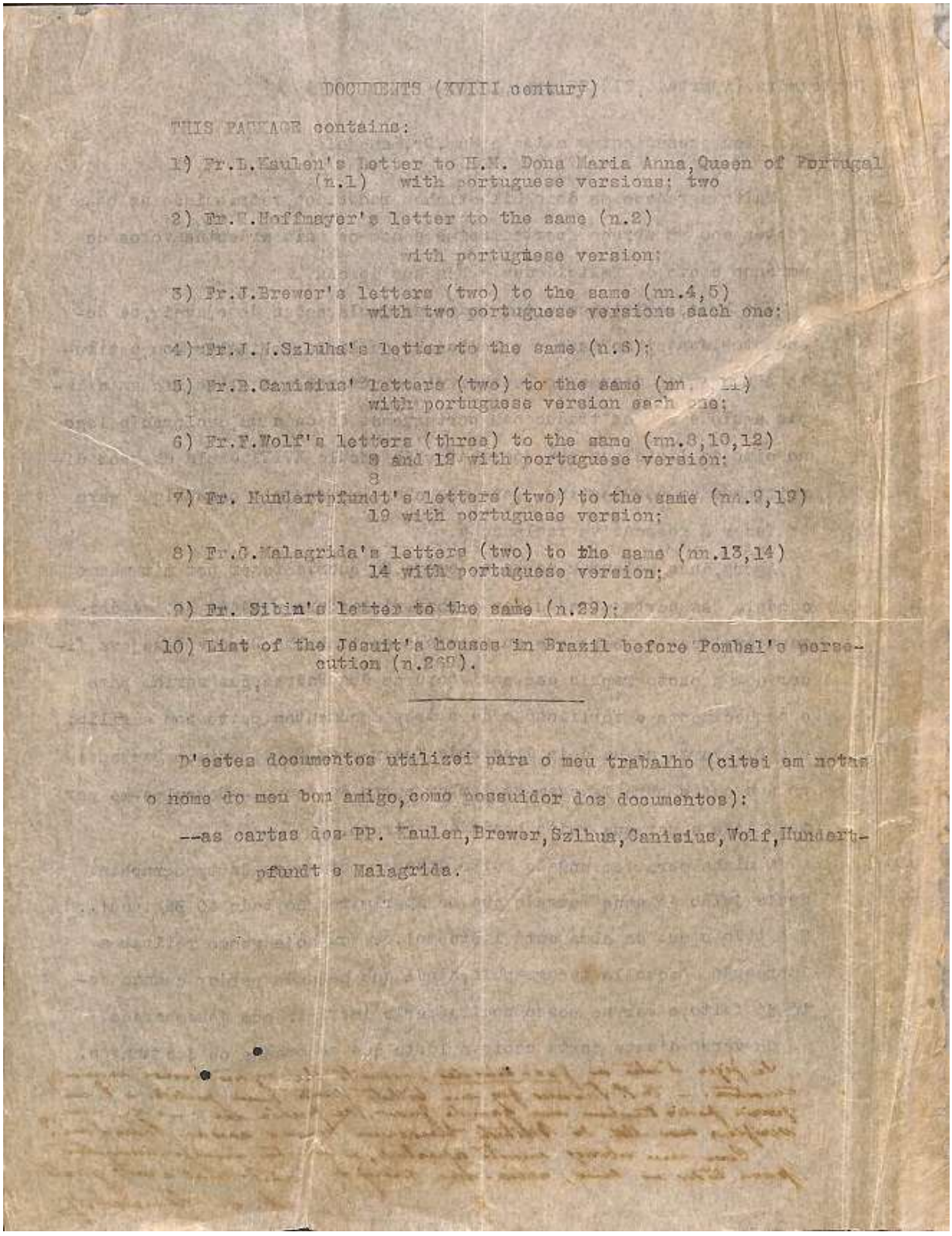
Com um abraço muito apertado, e muitos cumprimentos para todos os seus, creia-me sempre [illegible]

A. de [illegible]

‖1r‖Pontevedra (Apartado, 21), 27, jan., 1916.
Meu prezadissimo amigo e Sen*hor* D*outo*r Lamego:
Muito agradeço os dois bilhetinhos recebidos, retribuindo as boas festas com um abraço apertadissimo e com os mais ardentes votos de um anno cheio de felicidades e bençãos do céu.
Vão hoje, registados e com todas as declarações desejaveis, os documentos. Juntei ao maço uma indicação ou lista em inglês, com o titulo e número do documento (-conservei os números que elles tinham a lapis azul) e com as traducções portuguesas de cada um, declarando logo no cimo da lista que são documentos de século XVIII. Oxalá cheguem direitinhos ao seu destino. Caso não cheguem, peço m'o comunique para se fazer a respectiva reclamação.
Agora, duas palavras sobre a demora. Eu queria fazer por mim mesmo a cópia das cartas traduzidas e conferi-las; ora a saúde não me deixava applicar o tempo que eu desejava ao trabalho. Depois, desejava ficar com a photographia das assignaturas dos Padres, que seriam para o conhecimento e verificação de outros documentos muito bom auxilio; e o P*adre* Tavares só ha dois dias pode fazer-m'as. Finalmente, o Mensageiro e a outra obra levavam-me tambem parte do tempo. --Desculpe-me por tudo isto, e por sua muita bondade, o atraso.
A minha obra tem andado muito devagar por causa da typographia: desde julho do anno passado que me imprimiram ao todo 40 páginas!.. E é tudo o que da obra está impresso!... Vou hoje mesmo retirar a impressão d'aquella typographia, ainda que haja de perder quanto es tá já feito, e ver se posso noutra parte imprimir com desembaraço.
No verso d'esta carta copio a lista que acompanha os documentos.
Se fizer d'estes os fac-similes, muito lhe agradecerei uma amostra - O P*adre* Tavares fez em bilhete justo esse pedido. - & eu queria pedir tambem um grande favor, se podia ser: - o de me verificar nos M*anuscrito*s do Bristish Museum essas coisas. Poderá ser?
Com um abraço muito apertado, a muitos cumprimentos para todos os seus, creia-me sempre est*imad*o am*igo* e m*ui*to grato
A[12]. de Menezes

[12] Não conseguimos identificar quem era o remetente.

Doc 01 (AL-001-00a f. 1v)



DOCUMENTS (XVIII century)

THIS PACKAGE contains:

1) Fr.L.Kaulen's letter to H.M. Dona Maria Anna, Queen of Portugal (n.1) with portuguese versions: two

2) Fr.T.Hoffmayer's letter to the same (n.2) with portuguese version;

3) Fr.J.Brewer's letters (two) to the same (nn.4,5) with two portuguese versions each one;

4) Fr.J.J.Szluha's letter to the same (n.6);

5) Fr.P.Canisius' letters (two) to the same (nn. [illegible]) with portuguese version each one;

6) Fr.F.Wolf's letters (three) to the same (nn.8,10,12) 8 and 12 with portuguese version;

7) Fr. Mundertpfundt's letters (two) to the same (nn.9,19) 19 with portuguese version;

8) Fr.G.Malagrida's letters (two) to the same (nn.13,14) 14 with portuguese version;

9) Fr. Sibim's letter to the same (n.29);

10) List of the Jesuit's houses in Brazil before Pombal's persecution (n.269).

D'estes documentos utilizei para o meu trabalho (citei em notas o nome do meu bom amigo, como possuidor dos documentos):

--as cartas dos PP. Kaulen, Brewer, Szluha, Canisius, Wolf, Mundertpfundt e Malagrida.

‖1v‖DOCUMENTS (XVIII century)

THIS PACKAGE contains:

1)Fr. L . Kaulen's Letter to H.M. Dona Maria Anna, Queen of Portugal (n.1) with portuguese versions; two

2) Fr. H. Hoffmayer's letter to the same (n.2) with portuguese version;

3) Fr.J.Brewer's letters (two) to the same (nn.4,5) with two portuguese versions each one;

4)Fr.J.N.Szluha's letter to the same (n. 6);

5) Fr. R. Canisius' letters (three) to the same (nn. 7, 11) with portuguese version each one;

6) Fr.F. Wolf's letters (three) to the same (nn. 8, 10,12) 8 and 12 with portuguese version;

8

7) Fr. Hundertpfundt's letters (two) to the same (nn. 9,19) 19 with portuguese version;

8)Fr.G.Malagrida's letters (two) to the same (nn. 13,14) 14 with portuguese version;

9) Fr. Sibin's letter to the same (n. 29);

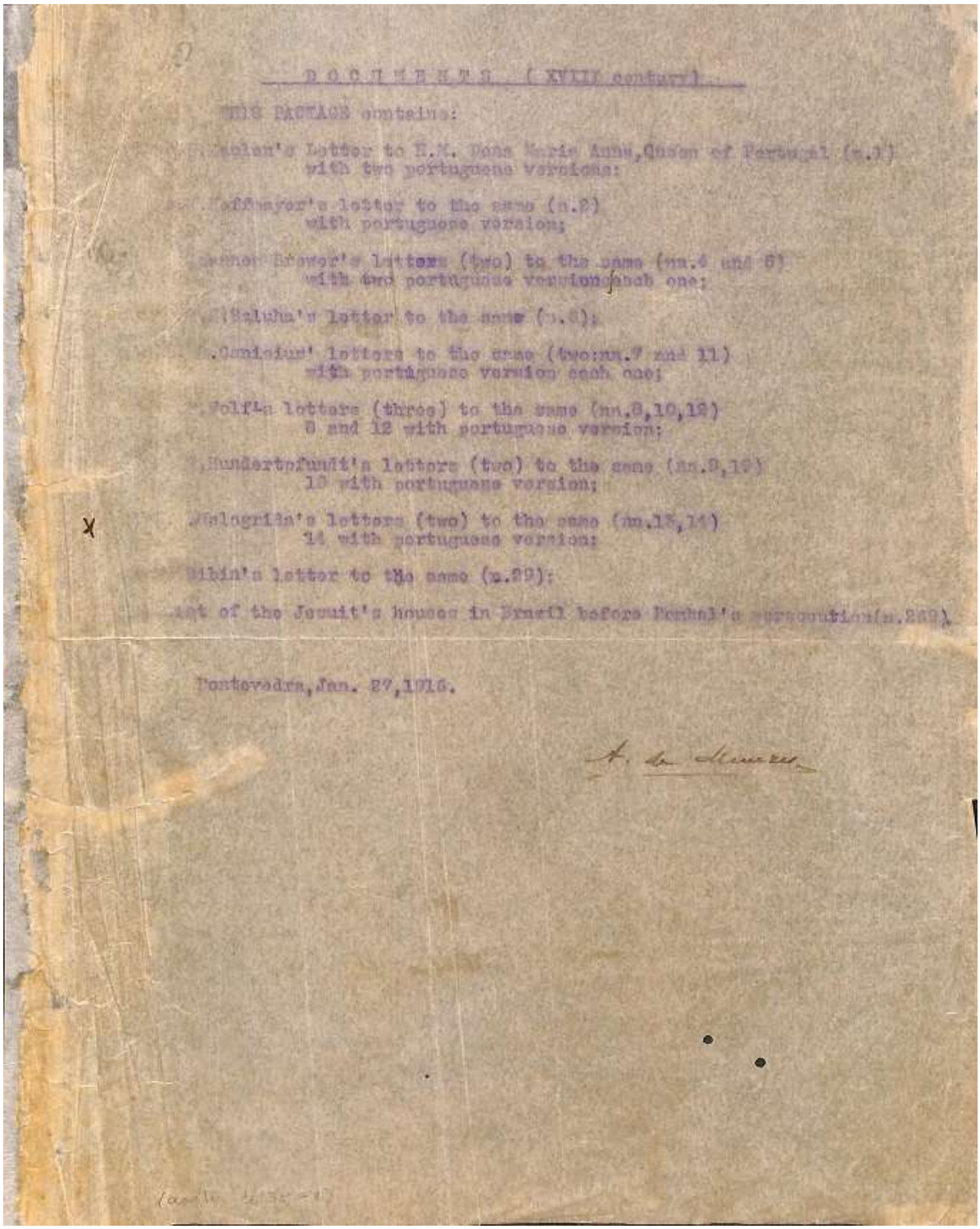
10 List of the Jesuit's houses in Brazil before Pombal's persecution (n.269).

D'estes documentos utilizei para o meu trabalho (citei em notas o nome do meu bom amigo, como possuidor dos documentos):

--as cartas dos P*adres* Kaulen, Brewer, Szlhua[13], Canisius, Wolf, Hundertpfundt e Malagrida.

[13] O erro de ortografia do nome de Sluha está na carta original.

Doc. 01 (AL-001-00a f. 2r)



D O C U M E N T S (XVIII century)

THIS PACKAGE contains:

Maulen's Letter to H.M. Dona Maria Anna, Queen of Portugal (n.1)
with two portuguese versions:

Hoffmayer's letter to the same (n.2)
with portuguese version;

Hanner Brewer's letters (two) to the same (nn.4 and 5)
with two portuguese versions each one;

Szluha's letter to the same (n.6);

Canisius' letters to the same (two: nn.7 and 11)
with portuguese version each one;

Wolf's letters (three) to the same (nn.8,10,12)
8 and 12 with portuguese version;

Hundertpfundt's letters (two) to the same (nn.9,13)
13 with portuguese version;

Malagrida's letters (two) to the same (nn.13,14)
14 with portuguese version;

Bibin's letter to the same (n.29);

List of the Jesuit's houses in Brazil before Pombal's persecution (n.269).

Pontevedra, Jan. 27, 1916.

A. de Meneses

||2r||DOCUMENTS (XVIII century)

THIS PACKAGE contains:

Kaulen's Letter to V*ossa* M*ajestade* Dona Maria Anna, Queen of Portugal (n.1)

with two portuguese versions;

Hoffmayer's letter to the same (n.2)

with portuguese version;

[senhor?]Brewer's letters (two) to the same (nn.4 and 5)

with two portuguese versions each one;

Szluha's letter to the same (n. 6);

Canisius' letters to the same (two: nn. 7 and 11)

with portuguese version each one;

Wolf's letters (three) to the same (nn. 8, 10,12)

8 and 12 with portuguese version;

8

Hundertpfundt's letters (two) to the same (nn. 9,19)

19 with portuguese version;

Malagrida's letters (two) to the same (nn. 13,14)

14 with portuguese version;

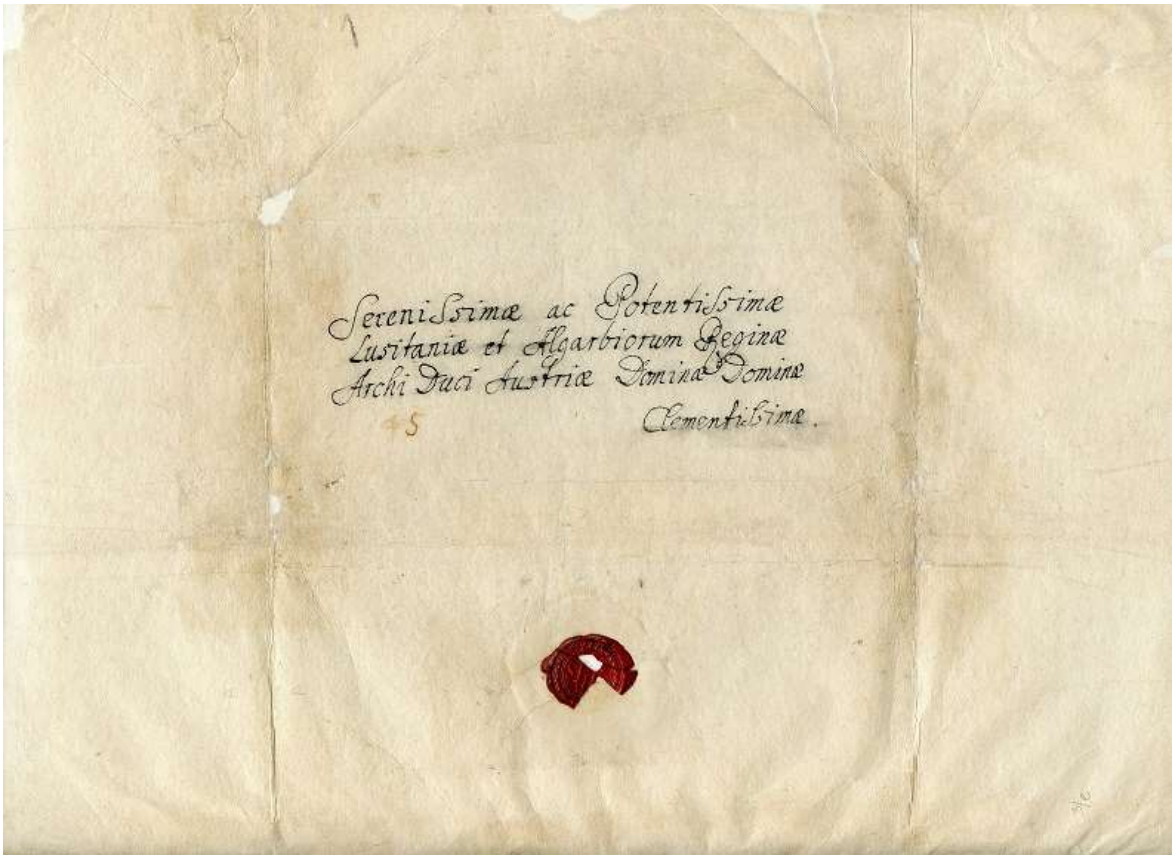
Sibin's letter to the same (n. 29);

[.]ist of the Jesuit's houses in Brazil before Pombal's persecution (n.269).

Pontevedra, Jan*eiro* 27, 1916.

A. de Menezes

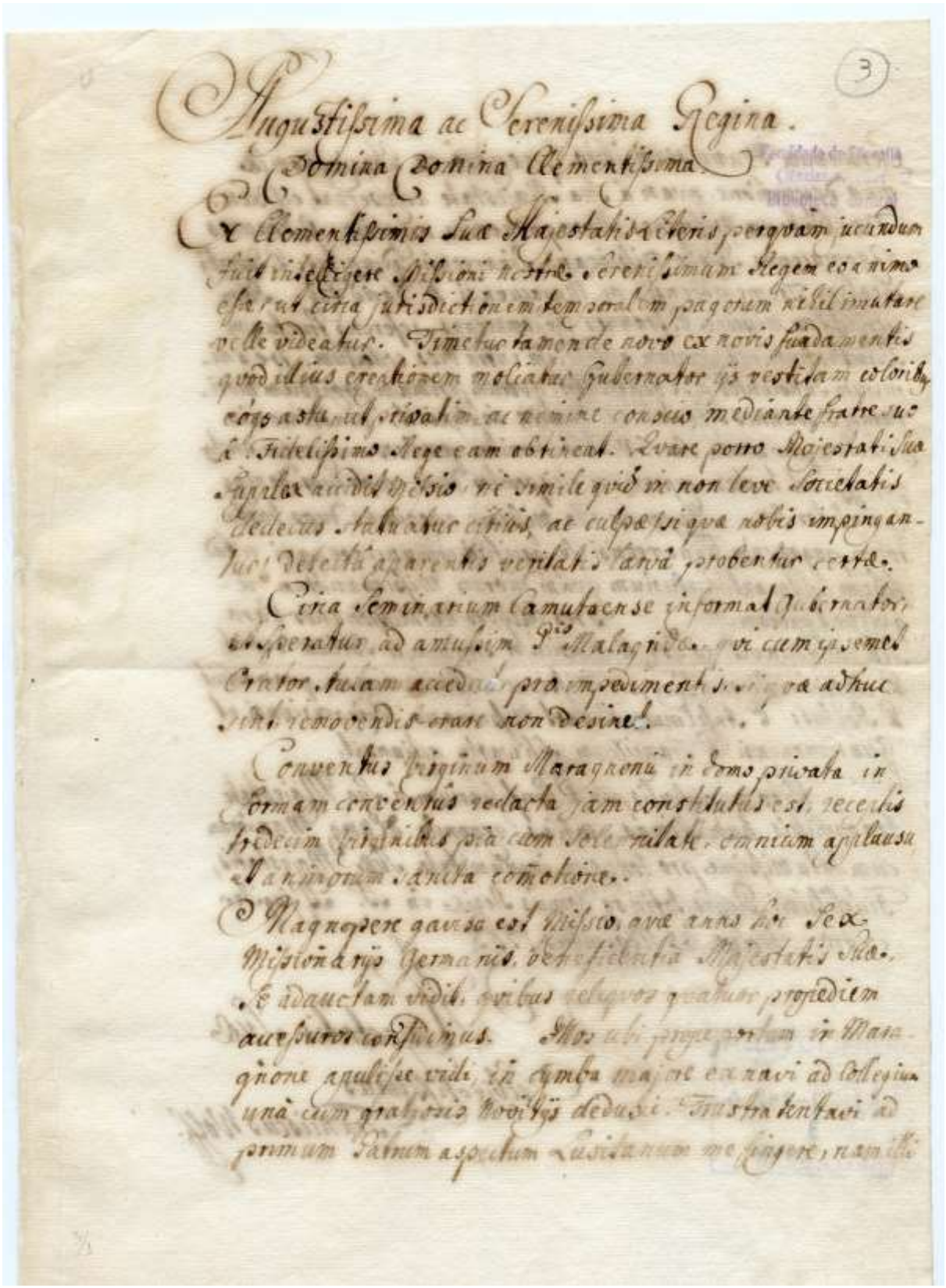
Doc. 02 (AL-001-003 – Envelope)



Serenissimae ac Potentissimae
Lusitaniae et Algarbiorum Reginae
Archi Duci Austriae Dominae Dominae
Clementissimae[14]

[14] Sinal do selo rompido na parte inferior central do documento. Em material de cera vermelha.

Doc. 02 (AL-001-003 f. 1r)



3

Augustissima ac Serenissima Regina.

Domina Domina Clementissima.

Ex Clementissimis Suae Majestatis Literis, perquam jucundum fuit intelligere Missioni nostrae Serenissimum Regem eo animo esse, ut circa jurisdictionem temporalem pagorum nihil immutare velle videatur. Timetur tamen de novo ex novis fundamentis quod illius creationem moliatur Gubernator ijs vestitam coloribus eoque astu, ut privatim ac nemine conscio mediante fratre suo à Fidelissimo Rege eam obtineat. Quare porro Majestati Suae supplex accidit Missio, ne simile quid in non leve Societatis dedecus statuatur citius, ac culpae si quae nobis impingantur, detecta apparentis veritatis larva probentur certae.

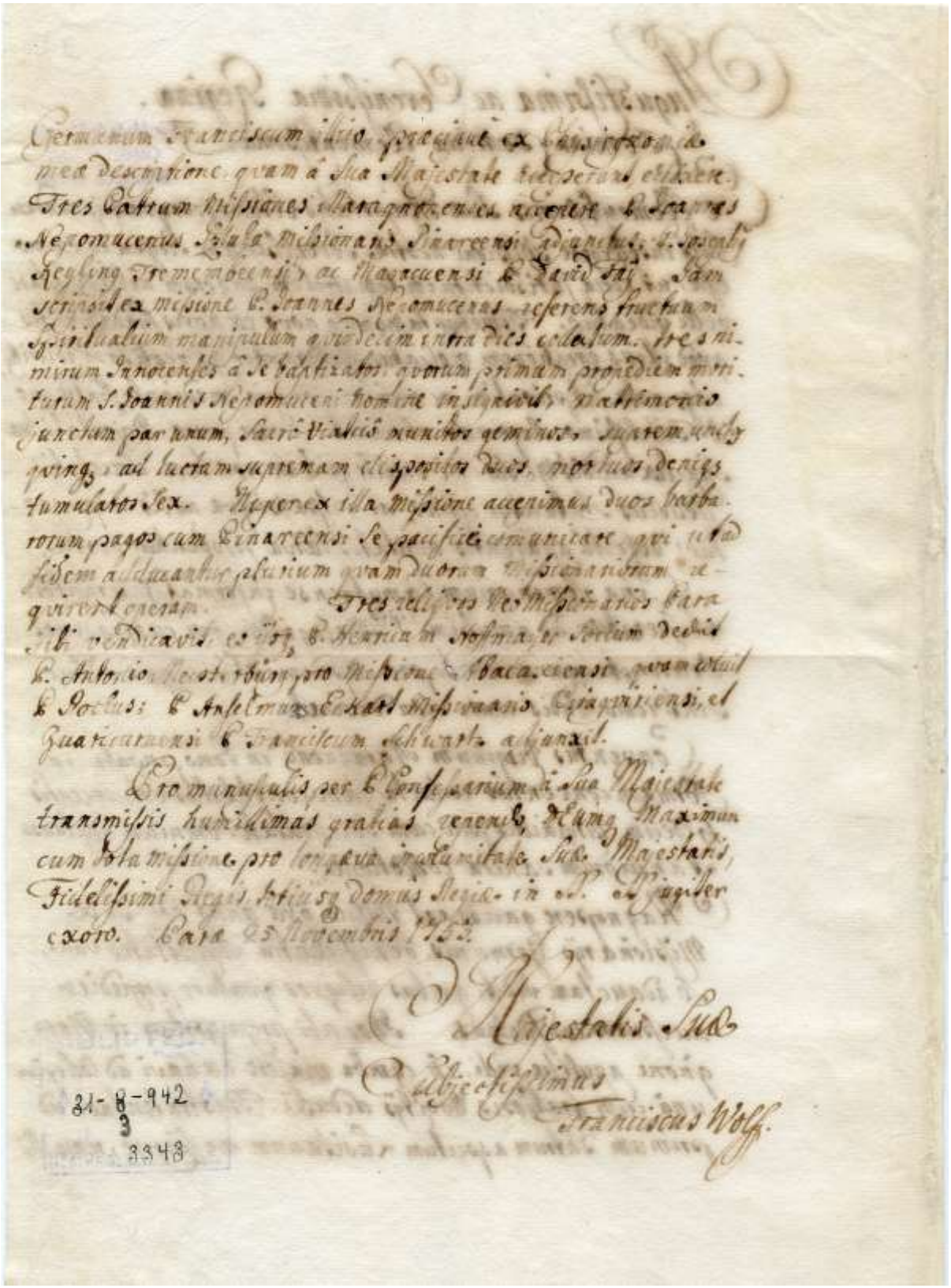
Circa Seminarium Camutaense informat Gubernator, et speratur ad amussim P.is Malagridae, qui cum ipsemet Orator tutam accedat pro impedimentis, si quae adhuc sint removendis orare non desinet.

Conventus Virginum Maragnonii in domo privata in formam conventus redacta jam constitutus est, receptis tredecim Virginibus pia cum solennitate, omnium applausu et animorum sancta commotione.

Magnopere gavisa est Missio, quae anno hoc Sex Missionarijs Germanis, beneficentia Majestatis Suae, se adauctam vidit, quibus reliquos quatuor propediem accessuros confidimus. Mos ubi prope portum in Maragnone apulisse vidi, in cymba majore ex navi ad Collegium una cum gratiosis novitijs deduxi. Frustra tentavi ad primum Patrum aspectum Lusitanum me fingere, nam illi

||1r||Augstisima ac Serenissima Regina.
Domina Domina Clementissima
Ex Clementissimis Suae Majestatis Liberis perqvam jucundum
Fuit intelligere Missioni nostrae Serenissimum Regem eo animo
esse, ut circa jurisdictionem temporalem pagorum nihil [imutare]
velle videatur. Timetur tamen de novo ex novis fundamentis
qvod illius erèptionem moliatur Gubernator ijs vestitam coloribus
eóq*ue* astu, ut privatim, ac nemine conscio, mediante fratre suo
â . Fidelissimo Rege eam obtineat. Qvare porro Majestati Suae
Supplex accidit Missio, nè simile qvid in non leve societatis
dedecus statuatur citius, ac culpae /si qvae nobis impingan-
tur/ detestâ aparentis veritatis larva probentur certae.
Circa Seminarium Camutaense informat Gubernator,
ut speratur ad amussim Pis Malagridae, qvi cum ipsemet
Orator [Aulam] accedat, pro impedimentis, siqvae adhuc
sint, removendis orare non desinet.
Conventus Virginum Maragnonii in domo privata in
formam conventûs redacta jam constitutus est, receptis
tredecim virginibus pia cum solenitate, omnium applausu,
et animorum sancta com[m]otione.
Magnopere gavisa est Missio, qvae anno hoc sex
Missionarijs germanis. beneficentiâ Majestatis suae.
Se adauotam vidit, qvibus reliqvos qvatuor propediem
accessuros conficimus. Illos ubi prope portum in Mara-
gnone apulisse vidi, in cymba majore ex navi ad collegium
unâ cum gratiosis novitijs deduxi. Frustra tentavi ad
primum Patrum aspectum Lusitanum me fingere, nam illi

Doc. 02 (AL-001-003 f. 1v)



Germanum Franciscum illico, praecipue ex Physiognomiae meae descriptione, quam a Sua Majestate acceperunt, eligere. Tres Patrum Missiones Maragnonenses accepere P. Joannes Nepomucenus Szlula missionario Pinareensi adjunctus, P. Josephus Regling Trememberensi, ac Magacuensi P. David Fay. Jam scripsit ex missione P. Joannes Nepomucenus referens fructuum spiritualium manipulum quindecim intra dies collectum. Tres nimirum Innocentes a se baptizatos, quorum primum propediem moriturum S. Joannis Nepomuceni nomine insignivit, matrimonio junctum par unum, sacro viatico munitos geminos, suprem unctos quinque, ad luctam supremam dispositos duos, mortuos denique tumulatos sex. Nuper ex illa missione accepimus duos barbarorum pagos cum Pinareensi se pacifice communicare, qui ut ad fidem adducantur plurium quam duorum missionariorum requirent operam. Tres religiosos Neo Missionarios Para sibi vendicavit, eosque P. Henricum Hoffmayer socium dedit P. Antonio Meesterburg pro missione Abacaxiensi, quam coluit P. Poclus; P. Anselmum Eckart missionario Piraquiriensi, et Guaricurnensi P. Franciscum Schwartz adjunxit.

Pro munusculis per P. Confessarium a Sua Majestate transmissis humillimas gratias rependo, deumque maximum cum tota missione pro longaeva incolumitate Suae Majestatis, Fidelissimi Regis totiusque domus Regiae in S. S. jugiter exoro. Para 25 Novembris 1753.

Majestatis Suae

Subjectissimus

Franciscus Wolff.

31-8-942
3
3343

||1v||Germanum Franciscum illuo, praecipuè ex Physiognomiae meae descriptione, qvam à Sua Majestate acceperant, edixêre Tres Patrum Missiones Maragnonenses accepêre: P*ater* Ioannes Nepomucenus Szluha Missionario Pinareensi adjunctus; P*ater* Iosephus Reyling Tremembeensi, ac Maracuensi P*ater* David Fay. Jam scripsit ex missione P*ater* Johannes Nepomucenus referens fructuum Spiritualium manipulum qvindecim intra dies collectum: tres nimirum Innocentes â se baptizatos; qvorum primum propediem moriturum S. Ioannis Nepomuceni nomine insignivit, patrimonio junctum par unum, Sacrô Viaticô munitos geminos, suprem unctos qvinqs, ad luctam supremam dispositos duos, mortuos deniqs tumulatos sex. Nuper ex illa missione accepimus duos barbarorum pagos cum Pinareensi se pacifici comunicare qvi utad fidem adducantur plurium qvam duorum missionariorum reqvirent operam. Tres reliqvos Neo Missionarios Para sibi vendicavit, ex ijs qs P*ater* Henricum Hoffmayer Socium dedit P*ater* Antonio Neisterburg pro Missione Abacaxiensi, qvam coluit P*ater* Rochus; P*ater* AnSelmum Eckart Missionario Piraqviriensi, et Guaricuruensi P*ater* Franciscum Schwartz adjunxit.
Pro munusculis per P*ater* Confessarium â Sua Majestate transmissis humílimas gratias rependo, DEUMqs Maximum cum tota missione pro longaeva incolumitate Suae Majestatis, Fidelissimi Regis totiusqs domûs Regiae in SS. SS. jugiter exoro. Parae 25 Novembris 1753.

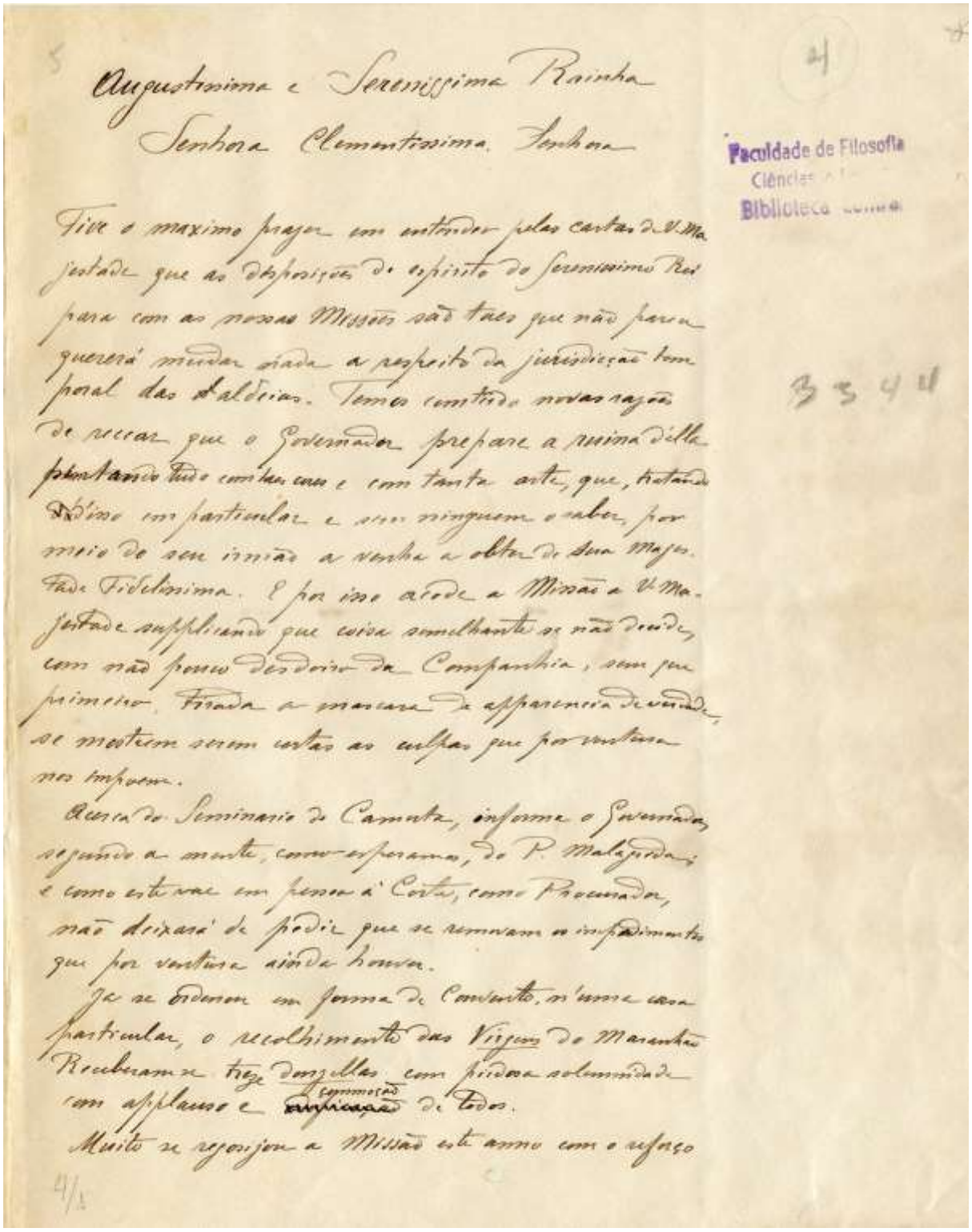
Majestatis Suae
Subjectissimus
Franciscus Wolf.[15]

[15] Carimbo da biblioteca no canto inferior esquerdo do documento.

Doc. 03 (AL-001-004 f. 1r)

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

3344



Augustissima e Serenissima Rainha
Senhora Clementissima Senhora

Tive o maximo prazer em entender pelas cartas de V. Majestade que as disposições do espirito do Serenissimo Rei para com as nossas Missões são taes que não parece quererá mudar nada a respeito da jurisdicção temporal das Aldeias. Temos comtudo novas razões de recear que o Governador prepare a ruina d'ella pintando tudo com taes cores e com tanta arte, que, tratando d'isso em particular e sem ninguem o saber, por meio de seu irmão a venha a obter de Sua Majestade Fidelissima. E por isso acode a Missão a V. Majestade supplicando que coisa semelhante se não decide, com não pouco desdoiro da Companhia, sem que primeiro, tirada a mascara de apparencia de verdade, se mostrem serem certas as culpas que por ventura nos impõem.

Acerca do Seminario de Camuta, informa o Governador, segundo a mente, como esperamos, do P. Malagrida; e como este vae em pessoa á Corte, como Procurador, não deixará de pedir que se removam os impedimentos que por ventura ainda houver.

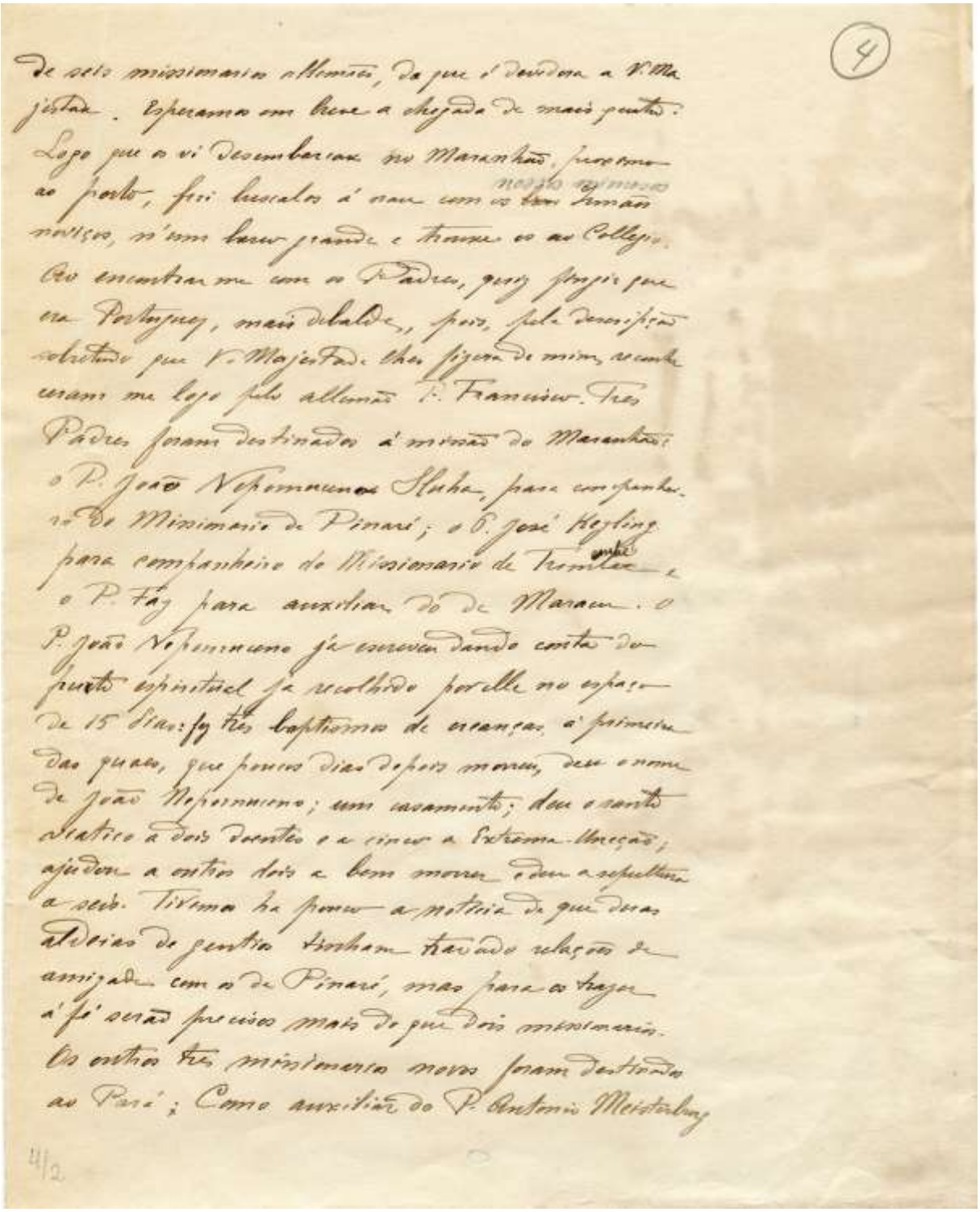
Já se ordenou em forma de Convento, n'uma casa particular, o recolhimento das Virgens do Maranhão. Receberam-se treze donzellas com piedosa solemnidade com applauso e ~~[illegible]~~ commoção de todos.

Muito se regosijou a Missão este anno com o reforço

||1r||Augustissima e Serenissima Rainha
Senhora Clementissima Senhora
Tive o maximo prazer em entender pelas cartas de V*ossa* Ma
jestade que as disposições de espirito do Serenissimo Rei
para com as nossas Missões são taes que não parece
quererá mudar nada a respeito da jurisdicção tem-
poral das ~~d~~ aldeias. Temos comtudo novas razões
de recear que o Governador prepare a ruina d'ella
pintando tudo com taes cores e com tanta arte, que, tratando
~~d'a~~ disso em particular e sem ninguem o saber, por
meio do seu irmão a venha a obter de Sua Majes.
tade Fidelissima. E por isso acode a Missão a V*ossa* Ma-
jestade supplicando que coisa semelhante se não decide,
com não pouco desdoiro da Companhia, sem que
primeiro, tirada a mascara de apparencia de verdade,
se mostrem serem certas as culpas que por ventura
nos impoem.
Acerca do Seminario de Camuta, informa o Governador,
segundo a mente, como esperamos, do P*adre*. Malagrida;
e como este vae em pessoa a' Corte, como Procurador,
naõ deixará de pedir que se removam os impedimentos
que por ventura ainda houver.
Ja se ordenou em forma de Convento, n'uma casa
particular, o recolhimento das <u>Virgens</u> do Maranhão
Receberam se treze <u>donzellas</u> com piedosa solemnidade
com applauso e ~~edificação~~ <commoção> de todos.
Muito se regosijou a Missão este anno com o reforço[16]

[16] Carimbo da biblioteca do canto superor direito, inscrição a lápis no canto superior esquerdo: 5; canto superior direito: 4; conto direito próximo ao centro: 3344; e canto inferior esquerdo 4/1.

Doc. 03 (AL-001-004 f. 1v)



(4)

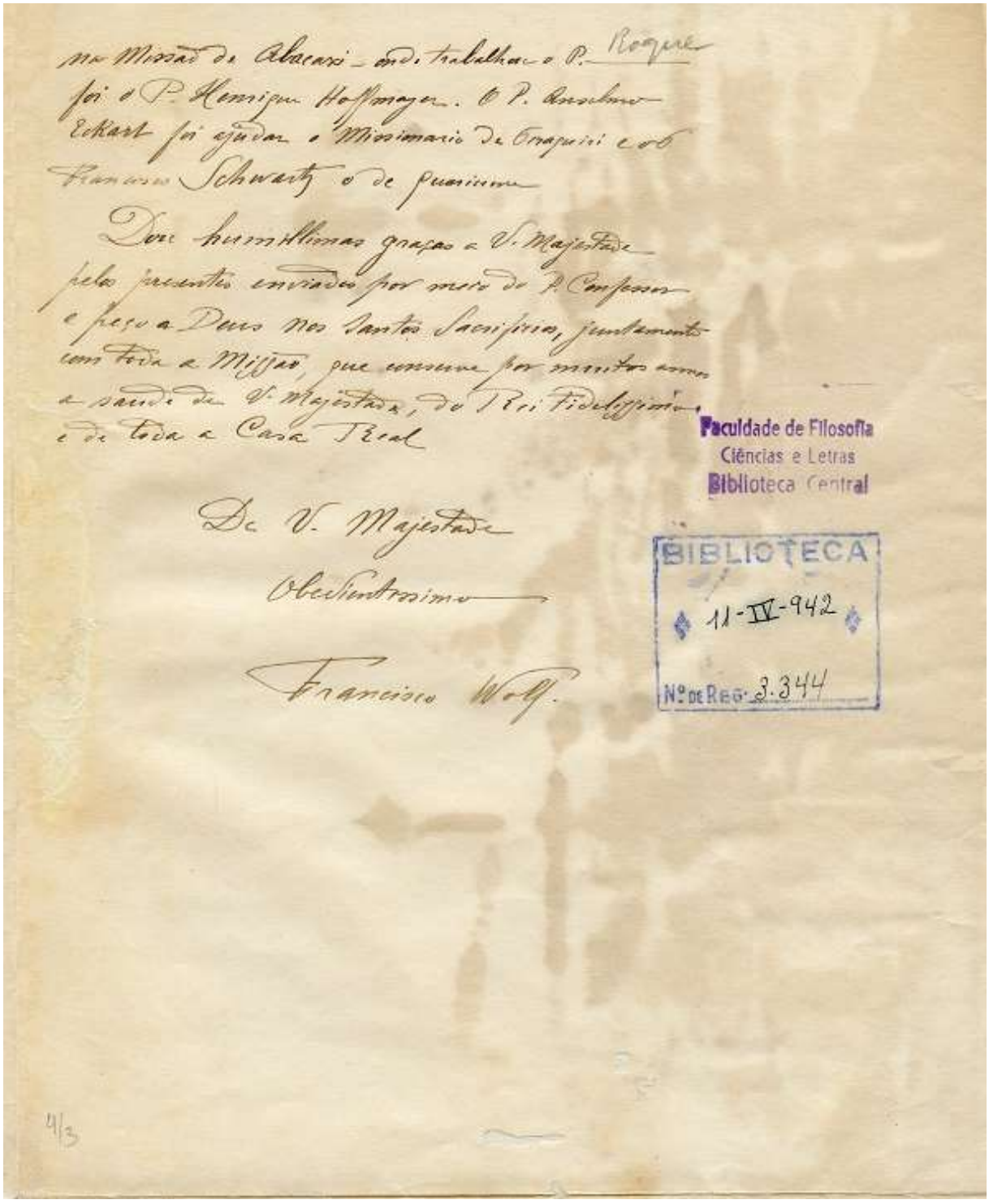
de seis missionarios allemães, do que é devedora a V. Majestade. Esperamos em breve a chegada de mais quatro. Logo que os vi desembarcar no Maranhão, proximo ao porto, fui buscalos á orau com os nossos mimosos ~~bem~~ Irmãos noviços, n'um barco grande e trouxe os ao Collegio. Ao encontrar-me com os Padres, quiz fingir que era Portuguez, mais debalde, pois, pela descripção sobretudo que V. Majestade lhes fizera de mim, reconheceram-me logo pelo allemão P. Francisco. Tres Padres foram destinados á missão do Maranhão: o P. João Nepomuceno Sluha, para companheiro do Missionario de Pinaré; o P. José Kegling para companheiro do Missionario de Trombetas e o P. Fay para auxiliar do de Maracu. O P. João Nepomuceno já escreveu dando conta do fructo espiritual já recolhido por elle no espaço de 15 dias: fez tres baptismos de creanças, á primeira das quaes, que poucos dias depois morreu, deu o nome de João Nepomuceno; um casamento; deu o santo viatico a dois doentes e a cinco a Extrema-Uncção; ajudou a outros dois a bem morrer e deu a sepultura a seis. Tivemos ha pouco a noticia de que duas aldeias de gentios tinham travado relações de amizade com os de Pinaré, mas para os trazer á fé serão precisos mais do que dois missionarios. Os outros tres missionarios novos foram destinados ao Pará; Como auxiliar do P. Antonio Meisterburg

4/2

||1v||de seis missionarios allemães, do que é devedora a V*ossa* Ma
jestade. Esperamos em breve a chegada de mais quatro.
Logo que os vi desembarcar no Maranhão, proximo
ao porto, fui buscalos á nau com os Irmãos <nossos mimosos>
noviços, n'um barco grande e trouxe os ao Collegio.
Ao encontrar me com os Padres, quiz fingir que
era Portuguez, mais debaldes, pois, pela descrição
sobretudo que V*ossa* Majestade lhes fizera de mim, reconhe
ceram me logo pelo allemão P*adre* Francisco. Tres
Padres foram destinados á missão do Maranhão:
o P*adre* João Nepomuceno Sluha, para companhei-
ro do Missionario de Pinaré; o P*adre* José Keyling
para companheiro do Missionario de Tremembe e
o P*adre* Fay para auxiliar do de Maracu. O
P*adre* João Nepumuceno já escreveu dando conta do
fruto espiritual já recolhido por elle no espaço
de 15 dias: fez três baptismos de crianças, a' primeira
das quaes, que poucos dias depois morreu, deu o nome
de João Nepomuceno; um casamento; deu o santo
viatico a dois doentes e a cinco a Extrema-Uncção;
ajudou a outros dois a bem morrer e deu a sepultura
a seis. Tivemos ha pouco a noticia de que duas
aldeias de gentios tinham travado relações de
amizade com os de Pinaré, mas para os trazer
á fé serão precisos mais do que dois missionarios.
Os outros tres missionarios novos foram destinados
ao Pará. Como auxiliar do P*adre* Antonio Meisterburg[17]

[17] a lápis no canto superior direito: 4 e no canto inferior esquerdo 4/2.

Doc. 03 (AL-001-004 f. 2r)



na Missão de Abacaxi – onde trabalhou o P. Roque
foi o P. Henrique Hoffmayer. O P. Anselmo
Eckart foi ajudar o Missionario de Oraquiri e o
Francisco Schwartz o de Quariciuna

Dou humillimas graças a V. Majestade
pelos presentes enviados por meio do P. Confessor
e peço a Deus nos Santos Sacrificios, juntamente
com toda a Missão, que conserve por muitos annos
a saude de V. Majestade, do Rei Fidelissimo,
e de toda a Casa Real

De V. Majestade

Obedientissimo

Francisco Wolf.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
11-IV-942
Nº de Reg. 3.344

4/3

||2r||na Missão de Abacaxi - onde trabalhou o P*adre* Roque[18]
foi o P*adre* Henrique Holfmayer. O P*adre* Anselmo
Eckart foi ajudar o Missionario de Piraquiri e o P*adre*
Francisco Schwartz o de Guaricuru
Dou humillimas graças a V*ossa* Majestade
pelos presentes enviados por meio do P*adre* Confessor
e peço a Deus nos santos Sacrificios, juntamente
com toda a Missão, que conserve por muitos annos
a saude de V*ossa* Majestade, do Rei Fidelissimo
e de toda a Casa Real
De V*ossa* Majestade
Obedientissimo
Francisco Wolf.[19]

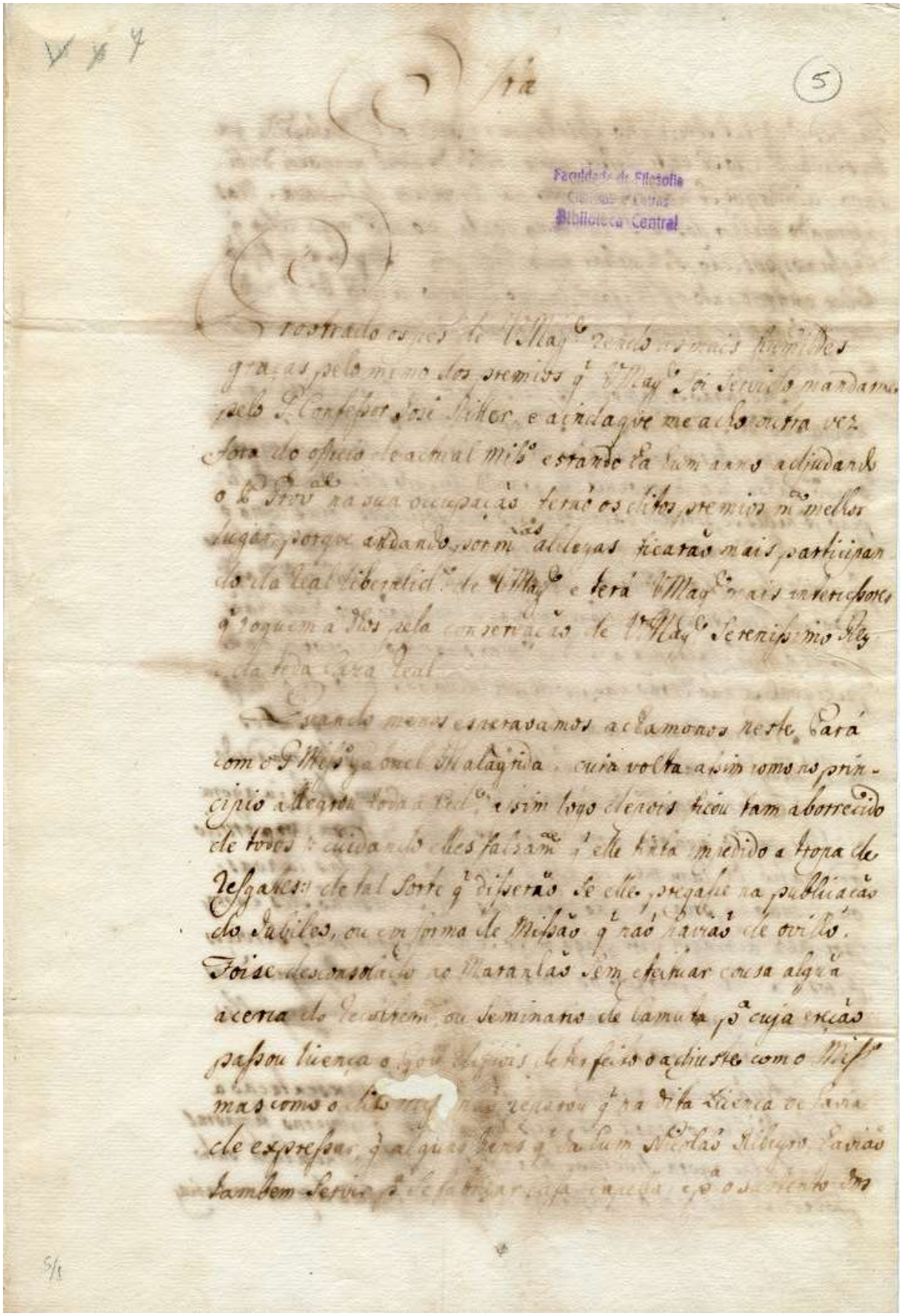
[18] Acréscimo a lápis
[19] No canto inferior direito apresentam os carimbos de identificação da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e o da biblioteca, com as inscrições à lápis: 11 – IV – 942, e abaixo: Nº de Reg. 3.344. No canto inferior esquerdo, a lápis, a inscrição: 4/3.

Doc. 04 (AL-001-005 – Envelope)

Augustissimae ac Serenissimae
Reginae Viduae
Dominae Dominae Clementissimae
Ulyssipone[20]

[20] Marca do selo na parte inferior central do envelope.

Doc. 04 (AL-001-005 f. 1r)



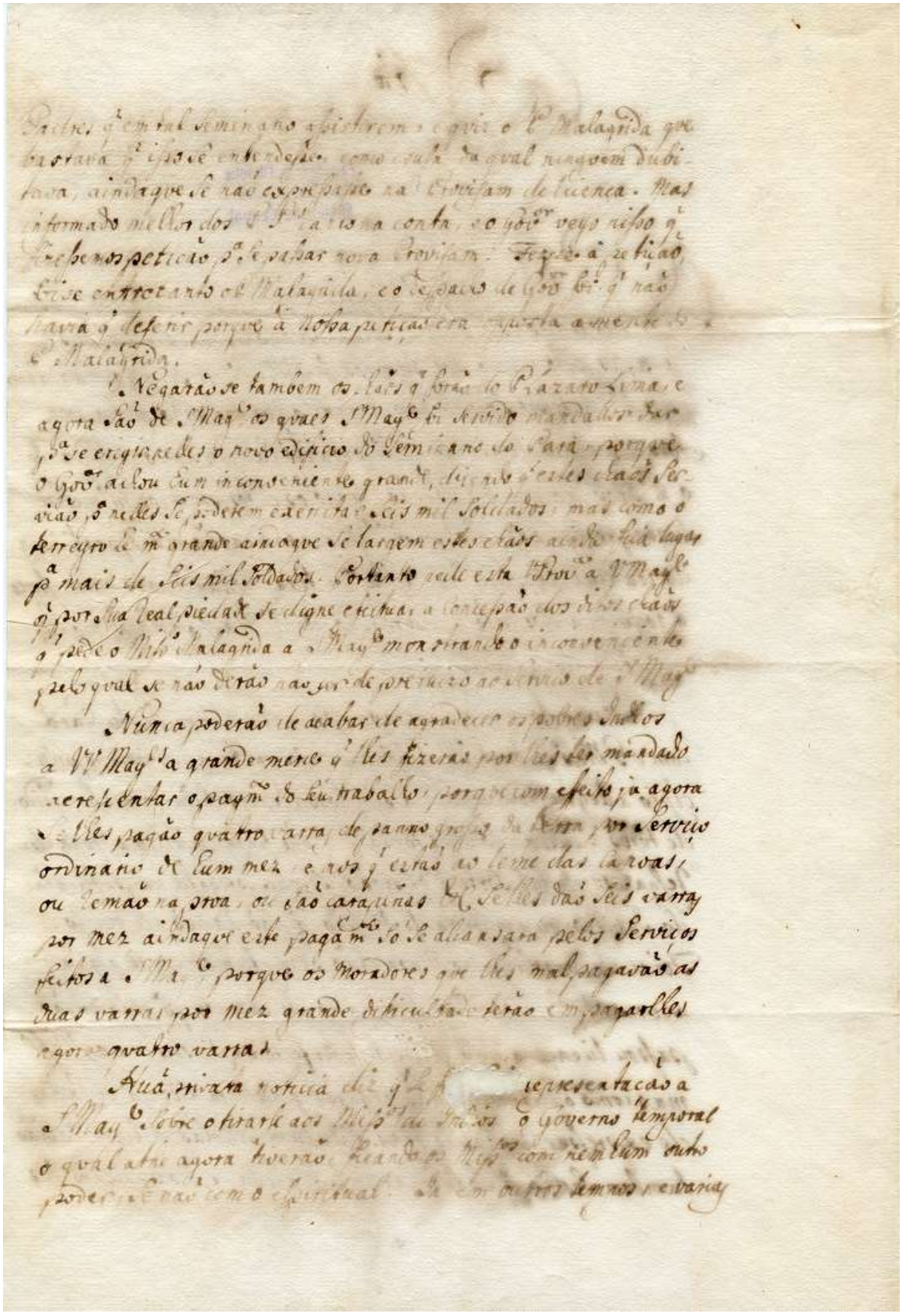
Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

||1r||S*enho*r'a

Prostrado os pes de V*ossa* Mag*estad*e rendo as mais humildes
graças pelo mimo dos premios q*ue* V*ossa* Mag*estad*e foi servido mandarme
pelo P*adre* Confessor José Ritter, e aindaque me acho outra vez
fora do oficio de actual Miss*ionári*o, estando ha hum anno adjudando
o P*adre* Prov*inci*al na sua occupação, teraõ os ditos premios m*ui*to melhor
lugar, porque andando por m*ui*tas aldeyas ficarão mais participan-
do da Real liberalid*ad*e de V*ossa* Mag*estad*e e terá V*ossa* Mag*estad*e mais intercessores
que roguem a DEos pela conservação de V*ossa* Mag*estad*e Serenissimo Rey
e da toda Caza Real.
Quando menos esperavamos achamonos neste Pará
com o P*adre* Miss*ionári*o Gabriel Malagrida, cuja volta assim como no prin-
cipio allegrou toda a Cid*ad*e, assim logo depois ficou tam aborrecido
de todos (: cuidando elles falsam*en*te q*ue* elle tinha impedido a tropa de
Resgates :) de tal sorte que disseram, se elle pregasse na publicação
do Iubileo, ou em forma de Missão, q' não havião de ovillo.
Foise desconsolado ao Maranhão sem effectuar cousa algũa
acerca do Recolhim*en*to, ou Seminario de camuta p*ar*a cuja ereção
passou licença o Gov*ernad*or depois de ter feito o adjuste com o Miss*ionári*o
mas como o dito [Miss*ionári*o] não reparou q*ue* na dita Licença se havia
de expressar, q*ue* alguns bens q*ue* da hum Nicolaõ Ribeyro, haviaõ
tambem servir para se fabricar Casa, capella, e p*ar*a o sustento dos[21]

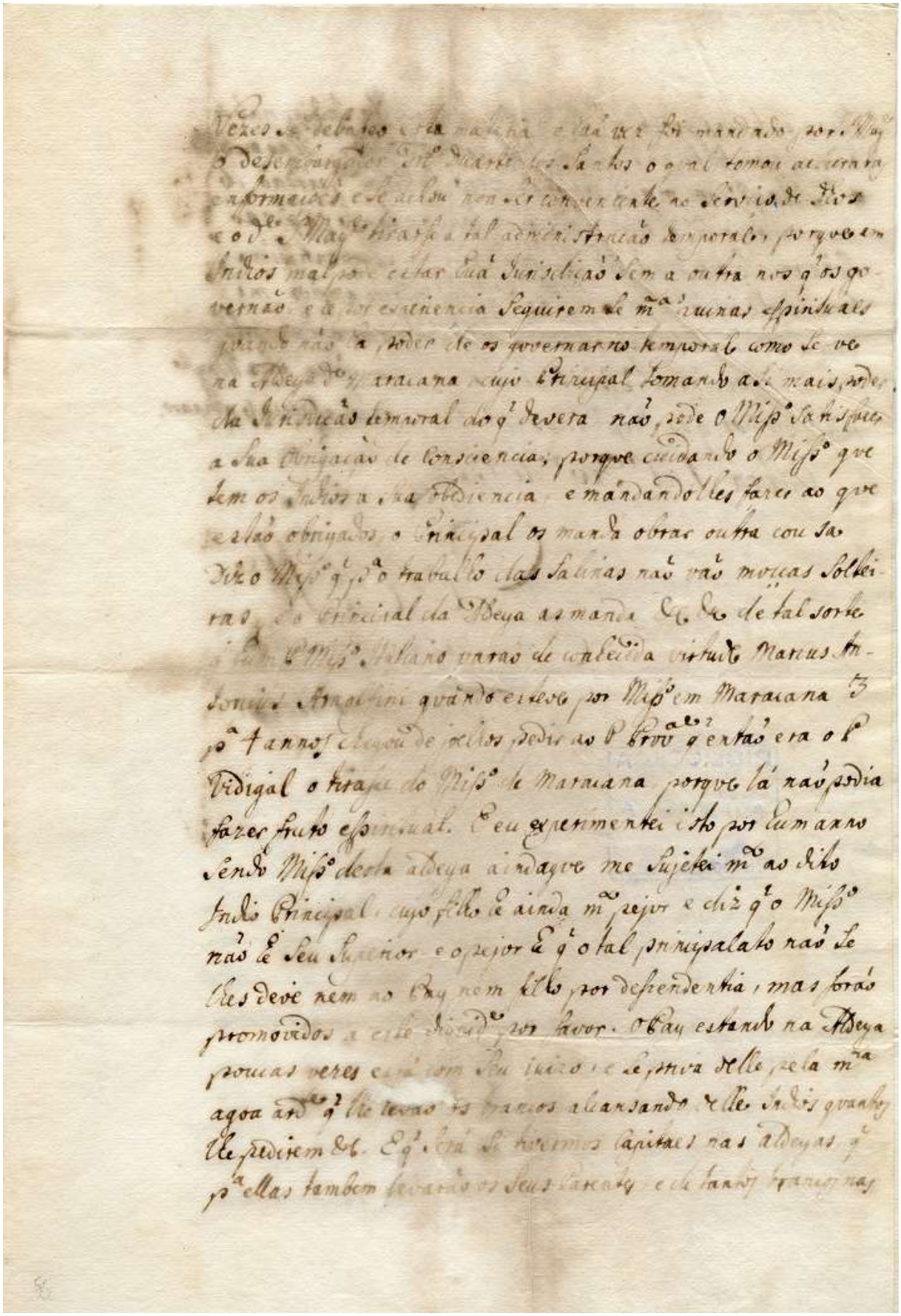
[21] Inscrições a lápis no canto superior direito: 5; e no canto inferior esquerdo: 5/1

Doc 04 (AL-001-005 f. 1v)



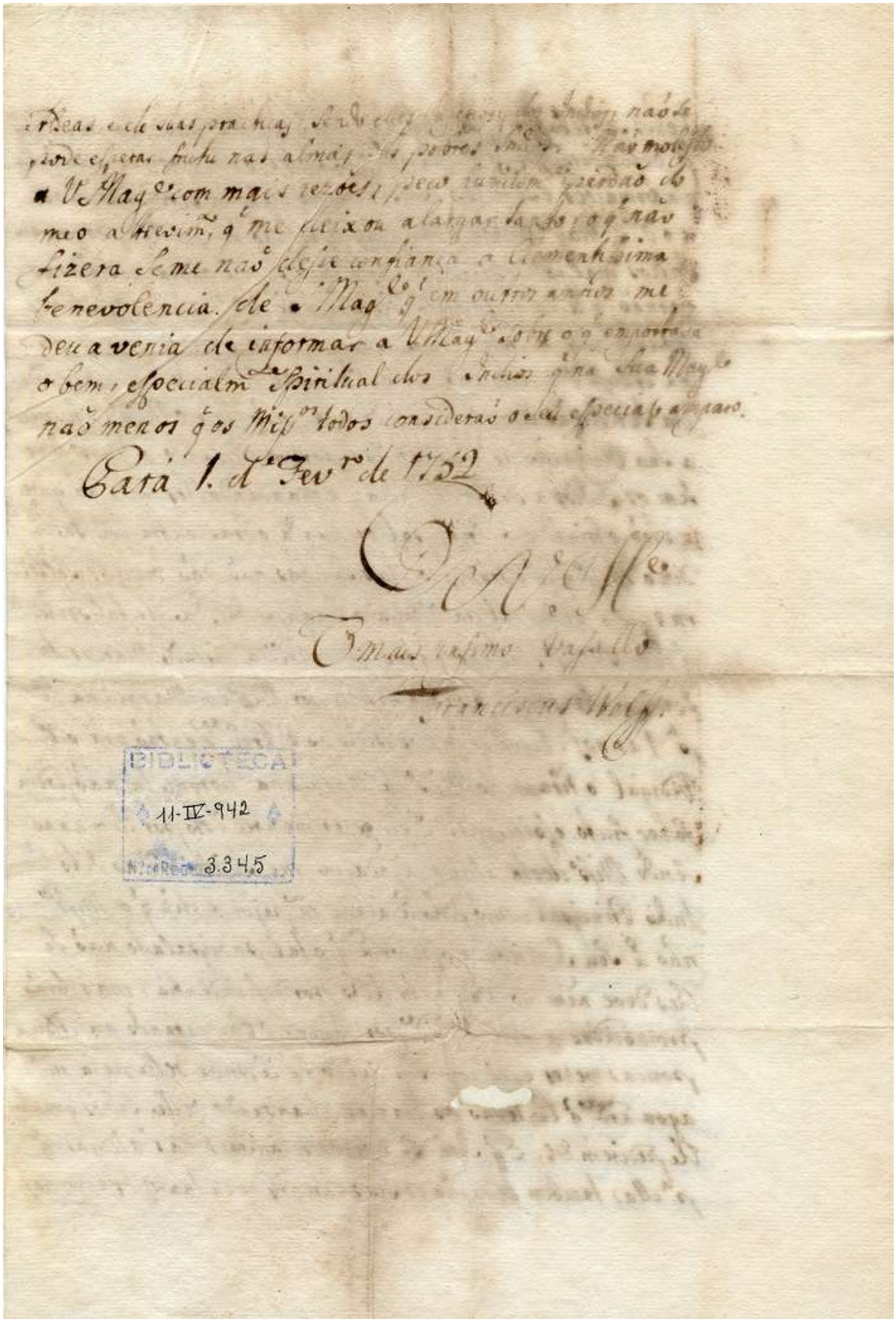
||2v||Padres q*ue* em tal seminario assistirem, e quiz o P*adre* Malagrida que
bastava q*ue* isso se entendesse, como cousa da qual ninguem dubi-
tava, aindaque se naõ expressasse na Provisam de licença. Mas
informado melhor dos P*adr*es cahio na conta, e o Gov*ernad*or veyo nisso q*ue*
fizessemos peticão p*ar*a se passar nova Provisam. Fez se à petiçaõ,
foi se entretanto o P*adre* Malagrida, e o despacho de Gov*ernad*or foi q*ue* não
havia q*ue* deferir porque a nossa petição era opposta a mente do
P*adre* Malagrida.
Negarão se tambem os chaõs que foraõ do P*adre* Lazaro Lima, e
agora são de S*ua* Mag*estad*e, os quaes S*ua* Mag*estad*e foi servido mandallos dar
p*ar*a se erigir nelles o novo edificio do seminario do Para, porque
o Gov*ernad*or achou hum inconveniente grande, dizendo q*ue* estes chaõs ser-
vião p*ara* nelles se poderem exercitar seis mil soldados, mas como o
terreyro he m*ui*to grande aindaque se largem estes chaõs ainda fica lugar
p*ar*a mais de seis mil soldados. Portanto pede esta [Vossa providência] a V*ossa* Mag*estad*e
q*ue* por sua Real piedade se digne efeituar a concessão dos ditos chaõs
q*ue* pede o Miss*ionári*o Malagrida a S*ua* Mag*estad*e monstrando o inconveniente
pelo qual se não derão nao ser de preiuizo ao serviço de S*ua* Mag*estad*e
Nunca poderão de acabar de agradecer os pobres Indios
a V*ossas* Mag*estad*es a grande merce q*ue* lhes fizerão por lhes ter mandado
acrescentar o pag*amen*to do seu trabalho, porque com efeito ja agora
se lhes pagão quatro varras de panno grosso da terra por serviço
ordinario de hum mez, e nos q*ue* estão ao leme das canoas,
ou remaõ na proa, ou são carapunas &c. selhes daõ seis varras
por mez aindaque este pagame*nto* só se alcansará pelos serviços
feitos a S*ua* Mag*estad*e, porque os moradores que lhes mal pagavão as
duas varras por mez grande dificuldade terão em pagarlhes
agora quatro varras
Huã privata noticia diz q*ue* se f[...] representação a
S*ua* Mag*estad*e sobre o tirarse aos Miss*ionári*os de Indios o Governo temporal
o qual athe agora tiveraõ, ficando os Miss*ionári*os com nenhum outro
poder, se naõ com o espiritual. Ia em outros tempos, e varia

Doc 04 (AL-001-005 f. 2r)



||3r||Vezes se debateo esta materia e huã vez foi mandado por S*ua* Mag*estad*e
o desembargador Fr*ancisc*o Duarte dos Santos o qual tomou accuradas
enformações e se achou non ser conveniente no serviço de DEos
e o d*e* S*ua* Mag*estad*e tirarse a tal administração temporal, porque em
Indios mal pode estar huã Iurisdição sem a outra nos q*ue* os go-
vernão e he por experiencia seguirem se m*ui*tas ruinas espirituaes
quando não ha poder de os governar no temporal como se ve
na Aldeya d*e* Maracana, cujo Principal tomando a si mais poder
na Iurisdição temporal do q*ue* devera, não pode o Miss*ionari*o satisfazer
a sua obrigação de consciencia; porque cuidando o Miss*ionari*o que
tem os Indios a sua obediencia, e mandandolhes fazer ao que
estão obrigados, o Principal os manda obrar outra cousa
Diz o Miss*ionari*o q*ue* p*ar*a o trabalho das salinas não vão moçças soltei-
ras, e o Principal da Aldeya as manda &c. &c. de tal sorte
q*ue* hum P*adre* Miss*ionári*o Italiano varaõ de conhecida virtude Marcus An-
tonius Arnolfini quando esteve por Miss*ionári*o em Maracana 3
p*ar*a 4 annos chegou de joelhos pedir ao P*adre*. Prov*inci*al q*ue* então era P*adre*
Vidigal o tirasse do Miss*ionári*o de Maracana, porque lá naõ podia
fazer fruto espiritual. E eu experimentei isto por hum anno
sendo Miss*ionári*o desta aldeya aindaque me sujetei m*ui*to ao dito
Indio Principal, cujo filho he ainda m*ui*to pejor e diz q*ue* o Miss*ionari*o
não he seu superior; e o pejor he que o tal principalato naõ se
lhes deve nem ao Pay nem filho por dessendentia, mas forão
promovidos a este dignid*ad*e por favor. O Pay estando na Aldeya
poucas vezes está com seu iuizo, e se priva delle pela m*ui*ta
agoa ard*en*te q*ue* lhe levão os brancos alcansando delle Indios quantos
lhe pedirem &c. E q*ue* será si tivermos Capitaes nas aldeyas, q*ue*
p*ar*a ellas tambem levarão os seus parentes, e de tantos brancos nas

Doc 04 (AL-001-005 f. 2v)

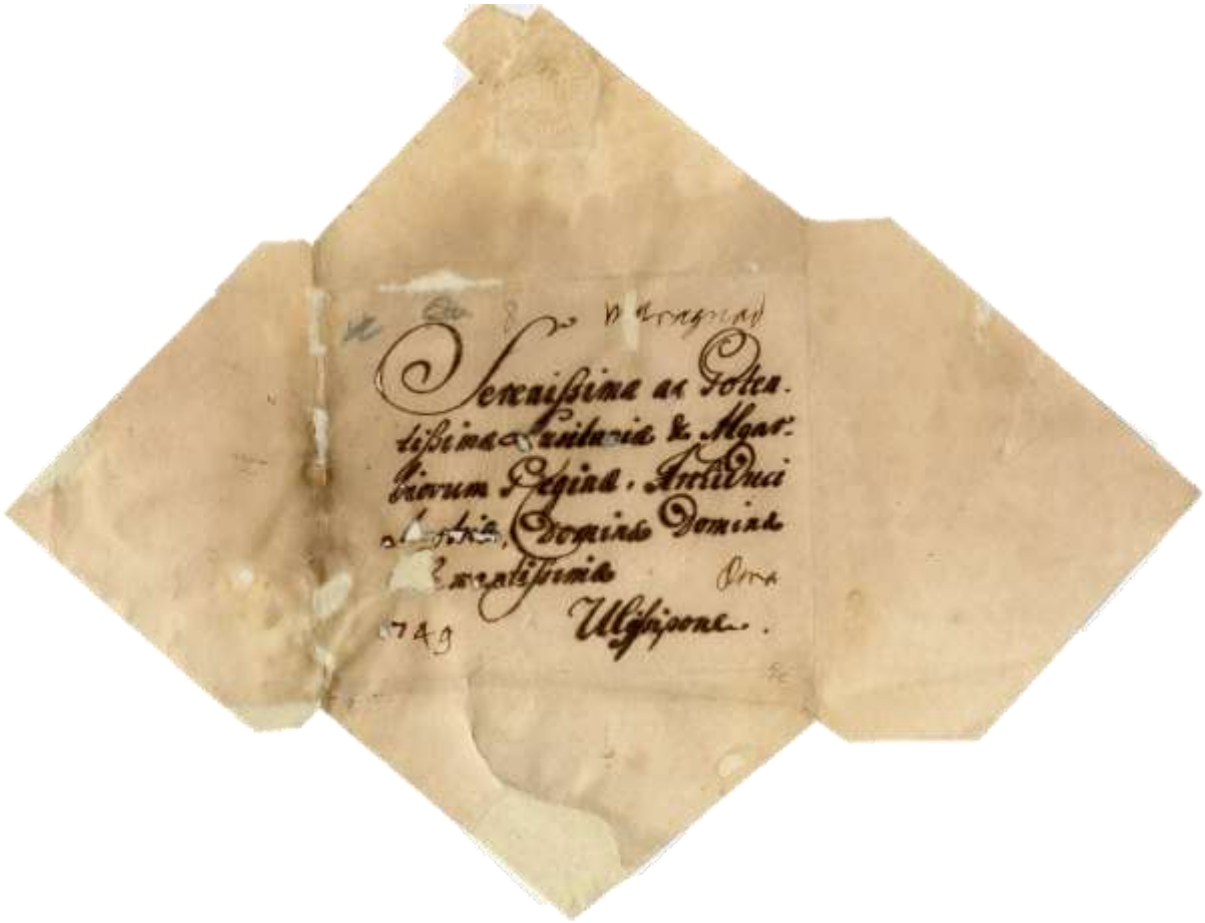


BIBLIOTECA
11-IV-942
N.º de Reg. 3345

||3v||Aldeas, e de suas practicas, sendo elles superiores dos Indios, não se
pode esperar fructu nas almas dos pobres Indios. Naõ molesto
V*ossa* Mag*estad*e com mais rezões, peço humildem*en*te perdão do
meo atrevim*en*to, q*ue* me deixou alargar tanto, o q*ue* não
fizera se me naõ desse confiança a Clementissima
benevolencia de S*ua* Mag*estad*e, q*ue* em outros annos me
deu a venia de informar a V*ossa* Mag*estad*e sobre o q*ue* emportava
o bem, especialm*en*te espiritual dos Indios q*ue* na sua Mag*estad*e
não menos q*ue* os Miss*ionári*os todos consideraõ o seu especial amparo.
Pará 1. de Fev*erei*ro de 1752
De V*ossa* M*agestad*e
O mais infimo vasallo
Franciscus Wolf[22]

[22] Carimbo de identificação da biblioteca no canto esquerdo logo abaixo da assinatura da carta.

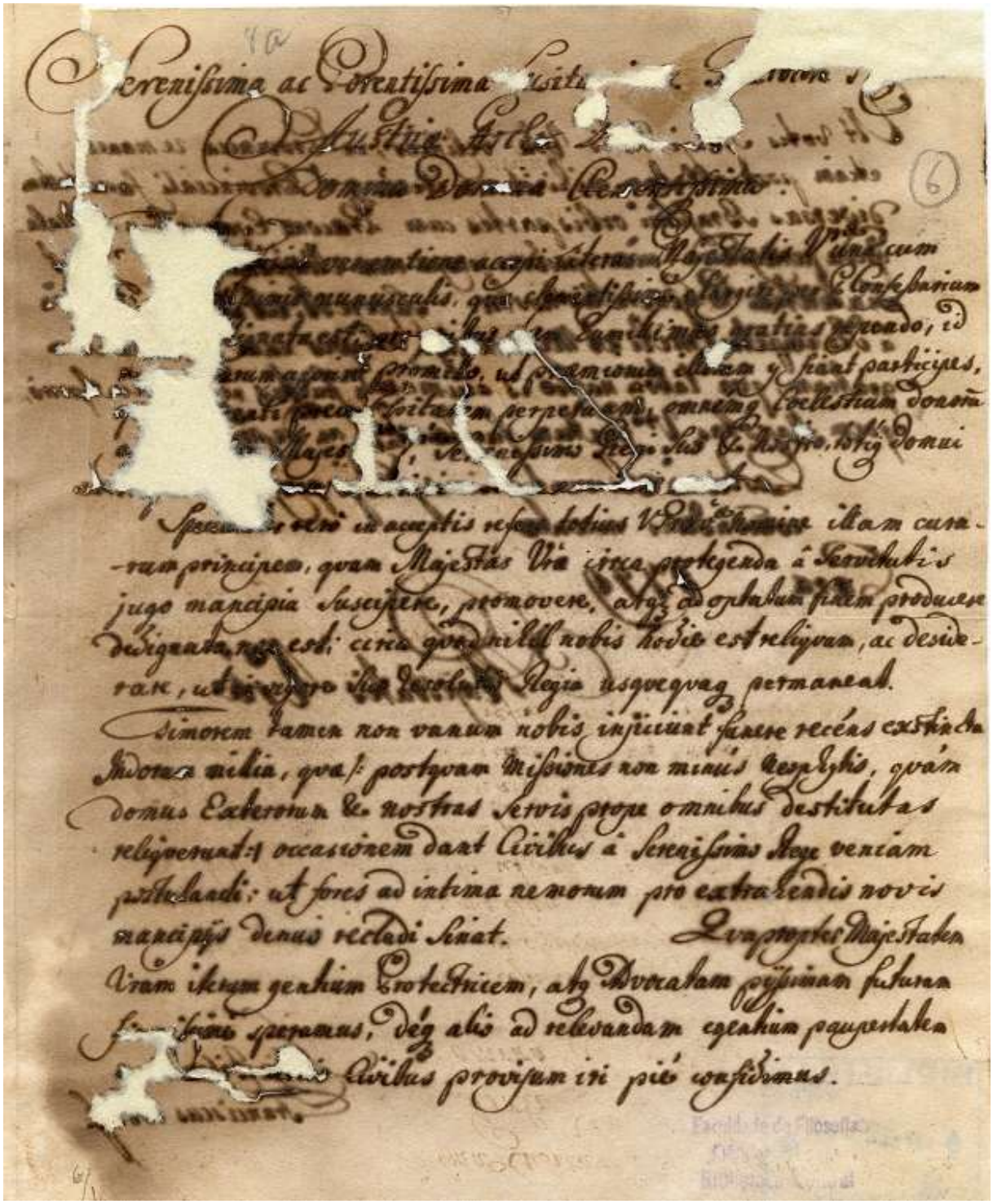
Doc 05 (AL-001-006 Envelope)



Serenissimae ac Poten-
tissimae Lusitaniae et Algar-
biorum Reginae, Archiduci
Austriae, Dominae Dominae
Clementissimae
Ulissipone[23]

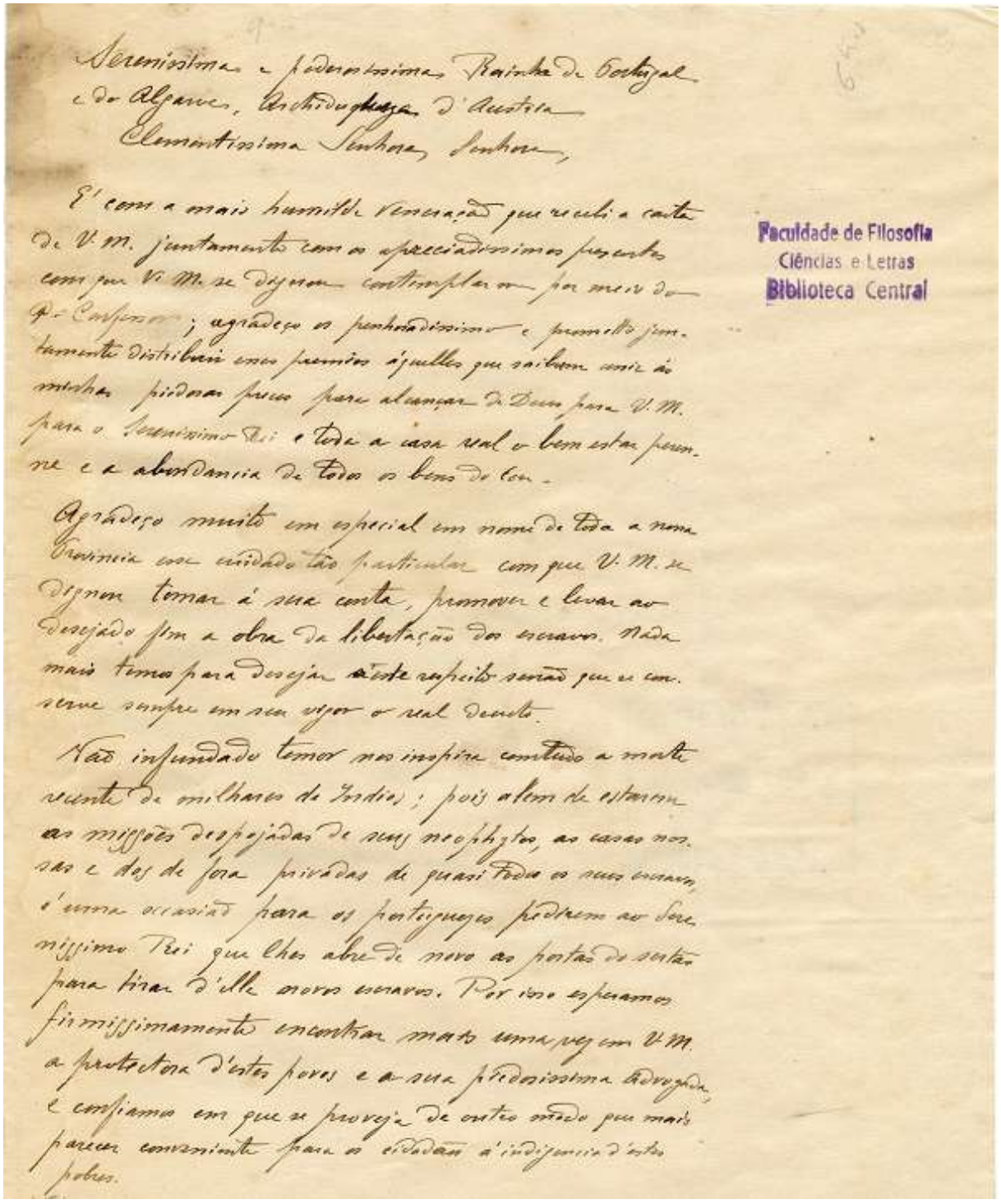
[23] com outro punho, acima: Maragnaõ
Acima de Ulissipone: Rna
Abaixo: 749

Doc 05 (AL-001-006 f. 1r)



||1r||Serenissima ac Potentissima Lusita[niae] [...][...]
Austriae Archi D[...]
Domina Domina Clementissima.
[...] veneratione accepi Literas Majestatis V*estr*ae una cum
[...] simis nunusculis, quae clementissime elargiti per P*atrem* Confessarium
[...] signata esti pro[qu]ibus[d]am humillimas gratias rependo, id
[...]arum a[*]print promitto, ut praemionum ill[or]um ij fiant participes,
[...]enti pred[...]itatem perpetuam, omnemq*ue* Coelestium donorũ
A [...] Majes[...], Se[re]nissimo Regi Suo & Nostro, totiq*ue* domui
[...]
Spe[...] verò in acceptis refere totius VProv*inci*ae nomine illam cura-
-rum pricipem, quam Majestas V*est*ra circa protegenda â Servitutis
jugo mancipia suscipere, promovere, atq*ue* ad optatum finem producere
dedignata non est ; circa quod nihil nobis hodie est reliqvum, ac deside-
rare, ut in vigore [Sic] resolutio Regia usquequaq*ue* permaneat.
Timorem tamen non vanum nobis injiciunt fanere recéns exstincta
Indorum millia, quae /: postquam missiones non minús neophytis, quám
domus Exterorum & nostras servis prope omnibus destitutas
reliquerunt:/ occasioem dant Civibus á Serenissimo Rege veniam
postulandi; ut fores ad intima nemorum pro extrahendis novis
mancipijs denuo recladi sinat. Qvapropter Majestatem
Virum iterum gentium protectricem, atq*ue* advocatam pijssimam futuram
[...]simi speramus, déq*ue* alio ad relevandam egentium paupertatem
[...] Civibus provisum iri pié confidimus.

Doc 06 (AL-001-006 f. 2r)



Serenissima e poderosissima Rainha de Portugal
e do Algarve, Archiduqueza d'Austria
Clementissima Senhora, Senhora,

E' com a mais humilde veneração que receli a carta de V. M. juntamente com os apreciadissimos presentes com que V. M. se dignou contemplar-me por meio do P.e Confessor; agradeço os penhoradissimo e prometto juntamente distribuir esses premios áquelles que saibam unir ás minhas piedosas preces para alcançar de Deus para V. M. para o Serenissimo Rei e toda a casa real o bem estar perenne e a abundancia de todos os bens do Ceu.

Agradeço muito em especial em nome de toda a nossa Provincia esse cuidado tão particular com que V. M. se dignou tomar á sua conta, promover e levar ao desejado fim a obra da libertação dos escravos. Nada mais temos para desejar a este respeito senão que se conserve sempre em seu vigor o real decreto.

Não infundado temor nos inspira comtudo a morte recente de milhares de Indios; pois alem de estarem as missões despojadas de seus neophytos, as casas nossas e dos de fora privadas de quasi todos os seus escravos, é uma occasião para os portuguezes pedirem ao Serenissimo Rei que lhes abre de novo as portas do sertão para tirar d'elle novos escravos. Por isso esperamos firmissimamente encontrar mais uma vez em V. M. a protectora d'estes povos e a sua piedosissima advogada, e confiamos em que se proveja de outro modo que mais parecer conveniente para os cidadãos á indigencia d'estes pobres.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

||2r||Serenissima e poderossima Rainha de Portugal
e do Algarve, Archiduqueza D'Austria
Clementissima Senhora Senhora,

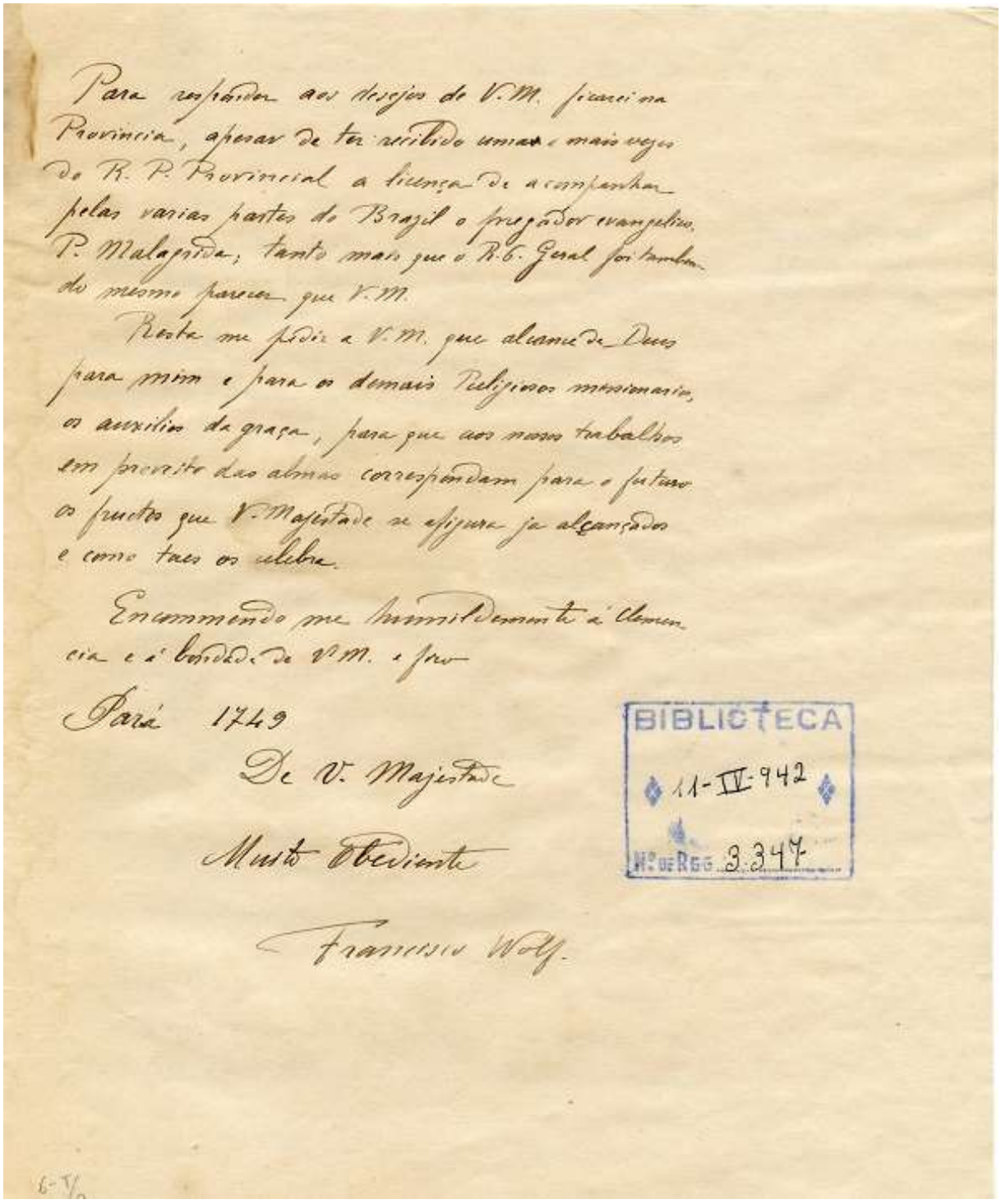
E' com a mais humilde veneração que recebi a carta de V*ossa* M*agestade* juntamente com os apreciadissimos presentes em que V*ossa* M*agestade* se dignou contemplar me por meio do P*adre* Confessor; agradeço os penhoradissimo e prometto jumtamente distribuir esses premios áquelles que saibam unir ás minhas piedosas preces para alcançar de Deus para V*ossa* M*agestade* para o Serenissimo Rei e toda a casa real o bem estar perenne e a abundancia de todos os bens do Ceu.

Agradeço muito em especial em nome de toda a nossa Provincia esse cuidado tão particular com que V*ossa* M*agestade* se dignou tomar á sua conta, promover e levar ao desejado fim a obra da libertação dos escravos. Nada mais temos para desejar a'este respeito senão que se conserve sempre em seu vigor o real decreto.

Não infundado temor nos inspira comtudo a morte recente de milhares de Indios; pois alem de estarem as missões despojadas de seus neophytos, as casas nossas e dos de fora privadas de quasi todos os seus escravos, é uma occasião para os portuguezes pedirem ao Sere nissimo Rei que lhes abre de novo as portas do sertão para tirar d'elle novos escravos. Por isso esperamos firmissimamente encontrar mais uma vez em V*ossa* M*agestade* a protectora d'estes povos e a sua piedosissima advogada, e confiamos em que se proveja de outro modo que mais parecer conveniente para os cidadães a' indigencia d'estes pobres.[24]

[24] Carimbo da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras no canto superior direito.

Doc 06 (AL-001-006 f. 2v)



Para responder aos desejos de V. M. ficarei na Provincia, apesar de ter recebido umas e mais vezes do R. P. Provincial a licença de acompanhar pelas varias partes do Brazil o pregador evangelico P. Malagrida, tanto mais que o R.P. Geral foi tambem do mesmo parecer que V. M.

Resta me pedir a V. M. que alcance de Deus para mim e para os demais Religiosos missionarios os auxilios da graça, para que aos nossos trabalhos em proveito das almas correspondam para o futuro os fructos que V. Magestade se effigura ja alcançados e como taes os celebra.

Encommendo me humildemente á Clemencia e á bondade de V. M. e fico

Pará 1749

De V. Majestade

Muito Obediente

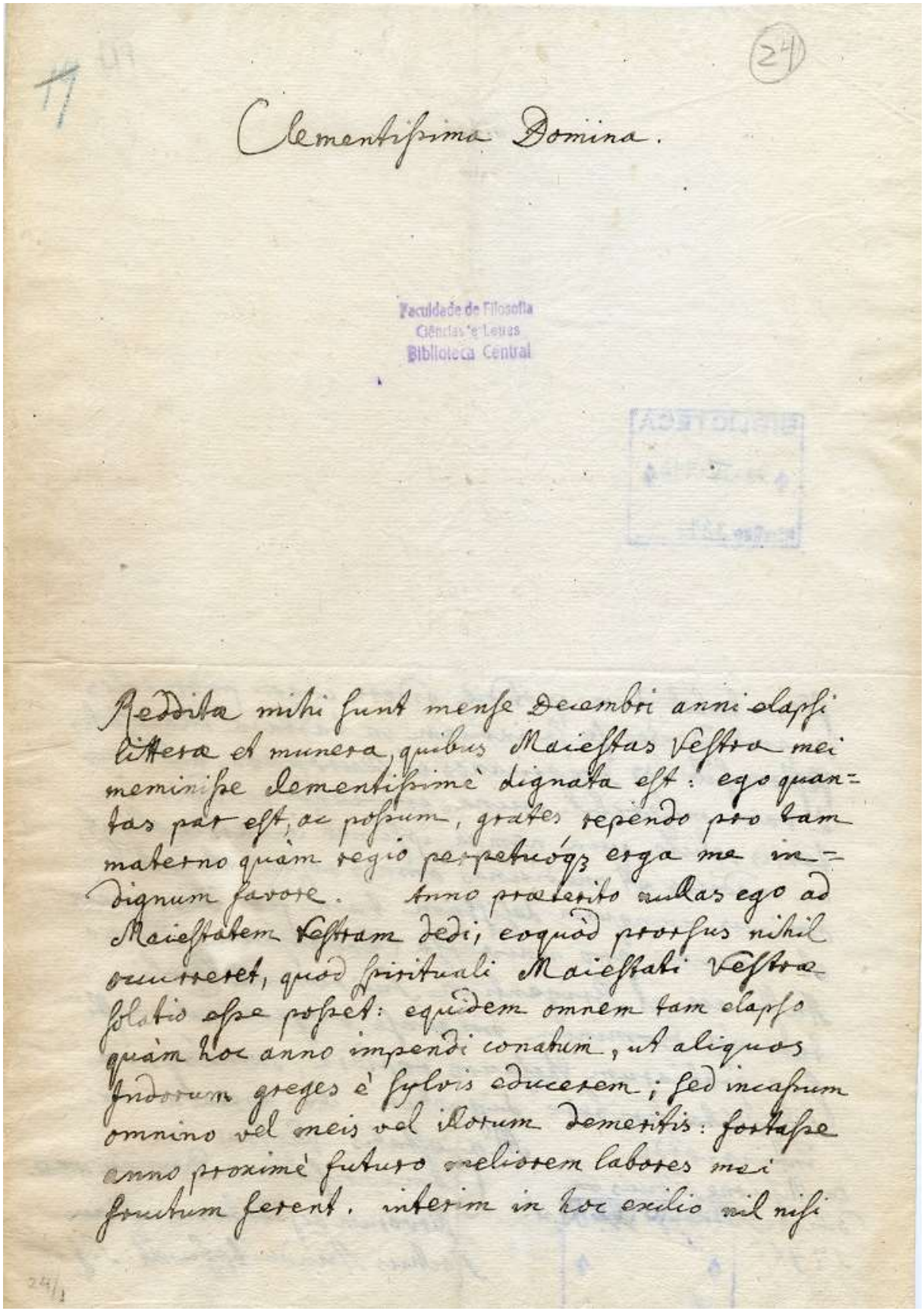
Francisco Wolf.

BIBLIOTECA
11-IV-942
Nº DE REG 3.347

||2v||Para responder aos desejos de V*ossa* M*agestade* ficarei na
Provincia, apesar de ter recibido umas e mais vezes
do R*everendissimo* P*adre* Provincial a licença de acompanhar
pelas varias partes do Brazil o pregador evangelico,
P*adre* Malagrida; tanto mais que o R*eal* P*adre* Geral foi tambem
do mesmo parecer que V*ossa* M*agestade*.
Resta me pedir a V*ossa* M*agestade* que alcance de Deus
para mim e para os demais Religiosos missionarios,
os auxilios de graça, para que aos nossos trabalhos
em proveito das almas correspondam para o futuro
os fuctos que V*ossa* Majestade se afigura ja alcançados
e como taes os celebra.
Encommendo me humildemente á clemen-
cia e á bondade de V*ossa* M*agestade* e foro
Pará 1749
De V*ossa* Majestade
Muito Obediente
Francisco Wolf[25]

[25] Carimbo da biblioteca na parte inferior do documento.

Doc 07 (AL-001-024 f. 1)



Clementissima Domina.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Reddita mihi sunt mense Decembri anni elapsi
littera et munera, quibus Maiestas Vestra mei
meminisse clementissimè dignata est: ego quan-
tas par est, ac possum, grates rependo pro tam
materno quàm regio perpetuóq; erga me in-
dignum favore. Anno praeterito nullas ego ad
Maiestatem Vestram dedi; eoquòd prorsus nihil
occurreret, quod Spirituali Maiestati Vestra
solatio esse posset: equidem omnem tam elapso
quàm hoc anno impendi conatum, ut aliquos
indorum greges è sylvis educerem; sed incassum
omnino vel meis vel illorum demeritis: fortasse
anno proximè futuro uberiorem labores mei
fructum ferent. interim in hoc exilio nil nisi

24/1

||1r||Clementissima Domina
Redditae mihi sunt mense Decembri anni elapsi
litterae et munera, quibus Maiestas Vestra mei
meminisse clementissimé dignata est: ego quan=
tas par est, ac possum, grates rependo pro tam
materno quàm regio perpetuóq*ue* ergo me in=
dignum favore. Anno praeterito nullas ego ad
Maiestatem Vestram dedi, eoquòd prorsus nihil
occurreret, quod spirituali Maiestati Vestrae
solatio esse posset: equidem omnem tam elapso
quàm hoc anno impendi conatum, ut aliquos
Jndorum greges e' sylvis educerem; sed incassum
omnino vel meis vel illorum demeritis: fortasse
anno proximè futuro meliorem labores mai
fructum ferent. interim in hoc exilio nil nisi[26]

[26] Na parte central, logo abaixo de Clementissima Domina, apresenta o carimbo da Faculdadade de Filosofia, Ciências e Letras, Biblioteca Central.

Doc 07 (AL-001-024 f. 1v)

BIBLIOTECA
13-IV-942
N° de Reg. 3371

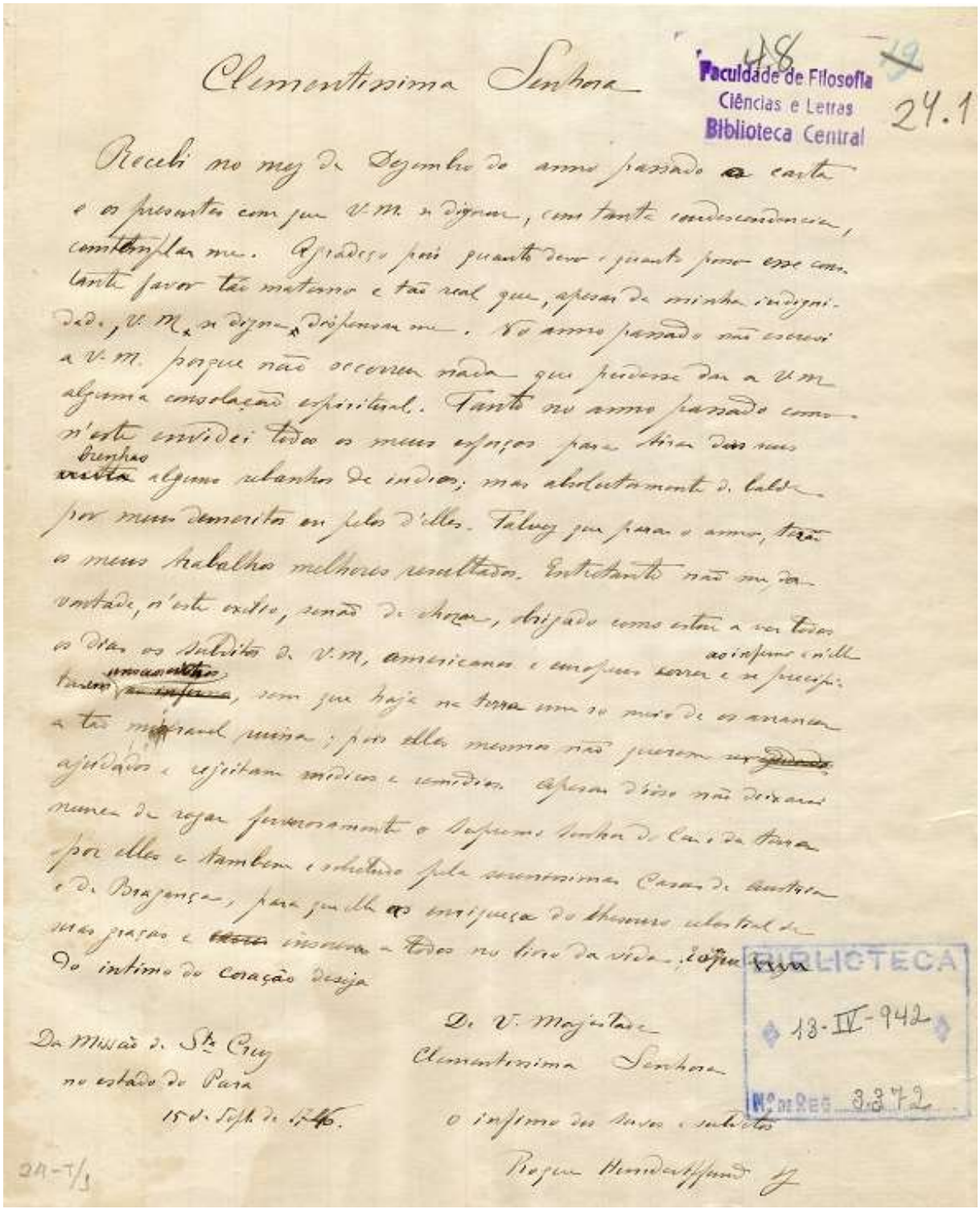
flere lubet, dum quotidie videre cogor proruentes
ac protrudentes se se invicem in tartara Maiestatis
Vestræ subditos Americanos et Europæos, nullo eos
è tam miserabili ruina eripiendi remedio in
terris relicto, quia nempe ipsimet iuvari nolunt,
ac medicos et medicinas omnes respuunt. nihil =
ominus nunquam desistam tam pro illis, quàm
et maximè pro universa Serenissima Domo
Austriaca et Brigantina Supremum Coeli
terræqs Dominum impensè rogare, ut coelesti
suo gratiarum thesauro replere, omnesqs in
libro vitæ scribere dignetur. ita precatur ex
intimo corde Maiestatis Vestræ
Clementissimæ Dominæ meæ
servorum ac subditorum infimus
Rochus Hundertpfundt. S.J.

ex Missione S. Crucis in
ditione Paraensi 15. Sept.
1746.

||1v||flere lubet, dum quotidie videre cogor proruentes
ac protrudentes se se invicem in tartara Maiestatis
Vestrae subditos Americanos et AEuropaeos, nullo eos
è tam miserabili ruina eripiendi remedio in
terris relicto, quia nempe ipsimet iuvari nolunt,
ac medicos et medicinas omnes respuunt. nihil=
ominus nunquam desistam tam pro illis, quàm
[est] maximè pro universa Serenissima Domo
Austriaca et Brigantina Supremum Coeli
terrae'qs [terraeque] Dominum impensè rogare, ut coelesti
suo gratiarum thesauro replere, omnésque in
libro vitae scribere dignatur. ita precatur ex
intimo corde Maiestatis Vestrae
ex Missione S. Crucis in Clementissimae Dominae meae
ditione Panraensi 15 sept. servorum ac subditorum infimus
1746. Rochus Hindertpfundt . S.J.[27]

[27] Carimbo da biblioteca loga acima do texto no canto esquerdo.

Doc 08 (AL-001-024 f. 2r)



48
Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central
24.1

Clementissima Senhora

Recebi no mez de Dezembro do anno passado a carta e os presentes com que V. M. se dignou, com tanta condescendencia, contemplar-me. Agradeço pois quanto devo e quanto posso esse constante favor tão materno e tão real que, apesar da minha indignidade, V. M. se digna dispensar-me. No anno passado não escrevi a V. M. porque não occorreu nada que pudesse dar a V. M. alguma consolação espiritual. Tanto no anno passado como n'este envidei todos os meus esforços para tirar das suas brenhas alguns rebanhos de indios; mas absolutamente de balde por meus demeritos ou pelos d'elles. Talvez que para o anno, terão os meus trabalhos melhores resultados. Entretanto não me dá vontade, n'este exilio, senão de chorar, obrigado como estou a ver todos os dias os subditos de V. M., americanos e europeus correr e se precipitarem ao infernal e n'elle, sem que haja na terra um só meio de os arrancar a tão miseravel ruina; pois elles mesmos não querem ser ajudados e rejeitam medicos e remedios. Apesar d'isso não deixarei nunca de rogar fervorosamente o Supremo Senhor do Ceu e da Terra por elles e tambem e sobretudo pela serenissima Casa de Austria e de Bragança, para que elle as enriqueça do thesouro celestial de suas graças e insoreva a todos no livro da vida, e o que do intimo do coração deseja

De V. Majestade
Clementissima Senhora

Da Missão de Sta Cruz
no estado do Pará
15 de Sept. de 1746.

O infimo dos servos e subditos
Roque Hunderdfund SJ

BIBLIOTECA
13-IV-942
Nº de Reg. 3.372

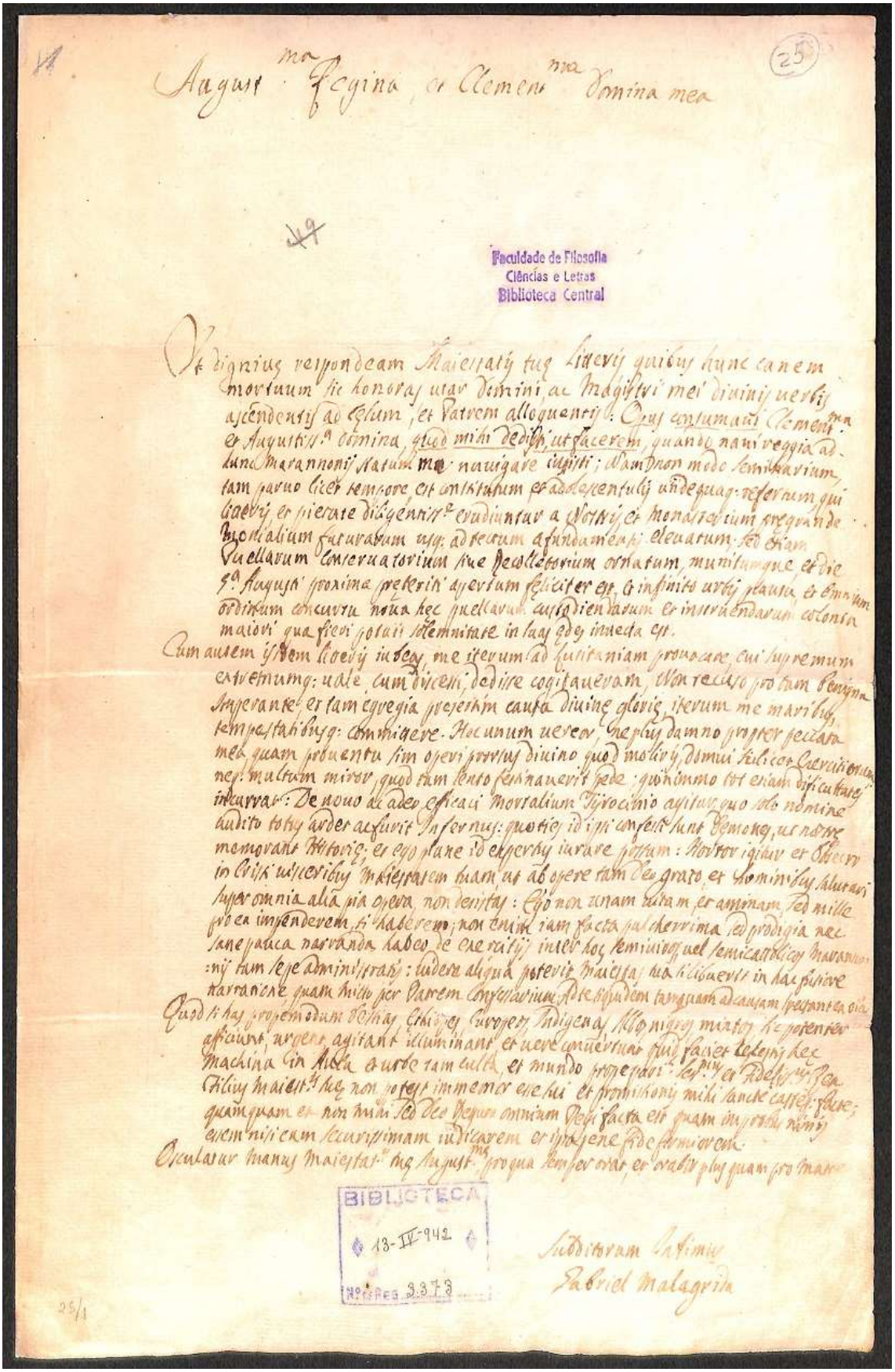
24-T/3

||2r||Clementissima Senhora
Recebi no mez de Dezembro do anno passado a carta
e os presentes com que V*ossa* M*agestade* se dignou, com tanta condescendencia,
comtemplar me. Agradeço pois quanto devo e quanto posso esse cons-
tante favor tão materno e tão real que, apesar de minha indigni-
dade, V*ossa* M*agestade* ~~,~~ se digna ~~,~~ dispensar me. No anno passado não escrevi
a V*ossa* M*agestade* porque não occorreu nada que pudesse dar a V*ossa* M*agestade*
alguma consolação espiritual. Tanto no anno passado como
n'este envidei todos os meus esforços para tirar das suas
brenhas algums rebanhos de indios; mas absolutamente de labor
por meus demeritos ou pelos d'elles. Talvez que para o anno, terão
os meus trabalhos melhores resultados. Entretanto não me da
vontade, n'este exilio, senão de chorar, obrigado como estou a ver todos
os dias os Subditos de V*ossa* M*agestade*, americanos e europeus correr <ao inferno e n'elle> e se
precipi-
tarem <uns aos outros> ~~ao inferno~~, sem que haja na terra um só meio de os arrancar
a tão miseravel ruina; pois elles mesmos não querem ser [rasura]
ajudados e rejeitam medicos e remedios. Apesar d'isso não deixarei
nunca de rogar fervorosamente a Supremo Senhor do Ceu e da Terra
por elles e tambem e sobretudo pela serenissimas Casas de Austria
e de Bragança, para que ele as enriqueça do thesouro celestial de
suas graças e [rasura] inscreva a todos no livro da vida; E oque [rasura]
do intimo do coração deseja

Da Missão de S*an*ta Cruz — de V*ossa* Majestade
no estado do Para — Clementissima Senhora
15 de Sept*embro* de 1746 — o infimo dos servos e subditos
Roque Hundertpfundt S*ociedade de Jesus*[28]

[28] Carimbo da Faculdade de filosofia, Ciências e Letras, Biblioteca Central no canto superior direito; carimbo da biblioteca no canto inferior direito; e anotações a lápis 48 e 24.1 no canto superior direito e 24-4/1 no canto inferior esquerdo.

Doc 09 (AL-001-025 f. 1r)



August.ma Regina, et Clemen.ma Domina mea

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Vt digniùs respondeam Maiestati tuæ Lucevij quibus dunc canem mortuum sic honoraj utar Domini ac Magistri mei diuinij uerbij ascendentis ad Cælum, et Patrem alloquentis. Quj enimuero Clementissima et Augustiss.a Domina, quod mihi dedisti, ut facerem, quando naui veggia ad lunc Marannonij flatum mea navigare cupisti; Quamuis modo seminarium tam paruo licet tempore et constitutum et adolescentulij undequaq: referum qui Lucevij et pietate diligentiss.e erudituntur a Vestris et Monasterium pregrande Bicocalium futurarum usq: ad rectum absindam et elevatum. Sed etiam Puellarum Conseruatorium siue Recolletorium ornatum, munitumque et die 9.a Augusti proxima preteriti apertum feliciter est, Cinfinito urbis plausu et Omnium ordinum concursu. Nova hæc puellarum custodiendarum et instituendarum colonia maiori qua fieri potuit solemnitate in hay edes inuecta est.

Cum autem ijsdem Lucevij iubeam me iterum ad Lusitaniam proficisci cui supremum extremumq: vale cum dicerem, dubitare cogitaueram. Non recuso pro tam benigna Imperantis et tam egregia presertim causa diuinæ gloriæ iterum me maribus tempestatibusq: committere. Hoc unum uereor, ne plus damno propter peccata mea quam profectu sim operi proprijs diuino quod motibus domui Iesu Christi Crucifixi nec multum miror, quod tam lento fluctuauerit pede: quinimmo tot etiam difficultates incurrat: De nouo de adeo efficaci Monachalium Tyrocinio agitur, quo solo nomine audito totus ardet acsurit Infernus: quotquot idipsi conspirant Demones, ut notæ memorant Historiæ; et ego plane id experijs iurare possum: Nostri igitur et Cherici in Civili uiuendi Maiestatem suam ut adopere tam Dei gratia et Hominibus saluari super omnia alia pia opera non dubitay: Ego non unam tantam et amœnam sed mille pro ea impenderem si haberem; non enim iam facta pulcherrima sed prodigia nec sane parua narranda habeo de eremitis inter hos seminibus quæ Christus Maranonij tam fœde administrat: Iudæa aliqua potuit Maiestas tua hic agnoscere in hac pulcherrima Barbarie quam multo per Patrem Confessarium Adeo ipsum tanquam alteram Speranteia Quod si hay propemodum Omnes Ethnicos Europeos Indigenas Allo nigros mistos hic potenter afficiunt, urgent agitant illuminant et uere conuertunt quid faciet Ecclesia hæc Machina in Asia Aurea tam culta, et mundo propagata: Sep.ma et Fidelis.ma Filius Maiest.tis tuæ non potest immemor esse hi et promissionis mihi tanquæ cassæ facere; quamquam ea non mihi sed Deo Patri omnium Rex facta est quam ingrato animo eremi nisi eam securissimam iudicarem et ipsa fide firmarem.

Osculatur manus Maiestat.is tuæ Augustæ prosqua semper orat, et orabit plus quam pro Maiestate

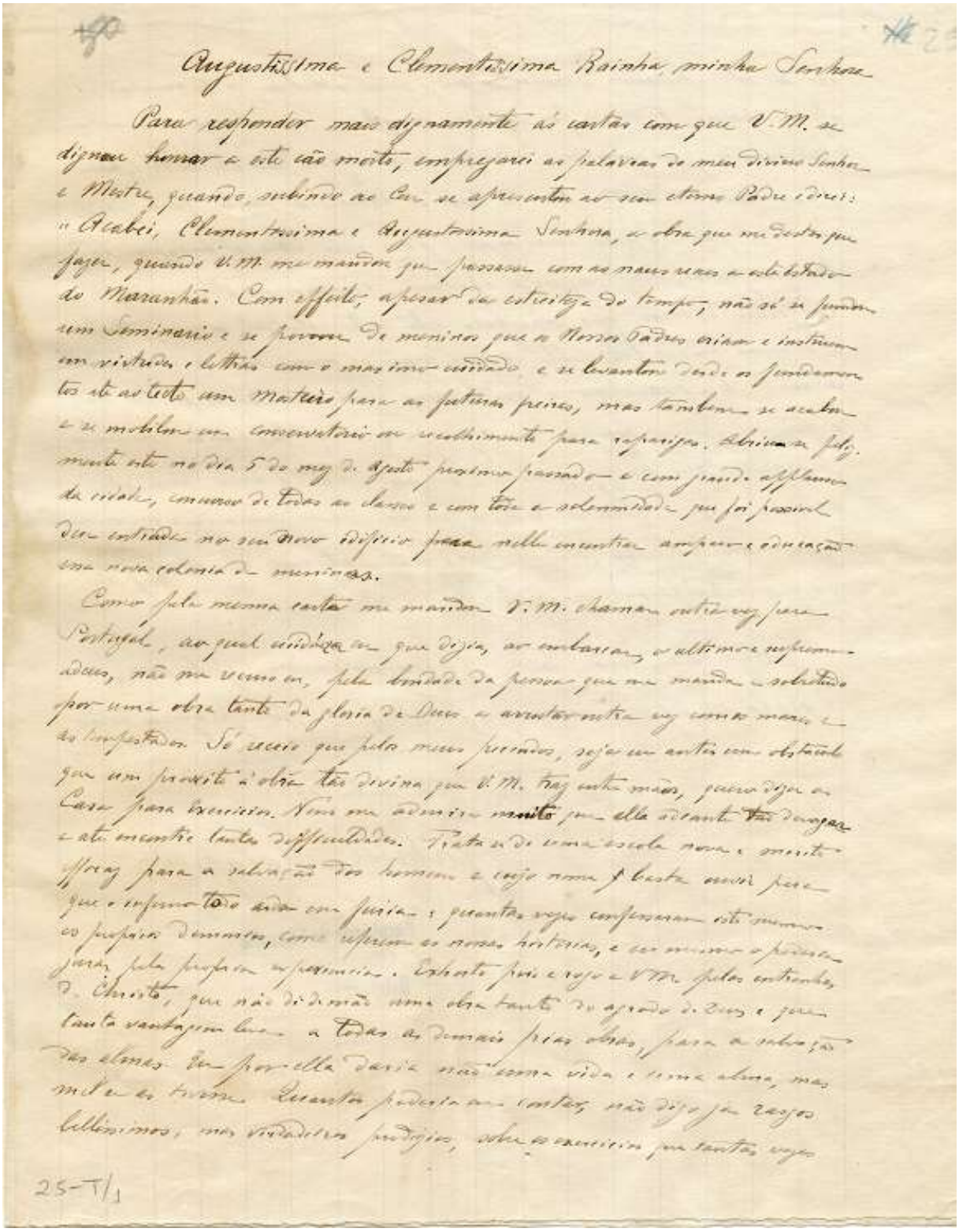
BIBLIOTECA
13-IV-942
Nº de Reg. 3373

Subditorum Infimus
Gabriel Malagrida

25/1

||1r||August*issi*ma Regina, [et] Clemen*tissi*ma Domina mea
Vt dignius respondeam Maiestatis tuae Litteris quibus hunc canem
mortuum sic honoras utar domini, ac Magistri mei diuinis uerbis
ascendentis ad cęlum, et Patrem alloquentis: Opus [u]ntumaui Clemen*tissi*ma
et Augustiss*im*a domina, quod mihi dedisti, ut facerem, quando naui reggia ad-
dunc Marannonij statum [me] navigare iussisti; Nam non modo seminarium,
tam paruo licet tempore, est constitutum, & adolescentulis[ou ii?] undequaq: refertum, qui
litteris, et pietate diligentis.[e] erudiuntur a [Notxis], et monasterium pręquande
[monialium] futurarum usq: ad [tecrum] a fundamentis elevatum; sed etiam
Puellarum conseruatorium siue [Recollettorium] ornatum, munitumque, et die
9.[a] Augusti proxime pręteriti apertum fęliciter est, et infinito urbis [pausu], et omnium
ordinum [concurtu] noua hęc puellarum custodiendarum et instruendarum colonia
maiori qua fieri [poluti] solemnitate in suas ędes inuecta est.
Cum autem isdem litteris iubeas, me iterum ad Lusitaniam provocare, cui supremum
extremumq: uale cum discessi, dedisse cogitaueram, Non recuso pro tam benigna
Imperante, et tam egregia [presentim] causa diuinę glorię iterum me maribus,
tempestatibusq: committere. Hoc unum uereor, ne plus damno propter peccata
mea, quam prouentu sim operi prorsus diuino quod moliris, domui scilicet [aercitiorum]
neq: multum miror, quod tam sento festinaueris pede; quin immo tot etiam dificultates
incurrar: De nouo ac adeo efficaci mortalium Tÿrocinio agitur, quo solo nomine
audito totus ardet acfurit Infernus: quoties id ipsi confessi sunt Dęmones, ut [nostrę]
memorant Historię; et ego plane id [expertus] iurare possum: Hortor igitur et Obsecro
in Cristi uisceribus Maiestatem tuam, ut ab opere tam Deo grato, et hominibus salutari
super omnia alia pia opera, non desistas: Ego non unam uitam, et animam, sed mille
pro ea impederem, si haberem; nom enim iam facta pulcherrima sed prodigia nec
sane pauca narranda habeo de exercitijs inter [hoç] semiuiros, uel semicatolicos Maranno-
:nij tam sepe administratis: uidere aliqua poterit Maiestas tua si libueris in hac [fusiore]
narratione, quam mitto per Patrem Confessorium: Ad te siquidem tamquam ad causam spectant ea via
Quod si has propemodum Pethas, Ęthiopes, Europeos, Indigenas, Allos nigros, mintos sic potenter
afficiunt, urgente, agitant illuminant, et uere conuertunt quid faciet cęlestis hęc
machina in Aula et urbe tam culta, et mundo propepari? Ser.[mus] et Fidelissimus Rex
Filius maiest*at*is suę non potest immemer esse sui et promissionis mihi sancte [eas sef: facte];
quamquam et non mihi sed Deo Regum omnium Regi facta est quam improbus nimis
essem nise eam securissimam iudicarem et ipropene fide fermiorem
Osculatur manus Maiestatis mę August.[mę], pro qua semper orat, et oralit plus quam pro matre
Subditorum Infimus
Gabriel Malagrida

Doc 10 (AL-001-025 f. 2r)



Augustissima e Clementissima Rainha minha Senhora

Para responder mais dignamente ás cartas com que V. M. se dignou honrar a este cão muito, empregarei as palavras do meu divino Senhor e Mestre, quando, subindo ao Ceu se apresentou ao seu eterno Padre dizendo: "Acabei, Clementissima e Augustissima Senhora, a obra que me destes para fazer, quando V. M. me mandou ir passar com os mais uma estação do Maranhão. Com effeito, apesar da estiricez do tempo, não só se fundou um Seminario e se fizeram de meninos que os Nossos Padres criam e instruam em virtude e lettras com o mais terno cuidado e se levantou todo o fundamento de um Mosteiro mas tambem se acabou e se mobilou um Conservatorio ou recolhimento para raparigas. Abriram-se felizmente este no dia 5 de may do anno proximo passado — e com grande affluencia de gente, concurso de todas as classes e com toda a solemnidade que foi possivel. Deo entrada no seu novo Asylo para nelle encontrar amparo e educação uma nova colonia de meninas.

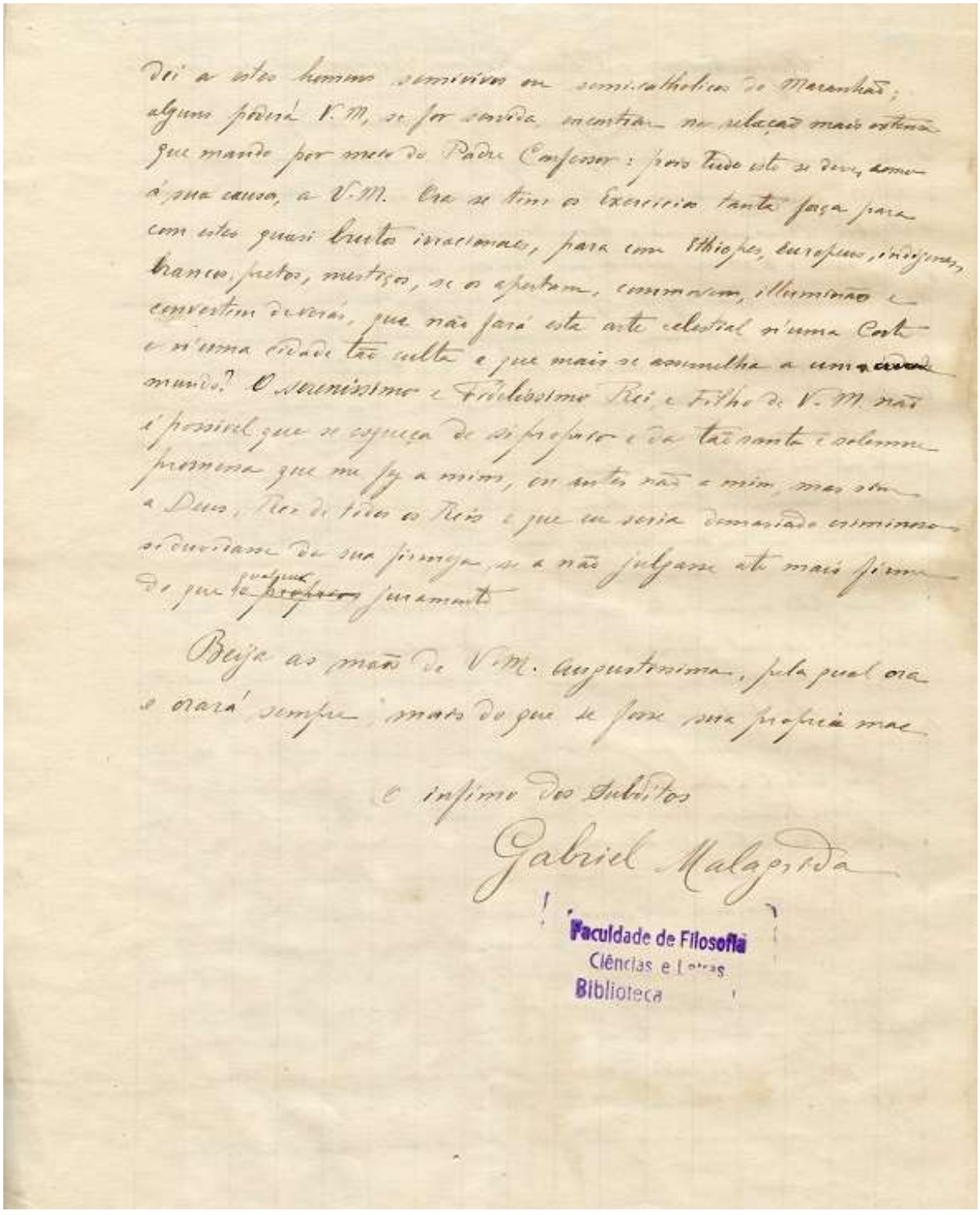
Como pela mesma carta me mandou V. M. chamar outra vez para Portugal, de que tinha ja que dizer, ou embarcar, e ultimamente nisto mesmo adoeci, não me vendo eu, pela brandade da pessoa que me manda — sobretudo por uma obra tanto da gloria de Deus e aproveitamento tão grande das Imfestadas. Só receio que pelos meus pecados, seja eu antes com obstaculo que um promotor d'obra tão divina que V. M. traz entre mãos, porque vejo a Casa pouca para tantas. Não me admiro muito que ella adiante tão devagar e atè mesmo tenha tantas difficuldades. Trata-se de uma escola nova e muito efficaz para a salvação dos homens e cujo nome só basta muitas vezes que o inferno todo arda em furias e quantas vezes confessamos este mesmo os peccados demonios, como referem as nossas historias, e os mesmos peccados jurar pela propria perdição. Coitados pois e vejo e V. M. pelos entranhas de Christo, que não dê demão uma obra tanto do agrado de Deos e para tanta vantagem nossa — a todas as demais pias obras, para a salvação das almas. Em fim ella daria mais uma vida e mais almas, mas mil e mil tivera. Quantas provetas ou contas, não digo já casos bellissimos, mas verdadeiros prodigios, obrados ou exercitios por tantas vezes

25-T/1

||2r||Augustissima e Clementissima Rainha, minha Senhora
Para responder mais dignamente ás cartas com que V*ossa* M*ajestade* se
dignou honrar a este cão morto, empregarei as palavras do meu divino Senhor
e Mestre, quando, subindo ao Ceu se apresentou ao seu eterno Padre e disse:
"Acabei, Clementissima e Augustissima Senhora, a obra que me destes que
fazer, quando V*ossa* M*ajestade* me mandou que passasse com as naus reais a este Estado
do Maranhão. Com effeito, apesar da estreiteza do tempo; não se' se fundou
um Seminario e se povoou de meninos que os Nossos Padres criam e instruem
em virtude e lettras com o maximo cuidado, e se levantou desde os fundamen
tos ate ao tecto um mosteiro para as futuras freiras, mas tambem se acabou
e se mobilou um conservatorio ou recolhimento para raparigas. Abriu-se feliz-
mente este no dia 5 do mez de Agosto proximo passado e com grande applauso
da cidade, concurso de todas as classes e com toda a solemnidade que foi possivel
deu entrada no seu novo edificio para nelle encontrar amparo e educação
essa nova colonia de meninas.
Como pela mesma carta me mandou V*ossa* M*ajestade* chamar outra vez para
Portugal, ao qual [cuidava] eu que dizia, ao embarcar, o ultimo e supremo
adeus, não me recuso eu, pela bondade da pessoa que me manda e sobretudo
por uma obra tanto da gloria de Deus a arrastar outra vez com os mares e
as tempestades. Só receio que pelos meus peccados, seja eu antes um obstaculo
que um proveito á obra tão divina que V*ossa* M*ajestade* traz entre mãos, quero dizer a
Casa para Exercicios. Nem me admira muito que ella adeante tão devagar
e ate encontre tantas difficuldades. Trata se de uma escola nova e muito
efficaz para a salvação dos homens e cujo nome basta ouvir para
que o inferno todo arda em furia: quantas vezes confessaram isto mesmo
os proprios demonios, como referem as nossas historias, e eu mesmo o poderia
jurar pela propria experiencia. Exhorto pois e rogo a V*ossa* M*ajestade* pelas entranhas
de Christo, que não de demão uma obra tanto do agrado de Deus e que
tanta vantagem leva a todas as demais pias obras, para a salvação
das almas. Eu por ella daria não uma vida e uma alma, mas
mil se as tivesse. Quantas poderia eu contar, não digo ja rasgos
bellissimos, mas verdadeiros prodigios, sobre os exercicios que tantas vezes[29]

[29] Inscrições a lápis no canto superior esquerdo: rubrica; no canto superior direito: x 25; e no canto inferior esquerdo: 25-T/1

Doc 10 (AL-001-025 f. 2v)



dei a estes homens semivivos ou semi-catholicos do Maranhão; alguns poderá V. M. se for servida encontrar na relação mais extensa que mando por meio do Padre Confessor: pois tudo isto se deve, como á sua causa, a V. M. Ora se tem os Exercicios tanta força para com estes quasi brutos irracionaes, para com Ethiopes, Europeus, indigenas, brancos, pretos, mestiços, se os apertam, commovem, illuminão e convertem de verás, que não fará esta arte celestial n'uma Corte e n'uma cidade tão culta e que mais se assemelha a um ~~[illegible]~~ mundo? O serenissimo e Fidelissimo Rei e Filho de V. M. não é possivel que se esqueça de si proprio e da tão santa e solemne promessa que me fez a mim, ou antes não a mim, mas sim a Deus, Rei de todos os Reis e que eu seria demasiado criminoso se duvidasse da sua firmeza, se a não julgasse até mais firme do que ~~o proprio~~ qualquer juramento

Beija as mãos de V. M. Augustissima, pela qual ora e orará sempre, mais do que se fosse sua propria mãe

O infimo dos Subditos

Gabriel Malagrida

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca

||2v||dei a estes homens semivivos ou semicatholicos do Maranhão;
alguns poderá V*ossa* M*ajestade*, se for servida, encontrar na relação mais extensa
que mando por meio do Padre Confessor: pois tudo isto se deve, como
á sua causa, a V*ossa* M*ajestade* Ora se tem os Exercicios tanta força para
com estes quasi brutos irracionaes, para com Ethiopes, Europeus, indigenas,
brancos, pretos, mestiços, se os apertam, commovem, illuminão e
convertem deverás, que não fará esta arte celestial n'uma Corte
e n'uma cidade tão culta e que mais se assemelha a um [**]
mundo? O Serenissimo e Fidelissimo Rei, e Filho de V*ossa* M*ajestade* não
é possivel que se esqueça de si proprio e da tão santa e solemne
promessa que me fez a mim, ou antes não a mim, mas sim
a Deus, Rei de todos os Reis e que eu seria demasiado criminoso
se duvidasse da sua firmeza, se a não julgasse ate mais firme
do que <qualquer>~~o próprio~~ juramento
Beija as mãos de V*ossa* M*ajestade* Augustissima, pela qual ora
e orará sempre, mais do que se fosse sua propria mae
O infimo dos Subditos
Gabriel Malagrida[30]

[30] Na parte inferior do documento está o carimbo da biblioteca.

Doc 11 (AL-001-026 f. 1r)

(26)

Serenissima Sra.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

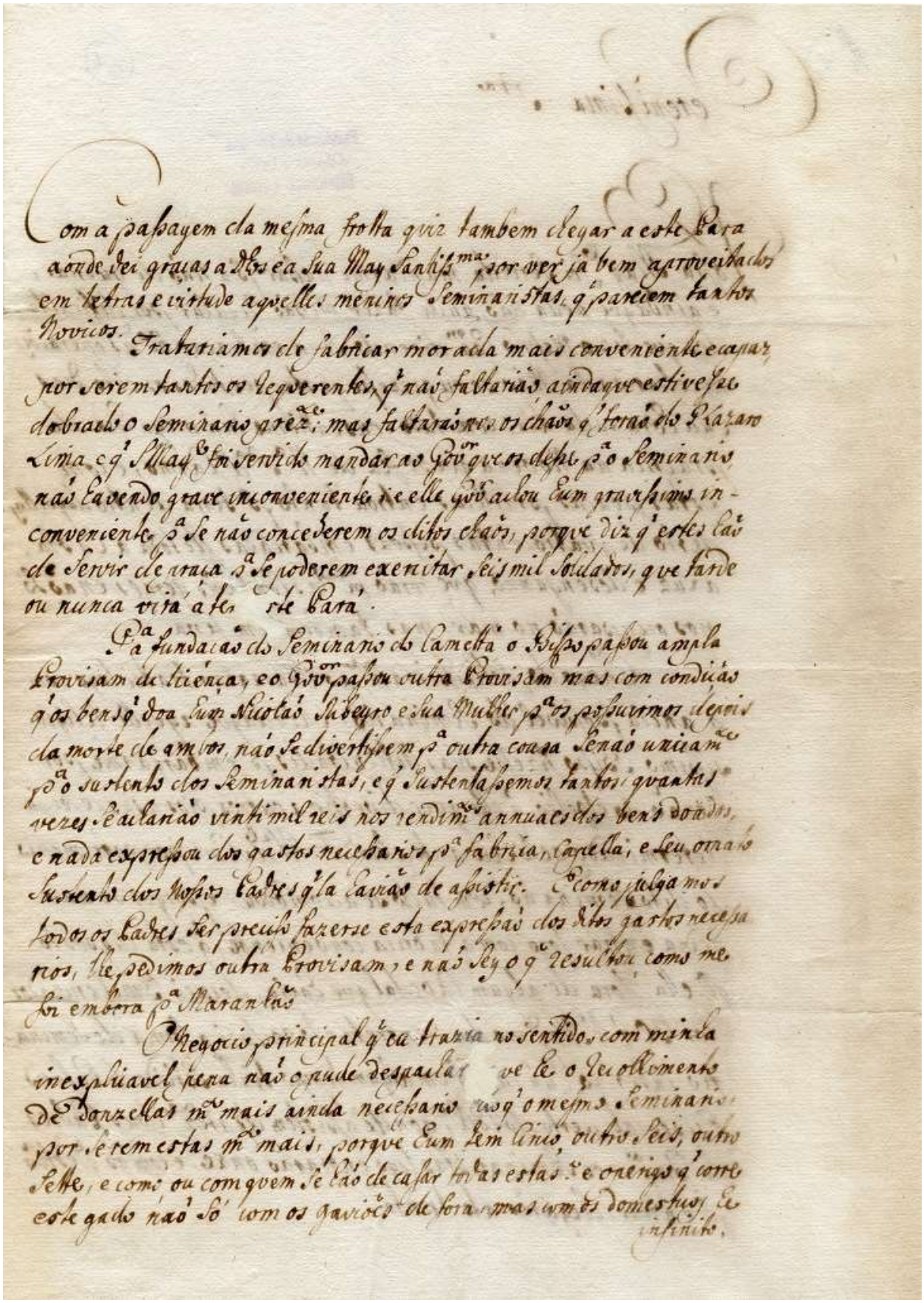
Vossa Mag.de foi servida mandarme passar p.a a Naõ de guerra, e aindaque nella naõ aude fazer missaõ regular por dificultades que fez o mesmo Cap.m dizendo seria embraçar m.to as operaçoẽs necessarias da Naõ se eu quizesse gastar per todos os oito dias huã hora cada dia; com tudo consentiome huã meya hora de practica na Novena que se fez de N.a S.ra do Carmo, e com estas poucas practicas entrou tanto p.a terra dentro daquellas perto de quatrocentas pessoas embarcadas de toda a Casta, a Luz e desenganno, que foraõ m.tas as Cr[illegible]ões geraes, e naõ só nos occuparaõ no mar, mas tambem em terra.

Chegado felicissimam.te ao Maranhaõ tratei logo com a ancia possivel do Seminario, e aindaque aquelle Religiosissimo Bispo fizesse suas dificultades p.a embargarme por rezaõ do espolio, q' elle quer divertir a outros pios usus, e foi ja determinado pelo seu antecessor Fr. M.el da Cruz por patrimonio do dito Seminario, com tudo se accomodou; e porque se naõ podia entrar logo com a fabrica conveniente, q' está disposto p.a ella fora de algum Cabedal que havia, deixei 3 mil cruzados dos 30 q' V. Mag.de me deu; entretanto reduzi a forma de Seminario interino huã ca[illegible] q' em algum tempo tinha servido de Palacio Episcopal, perto do Coll.o, aonde assistem de prez.te dous Padres da Comp.a e os Seminaristas logo entraraõ onze, e com os q' estaõ p.a entrar chegaraõ ate trinta.

26/1

||1r||Serenissima S*enhora*
Vossa Mag*estade* foi servida mandarme passar p*ara* a Náo de guerra,
e aindaque nella não pude fazer missão regular por difilculta-
des que fez o mesmo Cap*itão* dizendo seria embraçar m*uito* as operações
necessarias da Náo se eu quizesse gastar per todos os oito dias
hu'a hora cada dia; com tudo consentiome huá meya hora de
practica na Novena que se fez de N*ossa* S*enhora* d*o* Carmo, e com
estas poucas practicas entrou tanto p*ara* terra dentro daquellas
perto de quatrocentas pessoas embarcadas de toda a Casta,
a Luz e desenganno, que fora'o m*uitas* as [confissões] geraes, então só
nos occuparão no mar, mas tambem [e]m terra.
Chegado felicissimam*en*te ao Maranhão tratei logo com
a ancia possivel do Seminario, e aindaque aquelle Religio-
sissimo Bispo fizesse suas dificultades p*ara* embargarme por
Rezão do espolio, q*ue* elle quer divertir a outros pios usus, e foi ja
determinado pelo Seu antecessor Fr*ei* M*anoel* da Cruz por patrimonio
do dito Seminario, com tudo se accomodou; e porque se não
podia entrar logo com a fabrica conveniente, q*ue* está disposto
p*ara* ella, fora de algum Cabedal que havia, deixei 3 mil cruzados
dos 30 q*ue* V*ossa* Mag*estade* me deu; entretanto reduzi a forma do Semina-
rio interino hua' ca[.] em algum tempo tinha servido de Palacio
Episcopal, perto do Coll*égio*, aonde assistem de prez*ente* dous Padres
da Comp*anhia*, e os Seminaristas logo entrarão onze, e com os q*ue* estão
p*ara* entrar, chegarão ate trinta.

Doc 11 (AL-001-026 f. 1v)



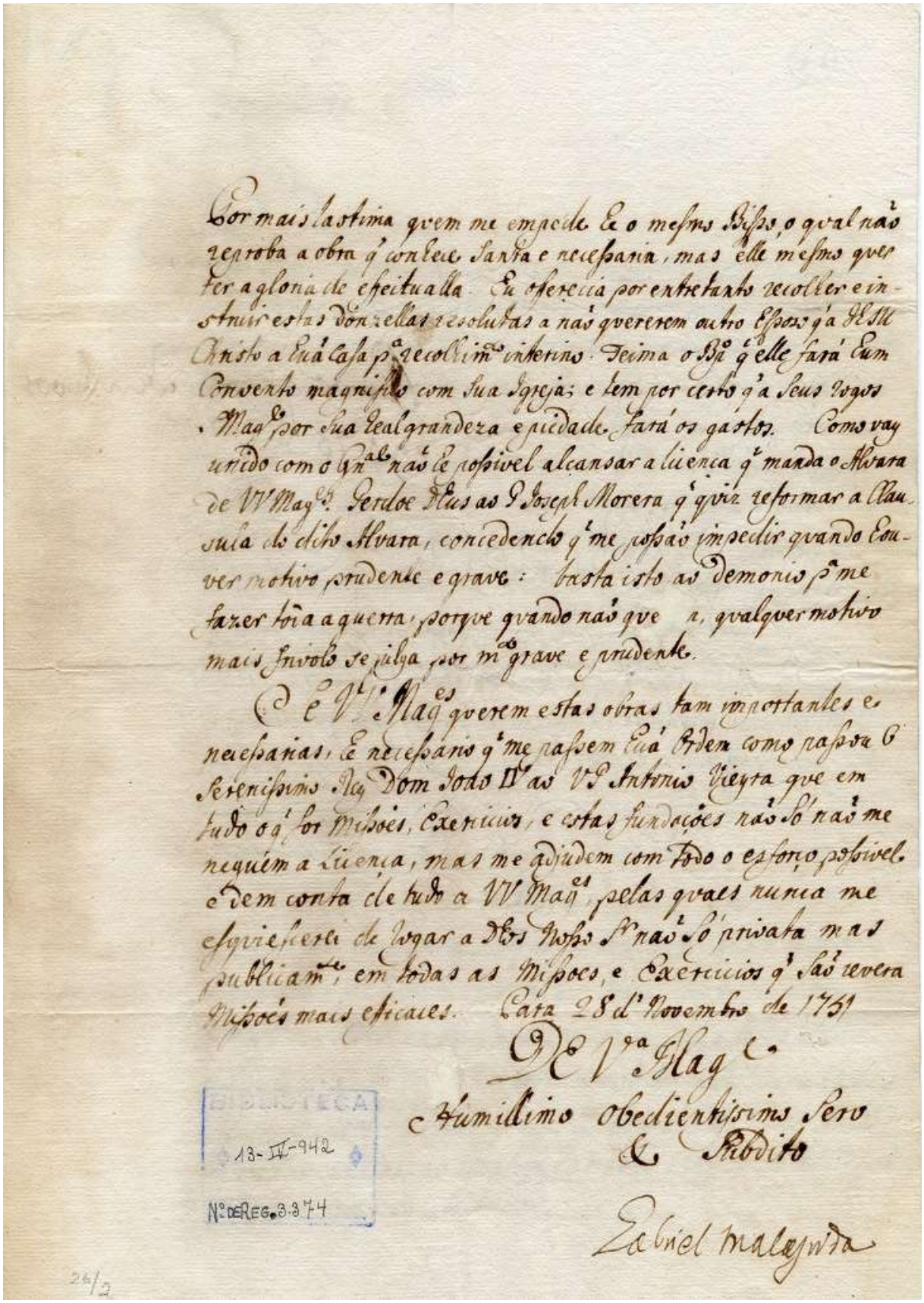
Com a passagem da mesma frotta quiz tambem chegar a este Para
aonde dei graças a Deos e a Sua May Santiss.ma por ver ja bem aproveitados
em letras e virtude aquelles meninos Seminaristas, q. parecem tantos
Novicos. Trataríamos de fabricar morada mais conveniente e capaz
por serem tantos os requerentes, q. não faltarião ainda que estivesse
dobrado o Seminario prez.te; mas faltarão nos os chãos q. forão do P. Lazaro
Lima e q. S. May.e foi servido mandar ao Gov.or que os desse p.a o Seminario
não havendo grave inconveniente, e elle Gov.or achou hum gravissimo in-
conveniente p.a se não concederem os ditos chãos, porque diz q. estes hão
de servir de praça p.a se poderem exercitar seis mil soldados, que tarde
ou nunca virá a ter este Pará.

P.a fundação do Seminario do Camellá o Bispo passou ampla
Provisam de licença, e o Gov.or passou outra Provisam mas com condição
q. os bens q. doa hum Nicolão Ribeyro e sua Mulher p.a os possuirmos depois
da morte de ambos, não se divertissem p.a outra cousa senão unicam.te
p.a o sustento dos Seminaristas, e q. sustentassemos tantos quantas
vezes se acharião vinti mil reis nos rendim.tos annuaes dos bens doados,
e nada expressou dos gastos necessarios p.a fabrica, Capella, e seu ornato
sustento dos nossos Padres q. la havião de assistir. E como julgamos
todos os Padres ser preciso fazerse esta expressão dos ditos gastos necessa-
rios, lhe pedimos outra Provisam, e não sey o q. resultou como me
foi embora p.a Maranhão.

O Negocio principal q. eu trazia no sentido, com minha
inexplicavel pena não o pude despachar que he o recollimento
de donzellas m.to mais ainda necessario q. o mesmo Seminario
por serem estas m.to mais, porque hum tem cinco, outro seis, outro
sette, e como ou com quem se hão de casar todas estas? e o perigo q. corre
este gado não só com os gaviões de fora, mas com os domesticos he
infinito.

||1v||Com a passagem da mesma frotta quiz tambem chegar a este Para
aonde dei graças a DEos e a Sua Mag*estade* Santiss*ima* por ver ja bem aproveitados
em letras e virtude aquelles meninos Seminaristas, q*ue* parecem tantos
novicos.
Tratariamos de fabricar morada mais conveniente e capaz,
por serem tantos os requerentes, q*ue* não faltarião aindaque estivesse
dobrado o Seminario prez*ente*; mas faltarão nos os chãos q' forão do P*adre* Lazaro
Lima e q*ue* S*ua* Mag*estade* foi servido mandar ao Gov*ernador* que os desse p*ara* o Seminario,
não havendo grave inconveniente; e elle Gov*ernador* achou hum gravissimo in-
conveniente p*ara* se não concederem os ditos chãos, porque diz q*ue* estes hão
de servir de graça p*ara* se poderem exercitar seis mil soldados, que tarde
ou nunca vira' a te[r es]te Pará.
P*ara* a fundação do seminario do Cametta o Bispo passou ampla
Provisam de licença, e o Gov*ernador* passou outra Provisam mas com condição
q*ue* os bens q*ue* doa hum Nicoláo Ribeyro e sua Mulher p*ara* os possuimos depois
da morte de ambos, não se divertissem p*ara* outra cousa senão unicam*ente*
p*ara* o sustento dos seminaristas, e q*ue* sustentassemos tantos, quantas
vezes se acharião vinti mil reis nos rendim*entos* annuaes dos bens doados,
e nada expressou dos gastos necessarios p*ara* fabrica, Capella, e Seu ornato
sustento dos nossos Padres q*ue* la havião de assistir. E como julgamos
todos os Padres ser preciso fazerse esta expressão dos ditos gastos necessa
rios, lhe pedimos outra Provisam, e não sey o q*ue* resultou como me
foi embora p*ara* Maranhaõ
O negocio principal q*ue* eu trazia no sentido, com minha
inexplicavel pena naõ o pude despachar [q]ve he o recolhimento
de donzellas m*uito* mais ainda necessario do q*ue* o mesmo seminario,
por serem estas m*uito* mais, porque hum tem cinco, outro seis, outro
sette, e como ou com quem se hão de casar todas estas? e operigo q*ue* corre
este gado naõ só com os gaviões de fora, mas com os domesticos he
infinito.

25 Doc 11 (AL-001-026 f. 2r)



Por mais lastima quem me empede he o mesmo Bisso, o qual não reproba a obra q̃ conhece Santa e necessaria, mas elle mesmo quer ter a gloria de effeitualla. Eu offerecia por entretanto recolher e instruir estas donzellas resolutas a não quererem outro Esposo q̃ a JESU Christo a huã Casa p.ª recolhim.to interino. Teima o Bp.º q̃ elle fará hum Convento magnifico com sua Igreja; e tem por certo q̃ a seus rogos Mag.de por sua Real grandeza e piedade fará os gastos. Como vay unido com o Gn.al não he possivel alcansar a licença q̃ manda o Alvara de VV Mag.es. Perdoe Deus ao P. Joseph Morera q̃ quiz reformar a Clausula do dito Alvara, concedendo q̃ me possão impedir quando houver motivo prudente e grave: basta isto ao demonio p.ª me fazer toda a guerra, porque quando não que[illegible]n, qualquer motivo mais frivolo se julga por m.to grave e prudente.

Se VV Mag.es querem estas obras tam importantes e necessarias, he necessario q̃ me passem huã Ordem como passou o Serenissimo Rey Dom João IV ao V.P. Antonio Vieyra que em tudo o q̃ for Missões, Exercicios, e estas fundações não só não me neguem a Licença, mas me adjudem com todo o esforço possivel e dem conta de tudo a VV Mag.es, pelas quaes nunca me esquiescerei de rogar a Deos Nosso S.r não só privata mas publicam.te em todas as Missões, e Exercicios q̃ são revera Missões mais efficaces. Para 28 d'Novembro de 1751

De V.ª Mag.e

Humillimo Obedientissimo Servo & Subdito

Gabriel Malagrida

BIBLIOTECA
13-IV-942
Nº DE REG. 3374

26/2

||2r||Por mais lastima quem me empede he o mesmo Bispo, o qual não reproba a obra q*ue* conhece santa e necessaria, mas elle mesmo quer ter a gloria de effectualla. Eu offerecia por entretanto recolher e instruir estas donzellas resolutas a não quererem outro espozo q*ue* a IESU Christo a hua' casa p*ara* recolhim*ento* interino. Teima o B*i*sp*o* q*ue* elle fará hum Convento magnifico com sua Igreja; e tem por certo q*ue* a seus rogos S*ua* Mag*estade* por sua Real grandeza e piedade fará os gastos. Como vay unido com o G*ener*al não he possivel alcansar a licença q*ue* manda o Alvara de V*ossa* Mag*estade*. Perdoe DEus ao P*adre* Joseph Morera q*ue* qviz reformar a Clausula do dito Alvara, concedendo q*ue* me possão impedir quando houver motivo prudente e grave: basta isto ao demonio p*ara* me fazer toda a guerra, porque quando não que [...]n, qualquer motivo mais frivolo se julga por m*uito* grave e prudente.

Se V*ossa* Mag*estades* qverem estas obras tam importantes e necessarias, he necessario q*ue* me passem hua' Ordem como passou O Serenissimo Rey Dom Ioao IV ao VP*adre* Antonio Vieyra qve em tudo o q*ue* for Missoes, Exercicios, e estas fundações não só não me neguem a Licença, mas me adjudem com todo o esforço possivel e dem conta de tudo a V*ossas* Mag*estades*, pelas qvaes nunca me esqviescerei de rogar a DEos Nosso S*enhor* naõ só privata mas publicam*ente*, em todas as Missoes, e Exercicios q*ue* são severa Misso'es mais efficaces. Para 28 d*e* Novembro de 1751

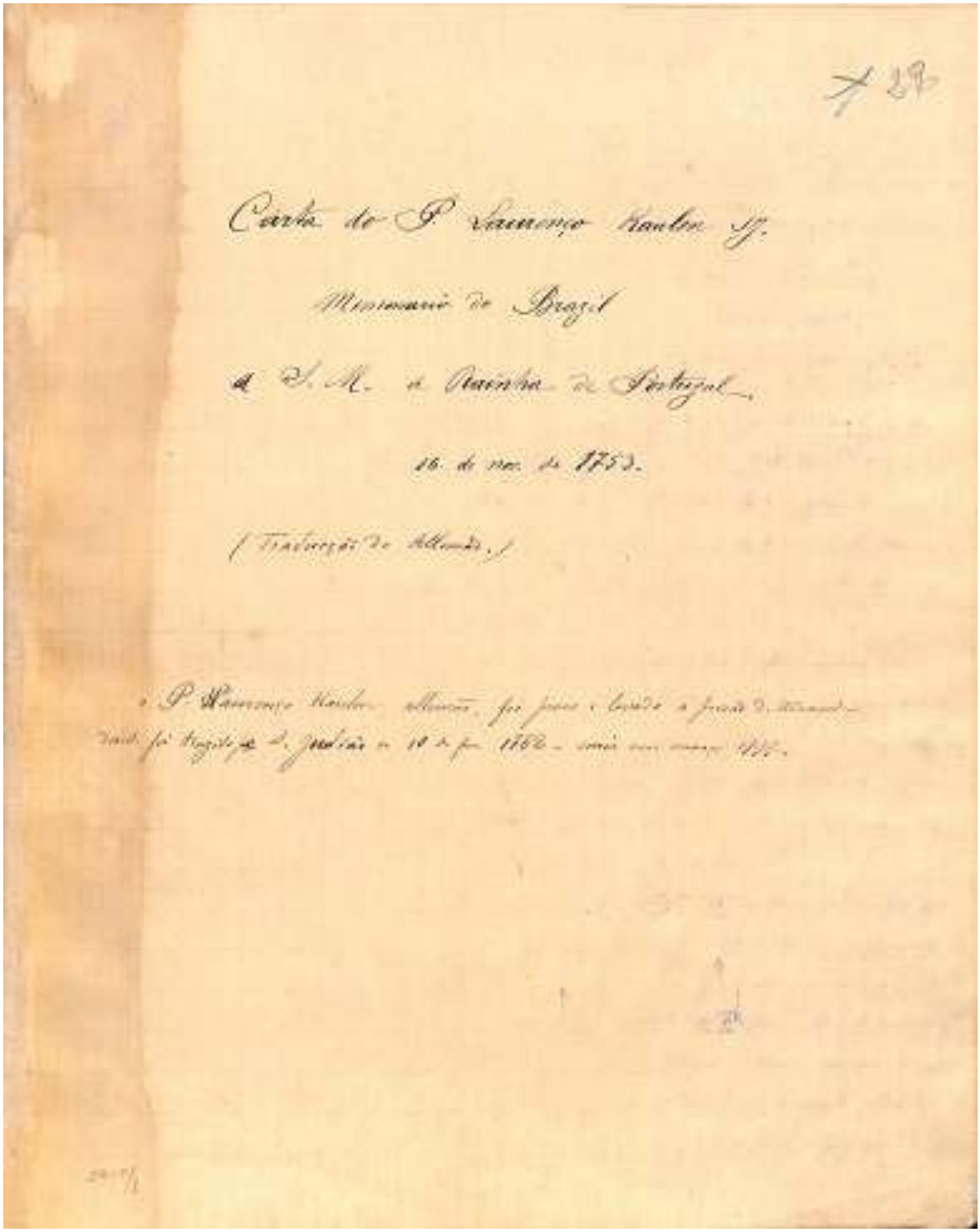
DEV*ossa* Mag*estade*

Humillimo Obedientissimo Serv*o*

& Subdito

Gabriel Malagrida

Doc 12 (AL-001-029 f. 1r)



Carta do P. Lourenço Kaulen S.J.

Memorario do Brazil

a S. M. a Rainha de Portugal.

16 de nov. de 1753.

(Traducção do Allemão.)

O P. Lourenço Kaulen allemão, foi preso e levado a prisão d'Almeida — dado foi trazido a S. Julião em 10 de fev. 1762 — saiu em março 1777.

||1r||Carta do P*adre* Lourenço Kaulen S*ociedade de* J*esus*.[31]

Missionario do Brazil

a S*ua* M*ajestade* a Rainha de Portugal.

16 de nov*embro* de 1753.

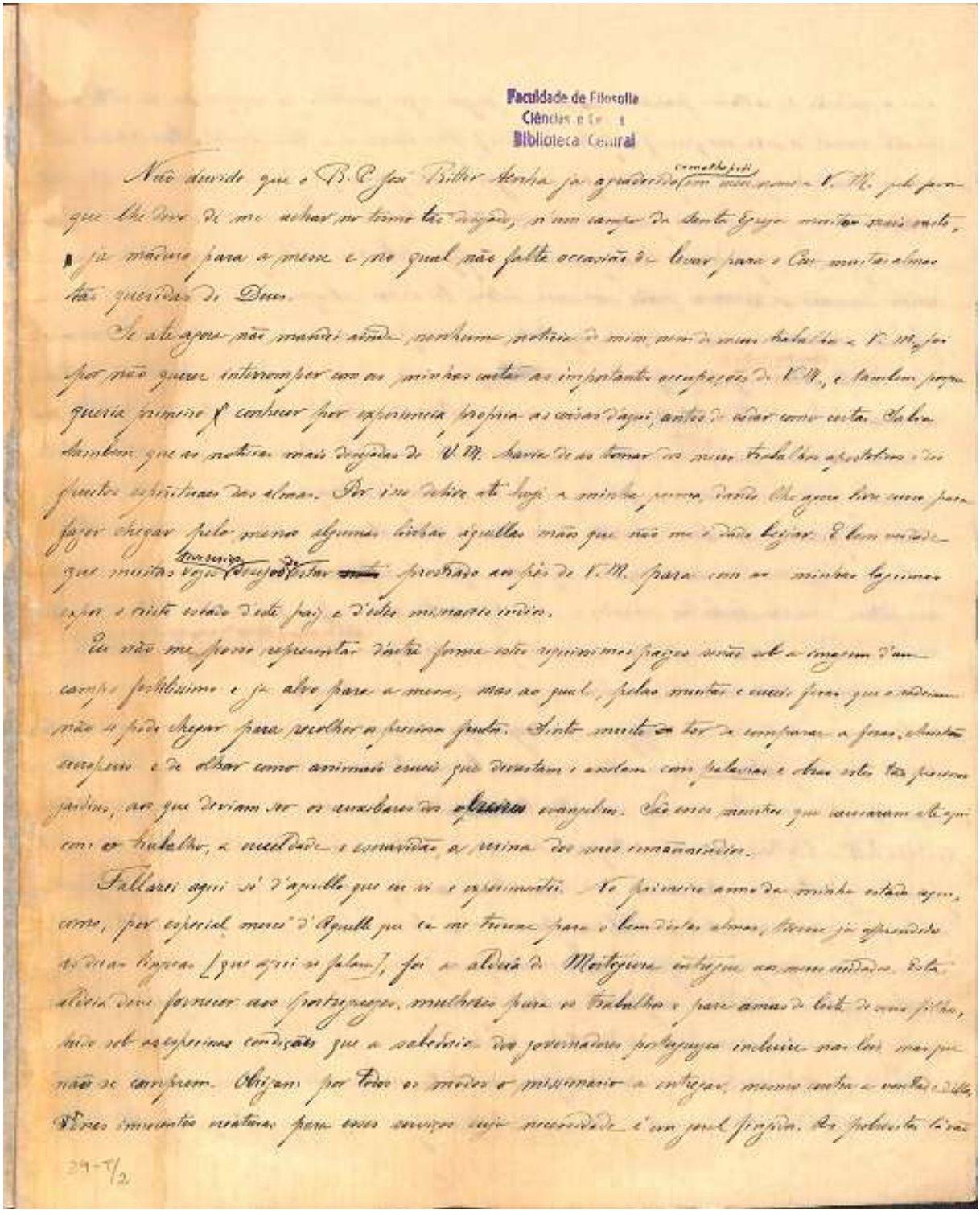
(Traducção do Allemão.)

o P*adre* Lourenço Kaulen, allemão, foi preso e levado à prisão de Almeida

donde foi trazido p*ara* S*ão* Julião em 10 de fev*ereiro* 1762 - saiu em março 1777.

[31] Sinal à lápis no canto superior direito.

Doc 12 (AL-001-029 f. 2r)



Faculdade de Filosofia
Ciências e Le
Biblioteca Central

Não duvido que o R.P. Jose Bitter tenha já agradecido a V. M. pelo favor que lhe deve de me achar no termo de Angoim, e num campo de santo Iago muito rico, e já maduro para a messe e no qual não falte occasião de levar para o Ceo muitas almas ás quaes dio Deus.

Se até agora não mandei alguma noticia de mim, nem de meus trabalhos a V. M. foi por não querer interromper com as minhas cartas as importantes occupações de V. M., e também porque queria primeiro ir conhecer por experiencia propria as cousas destas partes, antes de dar como certas. Sabia tambem que as noticias mais desejadas de V. M. havia de as tomar os meus trabalhos apostolicos e os frutos espirituaes das almas. Por isso deixei até hoje a minha penna. Agora vou mandar para fóra algumas cartas aquellas mãos que não me é dado beijar. E bem verdade que muitas vezes desejo prostrado aos pés de V. M. para com as minhas lagrimas expor o triste estado deste paiz e dalli mesmo receber.

Eu não me posso representar dentro de forma como appareceo aos olhos de Moysés a magestade d'um campo fertilissimo e já alvo para a messe, mas ao qual, faltão muitos e muitos braços que o cultivem não o pode chegar para recolher a preciosa fructa. Sinto muito em ter de comparar a terra, e gente aonde estou e de dizer como animaes entre quem vivemos e andamos com palavras e obras feitas feras, ao que deviam ser os exemplares do Clero evangelico. São estes mesmos que amaldiçoam a Deus com as boccas, e execrações e commettem as ruinas dos seus semelhantes.

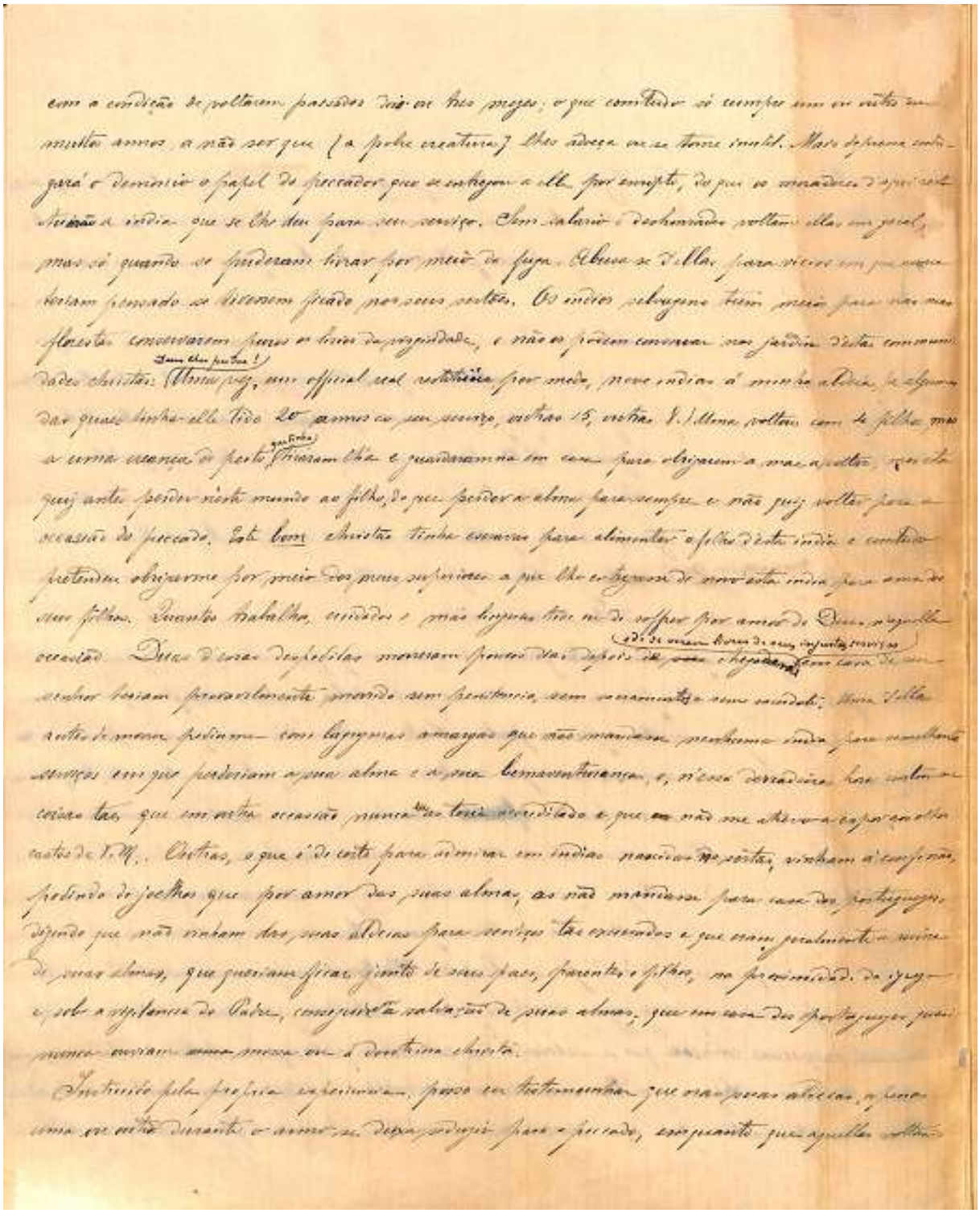
Fallarei agora só d'aquelle que eu vi e experimentei. No principio annos de minha estada aqui, como, por especial mercê d'Aquelle que os me trouxe para o bem destas almas, tinha já aprendido a minha lingoa (que aqui se falla), foi a aldeia de Moitojima entregue aos meus cuidados. Esta aldeia deve fornecer aos portuguezes, mulheres para os trabalhos e para amas de leite de seus filhos, mas sob as especiaes condições que a sabedoria dos governadores portuguezes incluirão nas leis mas que não se cumprem. Mirjam por todos os meios e missionario a entregar, mesmo contra a vontade delle. Estes miseraveis creaturas para esses serviços cuja necessidade é com geral fundada. As seguintes leis

29-T/2

||2r||[32]Não duvido que o R*everendissimo* P*adre* José Ritter tenha ja agradecido <como lhe pedi> em meu nome a V*ossa* M*ajestade* pelo favor
que lhe devo de me achar no termo tão desejado, n'um campo da Santa Egreja muito mais vasto,
ja maduro para a messe e no qual não falta occasião de levar para o Ceu muitas almas tão queridas de Deus.
Se ate agora não mandei ainda nenhuma noticia de mim, nem de meus trabalhos a V*ossa* M*ajestade*, foi
por não querer interromper com as minhas cartas as importantes occupações de V*ossa* M*ajestade*, tambem porque
queria primeiro ~~p~~ conhecer por expericencia propria as coisas d'aqui, antes de as dar como certas. Sabia
tambem que as noticias mais desejadas de V*ossa* M*ajestade* havia de as tomar dos meus trabalhos apostolicos e dos
fructos espirituaes das almas. Por isso detive ate hoje a minha penna, dando lhe agora livre curso para
fazer chegar pelo menos algumas linhas áquellas mãos que não me é dado beijar. É bem verdade
que muitas vezes <tive sérios> desejos <de> estar ~~ante~~ prostrado aos pés de V*ossa* M*ajestade* para com as minhas lagrimas
expor o triste estado d'este paiz e d'estes miseraveis indios.
Eu não me posso representar d'outra forma estes riquissimos paizes senão sob a imagem d'um
campo fertilissimo e ja alvo para a messe, mas ao qual, pelas muitas e crueis feras que o rodeiam
não se pode chegar para recolher os preciosos fructos. Sinto muito ~~de~~ ter de comparar a feras, christãos
europeus e de olhar como animais crueis que devastam e assolam com palavras e obras estes tão preciosos
jardins, aos que deviam ser os auxiliares dos obreiros[33] evangelicos. São esses monstros que causaram ate aqui
com o trabalho, a crueldade e escravidão, a ruina dos seus irmãos os indios.
Fallarei aqui só d'aquillo que eu vi e experimentei. No primeiro anno da minha estada aqui,
como, por especial mercé d'Aquelle que cá me trouxe para o bem d'estas almas, tivesse ja apprendido
as duas linguas [que aqui se falam], foi a aldeia de Mortigura entregar aos meus cuidados. Esta
aldeia deve fornecer aos portuguezes, mulheres para os trabalhos e para amas de leite de seus filhos,
tudo sob as especiosas condições que a sabedoria dos governadores portuguezes incluiu nas leis, mas que
não se cumprem. Obrigam por todos os modos o missionario a entregar, mesmo contra a vontade d'ellas
~~d~~ essas innocentes creaturas para esses serviços cuja necessidade é em geral fingida. As pobresitas lá vão

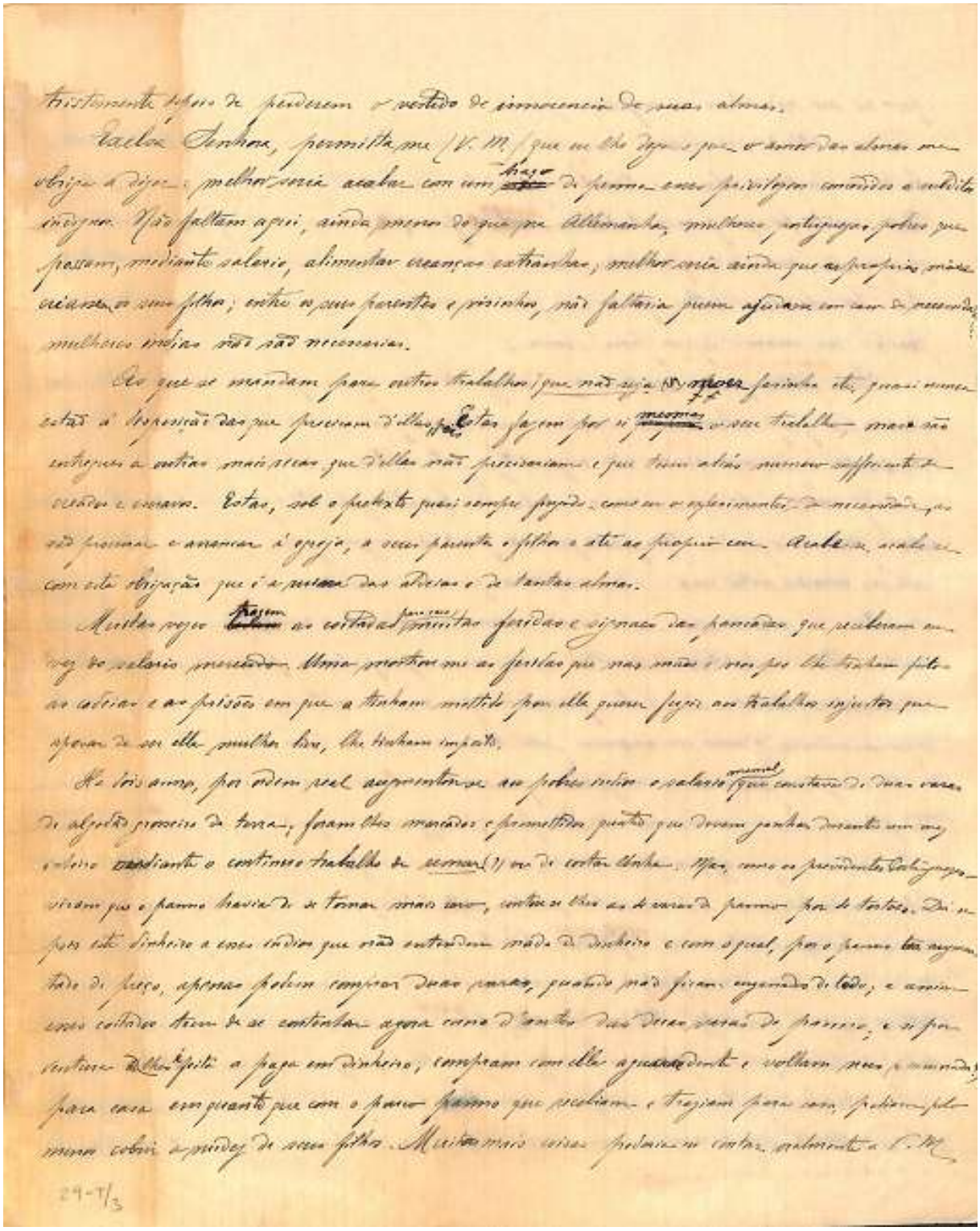
[32] No centro superior apresenta o carimbo da Faculdade de filosofia Ciências e Letras, Biblioteca Central.
[33] escrito por cima de outra palavra

Doc 12 (AL-001-029 f. 1v)



||2v||com a condição de voltarem passados dois ou tres mezes; o que comtudo só cumpre um ou outro em
muitos annos, a não ser que [a pobre creatura] lhes adoeça ou se torne inutil. Mais depressa entre-
gará o demonio o papel do peccador que se entregou a elle por escripto, do que os moradores d'aqui resti-
tuirão a india que se lhe deu para seu serviço. Sem salario e deshonradas voltam ellas em geral,
mas só quando se puderam livrar por meio da fuga. Abusa se d'ellas para vícios em que nunca
teriam pensado se tivessem ficado nos seus sertões. Os indios selvagens teem meios para nas suas
florestas conservarem puros os lirios da virgindade, e não os podem conservar nos jardins d'estas communi-
dades christãs: <Deus lhes perdoe!> Uma vez, um official real restituiu, por medo, nove indias á minha aldeia, (a algumas
das quaes tinha elle tido 20 annos ao seu serviço, outras 15, outras 8.) Uma voltou com 4 filhos, mas
a uma creança de peito, <que tinha> tiraram lh'a e guardaramna em casa para obrigarem a mae a voltar; mas esta
quiz antes perder n'este mundo ao filho, do que perder a alma para sempre e não quiz voltar para a
occasião do peccado. Este bom christão tinha escravas para alimentar o filho d'esta india e comtudo
pretendeu obrigarme por meio dos meus superiores a que lhe entregasse de novo esta india para ama dos
seus filhos. Quantos trabalhos, cuidados e más linguas tive eu de soffrer por amor de Deus n'aquella
occasião. Duas d'essas despedidas morreram poucos dias depois de ~~para~~ chegarem <e de se verem livres de seus injustos serviços>: em casa de seu
senhor teriam provavelmente morrido sem penitencia, sem sacramentos e sem sacerdote. Uma d'ellas
antes de morrer pediu me com lagrymas amargas que não mandasse nenhuma india para semelhantes
serviços, em que perderiam a sua alma e sua bemaventurança, e, n'essa derradeira hora contou me
coisas taes que em outra occasião nunca <eu> as teria accreditado e que ~~eu~~ não me atrevo a expor aos olhos
castos de V*ossa* M*ajestade*. Outras, o que é de certo para admirar em indias nascidas ~~d~~no sertão, vinham à confissão,
pedindo de joelhos que por amor das suas almas, as não mandasse para casa dos portuguezes,
dizendo que não vinham das suas aldeias para serviços tão excusados e que eram geralmente a ruina
de suas almas, que queriam ficar junto de seus paes, parentes e filhos, na proximidade da igreja
e, sob a vigilancia do Padre, conseguirem a salvação de suas almas; que em casa dos portuguezes quasi
nunca ouviam ~~uma~~ missa ou a doutrina christã.
Instruido pela propria experiencia, posso eu testemunhar que nas suas aldeias, apenas
uma ou outra durante o anno se deixa seduzir para o peccado, emquanto que aquellas voltam

Doc 12 (AL-001-029 f. 2r)



tristemente olhos de perdessem o verdor de innocencia de suas almas.

Caeiro Senhor, permitta me V. M. que eu lhe diga o que o amor das almas me obriga a dizer: melhor seria acabar com um fogo de fornos como este principio commum a todas religiões. Não faltam aqui, ainda mesmo do que nas Allemanhas, mulheres, estrangeiras, pobres que passam, mediante salario, alimentar creanças estranhas; melhor seria ainda que as proprias mães criassem os seus filhos; entre os seus parentes e visinhos, não faltaria quem ajudasse com caldo de vacca; mulheres molles não são necessarias.

Do que se mandam para outros trabalhos que não sejam [illegible] faltam ahi numerosas estão a disposição das que fugiram d'ellas. Estas fogem por si mesmas ao seu trabalho mas não entregues a outras mais ricas que d'ellas não precisariam e que teem aliás mesmo soffrimento de creação e cuidado. Estas, sob o protexto quasi sempre forjado como um experimento de necessidade, não visitam e amamentam a propria, a seus parentes e filhos e até as fogem com horror, acabe com esta obrigação que é a ruina das almas e de tantas almas.

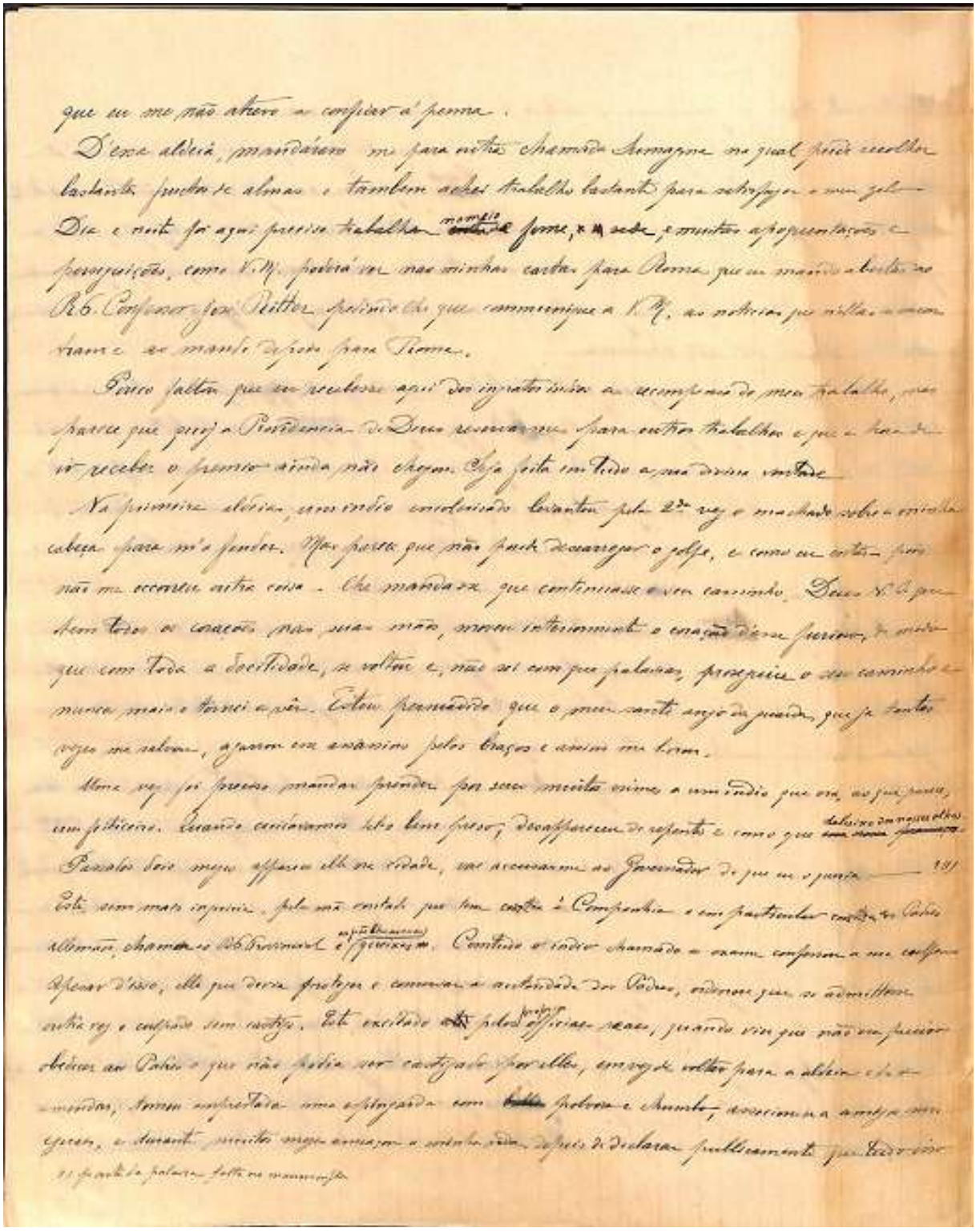
Muitas vezes as entradas permittas feridas e ajuntadas das lavadeiras que recebem em vez do salario promettido. Uma procurou-me as feridas pois mas mães e vezes lhe tinham feito as ordens e as prisões em que a tinham mettido para ella poder fugir ao trabalho injusto para apoiar de ser ella mulher livre, lhe tinham imposto.

Não vão assim, por ordem real augmentar as pobres rotas o salario mensal que constava de duas vacas de alguns progressos da terra, foram-lhes mandadas e permittido pastar que devem pedir durante um mez e deixar continuar o continuo trabalho de vaccas() ou de certas lavadeiras. Mas, como as providencias obrigatorias vieram pois o pannos haviam de se tornar mais caros, certas as lavadeiras de pannos fora de tantos. Dizem pois este dinheiro a essas rudes que não entendem nada de dinheiro e com o qual, por o pannos lhes augmentado de preço, apenas podem comprar duas vacas, quando não foram augmentado de todo, e assim essas coitadas teem de se contentar agora com o dobro das duas vacas de pannos, e si por ventura lhe pede a paga em dinheiro, compram com elle aguardente e voltam nus e mendigando para casa com quanto que com o pouco pannos que recebiam e trazem para casa, fechem-se pelo mesmo cobrir as partes de seus filhos. Muitas mais coisas poderia eu contar, palmente a V. M.

29-7/3

tristemente depois de perderem o vestido de innocencia de suas almas.
Exelsa Senhora, permitta me [V*ossa* M*ajestade*] que eu lhe diga o que o amor das almas me
obriga a dizer: melhor seria acabar com um traço[*em cima da rasura*] de penna esses privilegios concedidos a subditos
indignos. Não faltam aqui, ainda menos do que na Allemanha, mulheres portuguezas pobres que
possam, mediante salario, alimentar creanças extranhas; melhor seria ainda que as proprias mães
criassem os seus filhos; entre os seus parentes e visinhos, não faltaria quem ajudasse em caso de necessidade...
mulheres indias não são necessarias.
As que se mandam para outros trabalhos /que não seja moer farinha etc. quasi nunca
estão á desposição das que precisam d'ellas, pois estas fazem por si ~~proprias~~mesmas o seu trabalho, mas [x] são
entregues a outras mais ricas, que d'ellas não precisariam e que tem aliás numero sufficiente de
creadas e escravas. Estas, sob o pretexto quase sempre fingido – como eu o experimentei, – da necessidade, as
vão procurar e arrancar á egreja, a seus parentes e filhos e até ao proprio ceu. Acabe se, acabe se
com esta obrigação que é a ruina das aldeias e de tantas almas.
Muitas vezes ~~levam~~trazem as coitadas <para casa> muitas feridas e signaes das pancadas que receberam em
vez do salario merecido. Uma mostrou me as feridas que nas mãos e nos pes lhe tinham feito
as cadeias e as prisões em que a tinham mettido por ella querer fugir aos trabalhos injustos que
apesar de ser ella mulher livre, lhe tinham imposto.
Ha dois annos, por ordem real augmentouse aos pobres indios o salario <mensal> que constava de duas varas
de algodão grosseiro da terra; foram lhes marcados e promettidos quatro que devem ganhar durante um mez
inteiro mediante o continuo trabalho de remar(?) ou de cortar lénha. Mas, como os previdentes portuguezes -
viram que o panno havia de se tornar mais caro, contouse lhes as 4 varas de panno por 4 tostoes. Dá-se
pois este dinheiro a esses indios que não entendem nada de dinheiro e com o qual, por o panno tão augmen-
tado de preço, apenas podem comprar duas varas, quando não ficam enganados de todo; e assim
esses coitados teem de se contentar agora como d'antes das duas varas de panno; e se por
ventura [~~é~~] lhes <é> feita a paga em dinheiro, compram com ella aguardente e voltam nus (=sem nada?)
para casa emquanto que com o parco panno que recebiam e traziam para casa, podiam pelo
menos cobrir a nudez de seus filhos. Muito mais coisas poderia eu contar oralmente a V*ossa* M*ajestade*

Doc 12 (AL-001-029 f. 2 v)



que eu me não atrevo a confiar á penna.

D'esse abysmo, mandárão me para outra Aldeia Armagoa no qual pude recolher bastante fructo de almas e tambem achei trabalho bastante para satisfazer o meu zelo. Dia e noite fui aqui passo trabalhar nomeio [illegible] Jesus, e muitos apresentações e perseguições, como V. M. poderá ver nas minhas cartas para Roma que eu mando a Bahia ao R.do Confessor Jose Reitter pedindo lhe que communique a V. M. as noticias que nellas encontrar e as mande depois para Roma.

Pouco falta que eu recolha aqui do ingrato index a recompensa de meu trabalho, pois parece que pesa a Providencia de Deus recompensar-me para outro trabalho e que a hora de eu receber o premio ainda não chegou. Seja feita em tudo a sua divina vontade.

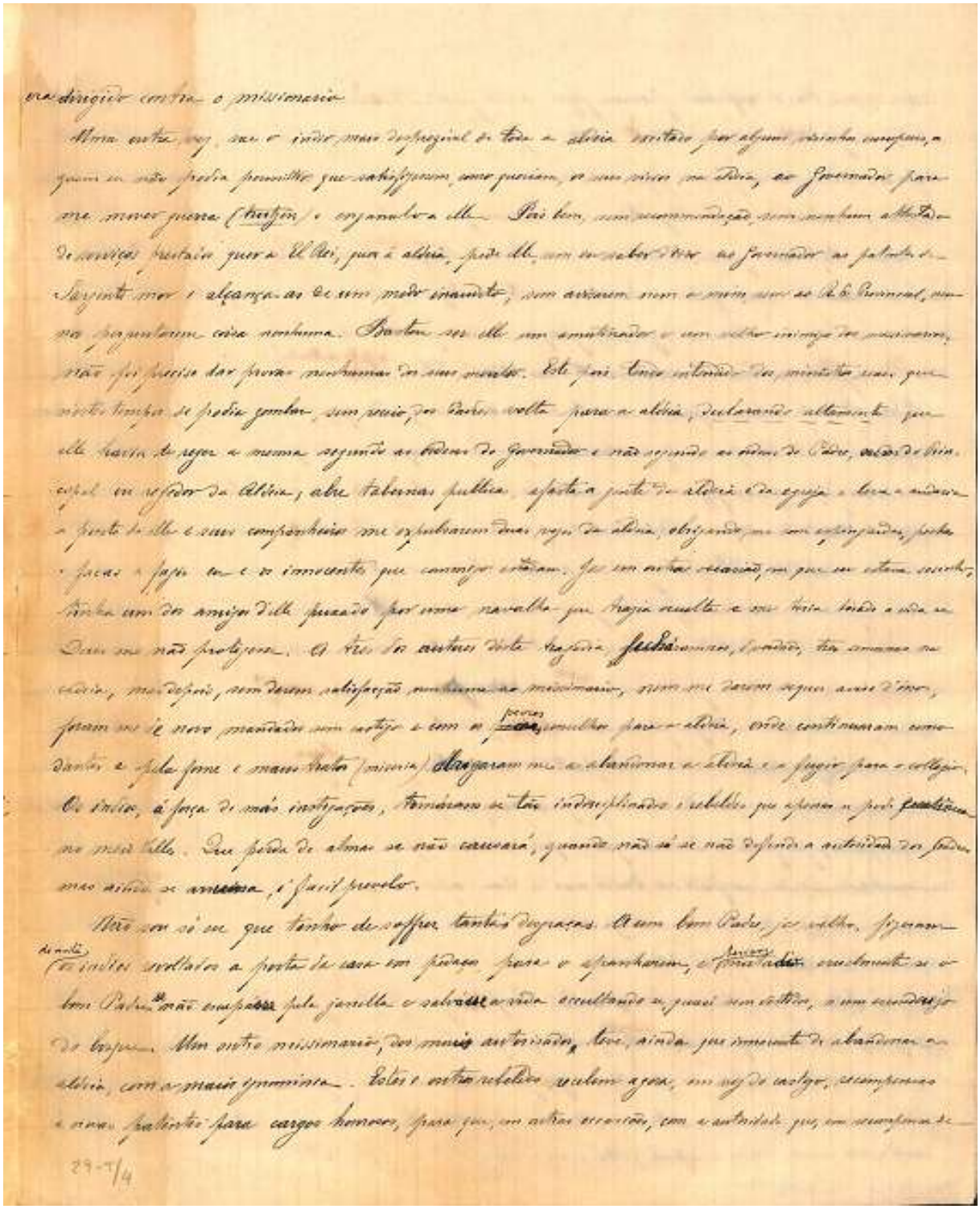
Na primeira aldeia, um medico enfeiticado bateu pelo 2.do rey e mandado sobre a minha cabeça para m'a fender. Não posso que não pude desanimar o feiticeiro, e como eu estou sem não me occorreu outra cousa. Che mandou ex que continuasse a ver cantando. Deus V. A. pus nesta hora o coração nas suas mãos, mandei interiormente o anjo de Deus fugir, e disse que com toda a docilidade, se voltou e, não só com suas palavras, prosegue o seu caminho e nunca mais o tornei a ver. Estou persuadido que o meu santo anjo da guarda, que já tantas vezes me valeu, agarrou-se a elle pelos braços e assim me livrou.

Outro rey foi preciso mandar prender por causa [illegible] a um medico que era, ao que parece, um feiticeiro. Quando entrávamos [illegible] desapparecem de repente e como que [illegible] Passado dois mezes appareceu elle na cidade, mas acommodou-se ao Governador de que eu o punira. 181

Este era mais sapinho, pois não contado que tem custado á Companhia e aos particulares cento e tantos Padres allemães, chamados os R.R. Brasmard e [illegible]. Continuo a todos chamando a exame confessar a mi confesso. Apesar d'isso, elle que devia proteger e commungar a autoridade dos Padres, ordenou que se admittisse outro rey e confessar sem exame. Este excitado [illegible] pelos officiaes reaes, jurando elle que não me queria obedecer aos Padres e que não podia ser castigado por elles, em vez de voltar para a aldeia e de me emendar, tomou emprestada uma espingarda com [illegible] polvora e chumbo, descarregou a arma sobre mim, e durante muito mez andou a minha vida [illegible] declarou finalmente que [illegible]

que eu me não atrevo a confeiar á penna.
D'essa aldeia, mandáram e para outra chamada Sumayma na qual pude recolher
bastantes fructos de almas e tambem achei trabalho bastante para satisfazer o meu zelo
Dia e noite foi aqui preciso trabalhar [*rasura*] no meio da fome, ~~e a~~ sede, e muitas apoquentações e
perseguições, como V*ossa* M*ajestade* poderá ver nas minhas cartas para Roma que eu mando abertas ao
R*everendissimo* P*adre* Confessor, José Ritter pedindo lhe que communique a V*ossa* M*ajestade* as noticias que n'ellas se encontram e as mande depois para Roma.
Pouco faltou que eu recebesse aqui dos ingratos indios a recompensa do meu trabalho, mas
parece que quiz a Providencia de Deus resarvarme para outros trabalhos e que a hora de
ir receber o premio ainda não chegou. Seja feita em tudo a sua divina vontade.
Na primeira aldeia, um indio encolerisado levantou pela 2 *segun*da vez o machado sobre a minha
cabeça para m'a fender. Mas parece que não poude descarregar o golpe, e como eu então – pois
não me occorreu outra coisa – lhe mandasse que continuasse o seu caminho, Deus N*osso* S*enhor* que
tem todos os corações nas suas mãos, moveu interiormente o coração d'esse furioso, de modo
que com toda docilidade, se voltou e, não sei com que palavras, proseguiu o seu caminho e
nunca mais o tornei a vêr. Estou persuadido que o meu santo anjo da guarda, que ja tantas
vezes me salvou, agarrou esse assassino pelos braços e assim me livrou.
Uma vez foi preciso mandar prender por seus muitos crimes a um indio que era, ao que parece,
um feiticeiro. Quando cuidavamos tel-o bem preso, desappareceu de repente e como que [rasura] <debaixo dos nossos olhos>.
Passados dois mezes apparece elle na cidade, vae accusarme ao Governador de que eu o queria_____?(1)
Este, sem mais inquiria, pela mã vontade que tem ~~contra~~ á Companhia e em particular ~~contra~~ aos Padres
allemãos, chamou ao R*everendissimo* P*adre* Provincial e <expõe lhe as suas> queixas [~~x~~]. Comtudo o indio chamado a exame confessou a sua culpa
Apesar d'isso, elle que deveria proteger e conservar a autoridade dos Padres, ordenou que se admittisse
outra vez o culpado sem castigo. Este excitado ~~ate~~ pelos <próprios> officiaes reaes, quando viu que não era preciso
obedecer aos Padres e que não podia ser castigado por elles, em vez de voltar para a aldeia e de se
emendar, tomou emprestada uma espingarda com ~~ballas~~ polvora e chumbo, associou-se a amigos seus
eguaes, e durante muitos mezes ameaçou a minha vida depois de declarar publicamente que tudo isso
(1) parte da palavra falta no manuscripto]

Doc 12 (AL-001-029 f. 3r)



era dirigido contra o missionario.

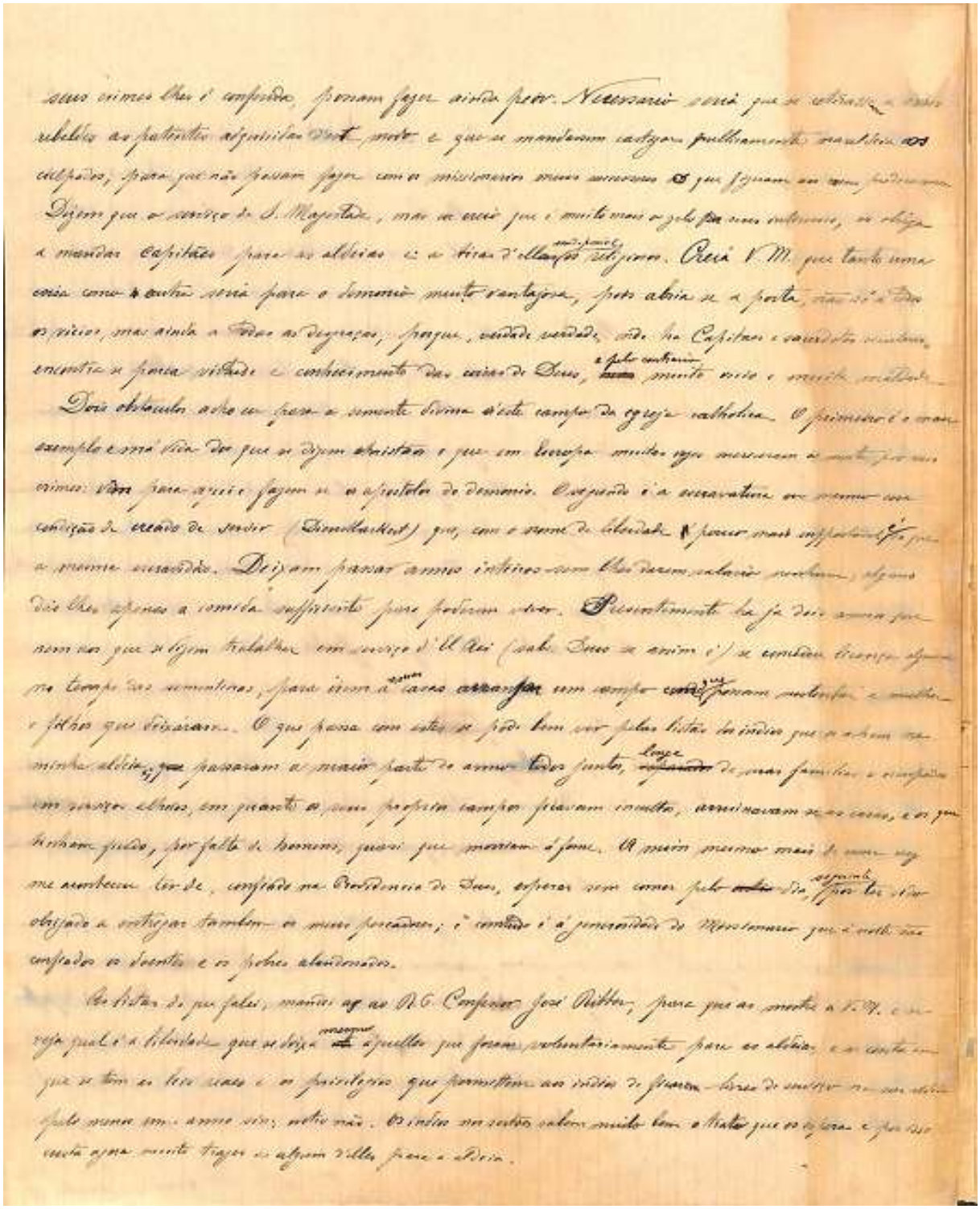
Nesta occasião, eu e todos mais Portuguezes de toda a aldeia estavão por alguns dias contentes, e quasi se não podia permittir que sahissemos, como fazião, de nossas casas na aldeia, ao Governador para me mover guerra (Barbosa) e ensanguentar-se elle. Pois bem, sem recommendação, sem conhecimento algum do Padre, de serviços feitos para elle, para a aldeia, pede elle, sem se saber como nem porque, ao Governador as patentes de Sargento mor e alferes para dous moradores, sem attenderem nem a mim nem ao R.do Provincial, nem ao Segundanno cousa nenhuma. Bastou ser elle um amotinador e um velho inimigo dos missionarios, não foi preciso dar provas nenhumas do seu merecimento. Elle foi logo intitular-se ministro real, que nesta terra se podia gastar sem razão. O Padre volta para a aldeia, declarando altamente que elle havia de reger a mesma segundo as ordens do Governador e não segundo as ordens do Padre, ordens de Deos, ordens de Rei. Logo em regresso da aldeia, abre tabernas publicas, afasta a gente da aldeia e da egreja e leva a maior parte della e seus companheiros me exhortarão duas vezes da aldeia, obrigando-me com ameaças, porta a portas a fugir eu e os innocentes que comigo estavão. Fui em ambas occasiões, em que eu estava resolto, tinha um dos amigos della prazer com uma navalha que trazia escolta e com isto tinha a vida na mão. Deos me não protegeo. O teor do auctos dizia [illegible] mandados, Padre, tem ameaçado na aldeia, mas depois, sem darem satisfação nenhuma ao missionario, como me devem dizer, fazem-se de novo mandados com cartas e com a gente [illegible] para a aldeia, onde continuam como dantes e pela fome e maus tratos (minha) obrigaram-me a abandonar a aldeia e a fugir para a colonia. Os indios, á força de más instigações, tornaram-se tão indisciplinados e rebeldes que ahonte [illegible] me mataram. Que perda de almas se não causará, quando não só se não defende a autoridade dos Padres mas ainda se ameaça, é facil prevelo.

Mas ouvi eu dizer que tenho de soffrer tantas desgraças. Ao meu bom Padre, por certo, fizeram [illegible] os indios voltarão a porta de casa em pedaços, fazer o espantarem, e [illegible] ameaçarem o bom Padre, não só pela janella e salvar-se a vida escondendo-se, quasi em cueiros, a um esconderijo do bosque. Meu outro missionario, dos mais authorisados, teve, ainda por innocente de abandonar a aldeia, com a maior ignominia. Estes e outros rebeldes querem agora, em vez de castigo, recompensas e novos gabinetes para cargos honrosos, para que, em outras occasiões, com a autoridade que, em cumprimento de

29-7/4

era dirigido contra o missionario
Uma outra vez, vae o indio mais desprezivel de toda a aldeia excitado por alguns visinhos europeus, a
quem eu não podia permittir que satisfizessem, como queriam, os seus vicios na aldeia, ao Governador para
me mover guerra [trutzen] e enganalo a elle. Pois bem, sem recommendação, sem nenhum attestado
de serviços prestados que a El Rei, quer á aldeia, pede elle, sem eu saber d'isso, ao Governador as patentes de
Sargento mor e alcança as de um modo inaudito, sem avisarem nem a mim, nem ao R*everendissimo* P*adre* Provincial, nem
nos perguntarem coisa nenhuma. Bastou ser elle um amutinador e um velho inimigo dos missionarios;
não foi preciso dar provas nenhumas dos seus meritos. Estes pois, tendo entendido dos ministros reaes que
n'estes tempos se podia zombar, sem receio, dos Padres volta para a aldeia, declarando altamente que
elle havia de reger a mesma segundo as ordens do Governador e não segundo as ordens do Padre, [rasura] do Prin-
cipal ou regedor da Aldeia, abre tabernas publicas, afasta a gente da aldeia e da egreja e leva a audacia
a ponto de elle e seus companheiros me expulsarem duas vezes da aldeia, obrigando me com espingardas, frechas
e facas a fugir eu e os innocentes que commigo estavam. Ja em outra occasião, em que eu estava sosinho,
tinha um dos amigos d'elle puxado por uma navalha que trazia occulta e me teria tirado a vida se
Deus me não protegesse. A tres dos autores d'esta tragedia, fecháram nos, é verdade, tres semanas na
cadeia, mas depois, sem darem satisfacção nenhuma ao missionario, nem me darem sequer aviso d'isso,
foram me de novo mandados sem castigo e com os [rasura] <peores> conselhos para a aldeia, onde continuaram como
d'antes e pela fome e maus tratos (miseria) obrigaram me a abandonar a aldeia e a fugir para o collegio.
Os indios, á força de más instigações, tornáram se tão indisciplinados e rebeldes que apenas se pode continuar
no meio d'elles. Que perda de almas se não causará, quando não só se não defende a autoridade dos Padres
mas ainda se arruina, é facil prevelo.
Não sou só eu que tenho de soffrer tantas desgraças. A um bom Padre, ja velho, fizeram
<de noite> os indios revoltados a porta da casa em pedaços, para o apanharem, e o <teriam> matado cruelmente se o
bom Padre se não escapasse pela janella e salvásse a vida occultando se, quasi sem vestidos, n'um esconderijo
do bosque. Um outro missionario, dos mais autorizados [,] teve, ainda que innocente de abandonar a
aldeia, com a maior ignominia. Estes e outros rebeldes recebem agora, em vez do castigo, recompensas
e novas patentes para cargos honrosos, para que, em outras occasiões, com a autoridade que, em recompensa de

Doc 12 (AL-001-029 f. 3v)



seus crimes lhes é conferida, possam fazer ainda peór. Necessario seria que se retirassem a esses
rebeldes as patentes adquiridas d'este modo e que se mandassem castigar publicamente na aldeia os
culpados, para que não possam fazer com os missionarios meus successores o que fizeram aos meus predecessores.
Dizem que a serviço de S*ua* Majestade, mas eu creio que é muito mais a zelo de seus interesses, os obriga
a mandar Capitães para as aldeias e a tirar d'ellas <sendo possível> os religiosos. Creia V*ossa* M*ajestade* que tanto uma
coisa como a outra seria para o demonio muito vantajosa, pois abria se a porta, não só a todos
os vicios, mas ainda a todas as desgraças, porque, verdade verdade, onde ha Capitaes e sacerdotes seculares [,]
encontra se parca virtude e conhecimento das coisas de Deus, ~~mas~~ <e pelo contrario> muito vicio e muita maldade.
Dois obstaculos acho eu para a semente divina n'este campo da egreja catholica. O primeiro é o mau
exemplo e má vida dos que se dizem Christãos e que em Europa muitas vezes mereceram a morte por seus
crimes: Vêm para aqui e fazem se os apostolos do demonio. O segundo é a escravatura ou mesmo essa
condição de creado de servir (Dienstbarkeit) que, com o nome de liberdade [é] pouco mais supportavel <é> do que
a mesma escravidão. Deixam passar annos inteiros sem lhes darem salario nenhum; alguns
dão lhes apenas a comida sufficiente para poderem viver. Presentemente ha ja dois annos que
nem aos que se dizem trabalhar em serviço d'El Rei (sabe Deus se assim é) se concedeu licença alguma
no tempo das sementeiras, para irem a <suas> casas arranjar um campo com <que> possam sustentar a mulher
e filhos que deixáram. O que passa com estes se pode bem ver pelas listas dos indios que se acham na
minha aldeia; ~~que~~ passaram a maior parte do anno todos juntos, <longe> ~~separados~~ de suas familias e occupados
em serviços alheios, em quanto os seus proprios campos ficavam incultos, arruinavam se as casas, e os que
tinham ficado, por falta de homens, quase que morriam á fome. A mim mesmo mais de uma vez
me aconteceu ter de, confiado na Providencia de Deus, esperar sem comer pelo ~~outro~~ dia <seguinte>, por ter sido
obrigado a entregar tambem os meus pescadores; e comtudo é á generosidade do Missionario que á noite são
confiados os doentes e os pobres abandonados.
As listas de que falei, mandei as ao R*everendissimo* P*adre* Confessor José Ritter, para que as mostre a V*ossa* M*ajestade* e se
veja qual é a liberdade que se deixa <mesmo> ~~ate~~ a´quelles que foram voluntariamente para as aldeias, e a conta em
que se tem as leis reaes e os privilegios que permittem aos indios de ficarem livres de serviço na sua aldeia
pelo menos um anno sim, outro não. Os indios nos sertões sabem muito bem o trato que os espera e por isso
custa agora muito trazer a algum d'elles para a aldeia.

Doc 12 (AL-001-029 f. 4r)

Desejaríamos que S. M. El Rei se dignasse permittir aos PP. allemães que viessem para trabalhar e para salvar as almas, p.r exemplo o rio Tapajós ou Xingu, onde fundassemos uma ou mais aldeias, e nos fosse entregue uma ou duas de Indios ou mesmo e communicassemos com os portuguezes, de modo que os indios que estão nessas aldeias se pudessem servir para attrahir novo povo, para a fundação de novas aldeias e conservação das que já existem, e que S. M. nos autorisasse tambem a ir buscar ao sertão quantos meninos pudessemos e mulheres com elles os indios e por meio de presentes movessemos os gentios ou a que vendam os seus meninos ou nos vendam os seus filhos; quando os que estão no sertão vierem, poderão os bons ficar e conservar-se e para o serviço, que os tratem bem e que se utilise geralmente delles, o que faltou até agora, entregando-se uma aldeia ao cuidado, mas tambem as suas terras a S. M. Peço-me S. M., que a concessão da liberdade é o unico meio de prender esta gente e estas terras. Experimente-se o commum, os PP. allemães, em alguns annos que se lhes entreguem de todo: em breve se verá o proveito. Os PP. SS. Meidenberg, Hoffmayer e Schwartz desejam ardentemente comungar o seu trabalho e o seu sangue juntamente ao P. Confessor José Barbosa. Se assim o julgarmos e satisfizermos como como cumpre, que se nos permitta, quando os ecclesiasticos e seculares portuguezes mostrar a nossa fidelidade a Deus e a S. Magestade, encarregamo-nos quando for necessario e as novas aldeias necessarias, de chamar a nossa custa outros Padres da Allemanha. E' com todo o coração de nossa alma que o bem commum e para os domicilios de S. M. attrahir a nossa communhão as todas e magicas as aldeias fundadas já nas suas proprias terras. Creio que será esta uma obra muito do agrado de Deus, e finalmente estarão os PP. allemães livres de muitos trabalhos, fadigas e molestias que não dizem com o seu fim.

Desejaria poder largamente ao pés de V. M. para lhe expor este negocio de viva voz e com mais clareza do que o posso fazer por escripto; mas como Deus não m'o permitte, devo me contentar com pedir a Deus que por sua infinita bondade, conceda a vida e largos annos de vida a V. M. para consolação desta pobre PP. allemães tão abandonados, para salvação de muitas almas, e para empregar com muito fructo de merecimento a sua coroa celestial, para o que pouco contribuirá quanto posso com as minhas boas obras, como se o tenho de continuo feito até agora.

Sou, Clementissimo, Benigno e Poderoso Rainha,

De V. M. Magestade

Rio 16 de Nov. 1853.

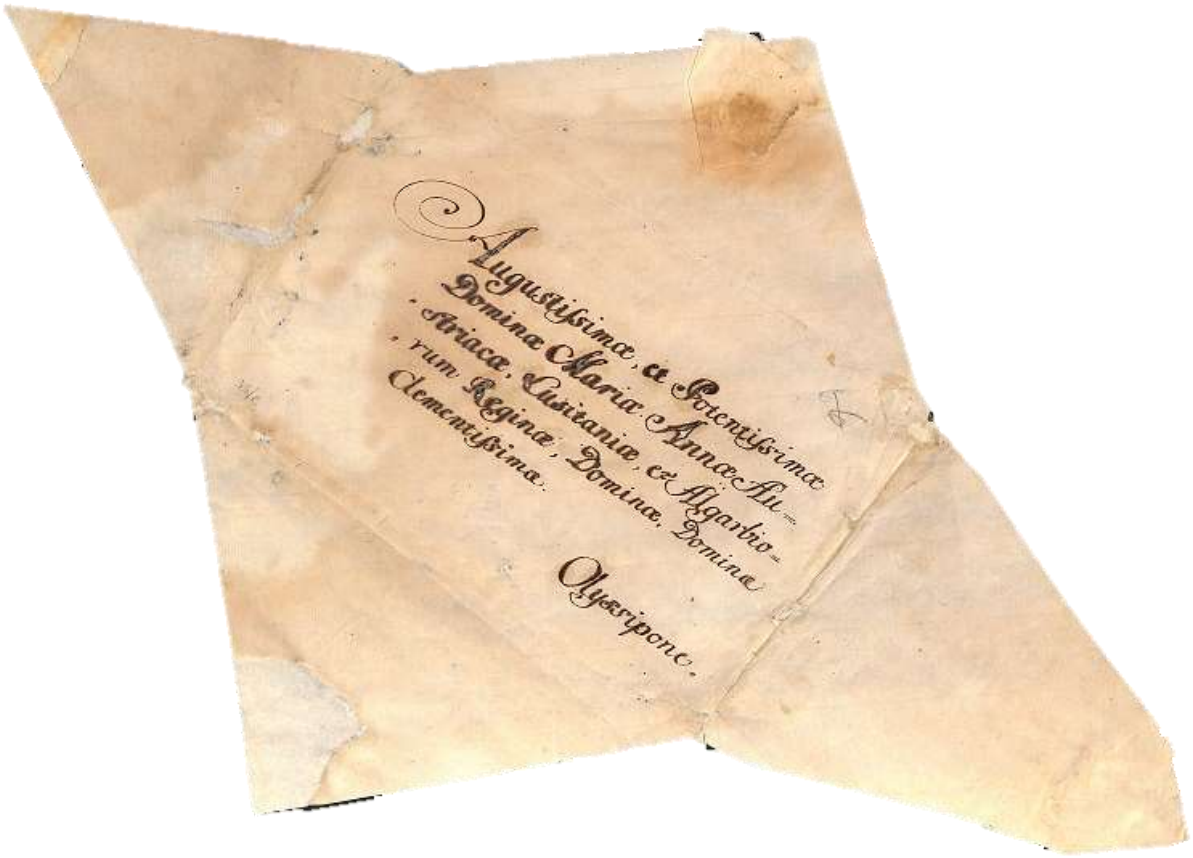
Seu vassallo Francisco Gonçalves [illegible]

29-1/5

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

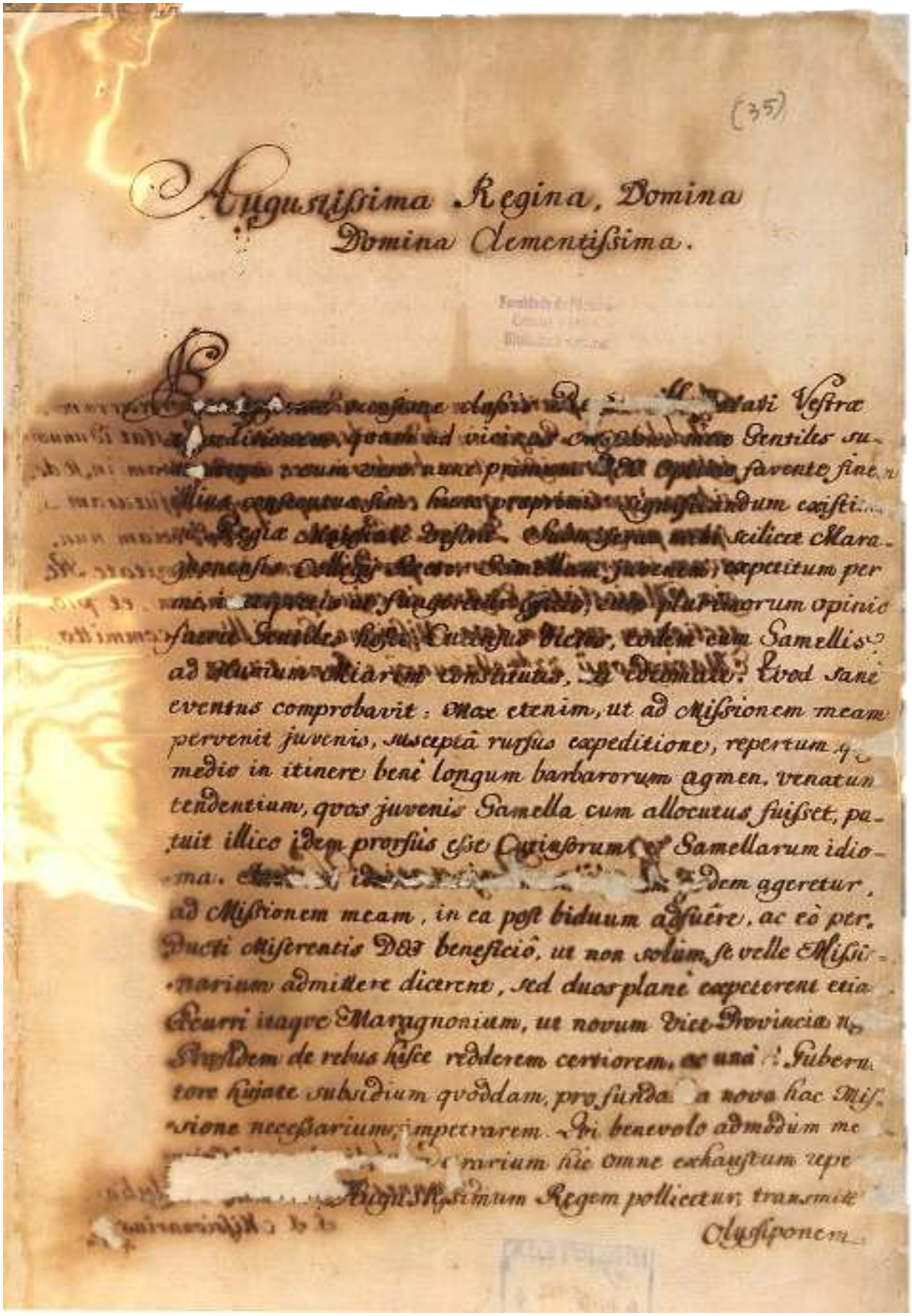
Desejariamos que S*ua* M*ajestade* El Rei se dignasse permittir aos P*adre* P*rovincial* allemães que viemos para trabalhar
e para salvar as almas, *que* passam por exemplo o rio Tapajós ou Xingu (?) onde [*rasura*] pudessemos empregar
o nosso zelo. Mas as tres aldeias d'este rio que nos fossem entregues devia-as livrar de todos os serviços
e comvivencia com os portuguezes, de modo que os indios que estão nessas aldeias só pudessem
servir para attrair novos povos, para a fundação de novas aldeias e conservação das que ja exis-
tem; e que [V*ossa* M*ajestade*] nos autorisasse tambem a ir buscar ao sertão quantas mercadorias quizesse-
mos para vestimos <e sustentarmos> com ellas os indios, e por meio de presentes movermos os gentios ou a que venham
ter connosco, ou nos recebam no meio d'elles. Quando os que estão no sertão [virem] que <já> não os
levam ~~ja~~ para a escravidão e para o serviço, que os tratam bem e que se cuida seriamente
d'elles, o que faltou ate agora, ~~não só~~ entregarão em pouco tempo <não só> as suas almas ao ceu, mas
tambem, as suas terras a V*ossa* M*ajestade* Creia me V*ossa* M*ajestade*, que a concessão da liberdade é o unico meio
de ganhar esta gente e estas terras. Experimente-se comnosco, os P*adre* P*rovincial*. allemães, em algum rio que se
nos entregue de todo: em breve se verá o proveito. Os R*everendissimo* R. P*adre* P*rovincial*. Meisterburg, Hoffmayer e Schwartz
desejam dedicar se commigo a esse trabalho e n'esse sentido escrevi largamente ao P*adre*. Confessor José Ritter.
So isso pedimos e supplicamos como uma graça, que se nos permitta, [*rasura*] separados dos ecclesiasticos
e seculares portuguezes mostrar a nossa fidelidade a Deus e a S*ua* Magestade. Encarregamos nos
quando for ncessario e as nossas aldeias crescerem; de chamar, á nossa custa, outros Padres
da Allemanha. É com toda a certeza de summa utilidade para o bem commum e para os dominios
de V*ossa* M*ajestade* attrair á nossa amizade aos indios e trazelos a aldeias fondadas ja nas suas proprias terras.
Creio que será esta uma obra muito do agrado de Deus, e juntamente estarão os R*everendissimo* P*adre*. allemães livres de muitos trabalhos, fadigas e
molestias que não dizem com o seu fim.
Desejaria poder lançar me aos pés de V*ossa* M*ajestade* para lhe expor este negocio de viva voz e com mais
clareza do que o posso fazer por escripto; mas como Deus não m'o permitte, devo me contentar com pedir
a Deus que, por sua infinita bondade, conceda ainda largos annos de vida a V*ossa* M*ajestade* para consolação d'estes pobres
P*adre* P*rovincial*. allemãos tão abandonados <para> ~~e~~ salvação de muitas almas, e para enriquecer com muitas perolas de merecimentos
a sua corôa celestial, para o que procuro contribuir quanto posso com as minhas boas obras, como já o tenho de
continuo feito até agora.
S*enho*ra, Clementissima, Excelsa e Poderosa Rainha,
D. V*ossa*. R*eal*. Magestade
Pará 16 de nov. 1753. servo inutil Laurenço Kaulen S*ociedade de Jesus*

Doc 13 (AL-001-035 Envelope)



Augustissimae, et Potentissimae
Dominae Maria Annae Au=
striacae. Lusitaniae, et Algarbio=
rum Reginae, Dominae, dominae
Clementissimae
Olyssipone.

Doc 13 (AL-001-035 f. 1r)



(35)

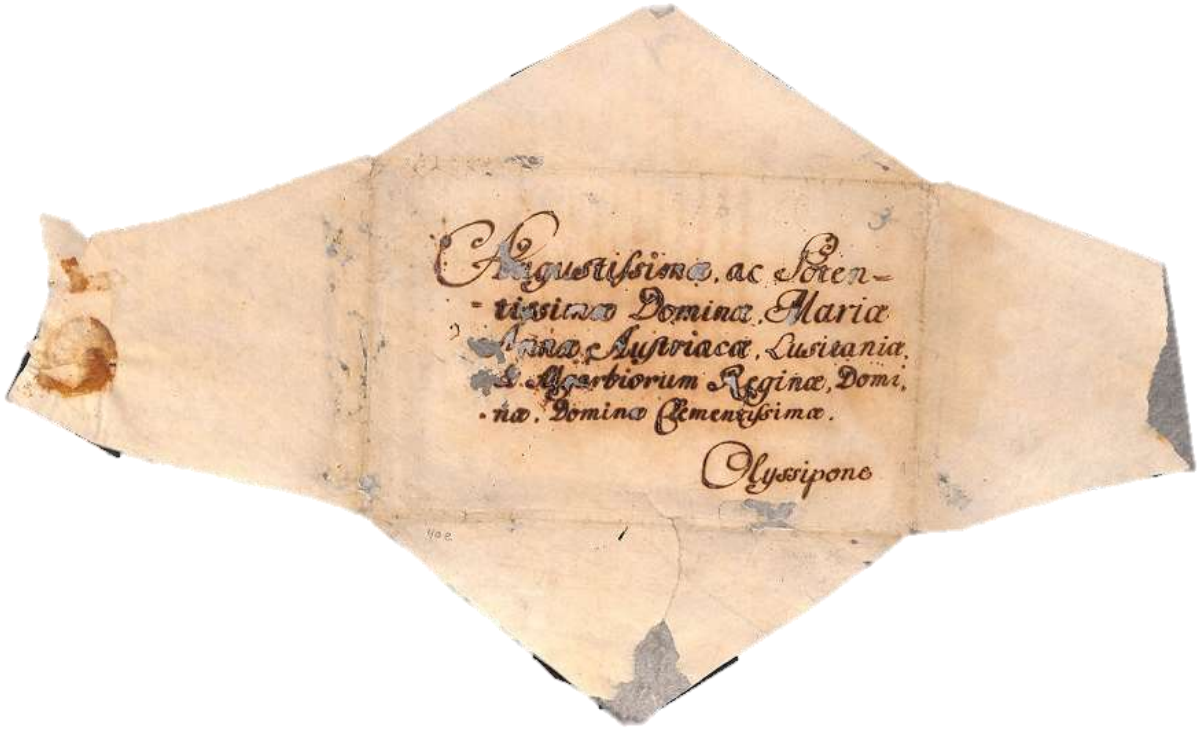
Augustissima Regina, Domina
Domina Clementissima.

[illegible] Vestræ
[illegible] Gentiles su-
[illegible] favente fine
illius consecutus sim, hinc proprimis significandum existi-
[illegible] Regiæ Maiestati Vestræ. Submiserat mihi scilicet Mara-
gnonensis Collegij Rector Samellam juvenem, expetitum per
me, interpretis ut fungeretur officio, cum plurimorum opinio
fuerit Gentiles hosti Cutinsus victos, eodem cum Samellis
ad Plurium Miarem constitutis, [illegible]. Quod sane
eventus comprobavit: Mox etenim, ut ad Missionem meam
pervenit juvenis, susceptâ rursus expeditione, repertum q[illegible]
medio in itinere bene longum barbarorum agmen, venatum
tendentium, quos juvenis Samella cum allocutus fuisset, pa-
tuit illico idem prorsus esse Cutinsorum, et Samellarum idio-
ma. [illegible] idem ageretur,
ad Missionem meam, in ea post biduum adfuere, ac eò per-
ducti Miserentis DEI beneficiô, ut non solum se velle Missi-
narium admittere dicerent, sed duos plane expeterent etia[illegible]
Accurri itaque Maragnonium, ut novum vice Provinciæ n[illegible]
Præsidem de rebus hisce redderem certiorem, ac unâ [illegible] Guberna-
tore hujate subsidium quoddam, pro funda[illegible] a nova hac Mis-
sione necessarium, impetrarem. Qui benevolo admodum me
[illegible] rarium hic omne exhaustum repe
[illegible] Augustissimum Regem pollicetur, transmitte
Olyssiponem

Augustisima Regina, Domina
Domina Clementissima.
[**] occassione classis Regina Majestati Vestrae
[**]editionem, quam ad vicinos [Missione] meae Gentiles su-
[**]perum; cum vero nunc primum DEO Optimo favente finem
illius consecutus sim, hunc proprimis significandum existi[m]
vi Regiae Majestati Vestrae. [Submiserae] mihi scilicet Mara-
gnonensis Collegis Rector Gamellam juvenem, expetitum per
me i[**]erpresis ut fungeretur officio, cum[34] plurimorum opinio
fuerit Gentiles hosce [Cutinsus] dictos; eodem cum Gamellis?
ad Fluvium Miarim constitutis, [*]i idiomate. Quod sanè
eventus comprobavit: Mox etenim, ut ad Missionem meam
pervenit juvenis, susceptâ rursus expeditione, repertum q[*]
medio in itinere benè longum barbarorum agmen, venatum
tendentium, quos juvenis Gamella cum allocutus fuisset, pa-
tuit illico idem prorsus esse Cutinsorum[s], et Gamellarum idio-
ma. [*quatro palavras aproximadamente*]dem ageretur,
ad Missionem meam, in ea post biduum adfuêre, ac eò per-
ducti Miserentis DEO beneficiô, ut non solum se velle Missio-
narium admittere dicerent, sed duos planè expeterent etia[m]
Excurri itaque Maragnonium, ut novum Vice-Provinciae n[*]s
Praesidem de rebus hisce redderem certiorem, ac unà à Guberna
tore hujate subsidium quoddam, pro funda[nd]a nova hac Mis-
sione necessarium, impetrarem. Qui benevolo admodum me
[...] erarium hic omne exhaustum repe[*]
[...] Augustissimum Regem pollicetur, transmiti[*]
Olyssponem
[35]

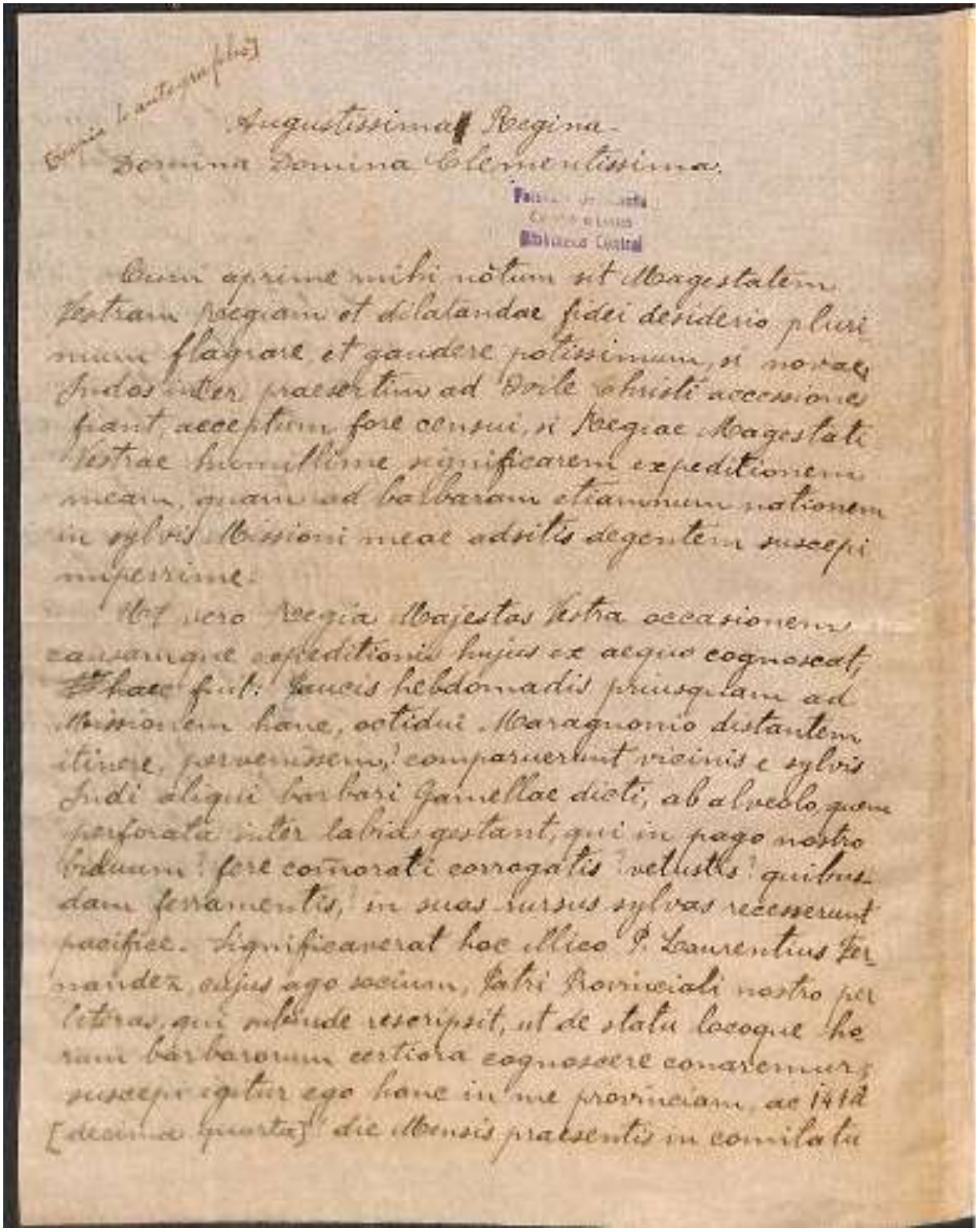
[34] Ou eum.
[35] [o verso está muito pouco legível]
Maragnonij, 22da Ianuarij, Anni 1754
[segue o escatocolo, pouco legível]
Ioannes [Nepomucenus a assinatura fez um buraco no papel] Sluha
S.J. Missionarius

Doc 14 (AL-001-040 Envelope)



Augustissimae, ac Poten=
tissimae Dominae Mariae
Annae Austriacae, Lusitaniae,
et Algarbiorum Reginae, Domi,
nae. Dominae Clementissimae
Olyssipone

Doc 14 (AL-001-040 f. 1r)



[copia l'autografo]

Augustissima Regina
Domina Domina Clementissima.

Patrimonio Nacional
Centro de Estudios
Biblioteca Central

Cum aprime mihi notum sit Magestatem Vestram Regiam et dilatandae fidei desiderio plurimum flagrare et gaudere potissimum, si novae Indos inter praesertim ad Ovile Christi accessiones fiant, acceptum fore censui, si Regiae Magestati Vestrae humillime significarem expeditionem meam, quam ad barbaram etiamnum nationem in sylvis Missioni meae adsitis degentem suscepi nuperrime.

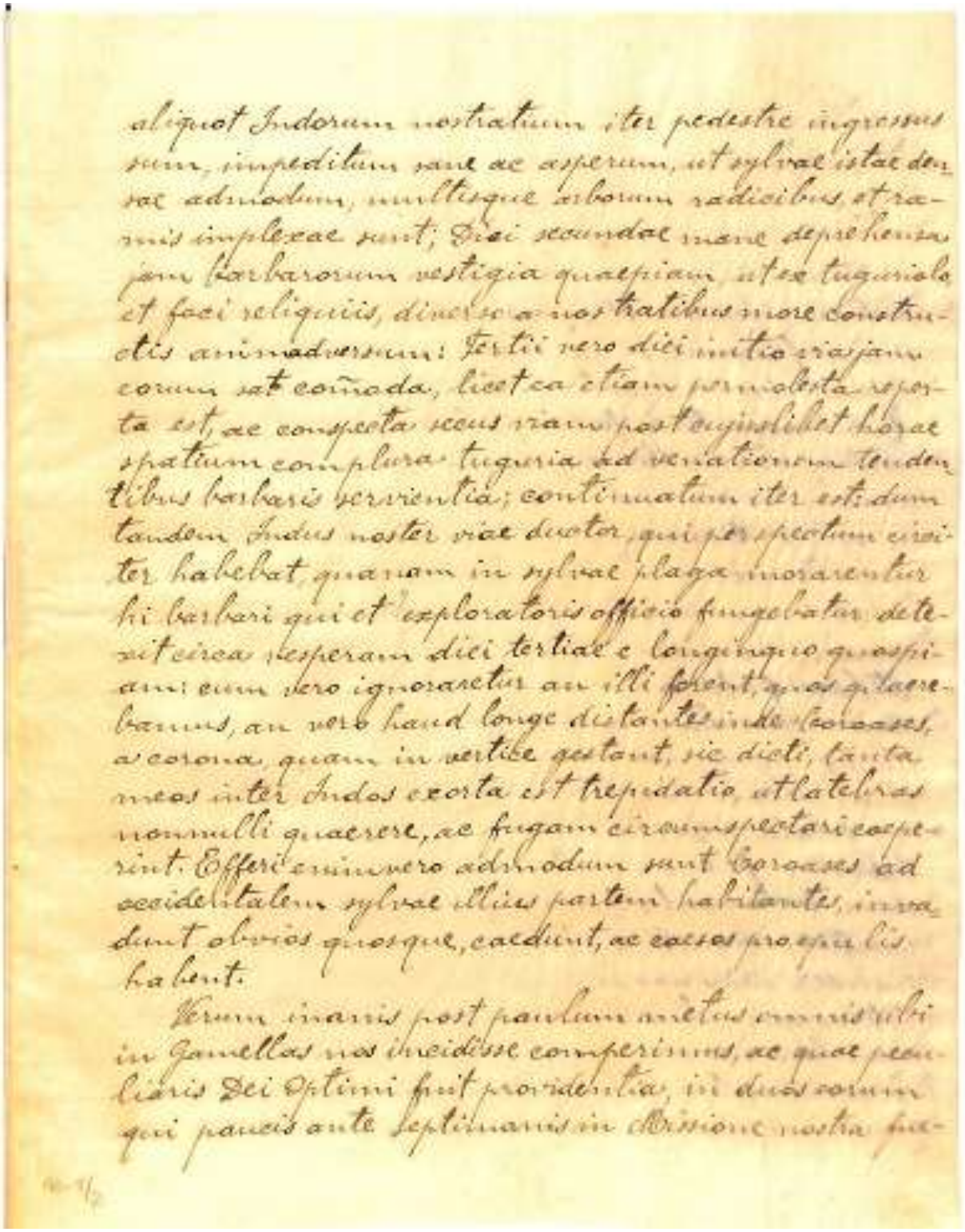
Ut vero Regia Majestas Vestra occasionem causamque expeditionis hujus ex aequo cognoscat, haec fuit: Paucis hebdomadis priusquam ad Missionem hanc, octidui Maragnonio distantem itinere, pervenissem, comparuerunt vicinis e sylvis Indi aliqui barbari Gamellae dicti, ab alveolo quem perforata inter labia gestant, qui in pago nostro biduum fere commorati corrogatis vetustis quibusdam ferramentis, in suas rursus sylvas recesserunt pacifice. Significaverat hoc illico P. Laurentius Fernandez, cujus ago socium, Patri Provinciali nostro per literas, qui subinde rescripsit, ut de statu locoque horum barbarorum certiora cognoscere conaremur; suscepi igitur ego hanc in me provinciam, ac 14ta [decima quarta] die Mensis praesentis in comitatu

<Copia do autrographo>Augustissima Regina.
Domina Domina Clementissima

Cum aprime mihi notum sit Magestatem
Vestram Regiam et dilatandae fidei desiderio plurimum flagrare, et gaudere potissimum, si novae, Indos inter praesertim ad Ovile Christi accessiones fiant, acceptum fore censui, si Regiae Magestati Vestrae humillime significarem expeditionem meam, quam ad barbaram etiamnum nationem in sylvis Missioni meae adsitis degentem suscepi nuperrime.

Ut vero Regia Majestas Vestra occasionem causamque expeditionis hujus ex aequo cognoscat; [**] haec fuit: Paucis hebdomadis priusquam ad Missionem hanc, octidui Maragnonio distantem itinere, pervenissem,? comparuerunt vicinis e sylvis Indi aliqui barbari Gamellae dicti, ab alveolo, quem perforata inter labia gestant, qui in pago nostro biduum? fere com[m]orati corrogatis? vetustis? quibusdam ferramentis,? in suas rursus sylvas recesserunt pacifice. Significaverat hoc illico P*ater* Laurentius Fernandez, cujus ago socium, Patri Provinciali nostro per literas, qui subinde rescripsit, ut de statu locoque horum barbarorum certiora cognoscere conaremur; suscepi igitur ego hanc in me provinciam, ac 14tâ [decima quarta]? die Mensis praesentis in comitatu

Doc 14 (AL-001-040 f. 2r)



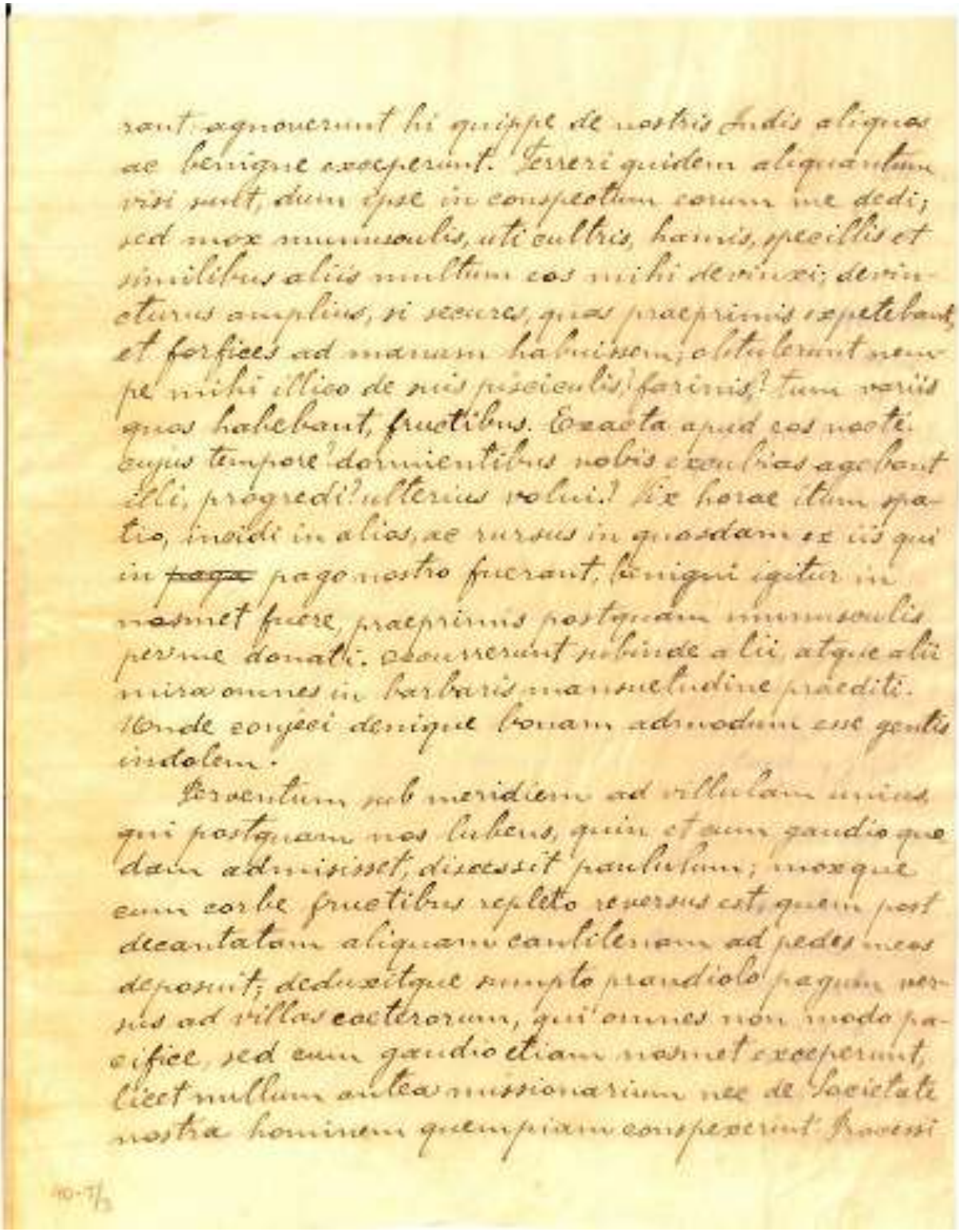
aliquot Indorum nostratium iter pedestre ingressus sum, impeditum sane ac asperum, ut sylvae istae densae admodum, multisque arborum radicibus et ramis implexae sunt; Diei secundae mane deprehensa jam barbarorum vestigia quaepiam, ut ex tuguriolo et faci reliquiis, diverso a nostratibus more constructis animadversum: Tertii vero diei initio via jam eorum sat cōmoda, licet ea etiam permolesta reperta est, ac conspecta secus viam post cujuslibet horae spatium complura tuguria ad venationem tendentibus barbaris servientia; continuatum iter est: dum tandem Indus noster viae ductor, qui perspectum circiter habebat, quanam in sylvae plaga morarentur hi barbari qui et exploratoris officio fungebatur detexit circa vesperam diei tertiae e longinquo quospiam: cum vero ignoraretur an illi forent, quos quaerebamus, an vero haud longe distantes inde Coroases, a corona, quam in vertice gestant, sic dicti, tanta meos inter Indos exorta est trepidatio, ut latebras nonnulli quaerere, ac fugam circumspectari coeperint. Efferi enimvero admodum sunt Coroases ad occidentalem sylvae illius partem habitantes, invadunt obvios quosque, caedunt, ac caesos pro epulis habent.

Verum inanis post paulum metus omnis ubi in Gamellas nos incidisse comperimus, ac quae peculiaris Dei Optimi fuit providentia, in duos eorum qui paucis ante septimanis in Missione nostra fue-

aliquot indorum nostratium iter pedestre ingressus sum, impeditum sane ac asperum, ut sylvae istae densae admodum, multisque arborum radicibus, et ramis implexae sunt; Disi secundae mane deprehensa jam barbarorum vestigia quaepiam, ut ex tuguriolo, et faci reliquiis, diverso a nostratibus more constructis animadversum: Tertii vero diei initio via jam eorum sat com[m]oda, licet ea etiam permolesta reperta est, ac conspecta secus viam post cujuslibet horae spatium complura tuguria ad venationem tendentibus barbaris servientia; continuatum iter est: dum tandem Indus noster viae ductor, qui perspectum circiter habebat, quanam in sylvae plaga morarentur hi barbari qui et? exploratoris officio fungebatur, detexit circa vesperam diei tertiae e loginquo quospiam: cum vero ignoraretur an illi forent, quos quaerebamus na vero haud longe distantes inde Coroases, a corona, quam in vertice gestant, sic dicti, tanta meos inter Indos exorta est trepidatio, ut latebras nonnulli quaerere, ac fugam circunspectari coeperint. Efferi enimvero admodum sunt Coroases ad occidentalem sylvae illius partem habitantes, invadunt obvios quosque, caedunt, ac caesos pro epulis habent.

Verum inanis post paulum metus omnis ubi in Gamellas nos incidisse comperimus, ac quae peculiaris Dei Optimi fuit providentia, in duas eorum qui paucis ante septimanis in Missione nostra fue-

Doc 14 (AL-001-040 f. 3r)



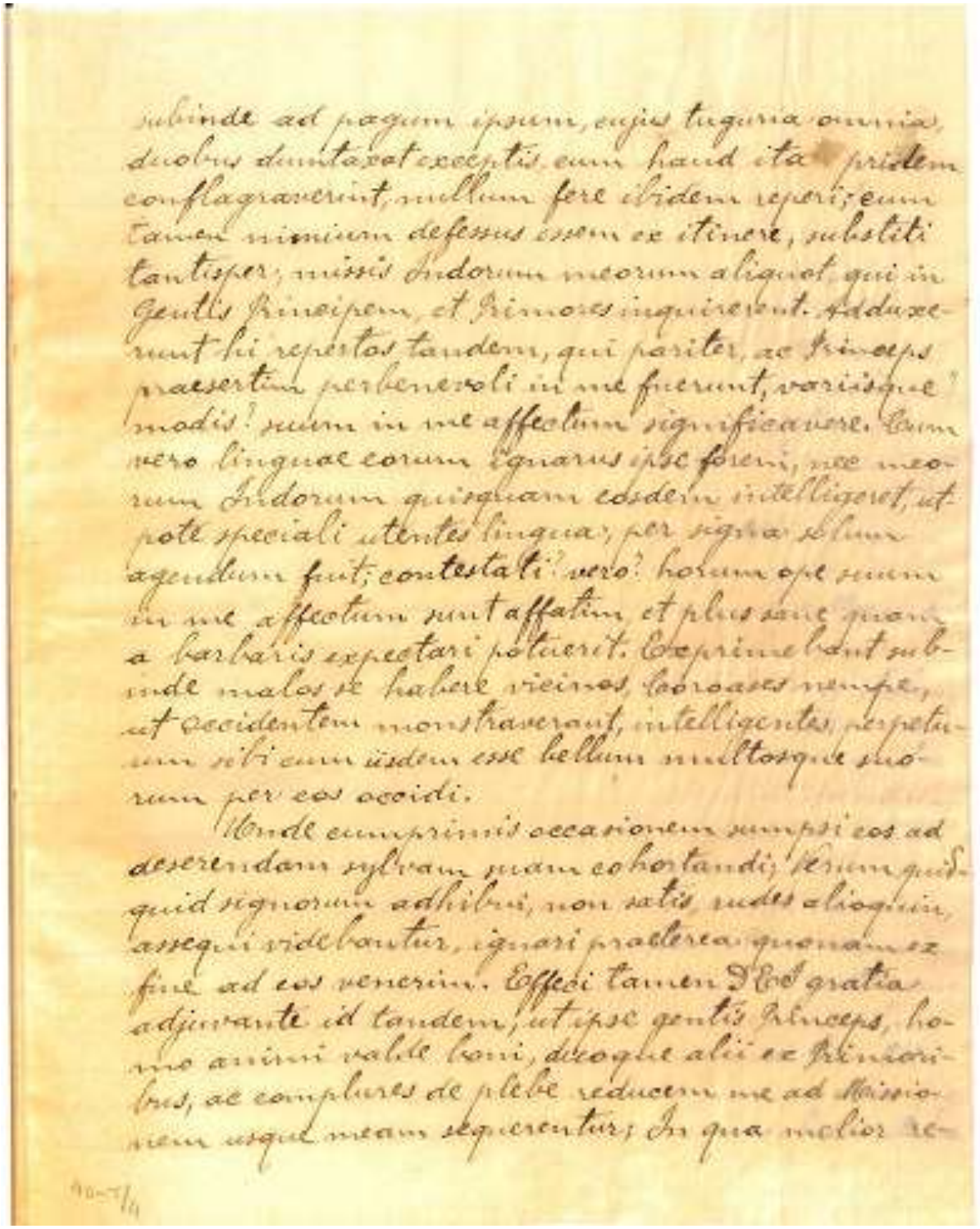
rant agnoverunt hi quippe de nostris Indis aliquos ac benigne exceperunt. Terreri quidem aliquantum visi sunt, dum ipse in conspectum eorum me dedi; sed mox munusculis, uti cultris, hamis, specillis et similibus aliis multum eos mihi devinxi; devincturus amplius, si secures, quas praeprimis expetebant, et forfices ad manum habuissem; obtulerunt nempe mihi illico de suis pisciculis, farinis, tum variis quos habebant, fructibus. Exacta apud eos nocte, cujus tempore dormientibus nobis excubias agebant illi, progredi ulterius volui. Vix horae itum spatio, incidi in alios, ac rursus in quosdam ex iis qui in ~~paga~~ pago nostro fuerant, benigni igitur in nosmet fuere, praeprimis postquam munusculis per me donati. Occurrerunt subinde alii, atque alii mira omnes in barbaris mansuetudine praediti. Unde conjeci denique bonam admodum esse gentis indolem.

Perventum sub meridiem ad villulam unius, qui postquam nos lubens, quin et cum gaudio quodam admisisset, discessit paululum; moxque cum corbe fructibus repleto reversus est, quem post decantatam aliquam cantilenam ad pedes meos deposuit; deduxitque sumpto prandiolo pagum versus ad villas caeterorum, qui omnes non modo pacifice, sed cum gaudio etiam nosmet exceperunt, licet nullum antea missionarium nec de Societate nostra hominem quempiam conspexerint. Processi

40-7/3

rant: agnoverunt hi quippe de nostris Indis aliquos
ac benigne exceperunt. Terreri quidem aliquantum
visi sunt, dum ipse in conspectum eorum me dedi;
sed mox munusculis, uti cultris, hamis, specillis et
similibus aliis multum eos mihi devinxi; devin-
cturus amplius, si secures, quas praeprimis expetebant,
et forfices ad manum habuissem; obtulerunt nem-
pe mihi illico de suis pisciculis? farinis,? tum variis
quos habebant, fructibus. Exacta apud eos nocte
cujus tempore? dormientibus nobis excubias agebant
illi, progredi? ulterius volui.? Vix horae itum spa-
tio, incidi in alios, ac rursus in quosdam ex iis qui
in ~~paga~~ pago nostro fuerant, benigni igitur in
nosmet fuere, praeprimis postquam munusculis
per me donati. Occurrerunt subinde alii, atque alii
mira omnes in barbaris mansuetudine praediti.
Unde conjeci denique bonam admodum esse gentis
indolem.
Perventum sub meridiem ad villulam unius,
qui postquam nos lubens, quin et cum gaudio quo-
dam admisisset, discessit paululum; moxque
cum corbe fructibus repleto reversus est, quem post
decantatam aliquam cantilenam ad pedes meos
deposuit; deduxitque sumpto prandiolo pagum ver-
sus ad villas caeterorum. qui omnes non modo pa-
cifice, sed cum gaudio etiam nosmet exceperunt,
licet nullum antea missionarium nec de Societate
nostra hominem quempiam conspexerint. Processi

Doc 14 (AL-001-040 f. 4r)



subinde ad pagum ipsum, cujus tuguria omnia, duobus duntaxat exceptis, cum haud ita pridem conflagraverint, nullum fere ibidem reperi; cum tamen nimium defessus essem ex itinere, substiti tantisper, missis Indorum meorum aliquot, qui in Gentis Principem, et Primores inquirerent. Adduxerunt hi repertos tandem, qui pariter, ac Princeps praesertim perbenevoli in me fuerunt, variisque modis suum in me affectum significavere. Cum vero linguae eorum ignarus ipse forem, nec meorum Indorum quisquam eosdem intelligeret, utpote speciali utentes lingua, per signa solum agendum fuit; contestati vero horum ope suum in me affectum sunt affatim, et plus sane quam a barbaris expectari potuerit. Exprimebant subinde malos se habere vicinos, Coroases nempe, ut occidentem monstraverant, intelligentes, perpetuum sibi cum iisdem esse bellum multosque suorum per eos occidi.

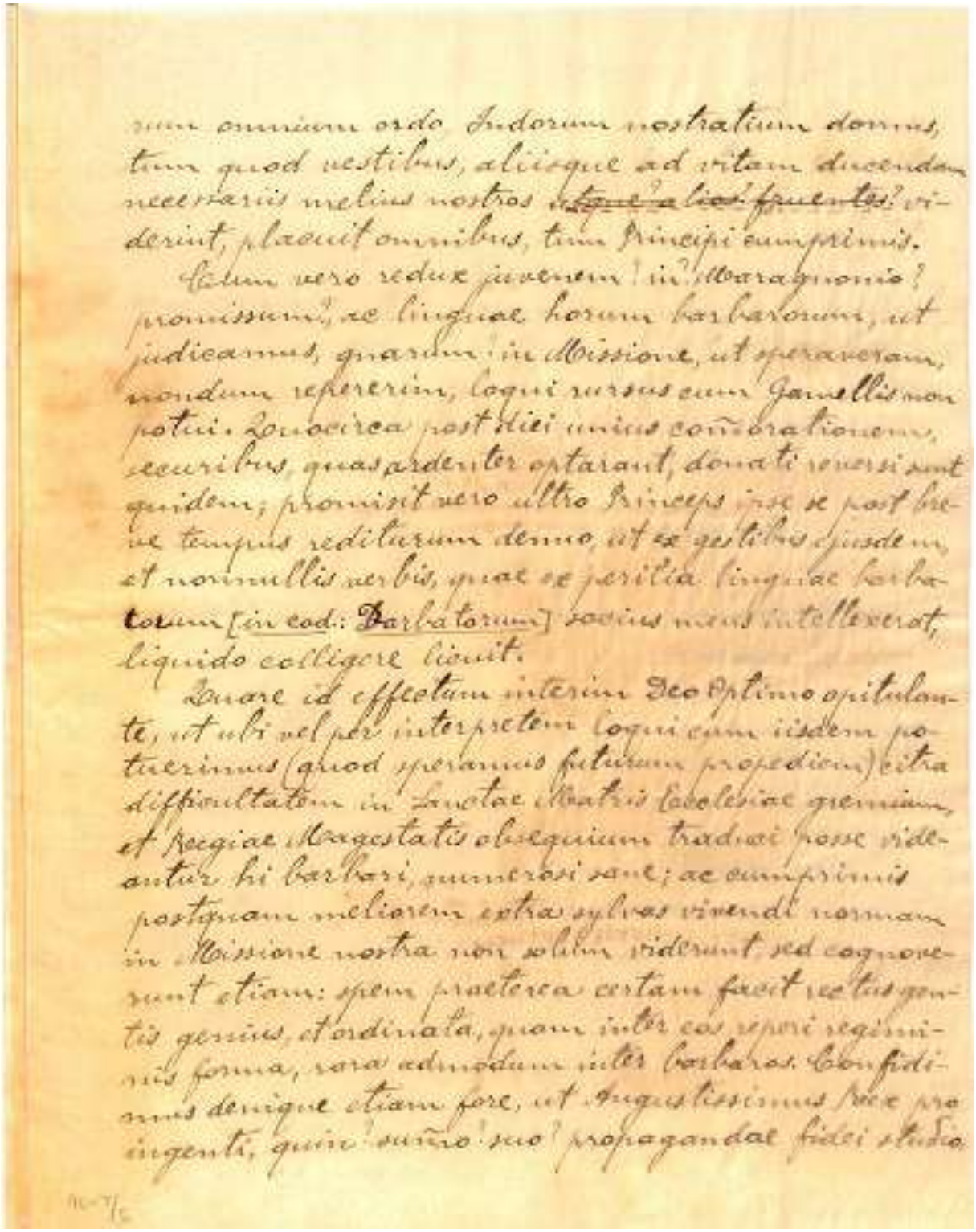
Unde cum primis occasionem sumpsi eos ad deserendam sylvam suam cohortandi; Verum quidquid signorum adhibui, non satis, rudes alioquin, assequi videbantur, ignari praeterea quonam ex fine ad eos venerim. Effeci tamen DEI gratia adjuvante id tandem, ut ipse gentis Princeps, homo animi valde boni, deoque alii ex Primoribus, ac complures de plebe reducem me ad Missionem usque meam sequerentur; In qua melior re-

40-7/4

subinde ad pagum ipsum, cujus tuguria omnia, duobus dumtaxat exceptis, cum haud ita pridem conflagraverint, nullum fere ibidem reperi; cum tamen minium defessus essem ex itinere, substiti tantisper, missis Indorum meorum aliquot, qui in gentis Principem, et Primores inquirerent. Adduxerunt hi repertos tandem, qui pariter, ac Princeps praesertim perbenevoli in me fuerunt, variisque? modis? suum in me affectum significavere. Cum vero linguae eorum ignarus ipse forem [*ou* foreni?], nec meorum Indorum quirquam eosdem intelligeret, utpote speciali utentes lingua, per signa solum agendum fuit; contestati? vero? horum ope suum in me affectum sunt affatim , et plus sane quam a barbaris expectari potuerit. Exprimebant subinde malos se habere vicinos, Coroases nempe, ut occidentem monstraverant, intelligentes, perpetuum sibi cum iisdem esse bellum multosque suorum per eos occidi.

Unde cumprimis occasionem sumpsi eos ad deserendam sylvam suam cohortandi; Verum quidquid signorum adhibui, non satis, rudes alioquin, assequi videbantur, ignori praeterea quonam ex fine ad eos venerim. Effeci tamen DEO gratia adjunvante id tandem, ut ipse gentis Princeps, homo animi valde boni, duoque alii ex Primoribus, ac complures de plebe reducem me ad Missionem usque meam sequerentur; In qua melior re-

Doc 14 (AL-001-040 f. 5r)



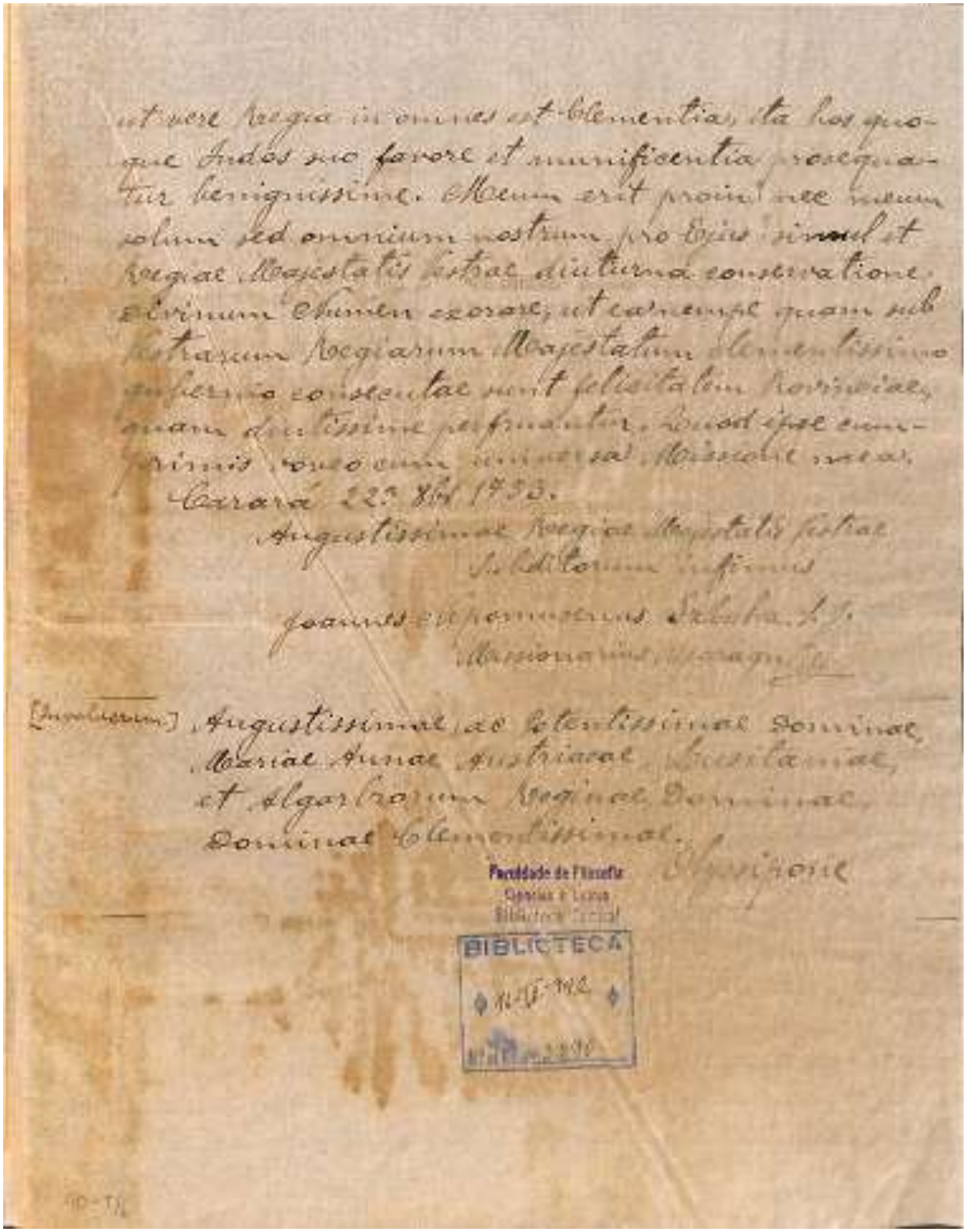
rum omnium ordo Indorum nostratium domus, tum quod vestibus, aliisque ad vitam ducendam necessariis melius nostros ~~utque alios fruentes~~ viderint, placuit omnibus, tum Principi cumprimis.

Cum vero redux juvenem in Maragnonio promissum, ac linguae horum barbarorum, ut judicamus, gnarum in Missione, ut speraveram, nondum repererim, loqui rursus cum Gamellis non potui. Quocirca post diei unius commorationem, securibus, quas ardenter optarant, donati reversi sunt quidem; promisit vero ultro Princeps ipse se post breve tempus rediturum denuo, ut ex gestibus ejusdem, et nonnullis verbis, quae ex peritia linguae barbatorum [in cod.: Barbatorum] socius meus intellexerat, liquido colligere licuit.

Quare id effectum interim Deo Optimo opitulante, ut ubi vel per interpretem loqui cum iisdem potuerimus (quod speramus futurum propediem) citra difficultatem in Sanctae Matris Ecclesiae gremium, et Regiae Magestatis obsequium traduci posse videantur hi barbari, numerosi sane; ac cumprimis postquam meliorem extra sylvas vivendi normam in Missione nostra non solum viderunt sed cognoverunt etiam: spem praeterea certam facit rectus gentis genius, et ordinata, quam inter eos reperi regiminis forma, rara admodum inter barbaros. Confidimus denique etiam fore, ut Augustissimus Rex pro ingenti, quin summo suo propagandae fidei studio

rum omnium ordo, indorum nostratium domus,
tum quod vestibus, aliisque ad vitam ducendam
necessariis melius nostros ~~atque?alios?fruentes?~~ vi-
derint, placuit omnibus, tum Principi cumprimis.
Cum vero redux juvenem: in? Maragnonio?
promissum?, ac linguae horum barbarorum, ut
judicamus, quarum? in Missione, ut speraveram,
nondum repererim, loqui rursus cum Gamellis non
potui. Quocirca post diei unius com[m]orationem,
securibus, quas ardenter optarant, donati reversi sunt
quidem; promisit vero ultro Princeps ipse se post bre-
ve tempus rediturum denuo, ut ex gestibus ejusdem,
et nonnullis verbis, quae ex peritia linguae barba-
rorum [in cod.: Barbatorum] socius meus intellexerat,
liquido colligere licuit.
Quare id effectum interim Deo optimo opitulan-
te, ut ubi vel per interpretem loqui cum iisdem po-
tuerimus (quod spetamus futurum propediem) citra
difficultatem in Sanctae Matris Ecclesiae gremium,
et Regiae Magestatis obsequium traduci posse vide-
antur hi barbari, numerosi sane; ac cumprimis
postquam melorem extra sylvas vivendi normam
in Missione nostra non solum viderunt, sed cognove-
runt etiam: spem praeterea certam facit rectus gen-
tis genius, et ordinata, quam inter eos reperi regimi-
nis forma, rara admodum inter barbaros. Confidi-
mus denique etiam fore, ut Augustissimus Rex pro
ingenti, quin? sum[m]o? suo?propagandae fidei studio

Doc 14 (AL-001-040 f. 6r)



ut vere Regia in omnes est Clementia, ita hos quoque Indos suo favore et munificentia prosequatur benignissime. Meum erit proin nec meum solum sed omnium nostrum pro Ejus simul et Regiae Majestatis Vestrae diuturna conservatione Divinum Numen exorare, ut ea nempe quam sub Vestrarum Regiarum Majestatum clementissimo gubernio consecutae sunt felicitatem Provinciae, quam diutissime perfruantur. Quod ipse cum primis voveo cum universa Missione mea.

Carará 22ª 8bris 1753.

Augustissimae Regiae Majestatis Vestrae
Subditorum infimus
Joannes Clepomusenus Szluha S.J.
Missionarius Maragn[illegible]

[Involucrum] Augustissimae ac Potentissimae Dominae, Mariae Annae Austriacae, Lusitaniae, et Algarbiorum Reginae Dominae, Dominae Clementissimae.

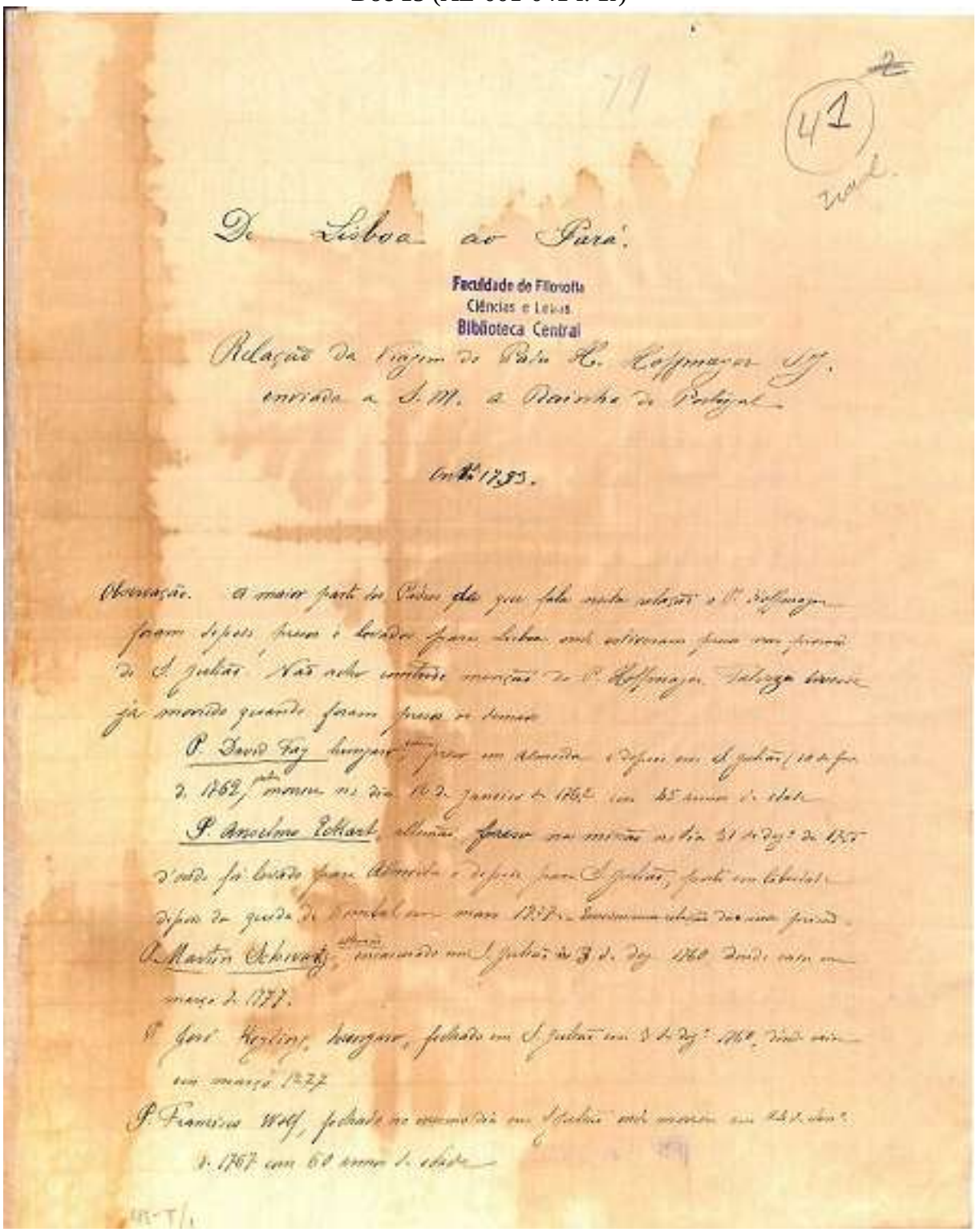
Olyssiponae

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central
BIBLIOTECA
AL-001-042

ut vere Regia in omnes est Clementia, ita hos quo-
que Indos suo favore et munificentia prosequa-
tur benignissime. Meum erit proin,? nec meum
solum sed omnium nostrum pro Ejus? simul et
Regiae Majestatis Vestrae diuturna conservatione
divinum Numen exorare, ut ea nempe quam sub
Vestrarum Regiarum Majestatum clementissimo
gubernio consecutae sunt felicitatem Provinciae,
quam diutissime perfruantur. Quod ipse cum-
primis voveo cum universa Missione mea.
Carará 22ª 8br 1753.
Augustissimae Regiae Majestatis Vestrae
Subditorum infimus
Joannes Nepomucenus Szluha. S.J.
Missionarius Maragnsjs
[Involucrum:] Augustissimae, ac Potentissimae Dominae,
Mariae Annae Austriacae, Lusitaniae,
et Algarbiorum Reginae, Dominae,
Dominae Clementissmae
Olyssipone[36]

[36] Na parte inferior central está o carimbo da Faculdade de Filosofia; logo abaixo

Doc 15 (AL-001-041 f. 1r)



De Lisboa ao Pará.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Relação da Viagem do Padre H. Hoffmayer S.J. enviada a S. M. a Rainha de Portugal

Ano 1793.

Observação. A maior parte dos Padres de que fala nesta relação o P. Hoffmayer foram depois presos e levados para Lisboa onde estiveram presos nas prisões de S. Julião. Não acho contudo menção do P. Hoffmayer. Talvez tivesse já morrido quando foram presos os demais.

P. David Fay, hungaro, preso em Almeida e depois em S. Julião (10 de fev. de 1762), morreu no dia 12 de janeiro de 1762 com 45 annos de idade.

P. Anselmo Eckart, allemão, preso na missão no dia 31 de dez.º de 1755 d'onde foi levado para Almeida e depois para S. Julião, posto em liberdade depois da queda de Pombal em março 1777. Encontramos relação das suas prisões.

P. Martin Schwartz, allemão, encarcerado em S. Julião de 3 de dez. 1760 donde saiu em março de 1777.

P. José Kegling, hungaro, fechado em S. Julião em 3 de dez.º 1760, donde saiu em março 1777.

P. Francisco Wolf, fechado no [illegible] em S. Julião onde morreu em 24 de [illegible] de 1767 com 60 annos de idade.

De Lisboa ao Pará
Relação da Viagem do Padre H. Hoffmayer S*ociedade de* J*esus*.
enviada a V*ossa* M*ajestade* a Rainha de Portugal.
out*ubr*o 1753.

Observação. A maior parte dos Padres de que fala nesta relação o P*adre* Hoffmayer foram depois presos e levados para Lisboa onde estiveram presos nas prisões de S*ão* Julião. Não acho comtudo menção do P*adre* Hoffmayer. Talvez tivesse ja morrido quando foram presos os demais

P*adre* David Fay hungaro, <esteve> preso em Almeida e depois em S*ão* Julião (10 de fev*ereiro*. de 1762) <onde> morreu no dia 12 de janeiro de 1767 com 45 annos de edade.

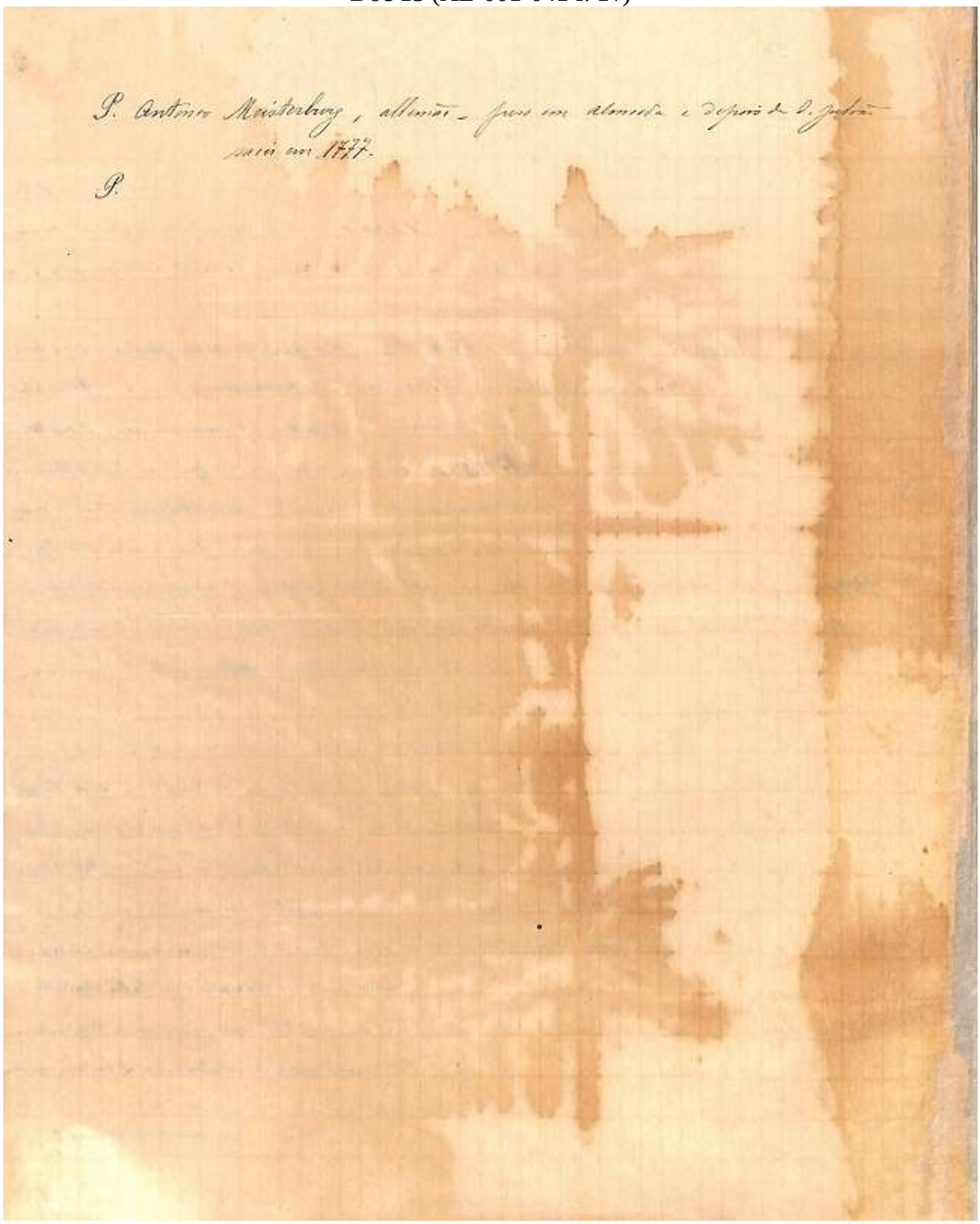
P*adre* Anselmo Eckart, allemão, preso na missão no dia 31 de dezembro de 1755 d'onde foi levado para Almeida e depois para S*ão* Julião, posto em liberdade depois da queda de Pombal em mars 1777 - Escreveu uma relação das~~-~~ sua prisão.

P*adre* Martin Schwartz, <alemão> encarcerado em S*ão* Julião no 3 de dez. 1760, donde saiu em março de 1777.

P*adre* José Keyling, hungaro, fechado em S*ão*. Julião em 3 de dez*embr*o 1760, d'onde saiu em março 1777

P*adre* Francisco Wolf, fechado no mesmo dia em S*ão* Julião onde morreu em 24 de Jan*eir*o de 1767 com 60 annos de edade.

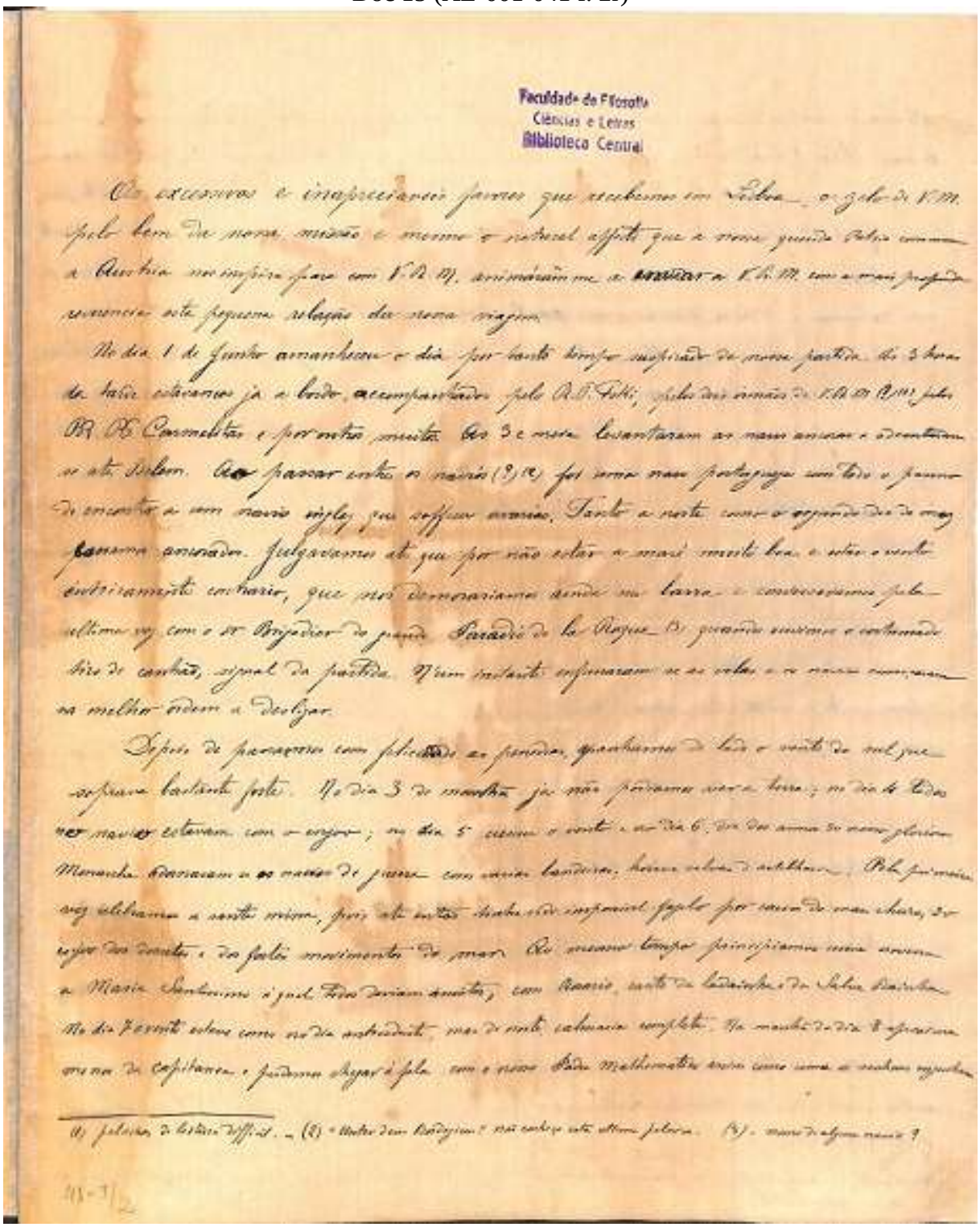
Doc 15 (AL-001-041 f. 1v)



20 P*adre* Antonio Meisterburg, allemão - preso em Almeida e depois de S*ão* Julião saiu em 1777.

P*adre*

Doc 15 (AL-001-041 f. 2r)



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Os excessivos e inapreciaveis favores que recebemos em Lisboa, o gosto de V.M. pelo bem de nossa missão e mesmo o natural affecto que a nossa querida Patria consagra a Austria me inspira fazer com V.A.R.M. a amabilidade de acompanhar a V.A.R.M. com a mais profunda reverencia esta pequena relação de nossa viagem.

No dia 1 de Junho amanheceu o dia por bastante tempo suspirado de nossa partida. As 5 horas da tarde estavamos já a bordo, acompanhados pelo A.S. Felli, pelos dois irmãos de V.A.R. os S.S.M.M. pelos RR. PP. Carmelitas e por muita gente. As 7 e meia levantaram as nossas ancoras e abandonamos as alvas Lisboa. Ao passar entre o Castello (1) e a Torre de S. Julião encontramos a nau Portugueza com tres e quatro de escolta e com navio inglez que offereceu assistencia. Tanto a noite como o seguinte dia de muy pouco avançamos. Julgavamos até que por não estar o mar muito bom e estar o vento evidentemente contrario, que nos demoravamos ainda na barra e conversavamos pela ultima vez com o Sr. Brigadier do grande Corpo de la Rogue (2) pessoa sumamente estimada de todos, signal da partida. Hum salvo inflamaram as suas velas e os nossos começaram na melhor ordem a desfilar.

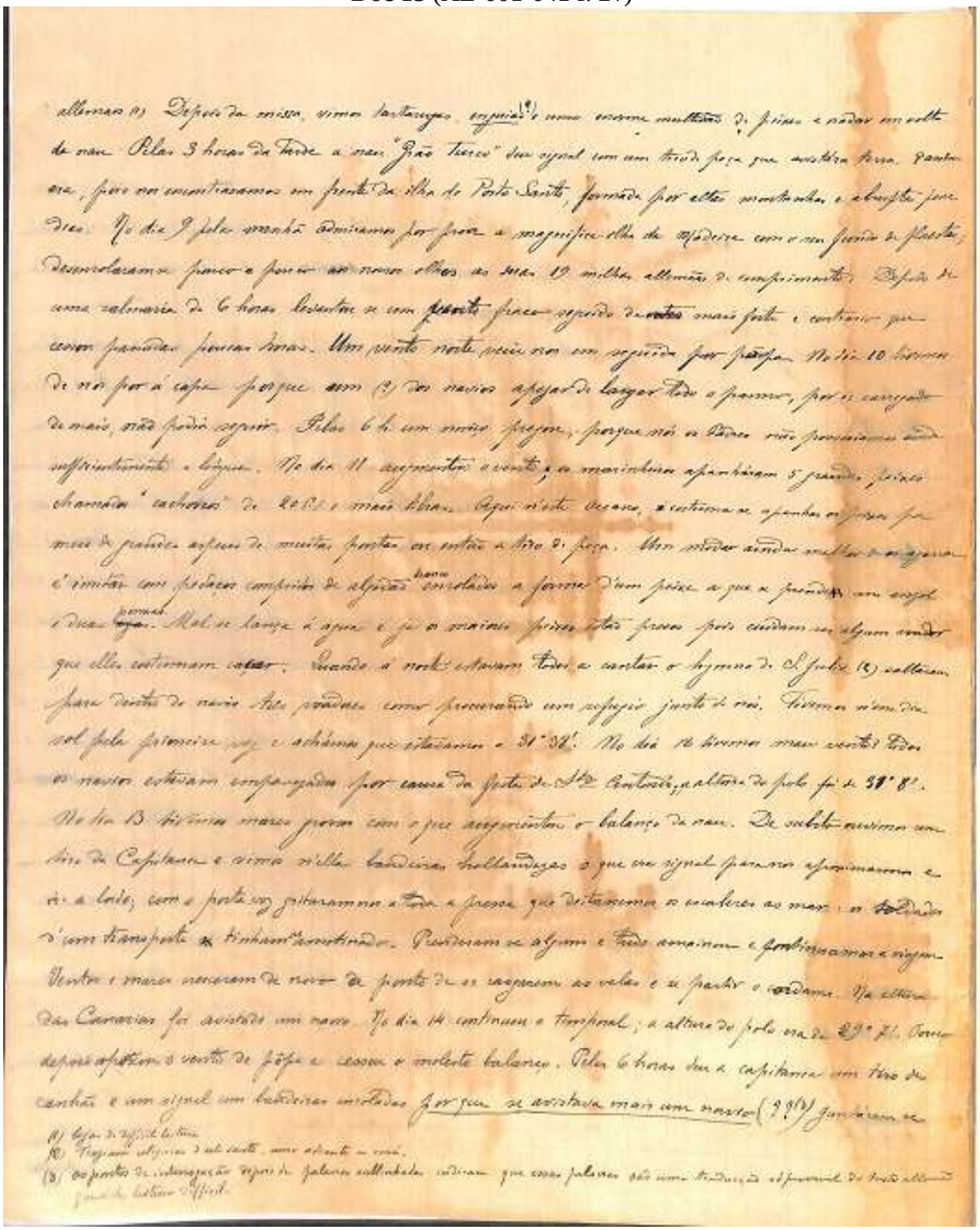
Depois de passarmos com felicidade as pontas, quardinaes de Lisboa e vinte de outubro estavamos bastante fortes. No dia 3 de manhã já não podiamos ver a terra; no dia 4 todos os navios estavam com o seu; no dia 5 cessou o vento e no dia 6 [illegible] Monarcha descansamos a [illegible] com varias bandeiras, [illegible] Pela primeira vez celebramos a santa missa, pois até então [illegible] por causa do mau tempo, e seguio [illegible] e do feliz movimento do mar. No mesmo tempo principiamos nossa novena a Maria Santissima [illegible] com Rosario, [illegible] No dia 7 [illegible] mas de muita calmaria completa. No manhã do dia 8 [illegible] ordem do Capitanea, e fizemos alegar a fala com o nosso Padre Mathematico [illegible]

(1) fallando de Lisboa Official. — (2) = Mallet dem Brigadier? não confirmo este ultimo palavra. (3) = nome de alguma nau?

11-7/2

Os excessivos e inapreciaveis favores que recebemos em Lisboa, o zelo de V*ossa* M*ajestade*
pelo bem da nossa missão e mesmo o natural affecto que a nossa querida Patria commum
a Austria nos inspira para com V*ossa* R*eal* M*ajestade* animáram me a enviar a V*ossa* R*eal* M*ajestade* com a mais profunda
reverencia esta pequena relação da nossa viagem.
No dia 1 de Junho amanheceu o dia por tanto tempo suspirado da nossa partida. Ás 3 horas
da tarde estavamos ja a bordo, acompanhados pelo R*everendissimo* P*adre* Foki, pelos dois irmãos de V*ossa* R*eal* M*ajestade*(?)(1), pelos
R*everendissimo* R*eal* .P*adre* P*rovincial* Carmelitas e por outros muitos. As 3 e meia levantaram as naus ancoras e adeantaram
se ate Belem. Ao passar entre os navios (?)(2) foi uma nau portugueza com todo o panno
de encontro a um navio inglez que soffreu avarias. Tanto a noite como o segundo dia do mez
passamos ancorados. Julgavamos ate que por não estar a maré muito boa e estar o vento
inteiramente contrario, que nos demorariamos ainda na barra e conversamos pela
ultima vez com o S*enho*r Brigadier do grande Paradis de la Roque (3) quando ouvimos o costumado
tiro de canhão, signal da partida. N'um instante enfunaram se as velas e os navios começaram
na melhor ordem a deslizar.
Depois de passarmos com felicidade as penedias, apanhamos de lado o vento do sul que
soprava bastante forte. No dia 3 de manhã ja não podiamos ver a terra; no dia 4 todos
no navio estavam com o enjoo; no dia 5 cresceu o vento e no dia 6, dia dos annos do nosso glorioso
Monarcha adornaram se os navios de guerra com varias bandeiras; houve salvas d'artilharia. Pela primeira
vez celebramos a santa missa, pois até então tinha sido impossivel fazelo por causa do mau cheiro, do
enjoo dos doentes e dos fortes movimentos do mar. Ao mesmo tempo principiamos uma novena
a Maria Santissima á qual todos deviam assistir, com Rosario, canto da ladainha e da Salve Rainha.
No dia 7 o vento esteve como no dia antecedente, mas de noite, calmaria completa. Na manhã do dia 8 aproxima
monos da capitanea e pudemos chegar á fala com o nosso Padre Mathematico assim como uma os senhores engenheiros
(1) palavras de leitura difficil. _ (2) "Unter dem Bordegiren." não conheço esta ultima palavra. (3) - nome de algum navio?

Doc 15 (AL-001-041 f. 2v)



allemães (A) Depois da missa, vimos hortenzias enguias!!! e uma enorme multidão de peixes a nadar em volta de nós. Pelas 3 horas da tarde a nau "Grão Turco" deu signal com um tiro de peça que ouvimos perfeitamente, pois estávamos em frente da ilha de Porto Santo, formada por altos montanhas e abrigada pelo Este. No dia 9 pela manhã avistamos por fim a magnífica ilha da Madeira com o seu pico de Ruivo, descortinamos pouco e pouco os seus altos até às 10 milhas allemães de comprimento. Depois de uma calmaria de 6 horas levantou-se um fraco vento que foi mais forte e contrário pelo que tivemos fundear fronteiro ao mar. Um ponto notável nesta ilha é que não se pode ir de noite para a cama porque como (?) os navios apenas dispõem de lugar para o ancoradouro, por se carregado de mais, não podem seguir. Pelas 6 h. um navio português, porque não os Ilhéus não possuem ainda suficientemente a língua. No dia 11 augmentou o vento, e os marinheiros apanharam o grande peixe chamado "cachorro" de 20 Cl e mais libras. Depois disto deram, à tarde, os ilhéus os peixes em grande quantidade, mas não tivemos ocasião de comprar nenhum, porque não estavam à venda. Um pouco ainda antes do anoitecer é costume com grandes cerimónias de alguns homens circularem a forma d'um peixe a que se prendem um cesto e duas remos. Mal se lança à água e já os marinheiros pelas fracas pois cuidam em algum modo que elles continuam a crescer. Quando à noite cantaram todos a cantata o hymno de S. João (B) cantaram para dentro de navio pois receiam ser procurados com respeito junto de nós. Tivemos vista do sol pela primeira vez e achámos que estávamos a 31° 32'. No dia 12 tivemos mau vento. Pelas 10 navios estavam empenagados por causa da ponta de Sta Catharina, a altura do pólo foi a 38° 8'. No dia 13 tivemos mares grossos com o que augmentou o balanço da nau. De subito avistamos um navio de Capitania e vimos muitas bandeiras hollandezas o que era signal para nos aproximarmos e ir a bordo; com o porta voz gritaram-nos a toda a pressa que deitassemos os escaleres ao mar: os Hollandezes vinham transportar os tripulantes. Partiram os alguns e todos acenavam e gritavam a alguns Ventos e mares vencem de novo de ponto de os vaguear as velas e se pastar o ordame. Na altura das Canarias foi avistado um navio. No dia 14 continuou a tempestade; a altura do pólo era de 29° 7'. Como depois afastou o vento de fóra e cessou o violente balanço. Pelas 6 horas deu a capitania um tiro de canhão e um signal com bandeiras encarnadas por que se avistava mais um navio (???) guardámos-nos

(A) Esqa. 3. 29 [illegible] Letras
(B) Tinham [illegible] 3 até cento, uma adiante a cima.
(18) os pontos de interrogação depois de palavras sublinhadas indicam que essas palavras são uma tradução [illegible] do texto allemão
[illegible] Letras Official

allemaos (1) Depois da missa, vimos tartarugas, enguias (?) e uma enorme multidão de peixes a nadar em volta
da nau Pelas 3 horas da tarde a nau " Grão Turco" deu signal com um tiro de peça que avistára terra. [qantro? Pass..?]
era, pois nos encontravamos em frente da ilha do Porto Santo, formada por altas montanhas e abruptas pene
dias. No dia 9 pela manhã admiramos por proa a magnifica ilha da Madeira com o seu fundo de floresta;
desenrolaramse pouco e pouco aos nossos olhos as suas 19 milhas allemães de comprimentos. Depois de
uma calmaria de 6 horas levantou se um vento fraco seguido de outro mais forte e contrario que
cessou passadas poucas horas. Um vento norte veiu nos em seguida por popa. No dia 10 tivemos
de nos por á capa porque um (?) dos navios apezar de largar todo o panno, por ir carragado
de mais, não podia seguir. Pelas 6 h. um noviço pregou; porque nós os Padres não possuimos ainda
sufficientemente a língua. No dia 11 augmentou o vento; os marinheiros apanháram 5 grandes peixes
chamados "cachorros" de 20 (?) e mais libras. Aqui n'este oceano, costuma se apanhar os peixes por
meio de grandes arpeus de muitas pontas ou então a tiro de peça. Um modo ainda melhor de os agarrar
é imitar com pedaços compridos de algodão <branco> enrolados a forma d'um peixe a que se prende um anzol
e duas ~~azas~~ <penas>. Mal se lança á agua e ja os maiores peixes estão presos pois cuidam ser algum voador
que elles costumam caçar. Quando á noite estavam todos a cantar o hymno de S. Julio (2) saltaram
para dentro do navio tres voadores como procurando um refugio junto de nós. Tivemos n'esse dia
sol pela primeira vez e achámos que estavamos a 31º38'. No dia 12 tivemos mau vento: todos
os navios estavam empavezados por causa da Festa de S*an*to Antonio; a altura do polo foi de 31º8'.
No dia 13 tivemos mares grossos com o que augmentou o balanço da nau. De subito ouvimos um
tiro da Capitanea e vimos n'ella bandeiras hollandezas o que era signal para nos aproximarmos e
ir a bordo; com o porta voz gritaram nos a toda a pressa que deitassemos os escaleres ao mar: os soldados
d'um transporte tinham se amotinado. Prenderam se alguns e tudo amainou e continuamos a viagem.
Ventos e mares cresceram de novo a ponto de se rasgarem as velas e se partir o cordame. Na altura
das Canarias foi avistado um navio. No dia 14 continuou o temporal; a altura do polo era de 29º7'. Pouco
depois afrouxou o vento de pôpa e cessou o molesto balanço. Pelas 6 horas deu a capitanea um tiro de canhão e um signal com bandeiras enroladas porque se avistava mais um navio (?? (3)) juntáram se

(1)lugar de difficil leitura

(2)Traziam reliquias d'este santo, como adiante se verá.

(3) Os pontos de interrogação depois de palavras sublinhadas indicam que essas palavras são uma tradução só provavel do texto allemão que é de leitura difficil.

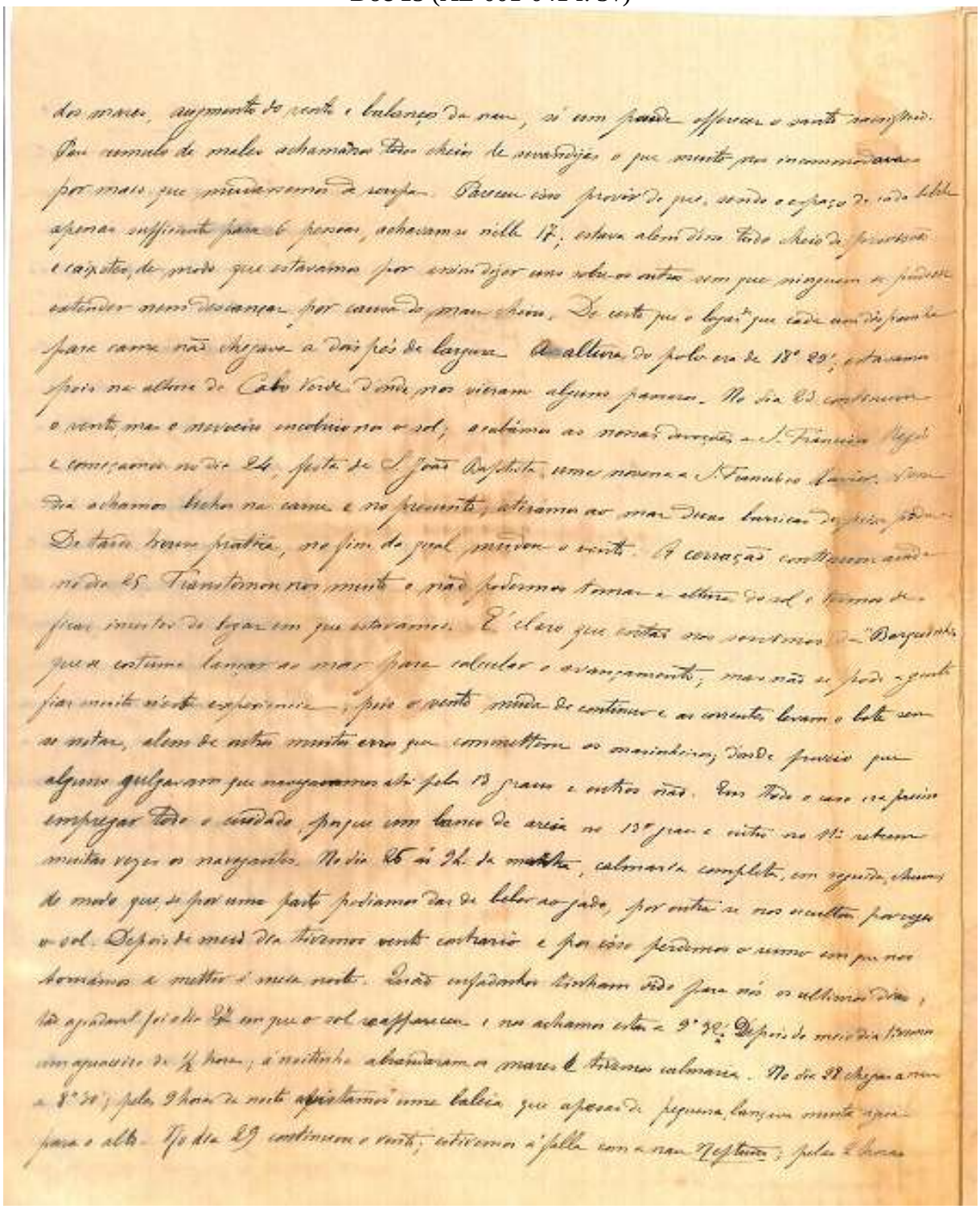
as naus; acalmou a [illegible]. No dia 15 alcançamos o navio estrangeiro e tendo-o examinado (1)
achamos ser hollandez. A altura do polo era de 28° 27'. A noite principiamos a novena em
honra de S. Francisco Regis e no dia 16 festejamo-lo todos para alcançarmos por
meio deste apostolo varão um zelo das almas egual ao d'elle, pois ~~[illegible]~~ temos o mesmo com
o mesmo fim com que elle não recuou diante das mais inhospitas montanhas. A altura do polo
era de 27° 24'. O vento como na vespera. Quando á noite estavamos a cantar a Salve Rainha, eis
que os marinheiros foram outra vez ~~attrahidos~~ para dentro do navio pela nossa melodia. Em seguida houve de novo pratica.
No dia 17 a capitanea annunciou com um tiro de canhão que estava á vista um navio estranho.
Ao meio dia a altura do polo era de 26° 30', pelas 7 horas tivemos ordem de navegar com toda a
velocidade possivel. No dia 18 poz-se [illegible] o vento de lado e tivemos que ir á bolina. Alcançámos
as naus Cardoso e Neptuno que na vespera se tinham separado da frota, depois de [illegible].
A altura do polo era de 25° 34'. De tarde quebrou-se a amurada sobre a qual estavam apoiados os
nossos moços e caiu com grande estrondo ao mar, sem que ninguem tivesse soffrido, o que muito
agradecemos a Deus N. S. Pouco depois separaram-se de nós os navios que iam para o Pará,
de modo que ficaram só 5 para o Maranhão. Apezar do mar estar grande ainda, pudemos
pescar 3 peixes. No dia 19 tivemos vento por popa, mas por estarem as ondas grandes entra-
vam no navio ondas sobre ondas. Aconteceu-nos um [illegible] e a nossa agua principiou a
cheirar mal e a tomar a côr de um chá muito carregado. Deitamos nella [illegible]
para impedir que se corrompesse de todo e criasse bichos. Ao meio dia a altura do polo
era de 23° 27' donde concluimos que pelas 2 horas passariamos o tropico de Cancer e
estariamos na zona torrida. Principiaram os [illegible] e com espanto nosso começamos a
sentir frio. No dia 20 continuou o vento, mas não a violencia das ondas. Estavamos a
22° 40' de latitude. De tarde houve outra vez pratica á gente da nau. No dia 21 continuou
o vento; foi occasião de confissão e recebeu o pão dos fortes o nosso doente. O frio cresceu
tanto que tivemos que nos abrigar com os mantéus e outros agasalhos. A altura do polo era
21° 17. De tarde houve catecismo, durante o qual o vento derrubou uma vela sem contudo ferir
ninguem. No dia 22 fizemos a festa de S. Luiz, na qual, com grande [illegible] de todos, fizeram [illegible]

(1) [illegible] melhor: [illegible] navio estrangeiro e tendo o examinado etc. — (Den 15ten [illegible] auf das fremde Schiff, [illegible]
[illegible]

as naus; acabámos a novena. No dia 15 alcançamos o navio extrangeiro e tendo o examinado (1)
achamos ser hollandez. A altura do polo era de 28º27'. A noite principiamos os nossos exercicios de
devoção em honra de S*ão* Francisco Regis e no dia 16 festejamolo todos para alcançarmos por
meio d'este apostolico varão um zelo das almas egual ao d'elle, pois atravessamos o oceano com
o mesmo fim com que elle não recuou deante das mais inhospitas montanhas. A altura do polo
era de 27º24'. O vento como na vespera. Quando á noite estavamos a cantar a Salve Rainha, eis
que os voadores foram outra vez attrahidos <para dentro do navio> pela nossa melodia. Em seguida houve de novo pratica.
No dia 17 a capitanea annunciou com um tiro de canhão que estava á vista um navio extranho.
Ao meio dia a altura do polo era de 26º30; pelas 7 horas tivemos aviso de navegar com toda a
velocidade possivel. No dia 18 poz se nos o vento de lado e tivemos que ir á bolina. Alcançámos
as naus Cardoso e Neptuno que na vespera se tinham separado da frotta, depois de dada a salva.
A altura do polo era de 25º34'. De tarde quebrou se a amurada sobre a qual ~~se~~ <estão [xx]> apoiados os
nossos noviços e caiu com grande estrondo ao mar, sem que ninguem tivesse soffrido, o que muito
agradecemos a Deus N*osso* S*enhor* Pouco depois separarm se de nós os navios que iam para o Pará,
de modo que ficaram só 5 para o Maranhão. Apezar do mar estar picado ainda, pudemos
pescar 3 peixes. No dia 19 tivemos vento por popa, mas por estarem os mares grossos entra-
vam no navio ondas sobre ondas. Adoeceu nos um mouro e a nossa agua principiou a
cheirar mal e a tomar a côr de um chá muito carregado. Deitamos nella alguma aguardente
para impedir que se corrompesse de todo e criasse bichos. Ao meio dia a altura do polo
era de 23º27' donde concluimos que pelas 8 horas passariamos o tropico do Cancer e
estariamos na zona torrida. Principiaram os nevoeiros e com espanto nosso começamos a
sentir frio. No dia 20 continuou o vento, mas não a violencia das ondas. Estavamos a
22º40' de latitude. De tarde houve outra vez pratica á gente da nau. No dia 21 continuou
o vento, foi ouvido de confissão e recebeu o pão dos fortes o mouro doente. O frio cresceu
tanto que tivemos que nos abrigar com os mantéus e outros agasalhos. A altura do polo era
21º19. De tarde houve catecismo, durante o qual o vento derrubou uma vela sem comtudo ferir
ninguem. No dia 22 fizemos a festa de S*ão* Luiz, na qual, com grande pena de todos, por causa

(1)ou talvez melhor, démos caça ao navio extrangeiro e tendo o revistado este... / den 15ten jagten wir auf das fremde Schiff, durchouchten
5 alches um ½ 8 Uhr….

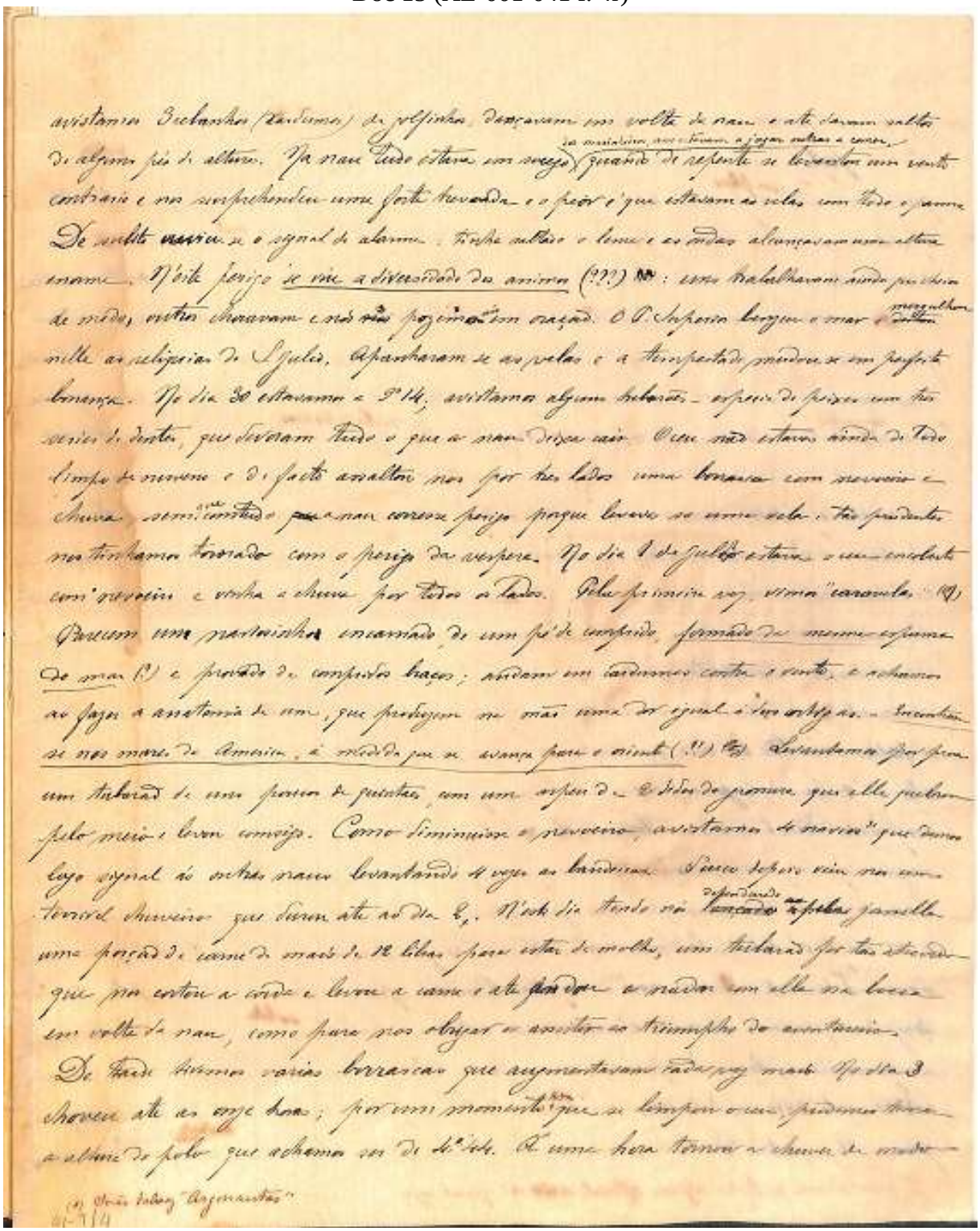
Doc 15 (AL-001-041 f. 3v)



dos mares, augmento do vento e balancos da nau, só um [poude] offerecer o santo sacrificio.
Para cumulo de males achamonos todos cheios de sevandijas o que muito nos incommodava
por mais que mudassemos de roupa. Pareceu isso provir de que, sendo o espaço de cada beliche
apenas sufficiente para 6 pessoas, achavam se n'elle 17; estava alem d'isso tudo cheio de provisões
e caixotes, de modo que estavamos por assim dizer uns sobre os outros sem que ninguem se pudesse
extender nem descançar por causa do mau cheiro. De certo que o lugar <de> que cada um dispunha
para cama não chegava a dois pés de largura. A altura do polo era de 18º29'; estavamos
pois na altura do Cabo Verde d'onde nos vieram alguns passaros. No dia 23 continuou
o vento, mas o nevoeiro encobriu nos o sol; acabámos as nossas devoções a S*ão* Francisco Regis
e começamos no dia 24, festa de S*ão* João Baptista, uma novena a S*ão* Francisco Xavier. N'esse
dia achamos bichos na carne e no presunto; atirámos ao mar duas barricas de peixe pôdre.
De tarde houve pratica, no fim da qual mudou o vento. A cerração continuou ainda
no dia 25. Transtornou nos muito o não podermos tomar a altura do sol e termos de
ficar incertos do lugar em que estavamos. Q'claro que então nos servimos do "Barquinho"[37]
que se costuma lançar ao mar para calcular o avançamento; mas não se pode a gente
ficar muito n'esta experiencia, pois o vento muda de continuo e as correntes levam o bote sem
se notar, alem de outros muitos erros que commettem os marinheiros; d'onde proveio que
alguns gulgavam[38] que navegavamos ahi pelos 13 graus e outros não. Em todo o caso era preciso
empregar todo o cuidado, porque um banco de areia no 13º grau e outro no 11º reteem
muitas vezes os navegantes. No dia 26 ás 9h. da manhã, calmaria completa, em seguida, chuveu;
de modo que, se por uma parte podiamos dar de beber ao gado, por outra se nos occultou por vezes
o sol. Depois de meio dia tivemos vento contrario e por isso perdemos o rumo em que nos
tomámos a metter á meia norte. Quão enfadonhos tinham sido para nós os ultimos dias,
tão agradavel foi o dia 27 em que o sol reappareceu e nos achamos estar a 9º32'. Depois do meio dia tivemos
um aguaceiro de 1/2 hora; á noitinha abrandaram os mares e tivemos calmaria. No dia 28 chegou a nau
a 8º30'; pelas 9 horas da noite avistamos uma baleia que apesar de pequena lançou muita agua
para o alto. No dia 29 continuou o vento; estivemos á falla com a nau Neptuno; pelas 2 horas

[37] As aspas estão seguindo o padrão alemão: uma em cima, outra embaixo.
[38] gulgavam] julgavam

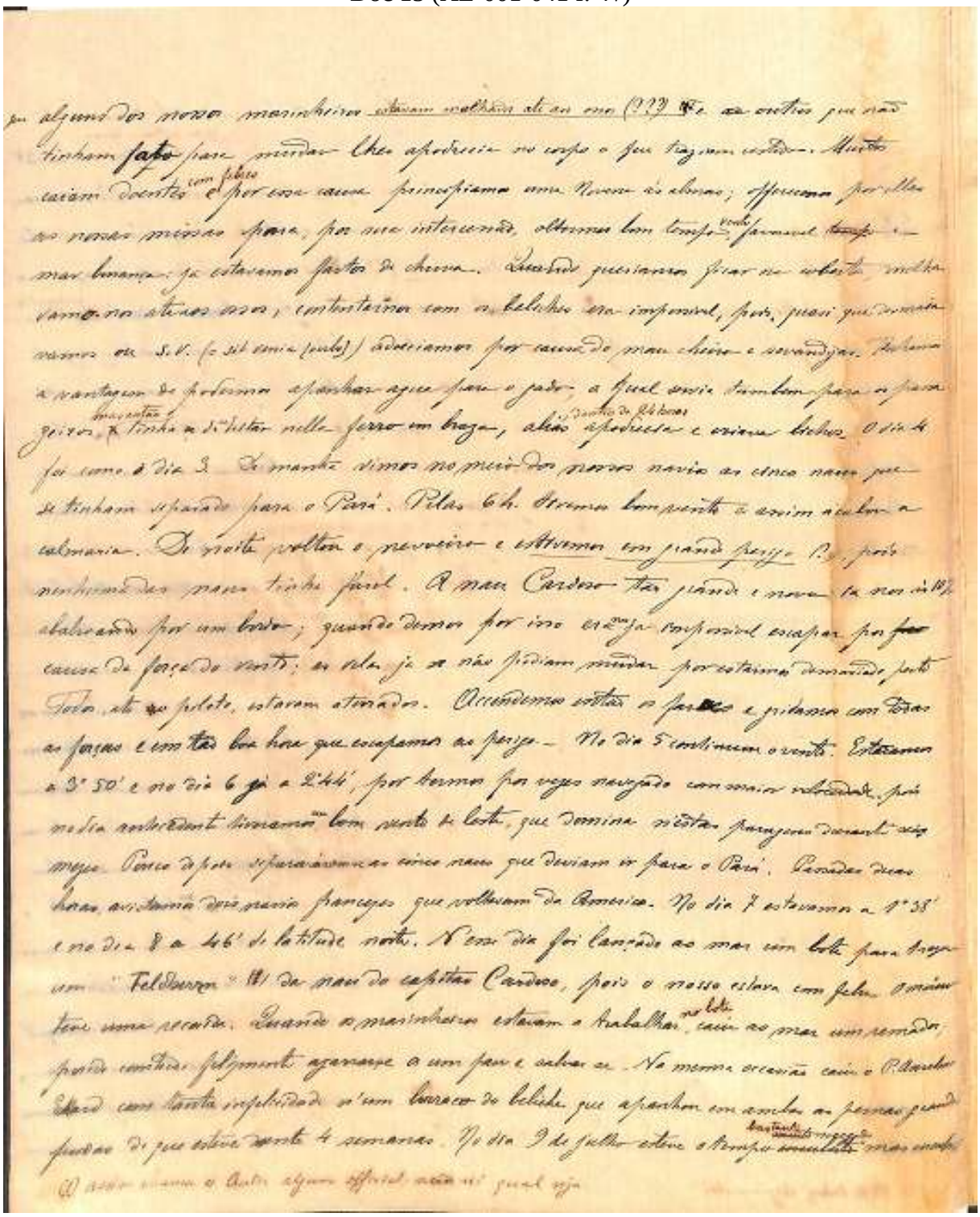
Doc 15 (AL-001-041 f. 4r)



avistamos 3 rebanhos (cardumes) de golfinhos: dançavam em volta da nau e ate davam saltos
de alguns pés de altura. Na nau tudo estava em socego, <dos marinheiros, uns estavam a jogar outros a comer,> quando de repente se levantou um vento
contrario e nos surprehendeu uma forte trovoada e o peior é que estavam as velas com todo o panno.
De subito ouviu se o signal de alarme: tinha saltado o leme e as ondas alcançavam um altura
enorme. N'este perigo se viu a diversidade dos animos (???): uns trabalhavam ainda que cheios
de medo, outros choravam e nós ~~nos~~ pozemo <nós> em oração. O P*adre* Superior benzeu o mar e ~~deitou~~ <mergulhou>
nelle as reliquias de S*ão* Julio. Apanharam se as velas e a tempestade mudou-se em perfeita
bonança. No dia 30 estavamos a 9º14'; avistamos alguns tubarões - especie de peixes com tres
series de dentes, que devoram tudo o que a nau deixa cair. O ceu não estava ainda de todo
limpo de nuvens e de facto assaltou nos por tres lados uma borrasca com nevoeiro e
chuva, sem <que> comtudo ~~que~~ a nau corresse perigo porque levava so uma vela: tão prudentes
nos tinhamos tornado com o perido da vespera. No dia 1 de julho estava o ceu encoberto
com nevoeiro e vinha a chuva por todos os lados. Pela primeira vez vimos "caravelas" (4)
Parecem um~~s~~ naviosinho~~s~~ encarnado de um pé de comprido, formado da mesma espuma
do mar (?) e provido de compridos braços; andam em cardumes contra o vento, e achamos
ao fazer a anatomia de um, que produzem na mão uma dor igual á das ortigas. - Encontram
se nos mares da America, á medida que se avança para o oriente (??) (~~x~~) Levantamos por proa
um tubarão de uns poucos de quintaes, com um arpeu de 2 dedos de grossura que elle quebrou
pelo meio e levou comsigo. Como diminuisse o nevoeiro, avistamos 4 navios de que demos
logo signal ás outras naus levantando 4 vezes as bandeiras. Para depois veiu nos um
terrivel chuveiro que durou ate o dia 2~~,~~. N'este dia tendo nós ~~lançado a~~ <dependurado as> pela janella
uma porção de carne de mais de 12 libras para estar de molho, um tubarão foi tão atrevido
que nos cortou a corda e levou a carne e ate andou a nadar com ella na bocca
em volta da nau, como para nos obrigar a assistir o triumpho do aventureiro.
De tarde tivemos varias borrascas que augmentavam cada vez mais. No dia 3
choveu ate as onze horas; por um momento que se limpou o ceu, pudemos tomar
a altura do polo que achamos ser de 4º44. Á uma hora tornou a chuver de modo
(1)Serão talvez "Argonautas"[39,40]

[39] A descrição de Hoffmayer é do animal conhecido como “caravela-portuguesa” (Physalia physalis L.). O tradutor suspeita que seja um Argonauta (gênero de polvo).
[40] No canto inferior esquerdo, a lápis, há a seguinte anotação: 41-T/4

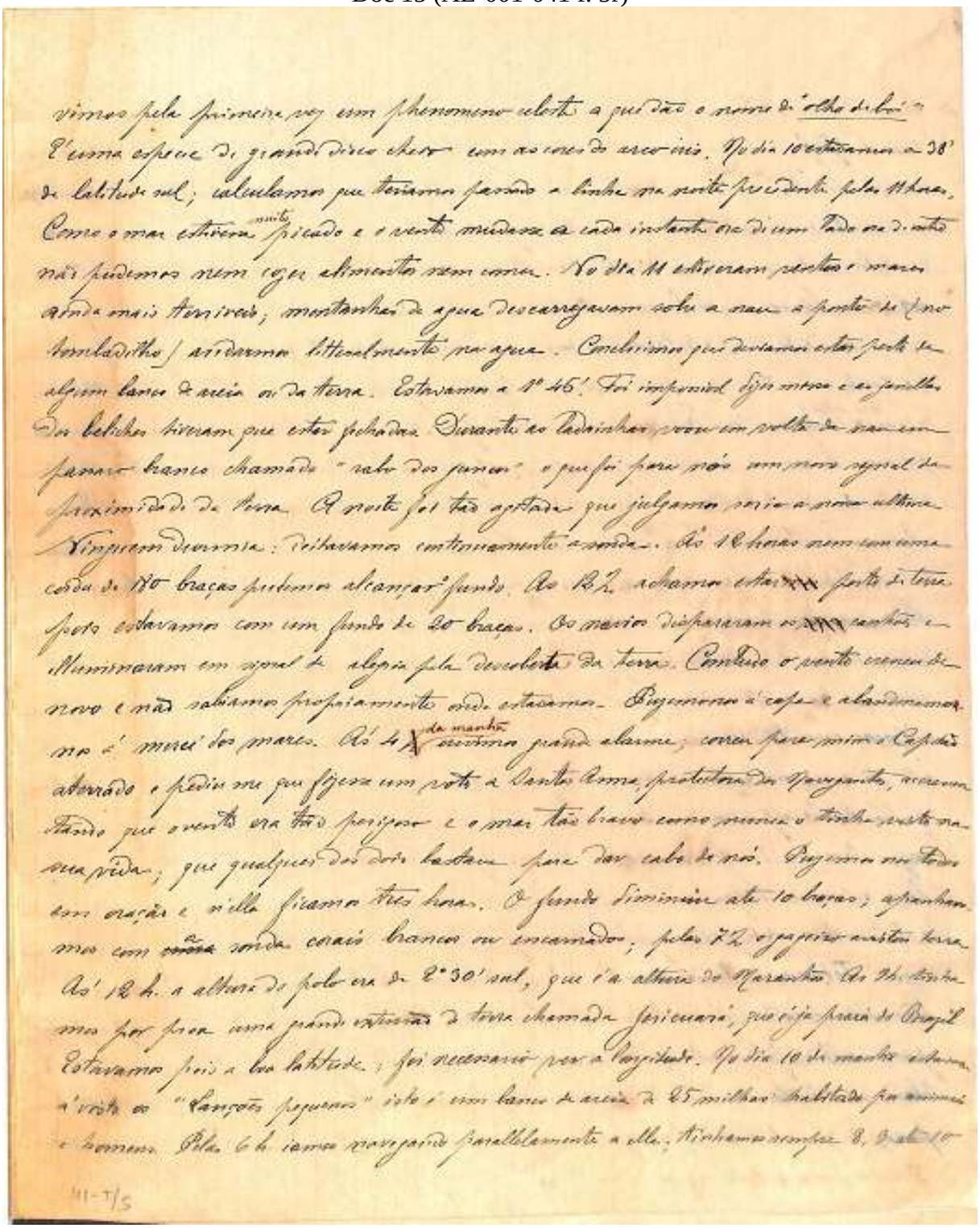
Doc 15 (AL-001-041 f. 4v)



que alguns dos nossos marinheiros estavam molhados ate aos ossos (???) e os outros que não
tinham fato para mudar lhes apodrecia no corpo o que traziam vestidos. Muitos
caiam doentes <com febres> e por essa causa principiamos uma Novena ás almas; offerecemos por ellas
as nossas missas para, por sua intercessão, obtermos bom tempo, <vento> favoravel ~~tempo~~ e
mais bonança: já estavamos fartos de chuva. Quando queriamos ficar na coberta, molha
vamos-nos ate aos ossos; contentarnos com os beliches era impossivel, pois quasi que desmaia
vamos ou S*it* V*enia* (=sit venia[verbo]) adoeciamos por causa do mau cheiro e sevandijas. Tinhamos
a vantagem de podermos apanhar agua para o gado; a qual servia tambem para os passa
geiros, <mas então> tinha ~~se~~ de se deitar nella ferro em braza, alias <dentro de 24 horas> apodrecia e criava bichos. O dia 4
foi como o dia 3. De manhã vimos no meio dos nossos navios as cinco naus que
se tinham separado para o Pará. Pelas 6h. tivemos bom vento e assim acabou a
calmaria. De noite voltou o nevoeiro e estivemos em grande perigo (?), pois
nenhuma das naus tinha farol. A nau Cardoso tão grande e nova ia nos ás 10h
abalroando por um bordo; quando demos por isso era <nos> ja impossivel escapar por [rasura]
causa da força do vento; as velas ja se não podiam mudar por estarmos demasiado perto
todos, até o piloto, estavam aterrados. Accendemos então os faroes e gritamos com todas
as forças e em tão boa hora que escapamos ao perigo. - No dia 5 continuou o vento. Estavamos
a 3º50' e no dia 6 já a 2º44', por termos por vezes navegado com maior velocidade, pois
no dia antecedente tivermos <um> bom vento de leste, que domina n'estas paragens durante seis
mezes. Pouco depois separavám se as cinco naus que deviam ir para o Pará. Passadas duas
horas, avistamos dois navios francezes que voltavam da America. No dia 7 estavamos a 1º38'
e no dia 8 a 46' de latitude norte. N'esse dia foi lançado ao mar um bote para trazer
um "Feldbern" (1) da nau do capitão Cardoso, pois o nosso estava com febre. O mesmo
teve uma recaida. Quando os marinheiros estavam a trabalhar <no bote>, caiu ao mar um remador;
poude comtudo felizmente agarrouse a um pau e salvou se. Na mesma occasião caiu o P*adre* Anselmo
Eckard com tanta infelicidade n'um barraco do beliche que apanhou em ambas as pernas grandes
feridas de que esteve doente 4 semanas. No dia 9 de julho esteve o tempo ~~encuberto~~ <bastante ~~muito~~ socegado> mas encuberto
[rodapé]
(1) Assim chama o Autor algum official; não sei qual seja.[41]

[41] Esta linha foi escrita com outra tinta, mas pelo mesmo punho do restante do documento.

Doc 15 (AL-001-041 f. 5r)



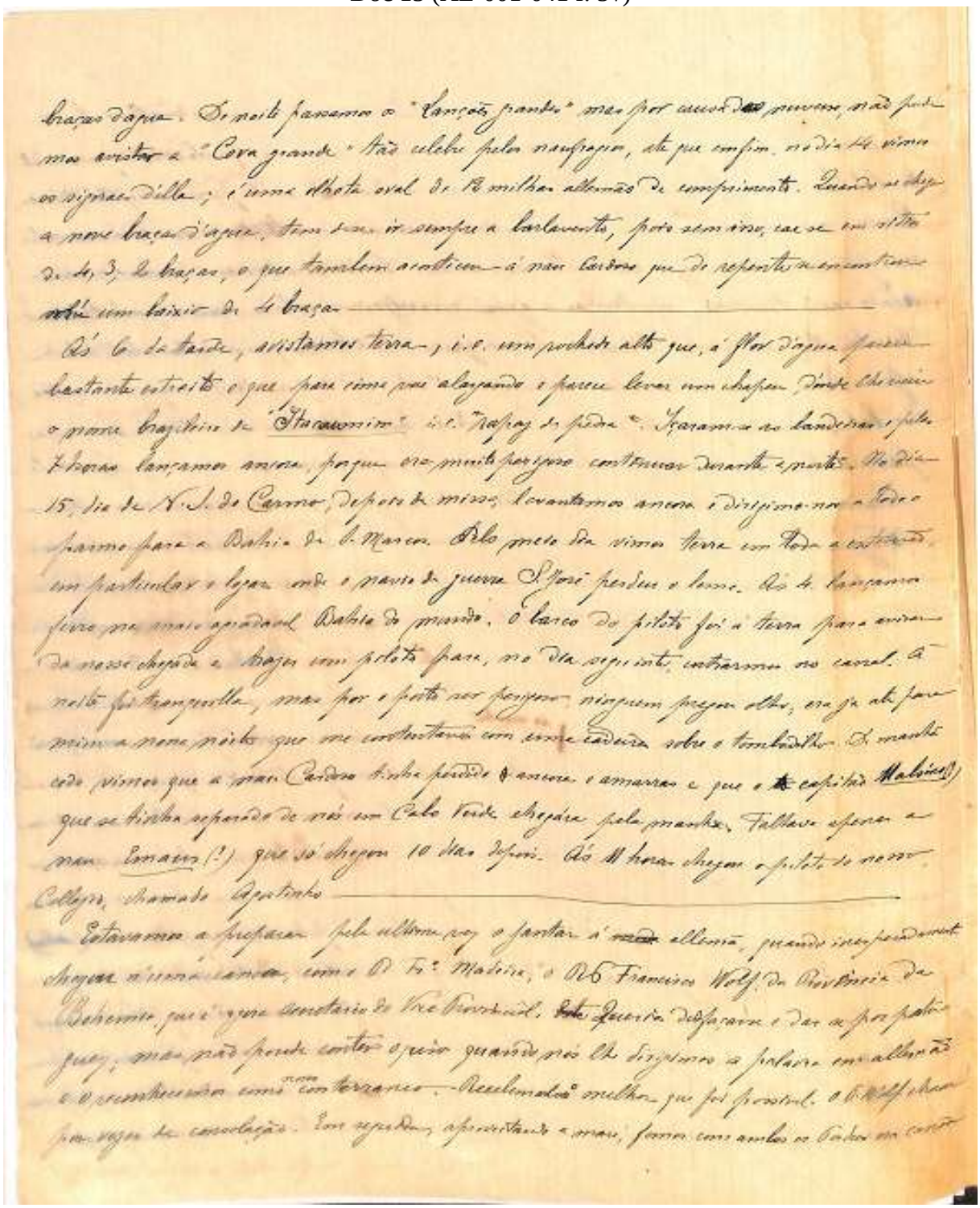
vimos pela primeira vez um phenomeno celeste a que dão o nome de "olho de boi".
É uma especie de grande disco cheio com as cores do arco-iris. No dia 10 estavamos a 38'
de latitude sul; calculamos que teriamos passado a linha na noite precedente pelas 11 horas.
Como o mar estivera muito picado e o vento mudava a cada instante ora de um lado ora de outro
não pudemos nem tomar alimento nem comer. No dia 11 estiveram sempre o mar
ainda mais furioso, montanhas de agua descarregavam sobre a nau a ponto de nos
sumergirem / arrebentavam litteralmente na agua. Concluimos que deviamos estar perto de
algum banco de areia ou da terra. Estavamos a 1° 46'. Foi impossivel fazer minha e as janellas
das beliches tiveram que estar fechadas. Durante as tempestades vimos em volta do navio em
grande numero uma ave chamada "rabo de junco" e que foi para nós um novo signal da
proximidade da terra. A noite foi tão agitada que julgamos seria a nossa ultima.
Vinguem diversas: deitavamos continuamente a sonda. Ás 12 horas com uma
corda de 150 braças pudemos alcançar o fundo. As 12 h. estavamos estas perto de terra.
Pouco estivemos com um fundo de 20 braças. Os mares dispararam os [illegible] contra o
illuminaram em signal de alegria pela descoberta da terra. Continuo o vento crescendo de
novo e não sabiamos precisamente onde estavamos. Pegamos á cafe e abandonamos
no á' meio dos mares. Ás 4 X da manhã ouvimos grande alarme, correu para mim o Capitão
aterrado e pediu me que fizesse um voto a Santa Anna, protectora do Maranhão, porque
tinha que o vento era tão forçoso e o mar tão bravo como nunca o tinha visto na
sua vida; que qualquer dos dois bastava para dar cabo de nós. Pegamos nos todos
em oração e assim fizemos tres horas. O fundo diminuia até 10 braças; apanhamos
nos com uma sonda corais brancos encarnados; pelas 7 h. o pagem avistou terra.
Ás 12 h. a altura do polo era de 2° 30' sul, que é a altura do Maranhão. As 2 h. tinha
mos por proa uma grande extensão de terra chamada Jericoacoara, que é já praia do Brazil
Estavamos pois a boa latitude; foi necessario pôr a longitude. No dia 10 de manhã estavamos
á vista do "Cangoão pequeno" isto é com bancos de areia a 25 milhas habitados por animaes
e homens. Pelas 6 h. iamos navegando parallelamente a elle, tinhamos sempre 8, 9 até 10

41-T/5

vimos pela primeira vez um phenomeno celeste a que dão o nome de "olho de boi"
É uma especie de grande disco cheio com as cores do arco-iris. No dia 10 estavamos a 38'
de latitude sul; calculamos que teriamos passado a linha na noite precedente pelas 11 horas.
Como o mar estivesse [muito[intelinha] picado e o vento mudasse a cada instante ora de um lado ora de outro
não pudemos nem cozer alimentos nem comer. No dia 11 estiveram ventos e mares
ainda mais terriveis; montanhas de agua descarregavam sobre a nau a ponto de (no
tombadilho) andarmos litteralmente na agua. Concluimos que deviamos estar perto de
algum banco de areia ou da terra. Estavamos a 1º46'. Foi impossivel dizer messa e as janellas
dos beliches tiveram que estar fechadas. Durante as ladainhas voou em volta da nau um
passaro branco chamado "rabo dos juncos", o que foi para nós um novo signal da
proximidade da terra. A noite foi tão agitada que julgamos seria a nossa ultima
Ninguem durmia: deitavamos continuamente a sonda. Ás 12 horas nem om uma
corda de 180 braças pudemos alcançar o fundo. As 12 h achamos estar ~~mos~~ perto de terra
pois estavamos com um fundo de 20 braças. Os navios dispararam os ~~seus~~ canhões e
illuminaram em signal de alegria pela descoberta da terra. Comtudo o vento cresceu de
novo e não sabiamos propriamente onde estavamos. Puzemonos á capa e abandonamo~~s~~
nos á mercé dos mares. Ás 4 ~~h~~ <da manhã> ouvimos grande alarme; correu para mim o Capitão
aterrado e pediu me que fizesse um voto a Santa Anna, protectora dos navegantes, accrescen
tando que o vento era tão perigoso e o mar tão bravo como nunca o tinha visto na
sua vida; que qualquer dos dois bastava para dar cabo de nós. Puzemos nos todos
em oração e n'ella ficamos tres horas. o fundo diminuiu ate 10 braças; apanhava
mos com ~~uma~~ a sonda corais brancos ou encarnados; pelas 7h o gageiro avistou terra
Ás 12 h. a altura do polo era de 2º30' sul, que é a altura do Maranhão. As 9h. tinha
mos por proa uma grande extensão de terra chamada Jericuará[42], que é ja praia do Brazil
Estavamos pois a boa latitude; foi necessario ver a longitude. No dia 10 de manhã estavam
á vista os "Lanções pequenos" isto é um banco de areia de 25 milhas habitado por animais
e homens. Pelas 6h. iamos navegando parallelamente a elle; tinhamos sempre 8, 9 até 10

[42] Trata-se possivelmente de Jericoacoara.

Doc 15 (AL-001-041 f. 5v)



braças d'agua. Di muito passamos o "Canção grande" mas por causa das correntes, não pude-
mos avistar a "Cova grande" tão celebre pelos naufragios, de que emfim, no dia 14 vimos
os signaes della; é uma rhota oval de 8 milhas allemãs de comprimento. Quando se diz
a nove braças d'agua, tem-se ir sempre a barlavento, pois sem isso, cae-se em altu-
ra de 4, 3, 2 braças, o que tambem acontece á nau Caldas que de repente encontrou
sahi com baixio de 4 braças ——————————

Ás 6 da tarde, avistamos terra, i.e. um rochedo alto que, á flor d'agua parece
bastante estreito e que para cima vai alargando e parece levar uma chapeu. Perto delle vio-
se muita bagatella de "Staccomia" i.e. Raias de pedra. Ficamos ao Landward e pelas
7 horas lançamos ancora, porque era muito perigoso continuar durante a noite. No dia
15, dia de N. S. do Carmo, depois de missa, levantamos ancora e dirigimo-nos a Sul e
fizemos para a Bahia de S. Marcos. Pelo meio da nossa terra em toda a extensão,
em particular o lado onde o navio de guerra S. José perdeu o leme. Ás 4 lançamos
ferro em mais agradavel Bahia do mundo. O barco do pilote foi á terra para avisar
da nossa chegada e chegou com pilote para, no dia seguinte, entrarmos no canal. A
noite foi tranquilla, mas por o pilote não pregar ninguem pregou olho, era já de ma-
nhã a hora muito que me contentava com uma cadeira sobre o tombadilho. D. manhã
cedo vimos que a nau Caldas tinha perdido a ancora e amarras e que o Capitão Mathias
que se tinha separado de nós em Cabo Verde chegara pela manhã. Fallava-se para a
nau Lemaire (?) que só chegou 10 dias depois. Ás 11 horas chegou o pilote de nosso
Collega, chamado Agostinho ——————————

Estavamos a preparar pela ultima vez o jantar á moda allemã, quando inesperadamente
chegou a nau Lemaire, com o P.e Fr.e Matheus, o Ab. Francisco Wolf da Provincia da
Bohemia, que é agora Secretario do Vice Provincial, Padre Guardião de Jafa e Vice pro-
juiz; mas não pude conter o riso quando vi ele dirigir-se a falar em allemão
e o reconhecemos como um terrano. Recebemol-o muito bem foi grande
foi vaga de consolação. Com regadas, apresentando a nau, fomos com ambos ao Cabo ao encon-

braças d'agua. De noite passamos os "Lanções grandes" mas por causa das nuvens, não pude
mas avistar a " Cova grande" tão celebre pelos naufragios, ate que em fim no dia 14 vimos
os signaes d'ella; é uma ilhota oval de 12 milhas allemãs de comprimento. Quando se chega
a nove braças d'agua, tem de se ir sempre a barlavento, pois sem isso, cae se em sitios
de 4, 3, 2 braças, o que tambem aconteceu á nau Cardoso que de repente se encontrou
n'um baixio de 4 braças_____
Ás 6 da tarde, avistamos terra, i.e. um rochedo alto que, á flor d'agua parece
bastante estreito e que para cima vai alargando e parece levar um chapeu, d'onde lhe veiu
o nome brazileiro de "Itacurumim"[43] i.e. "rapaz de pedra". Içaram-se as bandeiras e polas
7 horas lançamos ancora, porque era muito perigoso continuar durante a noite. No dia
15, dia de N*ossa* S*enhora* do Carmo, depois de missa, levantamos ancora e dirigimo-nos a todo o
panno para a Bahia de S*ão* Marcos. Pelo meio dia vimos terra em toda a extensão,
em particular o logar onde o navio de guerra S*ão* José perdeu o leme. Ás 4. lançamos
ferro na mais agradavel Bahia do mundo. O barco do piloto foi á terra para avisar
da nossa chegada e trazer um piloto para, no dia seguinte, entrarmos no canal. Á
noite foi tranquilla, mas por o porto ser perigoso, ninguem pregou olho; era ja ate para
mim a nona noite que me contentava com uma cadeira sobre o tombadilho. De manhã
cedo vimos que a nau Cardoso tinha perdido ~~a~~ ancora e amarras e que o capitão Malsino(?)
que se tinha separado de nós em Cabo Verde chegára pela manhã. Faltava apenas a
nau Emaus(?) que só chegou 10 dias depois. Ás 11 horas chegou o piloto do nosso
Collegio, Chamado Agostinho_____
Estavamos a preparar pela ultima vez o jantar á allemã, quando inesperadamente
chegou n'uma canoa, com o R[**]. Fr*ancisc*o Madeira, o R*everendissimo* P*adre* Francisco Wolf, da Provincia da
Bohemia, que é agora secretario do Vice Provincial. Queria desfaçarse e dar se por portu-
guez; mas não poude conter o riso quando nós lhe dirigimos a palavra em allemão
e o reconhecemos como <nosso> conterraneo. Recebemolo <o> melhor que foi possivel. O P*adre* Wolf chorou
por vezes de consolação. Em seguida, aproveitando a maré, fomos

[43] Trata-se da formação rochosa conhecida como Pedra de Itacolomi.

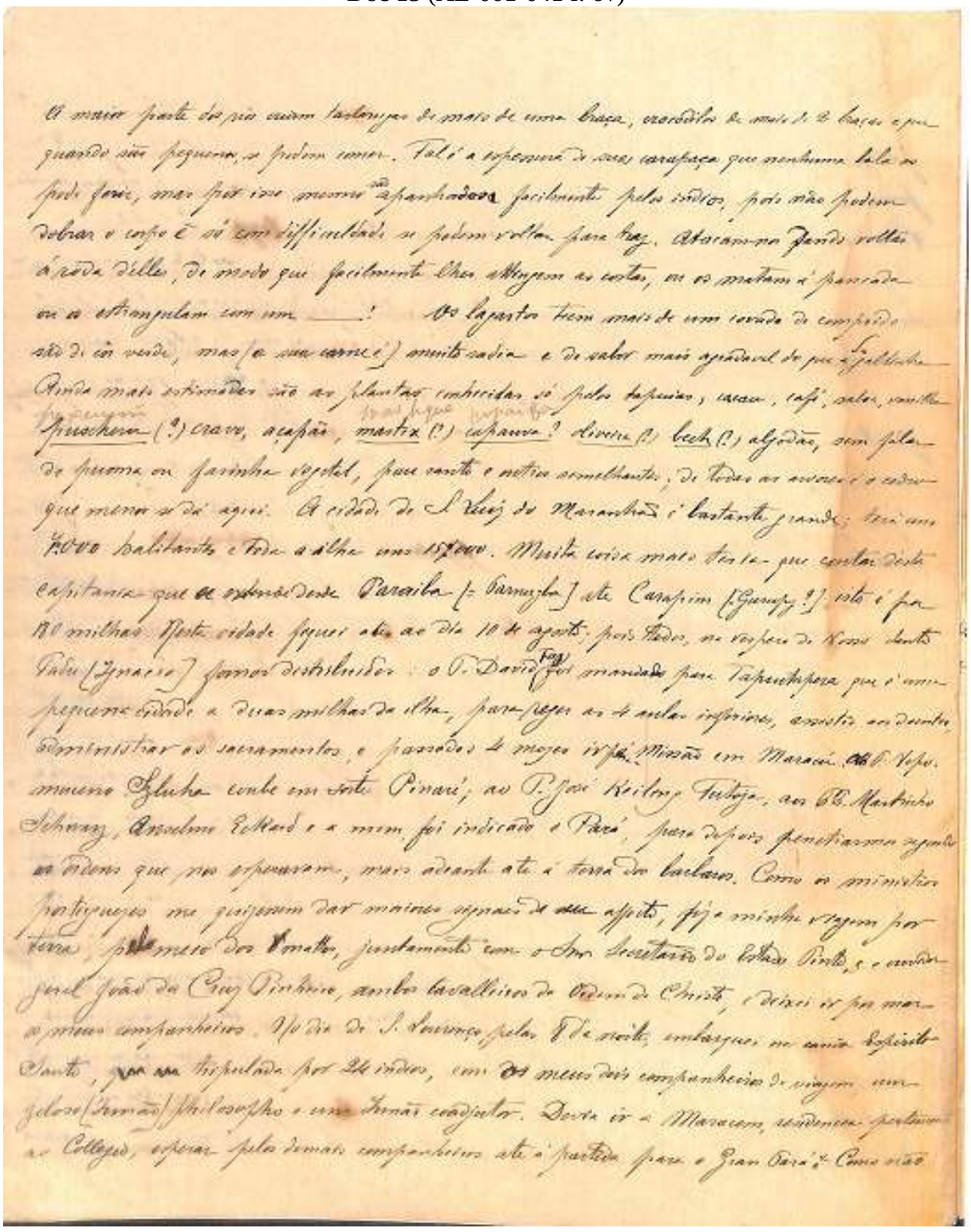
Doc 15 (AL-001-041 f. 6r)

visto que os navios por falta de vento tinham que ficar onze dias na Bahia. Tivemos que ir a
Alfandega apesar de as nossas bagagens terem ficado a bordo. Ao desembarcarmos na praia
fomos recebidos pelo Rdo. Provincial accompanhado por umas 50 pessoas do Collegio.
Levaram-nos á sua formosa Igreja onde entoamos o Te Deum. Alegraram-se muito ao ver
chegar um tão grande numero de missionarios como ainda nunca tinha havido; tinham
ao nosso encontro os pequenos indios e crãos, grandes e pequenos pediam-nos a benção
se os brancos estremeciam de pó. Logo nos dias seguintes vieram nos visitar o Ministro
as pessoas visitas nós pagamos. O resto do tempo foi empregado, parte em apprender o portuguez
parte o Tapuia (?) bem como em tomar informação do paiz, do qual se pode dizer
com verdade que Deus prodigalizou (a elle) todos os seus dons e thesouros naturaes. Só a arte
é que aqui não penetrou. A ilha tem 7 milhas de comprimento que eu mesmo percorri
e 6 de largura; toda ella é uma floresta cerrada e de tal forma que se pode bem dizer
de um valor incalculavel. O ar é puro, o clima tão temperado que o maior calor é como
o de julho e o maior frio como o de junho na Allemanha. Os fructos que esta dá, alem
da mandioca ———? bananas, ananaz, ———? batatas, limões, laranjas ———?
figos, melões, melancias e outros desta genero. Entre os animaes da terra domesticos estão
todos os da Europa; entre os selvagens a hyena, ———? panthera, onça, maracajá (?),
giboias sem numero; dos passaros é que é impossivel dar uma descripção. ———?
papagaios cruzam o arco as centenas, colibris ———? corvos brancos ———
———? mais de 60 especies de gallinhas de matto, como são (?) Jacu, Mutum –
Jacamim. Grandes avestruzes a que os indios chamam "antas" (?) Cobras, serpentes, sangrentas
——— Vermes, aranhas são os mais perigosos e dão muito que soffrer. Uma (cobra)
com o nome de ——— (?) tem uma campainha na cabeça que ella faz ouvir de longe
para que fujam della. Uma é tão grande que, como aconteceu ha mezes em Chamacuna
aldeia do P. Kaulen, engole vitellas; outras parecem-se com grandes pedras pardas
de modo que se, enganado pela cor alguem as toca, fica preso pelas mãos e levado pelo mar
tão para o rio. As aranhas são cobertas de pêlo e são do tamanho d'um caranguejo.

41-1/6

visto que as naus, por falta de vento, tinham que ficar onze dias na Bahia. Tivemos que ir á
Alfandega apesar de as nossas bagagens terem ficado atraz. Ao desembarcar na praia
fomos recebidos pelo R*everendissimo* P*adre* Provincial accompanhado por umas 50 pessoas do Collegio.
Leváram nos á sua formosa Egreja onde entoamos o Te Deum. Alegraram se muito ao vez
chegar um tão grande numero de missionarios como ainda nunca tinham visto. Vinham
ao nosso encontro, os pequenos indios nus; grandes e pequenos pediam nos a benção;
so os brancos escarneciam de nós. Logo no dia seguinte vieram nos visitar os "Ministros"
as quaes visitas nós pagámos; o resto do tempo foi empregado, parte em apprender o portuguez
parte o "tapuia(?) bem como em tomar informações do paiz, do qual se pode dizer
com verdade que Deus prodigalizou (q'elle) todos os <seus> dons e tesouros naturais. Só a arte
é que aqui não penetrou. A ilha tem 7 milhas de comprimento que eu mesmo percorri
e 6 de largura; toda ella é uma floresta cerrada e de tal forma que se pode bem dizer
de um valor incalculavel. O ar é puro, o clima tão temperado que o maior calor é como
o de julho e o maior frio como o de Junho na Allemanha. Os fructos agrestes são, alem
da mandioca_____? bananas, ananaz, _____? batata, limões, laranja_____?
figos, melões, melancias e outras d'este genero. Entre os animais da terra <(domesticos?)> encontram se
todos os da Europa; entre os selvagens a hyena,_____? panthera, <tigre,> macacos, cuaricarás (?)
giboias sem numero; dos passaros é que é impossivel dar uma descripção._____?
papagaios cruzam os ares as centenas, colhereiras_____?, corvos brancos_____
_____? mais de 20 especies de gallinhas do matto, como são (?) Jacu, Motum_
Jacuim. Grandes avestruzes a que os indios chamam "antas", As cobras, serpentes, mosquitos
_____ vermes, aranhas são os mais perigosos e dão muito que soffrer. Uma (cobra)
com o nome de _____(sic) tem uma campainha no rabo que ella faz ouvir de longe
para que fujam d'ella. Uma é tão grande que, como aconteceu ha mezes em Sumauma
aldeia do P*adre* Kaulen, engole vitellas; eutras parecem se com grandes pedras pardas
de modo que se , enganado pela cor alguem as toca, fica preso pelas mãos <e é> levado pelo mons-
tro para o rio. As aranhas são cobertas de pelos e são do tamanho d'um caranguejo.

Doc 15 (AL-001-041 f. 6v)

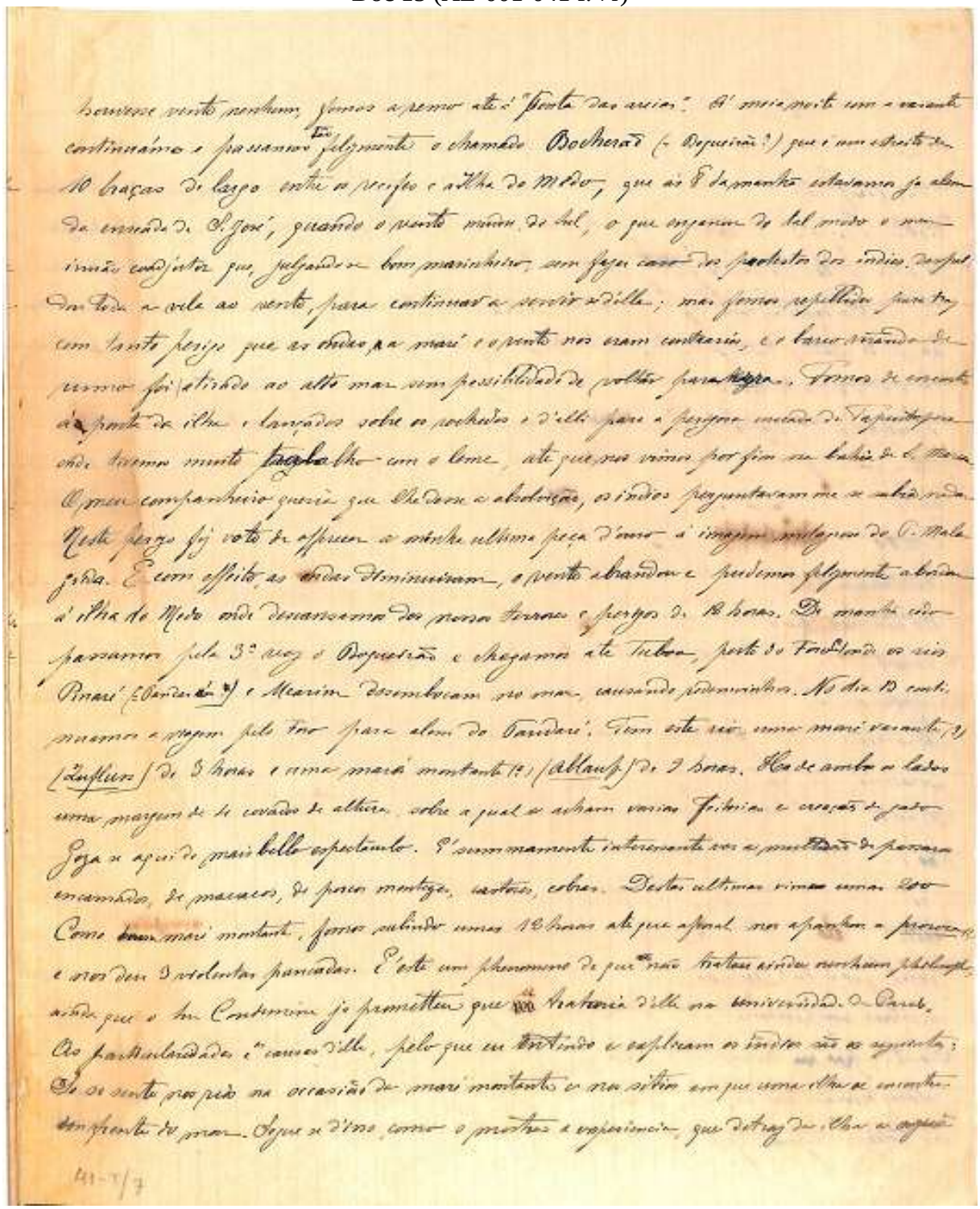


A maior parte dos rios criam tartarugas de mais de uma braça, crocodilos de mais de 2 braças e que
quando são pequenos, se podem comer. Tal é a espessura de sua carapaça que nenhuma bala os pode ferir, mas por isso mesmo <são> apanhados
facilmente pelos indios, pois não podem
dobrar o corpo e só com difficuldade se podem voltar para traz. Atacam-nos dando voltas
á roda d'elles, de modo que facilmente lhes attingem as costas, ou os matam á pancada
ou os estrangulam com um _____? Os lagartos tem mais de um covado de comprido
são de côr verde, mas (a sua carne é) muito sadia e de sabor mais agradavel do que a <da> gallinha.
Ainda mais estimadas são as plantas conhecidas só pelos tapuias, cacau, café, saloa, vanilha
puscheru(?) cravo, açafrão, mastix(?) capauva?[44] oliveira(?) bech(?) algodão, sem falar
do puoma ou farinha vegetal, pau santo e outras semelhantes; de todas as arvores é o cedro
que menos se dá aqui. A cidade de S*ão* Luiz do Maranhão é bastante grande; terá uns
7.000 habitantes e toda a ilha uns 15:000. Muita coisa mais teria que contar d'esta
capitania que se extende desde Paraiba (=Parnayba) ate Carapim (=Gurupy?) isto é por
180 milhas. N'esta cidade fiquei até ao dia 10 de agosto; pois todos, na vespera de Nosso Santo
Padre (Ignacio) fomos distribuidos: o P*adre* David <Fay> foi mandado para Tapuitapera[45] que é uma
pequena cidade a duas milhas da ilha, para reger as 4 aulas inferiores, assistir aos doentes,
administrar os sacramentos, e passados 4 mezes ir para a missão em Maracú. O P*adre* Nepo-
muceno Szluha coube em sorte Pinaré; ao P*adre* José Keiting Tutoja, aos P*adre* P*rovincial*. Martinho
Schwarz, Anselmo Eckard e a mim, foi indicado o Pará, para depois penetrarmos segundo
as ordens que nos esperavam, mais adiante ate á terra dos barbaros. Como os ministros
portuguezes me quizessem dar maiores signaes de seu affecto, fiz a minha viagem por
terra, pelo meio dos mattos, juntamente com o S*enho*r Secretario do Estado Pinto e o ouvidor
geral João da Cruz Pinheiro, ambos Cavalleiros da Ordem de Christo, e deixei ir por mar
os meus companheiros. No dia de S*ão*. Lourenço, pelas 8 da noite, embarquei na canôa Espirito
Santo, ~~que~~ [xx] tripulada por 24 indios, com os meus dois companheiros de viagem, um
zeloso (Irmão) philosopho e um Irmão coadjutor. Devia ir a [Maraum], residencia pertencente
ao Collegio, esperar pelos demais companheiros ate á partida para o Gran Pará. Como não

[44] Na entrelinha, acima das palavras “puscheru”, “mastix” e “capauva”, ocorrem três anotações a lápis, aparentemente feitas por outro punho. Sobre “puscheru”, está escrito “puxurim” (nome de uma árvore); sobre “mastix” está escrito “mastique” (uma resina obtida de uma planta); e sobre “capauva” está escrito “copaiba” (nome de uma árvore). O fato de o tradutor não ter encontrado a tradução adequada para essas palavras pode ser mais uma evidência de que se trata de um tradutor português, não conhecedor de certas realidades brasileiras.

[45] Esta cidade tem o nome atual de Alcântara (MA).

Doc 15 (AL-001-041 f. 7r)

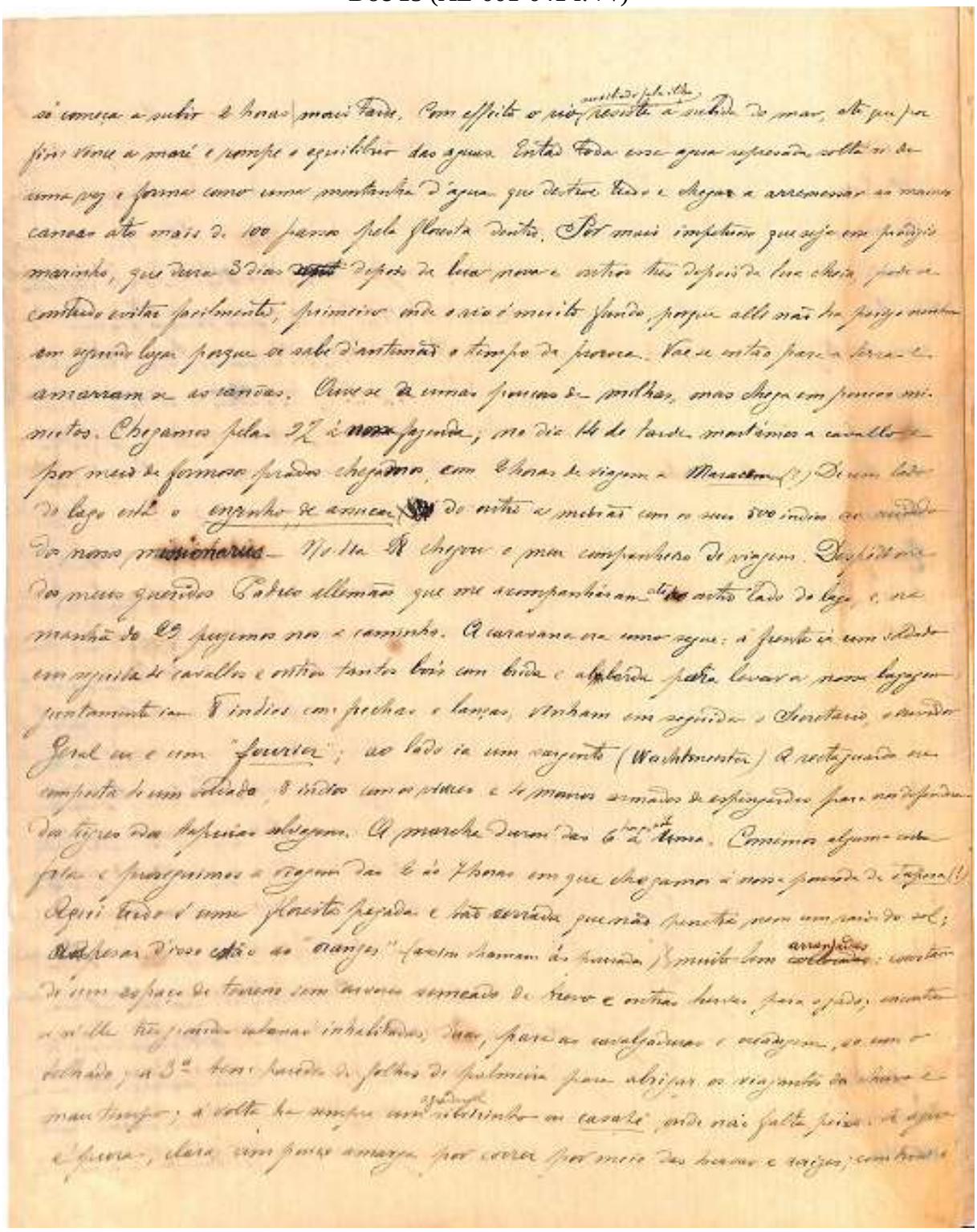


houve vento nenhum, fomos a remo até a "Ponta das areias". A' meia noite um e meia continuámos e passamos felizmente o chamado Boqueirão (= Boqueirão?) que é um estreito de 10 braças de largo entre o recife e a ilha do Meio, que ás 8 da manhã estavamos já além da entrada de S. José, guardo o ponto mais ao sul, o que augurou-se bem para o resto e uma reunião endiabrada que, julgando-se bom marinheiro, um fogo caro do paquete dos índios. Despedi-me de todos e voltei ao vento, para continuar a servir-me delle; mas fomos repellidos para traz com bom tempo que se tinha a mais e o ponto nos era contrario, e o barco tendo de remar foi atirado ao alto mar sem possibilidade de voltar para traz. Fomos de encontro á ponta da ilha e lançados sobre os rochedos e d'elle para o fundo onde tivemos muito trabalho com o leme, até que nos vimos por fim na bahia de S. Maria. O meu companheiro queria que lhe dessem a absolvição, os índios perguntaram-me se sabia rezar. Neste perigo fiz voto de offerecer a estrella ultima peça d'ouro á imagem milagrosa de N. Senhora. E com effeito as ondas diminuiram, o ponto abrandou e felizmente abordamos á ilha do Meio onde desembarcamos em pessoa terras e fardos ás 12 horas. Depois de passarmos pelo 3º rio e Boqueirão e chegamos até Tubarão, ponta do Tavares ao rio Pinaré (Garopaba do S) e Mearim descobrimos que eram causando tempestades. No dia 13 entramos e fomos pelo rio para além do Garopaba. Com este rio uma maré vazante (1) [illegible] de 3 horas e uma maré montante (1) [illegible] de 7 horas. Ha de ambos os lados uma margem de 1 covado de altura, sobre a qual se acham varias fabricas e casas de pasto. Goza-se aqui de mais bello espectaculo. E' um mar muito interessante com a multidão de pessoas encarando, de macacos, de peixe montoso, costas, cobras. Destas ultimas vimos uma boa. Como uma maré montante, fomos subindo umas 12 horas até que afinal nos apanhou a preamar e nos deu a velocidade passageira. E' este um phenomeno de que não tratou ainda nenhum philosopho ainda que o Sr. Contenson já prometteu que na Historia d'elle na Universidade de Paris. As particularidades e causas d'elle, pelo que eu entendo e explicam os indios são as seguintes: De se sente pouco ou nada na occasião de maré montante e na altura em que uma ilha se encontra em frente do mar. Segue-se d'isso, como o mostram a experiencia que detraz de ilha se segue

41-7/7

houvesse vento nenhum, fomos a remo ate á "Ponta das areias". Á meia noite com a vasante
continuámos e passamos <tão> felizmente o chamado Bocherão (=Boqueirão?) que é um estreito de 10 braças de largo entre os recifes e a Ilha do Medo,
que ás 8 da manhã estavamos ja alem
da enseada de S*ão* José, quando o vento mudou do sul, o que enganou de tal modo o meu
irmão coadjutor que, julgando se bom marinheiro, sem fazer caso dos protestos dos índios, desfral
dou toda a vela ao vento, para continuar a senvir se d'ella; mas fomos repellidos para traz
com tanto perigo que as ondas, a maré e o vento nos eram contrarios, e o barco virando de
rumo foi atirado ao alto mar sem possibilidade de voltar para terra. Fomos de encontro
á ponte da ilha e lançados sobre os rochedos e d'alli para a perigosa enseada de Tapuitapera
onde tivemos muito trabalho com o leme, ate que nos vimos por fim na bahia de S*ão* Marcos.
O meu companheiro queria que lhe desse a absolvição, os indios perguntavam me se sabia nadar.
Neste perigo fiz voto de offerecer a minha ultima peça d'ouro á imagem milagrosa do P*adre* Mala
grida. E com efeito, as ondas diminuiram, o vento abrandou e pudemos felizmente abordar
á ilha do Medo onde descansamos dos nossos terrores e perigos de 12 horas. De manhã cedo
passamos pela *tercei*ra vez o Boqueirão e chegamos ate Tuboa, perto do [Foro](?) onde os rios
Pinaré(= Pandaré ?) e Mearim desembocam no mar, causando redemoinhos. No dia 10 conti-
nuamos a viagem pelo [Foro] para alem do Pandaré. Tem este rio uma maré vasante(?)
(Influss) de 3 horas e uma maré montante(?) (Ablauf) de 9 horas. Ha de ambos os lados
uma margem de 4 covados de altura, sobre a qual se acham varias feitorias e creações de gado
Goza se aqui do mais bello espectaculo. É summamente interessante ver a multidão de passaros
encarnados, de macacos, de porcos montezes, castores, cobras. Destas ultimas vimos umas 200.
Como [rasura] maré montante, fomos subindo umas 12 horas ate que afinal nos apanhou a proroca(?)
e nos deu 3 violentas pancadas. É este um phenomeno de que não tratou ainda nenhum philosopho,
ainda que o S*enho*r [Condamine] ja prometteu que [~~xx~~] <se> trataria d'elle na universidade de Paris.
As particularidades e <as> causas d'elle, pelo que eu entendo e explicam os indios são as seguintes:
So se sente nos rios na occasião da maré montante e nos sitios em que uma ilha se encontra
em frente do mar. Segue se d'isso como o mostra a experiência, que detraz da ilha a agua

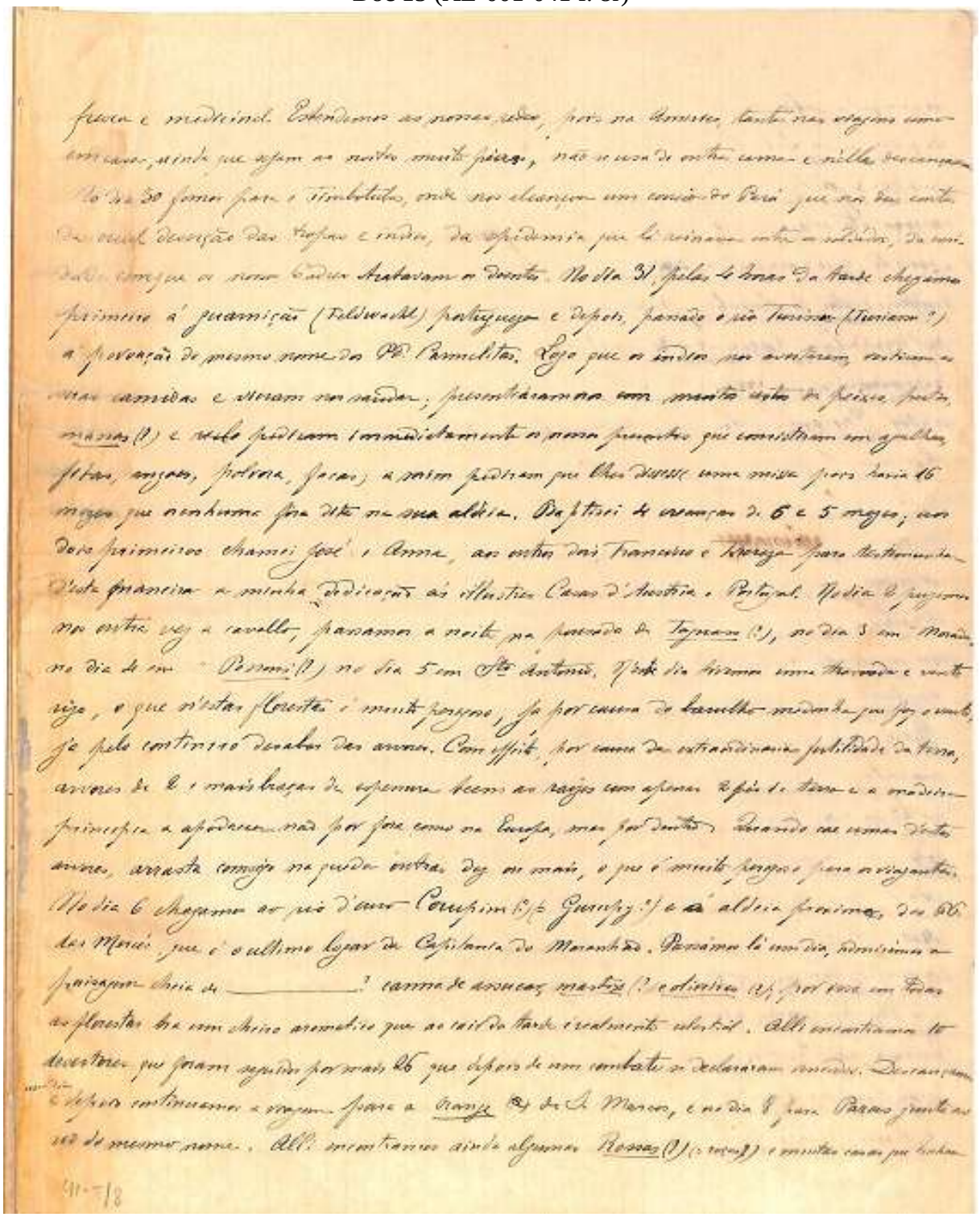
Doc 15 (AL-001-041 f. 7v)



a começa a subir 2 horas mais tarde. Com effeito a maré enche até [illegible] de manhã, até que por fim vence a maré e rompe o equilibrio das aguas. Então toda esse agua represada volta ao de uma vez e forma como uma montanha d'agua que destroe tudo e chega a arrancar as mattas caneas até mais de 100 passos pela floresta dentro. Por mais impetuoso que seja um pegador marinho, que leva 3 dias depois de lua nova e outros tres depois de lua cheia, pode ser considerado evitar facilmente, primeiro não é muito fundo, porque alli não ha pegas muito em agua baixa porque se sabe d'antemão o tempo da passagem. Vae se então para a terra e amarram as canôas. Anda se ainda quinze minutos, mas chega em poucos minutos. Chegamos pelas 2 h à nossa pousada; no dia 14 de tarde montámos a cavallo e por meio de formoso prado chegamos com 2 horas de viagem a Maracaju (?). Do nosso lado do lago está o engenho de arroz [illegible] do outro se mostrão com os seus 300 indios os restos dos nossos missionarios. No dia 15 chegou o meu companheiro de viagem. Despedi-me do meu querido Padre allemão que me acompanhou até este lado do lago, e na manhã do 16 seguimos nos o caminho. A caravana era como segue: à frente ia um soldado com espingarda e cavallo e outros tantos boys com bida e alpoarda para levar a nossa bagagem juntamente com 8 indios com frechas e lanças, vinham em seguida o Secretario, o mordomo Geral eu e com "fourier"; ao lado ia um vaqueiro (Wachtmeister) A retaguarda era composta de um soldado, 8 indios com as armas e os mesmos armados de espingardas para nos defender das tigres das florestas obscuras. A marcha durou das 6 h 2 h 1/2 tarde. Comemos alguma coisa pelas 2 e proseguimos a viagem das 2 às 7 horas em que chegamos à nossa pousada de Cayoua (?). Aqui tudo é uma floresta virgem e tão cerrada que mal se pode penetrar com um raio de sol; abundam aqui os "arangos" (assim chamam às laranjas) muito bons e arranjadas; contam-se com espaço de terreno com arvores cercado de páo e outras hortas para o gado; encontra-se alli 80 pessoas inteiras inhabilitadas, tres, para as cavallgaduras e viagem, os outros doentes; as 3 tem haridas de folhas de palmeira para abrigar os viajantes da chuva e mau tempo; à volta ha sempre um [illegible] ou cavallo, pois não falta pasto. A agua é pouca, clara, com pouco amargo por correr por meio das hervas e arvores; com tudo é

só começa a subir 2 horas mais tarde. Com effeito o rio <auxiliado pela ilha> resiste á subida do mar, ate que por
fim vence a maré e rompe o equilibrio das aguas. Então toda essa agua represada solta se de
uma vez e forma como uma montanha d'agua que destroe tudo e chega~~r~~ a arremessar as maiores
canoas ate mais de 100 passos pela floresta dentro. Por mais impetuoso que seja esse prodigio
330 marinho, que dura 3 dias [~~dep~~t] depois da lua nova e outros tres depois da lua cheia, pode se
comtudo evitar facilmente, primeiro onde o rio é muito fundo, porque alli não ha perigo nenhum
em segundo lugar porque se sabe d'antemão o tempo da proroca. Vae se então para a terra e
amarram se as canôas. Ouve se a umas poucas de milhas, mas chega em poucos mi-
nutos. Chegamos pelas 9h á nossa fazenda; no dia 14 de tarde montámos a cavallo e
335 por meio de formosos prados chegamos, com 2 horas de viagem a Maracem (?) De um lado
do lago está o engenho de assucar [rasura] do outro a missão com os seus 500 indios ao cuidado
dos nossos missionarios - No dia 28 chegou o meu companheiro de viagem. Despedi me
dos meus queridos Padres allemãos que me acompanháram ate ao outro lado do lago, e, na
manhã do 29 puzemos nos a caminho. A caravana era como segue: á frente ia um soldado
340 em seguida 4 cavallos e outros tantos bois com brida e al~~a~~barda para levar a nossa bagagem;
juntamente iam 8 indios com frechas e lanças; vinham em seguida o Secretario, o ouvidor
Geral eu e um "fourier"; ao lado ia um sargento (Wachtmeister) A rectaguarda era
composta de um soldado, 8 indios com os viveres e 4 mouros armados de espingardas para nos defender
dos tigres e dos tapuias selvagens. A marcha durou das 6 <horas até> á uma. Comemos alguma [coisa]
345 fria e proseguimos a viagem das 2 ás 7 horas em que chegamos á nossa pousada da Tapera (?)
Aqui tudo é uma floresta pegada e tão cerrada que não penetra nem um raio do sol;
Apesar d'isso estão as "oranges" (assim chamam ás pousadas) muito bem ~~colocadas~~ <arranjadas>: constam
de um espaço de terreno sem arvores semeado de trevo e outras hervas para o gado; encontram
se n'elle tres gemedes cabanas inhabitadas, duas, para as cavalgaduras e creadagem, so com o
350 telhado; a *terceir*a tem paredes de folhas de palmeiras para abrigar os viajantes da chuva e
mau tempo; á volta ha sempre um <agradável> ribeirinho ou casapé , onde não falta peixe. A agua
é pura, clara, um pouco amarga por correr por meio das hervas e raizes; com tudo é

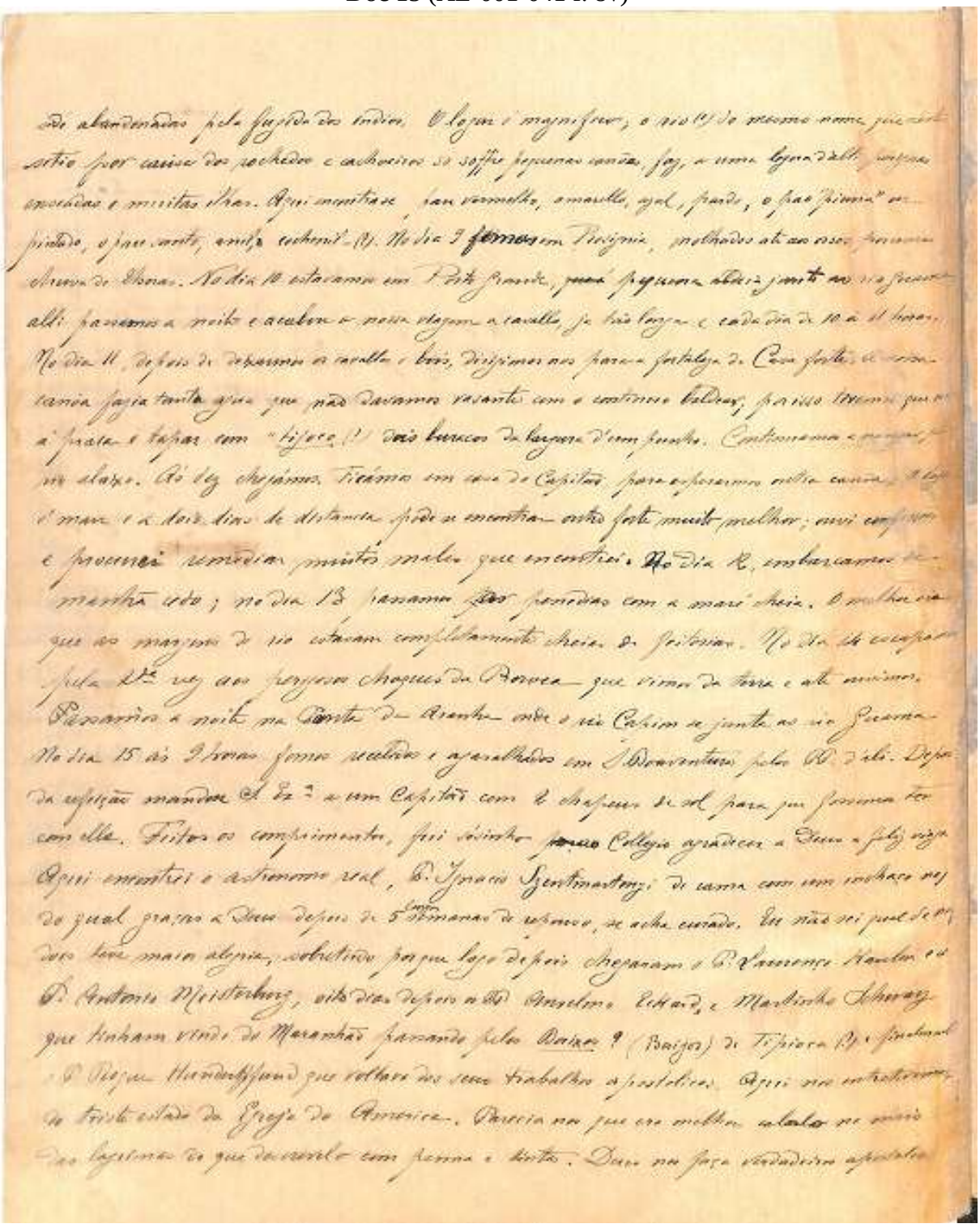
Doc 15 (AL-001-041 f. 8r)



fresca e medicinal. Estendemos as nossas redes, pois na America, tanto nas viagens como
em casa ainda que sejam as noites muito frias, não se usa de outra cama e n'ellas descançamos.
No dia 30 fomos para o Timbatuba, onde nos alcançou um correio do Pará que nos deu conta
da cruel deserção das tropas e indios, da epidemia que lá reinava entre os soldados, da cari-
dade com que os nossos Padres tratavam os doentes. No dia 31, pelas 4 horas da tarde chegámos
primeiro á guarnição (Feldwacht) portugueza e depois, passado o rio Turissu (=Turiassu?)
á povoação do mesmo nome dos P*adres* P*rovinciais*. Carmelitas. Logo que os indios nos avistaram, vestiram as
suas camisas e vieram nos saudar; presenteáram nos com muitas cestas de peixes, frutas,
massas (?) e ~~reclo~~ pediram immediatamente os nossos presentes que consistiram em agulhas,
fitas, anzoes, polvora, facas; a mim pediram que lhes dissesse uma missa pois havia 16
mezes que nenhuma fora dita na sua aldeia. Baptisei 4 creanças de 6 e 5 mezes; aos
dois primeiros chamei José e Anna, aos outros dois, Francisco e Thereza para testemunhar
d'esta maneira a minha dedicação ás illustres Casas d'Austria e Portugal. No dia 2 puzemos
nos outra vez a cavallo, passamos a noite na pousada de Taguass (?), no dia 3 em “Morada”[46]
no dia 4 em "Possanis (?) no dia 5 em S*an*to Antonio. N'este dia ativemos uma trevoada e vento
rizo, o que n'estas florestas é muito perigoso, ja por causa do barulho medonha[47] que faz o vento,
ja pelo continuo desabar das arvores. Com effeito, por causa da extraordinaria fertilidade da terra,
arvores de 2 e mais braças de espessura teem as raizes com apenas 2 pés de terra e a madeira
principia a apodrecer não por fora como na Europa, mas por dentro. Quando cae umas[48] d'estas
arvores, arrasta comsigo na queda outras dez ou mais, o que é muito perigoso para os viajantes.
No dia 6 chegamos ao rio [d'ouro] Corupim (?) (=Gurupy?) e á aldeia proxima, dos P*adres* P*rovinciais*
das Mercés, que é o ultimo logar da Capitania do Maranhão. Passámos lá um dia, admirámos a
paisagem cheia de _____? canna de assucar, mastix (?) e oliveiras (?); por isso em todas
as florestas ha um cheiro aromatico que ao cair da tarde é realmente celestial. Alli encontramos 10
desertores que foram seguidos por mais 26 que depois de um combate se declaráram vencidos. Descançamos
<um dia> e depois continuamos a viagem para a [orange] (?) de S*ão* Marcos, e no dia 8 para Paras junto ao
rio do mesmo nome. Alli encontramos ainda algumas Rossas (?) (=roças?) e muitas casas que tinham

[46] As aspas estão uma em cima, outra embaixo, como em alemão.
[47] medonha] medonho
[48] umas] uma

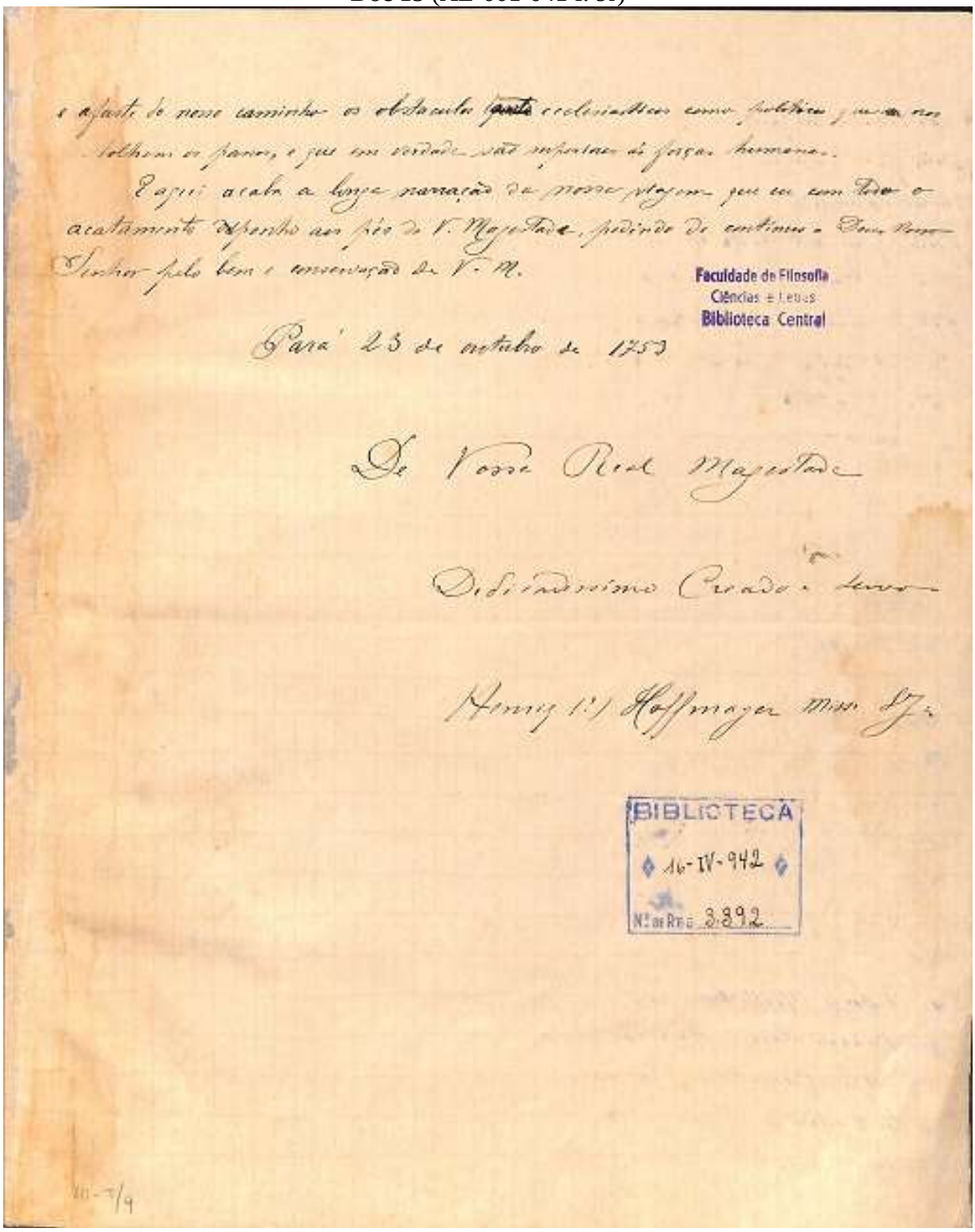
Doc 15 (AL-001-041 f. 8v)



sido abandonadas pela fugida dos indios. O logar é magnifico; o rio (1) do mesmo nome que n'este
sitio por causa dos rochedos e cachoeiras so soffre pequenas canôas, faz, a uma legua d'alli perigosas
enseadas e muitas ilhas. Aqui econtrase pau vermelho, amarello, azul, pardo, o pao "piuna" ou
pinhado, o pau santo, anil, cochenil - (?). No dia 9 fomos em Rosignia, molhados ate aos ossos por uma
chuva de 2 horas. No dia 10 estavamos em Porto Grande, ~~que é~~ pequena aldeia junto ao rio Guama
alli passamos a noite e acabou a nossa viagem a cavallo, ja tão longe e cada dia de 10 à 11 horas.
No dia 11, depois de deixarmos os cavallos e bois, dirigimos nos para a fortaleza de Casa forte. A nossa
canôa fazia tanta agua que não davamos vasante com o continuo baldear; por isso tivemos que vir
á praia e tapar com "tijoco[49] (?) dois buracos da largura d'um punho. Continuamos a navegar pelo
rio abaixo. Ás dez chegámos. Ficámos em casa do Capitão, para esperarmos outra canôa. O lago
é mau e a dois dias de distancia pode se encontrar outro forte muito melhor; ouvi confissões
e procurei remediar muitos males que encontrei. No dia 12 enbarcamos de
manhã cedo; no dia 13 passamos por penedias com a maré cheia. O melhor era
que as margens do rio estavam completamente cheias de feitorias. No dia 14 escapámos
pela *segun*da vez aos perigosos choques da Proroca que vimos da terra e ate ouvimos.
Passamos a noite na Ponta da Aranha onde o rio Capim se junta ao rio Guama.
No dia 15 ás 9 horas fomos recebidos e agasalhados em S*ão* Boaventura pelos P*adres* P*rovinciais*. d'ali. Depois
da refeição mandou S*ua* E*xcelenci*a a um Capitão com 2 chapeus de sol para que fossemos ter
com elle. Feitos os comprimentos, fui sósinho ~~par~~ ao Collegio agradecer a Deus a feliz viage.
Aqui encontrei o astronomo real, P*adre* Ignacio Szentmartonzi de cama com um inchaço no s[50]
do qual graças a Deus depois de 5 <longas> semanas de repouso se acha curado. Eu não sei qual de nos
dois teve mais alegria, sobretudo porque logo depois chegaram o P*adre* Laurenço Kaulen eo
P*adre* Antonio Meisterburg, oito dias depois os P*adres* P*rovinciais* Anselmo Eckard e Martinho Schwarz
que tinham vindo do Maranhão passando pelos Baixo ? (Baijos) de Tipioca (?) e finalmente
o P*adre* Roque Hundertfpund que voltava dos seus trabalhos apostolicos. Aqui nos entretivemos
do triste estado da Egreja da America. Parecia nos que era melhor calalo no meio
das lagrimas do que descrevelo com penna e tinta. Deus nos faça verdadeiros apostolos

[49] Provavelmente “tijuco”, espécie de barro. Como o tradutor não conhece essa palavra (um brasileirismo), é possível que seja um tradutor português.
[50] Aparentemente, a tinta borrou no fim da linha.

Doc 15 (AL-001-041 f. 9r)



e afaste do nosso caminho os obstaculos ~~[illegible]~~ ecclesiasticos como politicos que nos tolhem os passos, e que em verdade são superiores ás forças humanas.

E aqui acaba a longa narração da nossa viagem que eu com todo o acatamento dispenho aos pés de V. Magestade, pedindo de continuo a Deus Nosso Senhor pelo bem e conservação de V. M.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Pará 23 de outubro de 1753

De Vossa Real Magestade

Dedicadissimo Creado e Servo

Henriq. (?) Hoffmayer Miss. S.J.

BIBLIOTECA
16-IV-942
Nº de Reg. 3.392

[illegible]-7/9

e afaste do nosso caminho os obstaculos [rasura] ecclesiasticos como politicos que ~~a~~ nos tolhem os passos, e que em verdade são superiores ás forças humanas.

E aqui acaba a longa narração da nossa viagem que eu com todo o acatamento ~~d~~deponho aos pés de V*ossa* Magestade, pedindo de continuo a Deus Nosso Senhor pelo bem e conservação de V*ossa* M*agestade*

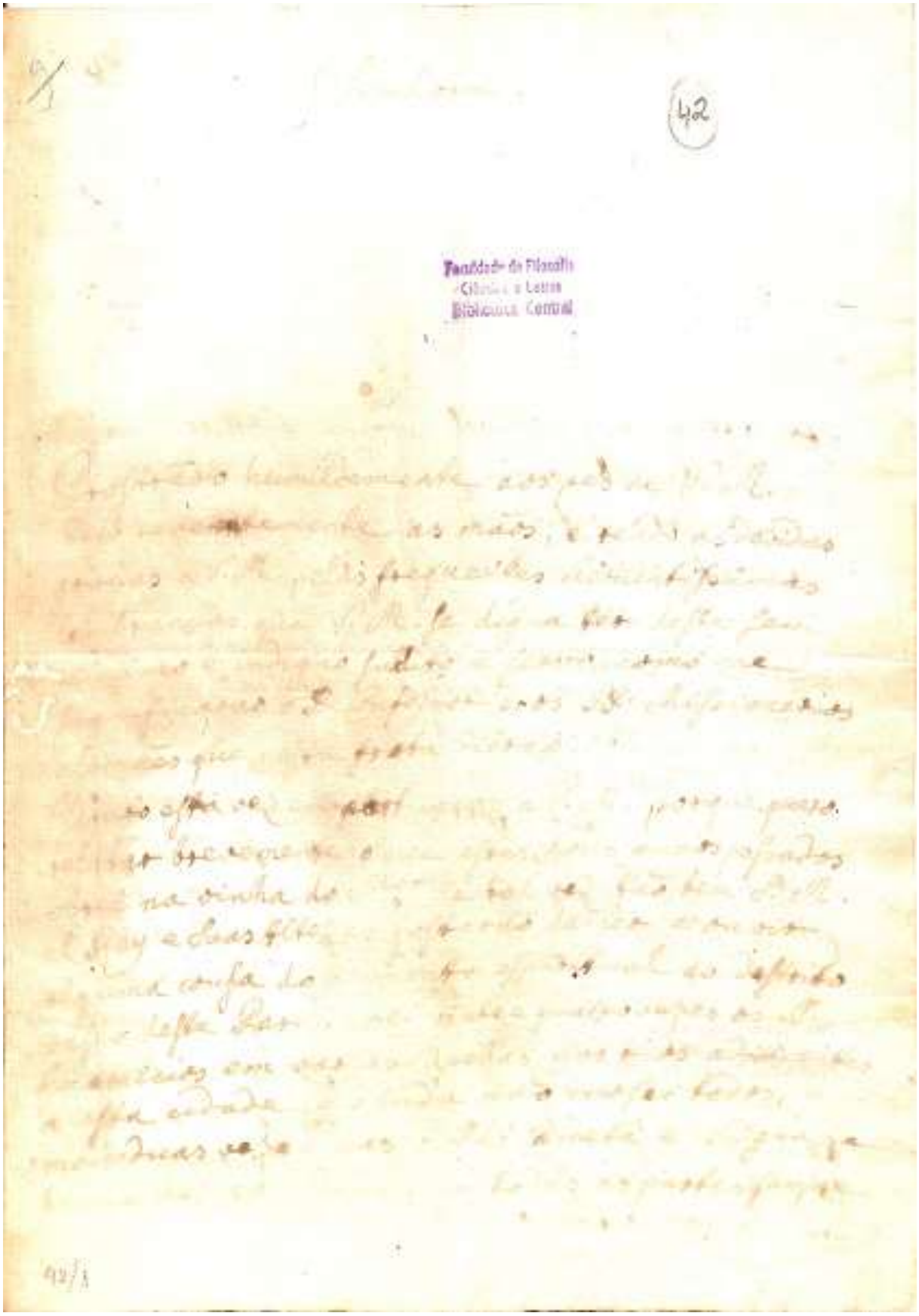
Pará 23 de outubro de 1753

De Vossa Real Magestade

Dedicadissimo Creado e Servo

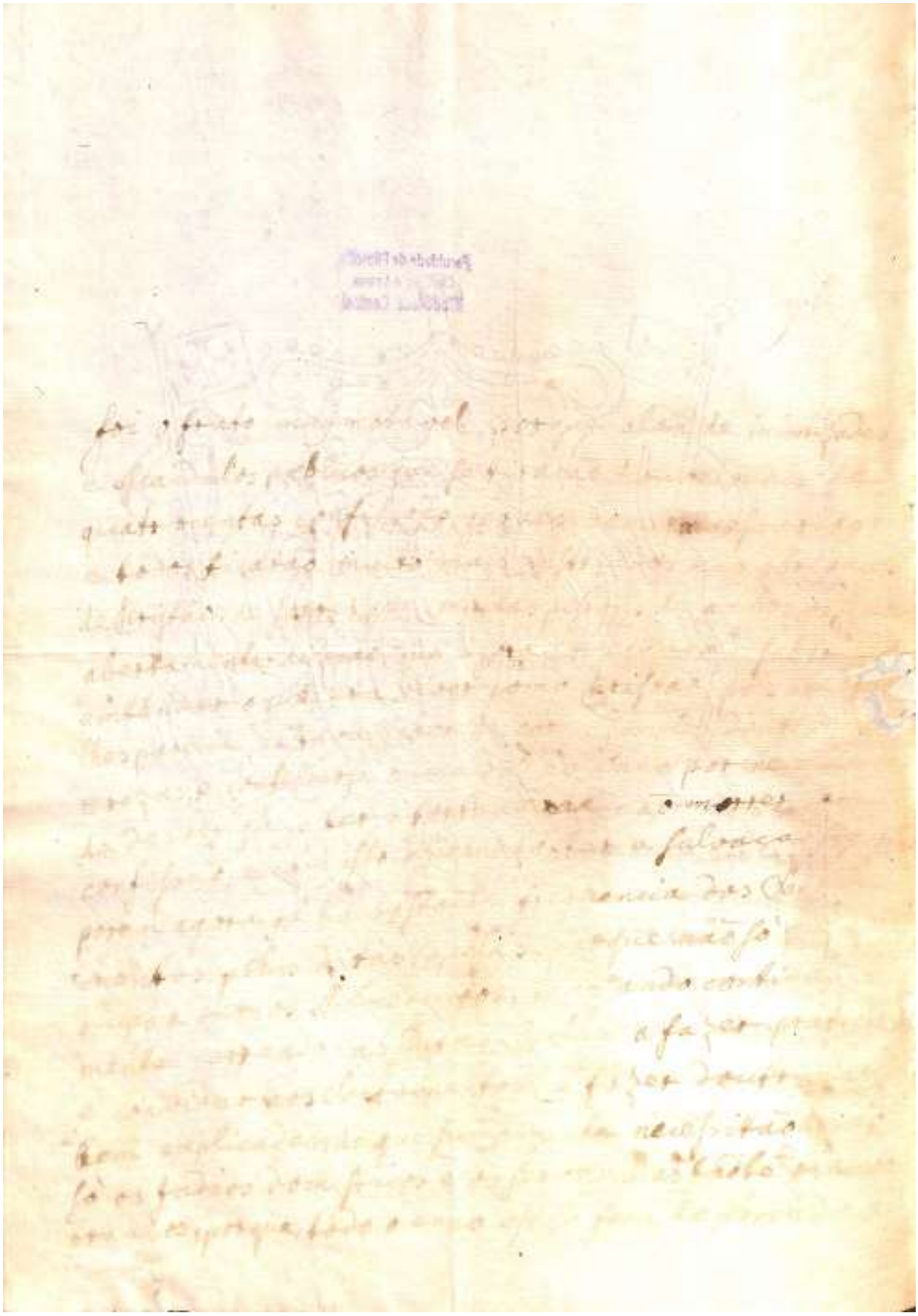
Hennig (?) Hoffmayer Miss*ionario* S*ociedade de Jesus*.

Doc 16 (AL-001-042 f. 1r)



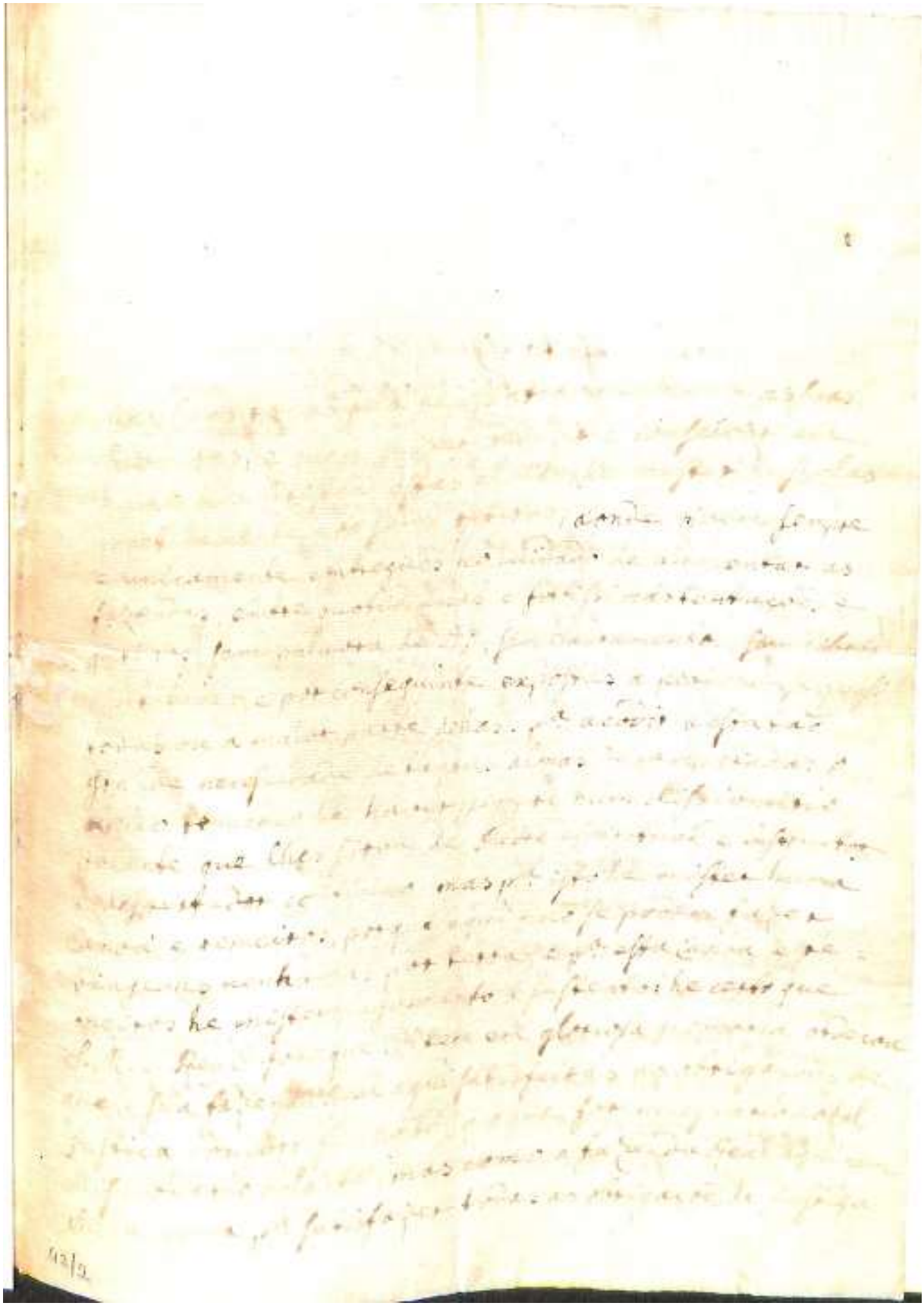
Prostrado humildemente aos pes de V*ossa* M*ajestade*
bejo reverentemente as mãos, e rendo as devidas
graças a V*ossa* M*ajestade* pelas frequentes clementissimas
lembranças, que V*ossa* M*ajestade* se digna ter deste seu
infimo e indigno subdito e servo, como me
signficarão o P*adre* Confessor e os P*adres* P*rovinciais* Missionarios
alemães que nesta frota vierão.
Escrevo esta vez [em] portuguez a V*ossa* M*ajestade* porque quero
relatar brevemente o que estes dous annos passados
obrei na vinha do S*alva*dor e tal vez tão bem S*ua* M*ajestade*.
el rey e Suas Altezas gostarão de ler e ouvir
alguma cousa do [docu]mento espiritual do destrito
vasto desse Pará. dei vinte e quatro vezes os SS.
Exercicios em varias Capellas nos rios adjacentes
a esta cidade, e ainda não [xxx]sei todos,
mais duas vezes nas villas Cametá e Vig[ia] e
huma vez na cidade em todas as partes sempre

Doc 16 (AL-001-042 f. 1v)



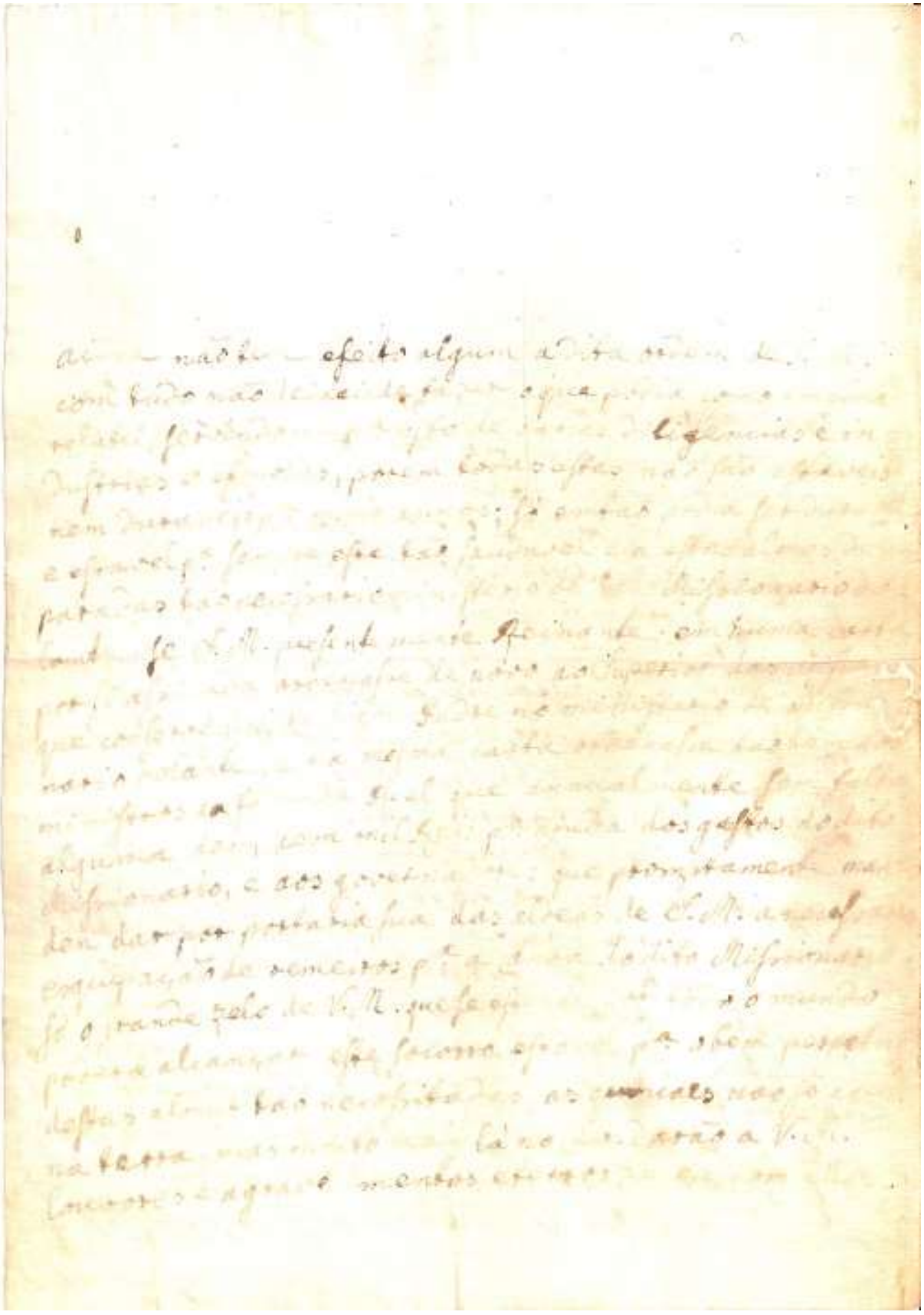
foi o fruto muy notavel, porque [xx] alvo de inimizades
e escandalos publicos que se tirarão houve mais de
quatrocentas confissões geraes bem necessarias
e todos ficarão muito mais instruidos nas obrigações
de Christãos de sorte que muitas pessoas de ambos os se[x]os
abertamente: di[ri]ao que agora começavam a saber [xxxx]
emtender o que era viver como Christão pois [sabe] [agora]
lhes pa[rece]rá, bastava saber da egreja [simples] do [xxxx]
e rezas e confessar ja huma vez no [anno] por necessidade
da desobriga, e ter a f[xxx] [xxx]de não morrer sem
confissão, e com isto affirmo [estar] a salvação seg[ura]
porem agora ja ha bastante frequencia dos Sac[ra]
mentos pelas ditas Capelas, porque não só [xxx]
[xxx]capo os ditos os [Mandamen]tos, [xxx] mas ando continua
mente correndo as ditas Capelas a fazer praticas
e convidar aos Sacramentos, e fazer doutrinas
bem explicadas, de que sum*m*amente necessitão [não]
só os Indios domesticos e os servos mas tão bẽ os [homens]
brancos, porque todo o anno estive fora de povoado

Doc 16 (AL-001-042 f. 2r)



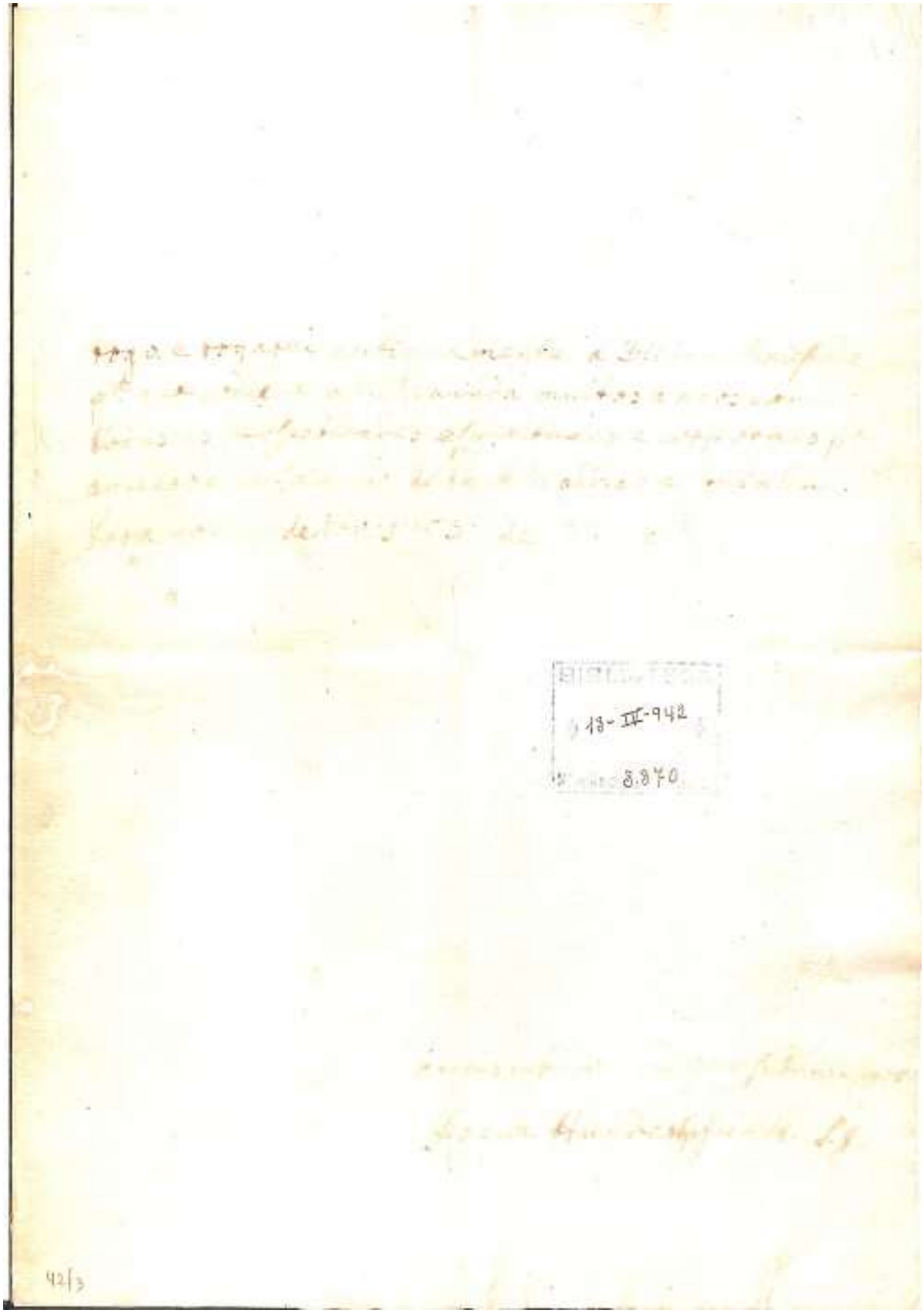
nas suas roças pela necessaria [confissão] as suas
s[*]des e quaes [**] e confessar com
hum [**] Christão estas aldeias, [he] milhor buscalas
repetidamente [n]os seus retiros, aonde vivem sempre
e unicamente emtregues ao cuidado de aumentar as
fazendas, emtre quotidianas e fortissimas tentações e
perigos sem palavra de D*eu*s, sem sacramento, sem obras
espirituaes, e por consequinte expostas a perderem-se quasi
todas ou a maior parte dellas p*ar*a acodir a esta tão
grande necessidade de tantas almas desamparadas o
unico remedio [de] haver sempre hum Missionario
volante que lhes sirva de Padre espiritual e instructor
e despertador co[**]o mas p*ar*a isto he milhor huma
canoa e remeiros, porque aqui não se podem fazer
viagems nenhumas por terra, e p*ar*a esta Canoa e re=
meiros he milhor pagamento e sustento: he certo que
S*ua* M*ajestade* El Rey D. João que D*eu*s tem gloriosa memoria ordenou
que a sua fazenda Real aqui satisfeitas as obrigações de
justiça [concorre] [**] o [quanto] for necessario do tal
Missionario volante, mas como a fazenda Real aqui nem
chega agora p*ar*a satisfazer todas as obrigações da justiça

Doc 16 (AL-001-042 f. 2v)



ainda não teve efeito algum a dita ordem de S*ua* M*agestade*
com tudo não deixei de fazer o que podia como em cima
relatei, servindome p*ar*a isto de varias diligencias e in-
dustrias e esmolas, porem todas estas não são estaveis
nem duraveis p*ar*a mais annos; só emtão podia ser duravel
e estavel p*ar*a sempre este tão saudavel e a estas almas de
paradas tão necessario ministerio de tal Missionario vo-
lante. se S*ua* M*agestade* presentemente Reinante em huma carta
por si assinada ordenasse de novo ao Superior dos Missio[narios]
que conserve sempre hum Padre no ministerio [tal] Missio
nario volante, e na mesma carta ordenasse tão bem aos
ministros da fazenda Real que annualmente sem falta
alguma dem cem mil Reis p*ar*a ajuda dos gastos do dito
Missionario, e aos governadores que promptamente man
den dar por portaria sua das aldeas de S*ua* M*agestade* a necess[aria]
esquipação de remeiros p*ar*a a Canoa do dito Missionario
só o grande zelo de V*ossa* M*ajestade*. que se estende por todo o mundo
podera alcançar este socorro estavel p*ar*a o bem perpetuo
destas almas tão necessitadas, as qu[x]iaes não só aqui
na terra, mas muito mais lá no Ceo darão a V*ossa* M*ajestade*
louvores e agradecimentos eternos do que com obras.

Doc 16 (AL-001-042 f. 3r)


13-III-948
8.870

rogo e rogarei continuamente a Divina Maiestade
p*ara* que conceda a V*ossa* M*ajestade* ainda muitos annos com
todas as prosperidades espirituaes e corporaes p*ara*
amparo e consolação de tantas almas e minha.
Pará aos [25] de Nov*embro* 1753 de V*ossa* M*ajestade*
o mais infimo e indigno subdito e servo
Roque Hundertfundt S*ociedade de* J*esus*.

Capítulo 4 – Glossários para entendimento das cartas

Listamos as ocorrências dos topônimos e antropônimos nas cartas que integram a edição semidiplomática. Eles estão dispostos em ordem alfabética, seguindo os números dos documentos, conforme a organização desta pesquisa e uma breve entrada sobre o sentido empregado nos documentos.

A elaboração deste glossário foi fruto da análise dos documentos transcritos. Ao fazer a leitura das transcrições, destacamos os verbetes, marcamos os documentos em que eles ocorriam, observando o uso empregado. Para os antropônimos, fizemos uma leitura no documento para averiguar o contexto em que se encontravam. Em seguida, realizamos pesquisas biográficas para compor as explicações dos verbetes. Para os topônimos, seguimos procedimento semelhante, analisamos o contexto em que os documentos eram escritos, a região em que o autor do documento mencionava em seu relato. Em seguida, pesquisamos em outras fontes que mencionam os termos para averiguar a relação com os documentos.

Dessa forma, elaboramos o glossário com termos citados no documento para ampliar a compreensão do contexto de escrita deles.

A

Abacaxis

Mencionado no documento 03

Missão de Abacaxis, situada próxima ao rio Madeira. Também conhecida como Santa Cruz.

Agostinho

Mencionado no documento 15

Piloto do colégio, era um guia para conduzir as embarcações pelos canais do porto.

Alemanha

Mencionado nos documentos 12, 15

Refere-se à região de origem dos padres jesuítas, território da atual Alemanha.

Almeida

Mencionado no documento 15

A “Praça-forte de Almeida” localiza-se na vila, freguesia e concelho de mesmo nome, no distrito da Guarda, em Portugal.

América

Mencionado no documento 15

Refere-se ao atual continente da América.

Arnolfini, Marcus Antonio

Mencionado no documento 04

Padre missionário italiano que esteve na missão de Maracanã.

B

Baía de São Marcos

Mencionado no documento 15

Complexo estuarino brasileiro do estado do Maranhão localizado na região do Golfão Maranhense. Faz divisa com a Baía de São José.

Belém

Mencionado no documento 15

Freguesia portuguesa do concelho de Lisboa, pertencente à Zona Ocidental da capital, atualmente contando com 10,43 km² de área e 16 528 habitantes.

Bohemia

Mencionado no documento 15

Boémia ou Boêmia é uma região histórica da Europa Central.

Boqueirão

Mencionado no documento 15

O Canal do Boqueirão é um canal natural que separa a ilha do Medo da ilha de Upaon-Açu, onde fica a cidade de São Luís (MA).

Brasil

Mencionado nos documentos 04, 15

Colônia portuguesa na América do Sul, atualmente o país chamado Brasil

C

Cabo Verde

Mencionado no documento 15

Nação localizada em um arquipélago vulcânico perto da costa noroeste da África.

Camuta

Mencionado nos documentos 03, 4, 11, 16

Referida, também, como Cametta no documento 11 e Cametá no documento 16.

Atualmente chamada de Cametá (PA), é um município do estado do Pará, no Brasil.

Capim

Mencionado no documento 15

Rio do estado do Pará.

Capitão Malsino

Mencionado no documento 15

Capitão da embarcação Cardoso, segundo o escriba do documento.

Carará

Mencionado no documento 14

Praia do Carará situada em Cândido Mendes, Maranhão.

Povoado de Carará Mirim situado próximo a cândido Mendes, Maranhão.

Carmelitas

Mencionado no documento 15

1. O escriba relata Reverendíssimo Real Padre Provincial Carmelitas, provavelmente referente ao sacerdote da Ordem dos Carmelitas, ou Ordem do Carmo.

Carapim

Mencionado no documento 15

1. O escriba menciona outra grafia, Gurupy, essa possivelmente refere-se a Boa Vista do Gurupi, município do estado do Maranhão, Brasil. Localiza-se no oeste maranhense.

Casa Forte

Mencionado no documento 15

Fortaleza de Casa-Forte. Casa-Forte do rio Guamá, localizava-se na atual Ourém, no estado do Pará.

Corupim

Mencionado no documento 15

O rio Gurupi é um curso de água que banha o estado do Maranhão na divisa deste com o estado do Pará.

Cova Grande

Mencionado no documento 15

Ilha reconhecida como região de grandes naufrágios pelo escriba do documento, fica próxima aos lençóis maranhenses. Não encontramos mais informações sobre essa ilha.

D

D João IV

Mencionado nos documentos 11, 16

Dom João IV, monarca português, governou de 1640 a 1656.

E

Eckart, Anselmo

Mencionado nos documentos 03, 15

Padre jesuíta de origem alemã, esteve em missões na região do Grão-Pará. Sua biografia é descrita no capítulo 1 desta dissertação

Enseada de São José

Mencionado no documento 15

Provavelmente localizada na baía de São José, é uma baía do estado do Maranhão, no Brasil. Situa-se a leste da ilha de Upaon-Açu, próximo ao município de São José de Ribamar. É conectada à baía de São Marcos através do estreito dos Mosquitos.

Enseada Tapuitapera

Mencionado no documento 15

Localizada na região onde habitavam índios tupinambás, na atual região localiza-se o município de Alcântara.

Europa

Mencionado nos documentos 12, 15

Refere-se ao continente europeu.

F

Fay, David

Mencionado nos documentos 03, 15

Padre jesuíta de origem alemã. Sua biografia é descrita no capítulo 1 desta dissertação

Fernandez, Lourenço

Mencionado no documento 14

Pater Laurentius Fernandez. Não foram encontradas mais informações sobre ele.

Foki

Mencionado no documento 15

O escriba refere-se ao Padre Foki. Não foram encontradas mais informações sobre esse sacerdote.

G

Guamá

Mencionado no documento 15

Rio no estado do Pará.

Gamela

Mencionado nos documentos 13, 14

Refere-se ao povo indígena que habitava a região, os Gamelas.

Guaricuru

Mencionado no documento 03

Aldeia dos Guaricuru, situava-se próximo ao rio Tocantins.

H

Hoffmayer, Henrique

Mencionado nos documentos 03, 12, 15

Missionário jesuíta de origem alemã, mais informações sobre ele no capítulo 1.

Hundertpfundt, Roque

Mencionado nos documentos 03, 15, 16

Padre jesuíta de origem alemã. Sua biografia é descrita no capítulo 1 desta dissertação.

I

Ilha da Madeira

Mencionado no documento 15

Arquipélago português no oceano Atlântico.

Ilha do Medo

Mencionado no documento 15

Pequena ilha a noroeste de São Luís do Maranhão, separada desta pelo canal do Boqueirão, localizada na parte central do Golfão Maranhense.

Itacurumim

Mencionado no documento 15

Pedras de Itacolomi, formação rochosa próxima a Ponta de Areia, MA.

J

Jericuará

Mencionado no documento 15

O escriba menciona uma faixa de praia que ele reconhece como terras brasileiras. Provavelmente ele está se referindo a atual praia de Jericoacoara, no estado do Ceará.

K

Kaulen, Lourenço

Mencionado nos documentos 12, 15

Padre jesuíta de origem alemã. Sua biografia é descrita no capítulo 1 desta dissertação.

Keyling, José

Mencionado nos documentos 03, 15

Padre jesuíta de origem alemã. Sua biografia é descrita no capítulo 1 desta dissertação.

L

Lima, Lazaro

Mencionado nos documentos 04, 11

Não encontramos mais informações a respeito do Padre Lazaro de Lima.

Lisboa

Mencionado nos documentos 15, 15

Capital do império português.

M

Madeira, Francisco

Mencionado no documento 15

Não conseguimos mais informações a respeito de Francisco Madeira.

Malagrida, Gabriel

Mencionado nos documentos 04, 06, 09, 10, 11, 15.

Missionário jesuíta. Sua biografia é descrita no capítulo 1.

Manoel da Cruz

Mencionado no documento 11

O escriba refere-se a ele como Frei Manoel da Cruz.

Maracanã

Mencionado no documento 04

Foi uma missão jesuítica no estado do Pará. Não obtivemos mais informações sobre essa localidade.

Maracu

Mencionado nos documentos 03, 15

Missão de Nossa Senhora da Conceição do Maracu, marco inicial da futura cidade de Viana.

Maranhão

Mencionado nos documentos 03, 04, 09, 10, 11, 13, 14, 15

(Marannonij em latim)

Designava uma área geográfica maior do que o atual Estado do Maranhão, englobando boa porção da Amazônia, mas de delimitação imprecisa.

Maria Ana de Áustria

Mencionado nos documentos 13, 14

Rainha de Portugal, consorte de Dom João V, nasceu em 1683 e faleceu em 1754.

Maracem

Mencionado no documento 15

Missão jesuíta no Grão-Pará.

Maraum

Mencionado no documento 15

Missão jesuíta no Grão-Pará.

Meisterburg, Antonio

Mencionado nos documentos 03, 12, 15

Missionário jesuíta de origem alemã, chegou as missões na região amazônica em 1750. Atuou nas missões de Aricará e Santa Cruz.

Miarim

Mencionado nos documentos 13, 15

Rio Mearim, curso de água que banha o estado do Maranhão.

Morera, Joseph

Mencionado no documento 11

Padre jesuíta, não encontramos mais informações sobre ele.

Mortigura

Mencionado no documento 12

Aldeia de Mortigura, atual Barcarena, segundo Matos (2012).

P

Paras

Mencionado no documento 15

Não conseguimos mais informações sobre o referido local. O escriba menciona "rio e localidade de mesmo nome". Talvez seja uma referência ao Rio Pará.

Pará

Mencionado nos documentos 03, 04, 06, 08, 11,12, 15, 16.

Refere-se ao Grão-Pará, unidade administrativa da América portuguesa.

Paraíba

Mencionado no documento 15

Refere-se ao rio Parnaíba, curso de água que divide os estados de Piauí e Maranhão. O escriba grafa, também, como Parnayba.

Pinaré

Mencionado nos documentos 03, 15

Rio Pinaré no estado do Maranhão. O escriba refere-se, também, a missão de Pinaré.

Pinheiro, João da Cruz

Mencionado no documento 15

Ouvidor geral e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Piraquiri

Mencionado no documento 03

Missão jesuítica situada próximo ao rio Xingu.

Pombal

Mencionado no documento 15

Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Conde de Oeiras. Foi Secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino português entre os anos de 1756 até 1777.

Ponta da Aranha

Mencionado no documento 15

Local em que o rio Capim encontra se com o rio Guamá.

Porto Santo

Mencionado no documento 15

Porto Santo é uma pequena ilha no arquipélago português da Madeira.

Porto Grande

Mencionado no documento 15

Pequena aldeia junto ao rio Guamá.

Portugal

Mencionado no documento 10

Nação europeia que colonizou o Brasil.

Possanis

Mencionado no documento 15

O escriba menciona um local de parada após terem passado o rio Turissu. Não encontramos mais informações sobre essa localidade.

R

Ribeyro, Nicoláo

Mencionado no documento 11

Não encontramos mais informações a respeito dele.

Ritter, José

Mencionado nos documentos 4, 12

Reverendíssimo padre confessor José Ritter. O sacerdote era o confessor da rainha Maria Ana da Áustria.

Roma

Mencionado no documento 12

No documento, o escriba se refere a sede da Igreja Católica.

Rosignia

Mencionado no documento 15

Não encontramos mais informações sobre essa localidade.

S

Santa Cruz

Mencionado no documento 08

Missão de Santa Cruz.

Santo Antonio

Mencionado no documento 15

Não encontramos mais informações sobre essa localidade.

Santos, Francisco Duarte dos

Mencionado no documento 04

Foi mencionado como desembargador.

São Boaventura

Mencionado no documento 15

Não temos obtivemos muitas informações sobre este local. No contexto, os missionários estavam próximos da região em que o rio Guamá e o rio Capim se encontram, atual São Domingos do Campim.

São Julião

Mencionado no documento 15

O "Forte de São Julião da Barra" localiza-se na margem direita da barra do estuário do rio Tejo, na ponta de São Gião, lugar de São Julião da Barra, freguesia de União das Freguesias de Oeiras e São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias, concelho de Oeiras, distrito de Lisboa, em Portugal.

São Luís

Mencionado no documento 15

Capital do atual estado do Maranhão.

São Marcos

Mencionado no documento 15

Baia de São Marcos no estado do Maranhão, lugar em que se localiza a capital do estado, São Luís.

Schwars, Martinho

Mencionado nos documentos 12, 15

Martinho Schwars foi um jesuíta de origem alemã. Ele chegou na Amazônia portuguesa junto com seus conterrâneos em 1753. Foi deportado em 1756, acusado de oposição as leis reformadoras (Arenz; Prudente, 2020).

Schwartz, Francisco

Mencionado nos documentos 03, 12, 15

Não obtivemos mais informações sobre esse jesuíta.

Secretário de Estado Pinto

Mencionado no documento 15

Foi mencionado pelo escriba como Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Sumaúma

Mencionado nos documentos 12,15

O escriba grafa como Sumayma. Refere-se a aldeia de Sumaúma, atual município de Abaetetuba – PA.

Szentmartonzi, Ignácio

Mencionado no documento 15

Padre astrônomo real.

Szluha, João Nepomuceno

Mencionado nos documentos 03, 13, 14, 15

Missionário jesuíta de origem alemã. Sua biografia é descrita no capítulo 1.

T

Taguass

Mencionado no documento 15

O escriba refere-se a uma pousada localizada próxima ao rio Gurupi.

Tapajós

Mencionado no documento 12

Rio situado no estado do Pará.

Tapuias

Mencionado no documento 15

Termo usado para designar o índio que não falava o antigo tupi.

Tapuitapera

Mencionado no documento 15

Pequeno povoado a duas milhas da ilha.

Timbatuba

Mencionado no documento 15

Não conseguimos mais informações sobre esta localidade.

Tremembe

Mencionado no documento 03

Missão dos Tremembés, povos indígenas que ocupavam o litoral do Maranhão e Ceará.

Tuboa

Mencionado no documento 15

O escriba refere-se a um lugar na região em que os rios Mearim e Pindaré se encontram.

Turissu

Mencionado no documento 15

Trata-se do atual rio Turiaçu no estado do Maranhão.

Tutoja

Mencionado no documento 15

É a atual cidade de Tutóia, no Maranhão.

V

Vieyra, Antonio

Mencionado no documento 11

Padre Antonio Vieira. Célebre padre jesuíta português (1608-1697). Teve grande influência na corte de D João IV. No documento, o escriba solicita um documento com poderes semelhante ao que D João IV conferiu ao Padre Vieira.

Vidigal

Mencionado no documento 04

Não obtivemos mais informações sobre o Padre Vidigal.

Vigia

Mencionado no documento 16

O escriba refere-se as Vilas de Cametá e Vigia, não conseguimos mais informações sobre essa localidade.

X

Xingu

Mencionado no documento 12

Referido como Rio, o escriba teve dúvida entre rio Tapajós ou Xingu.

W

Wolf, Francisco

Mencionado nos documentos 06, 15

Jesuíta de origem alemã. Sua biografia é descrita no capítulo 1.

Considerações finais

Neste trabalho, fizemos a pesquisa de uma breve biografia dos principais jesuítas a cuja autoria as cartas foram atribuídas. Com isso, podemos compreender o contexto turbulento em que as cartas foram escritas. Podemos depreender do conteúdo delas o relato de viagem, suas dificuldades e temores, possibilitado por uma escrita rica em detalhes, característica dos jesuítas. Foram relatados embates entre os missionários e as autoridades portuguesas na colônia e entre missionários e líderes indígenas. Além disso, detalhes das atividades realizadas pelos jesuítas, como batizados.

Com o estudo, concluímos que a autoria dos documentos 09 e 11, atribuídos ao Padre Gabriel Malagrida, são de punhos diferentes. A grafia guarda grande semelhança com os documentos 02 e 05, atribuídos a Francisco Wolf. Os alfabetos dos três textos (11, 02 e 05) são suficientemente semelhantes para que se possa afirmar que foram provavelmente escritos pelo mesmo punho. Como os três documentos são originários do mesmo lugar (Pará) e de datas relativamente próximas (1749, 1751 e 1753), é plausível supor que o escriba dos documentos de Francisco Wolf tenha redigido a carta assinada por Malagrida.

Ressaltamos a importância da diplomática na validação de documentos como fontes confiáveis e acessibilidade a eles. Além disso, cumpre papel importante na preservação. A edição semidiplomática da obra possibilita a leitura e compreensão dos documentos, produzindo, desta forma, subsídios para que pesquisas futuras em várias áreas do conhecimento, como pesquisas históricas, pois fornece material sobre o período que precede a expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses e sobre a relação entre o poder secular e o temporal na Amazônia portuguesa. Ela poderá contribuir com pesquisas na área da Linguística, pois fornece material para análise do português em diferentes épocas, e também pesquisas nos estudos latinistas, pois seus documentos preservam a escrita do latim da época.

Referências

ARENZ, Karl Heinz; PRUDENTE, Gabriel de Cassio Pinheiro. **A expulsão de um missionário "tapuitinga" da Amazônia pombalina: A Carta-Ânua do Padre Lourenço Kaulen (1755-1756).** Rev. Hist. (São Paulo) n. 178. São Paulo, 2019 Epub Feb 21, 2020.

ARENZ, Karl Heinz. **Os possíveis autores do dicionário de Trier (1756).** Biblioteca Nacional Digital, s/d. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/extrato-de-um-dicionario-jesuitico-de-1756-em-lingua-geral/apendice/os-possiveis-autores-do-dicionario-de-trier-1756/>.

ALMEIDA, Napoleão Mendes. **Gramática latina: curso único e completo**. São Paulo: Saraiva, 2000.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípides Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2008.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo.** São Paulo: Arquivo Do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

BOMBARDI, Fernanda Aires. **Pelos interstícios do olhar do colonizador: descimentos de índios no Estado do Maranhão e Grão-Pará (1680-1750)**. Dissertação (mestrado em História Social), Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2014. Disponível em: <http://paineira.usp.br/cema/images/ProducaoCEMA/FernandaAiresBombardi/Pelos-intersticios-do-olhar-do-colonizador-descimentos-de-indios-no-Estado-do-Maranhao-e-Gro-Par-16801750.pdf>.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CABRÉ, Maria Teresa. **La neologia, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los Observatorios**. In: ALVES, Ieda Maria, Org. **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas.** São Paulo: Paulistana, 2010.

COELLO, Alexandre; BURRIEZA, Javier; MORENO, Doris. Jesuítas e Imperios de Ultramar. Siglos XVI-XX. Sílex Universidad. 2012.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Estudo paleográfico e edição semidiplomática de manuscristos do conselho ultramarino (1705-1719).** Dissertação (mestrado em Letras), Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2006

FERRO, João Pedro. A epistolografia no quotidiano dos missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII. **Lusitânia Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Religiosa**. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2.ª Série, Tomo V, 1993, pp. 137-158.

FLUXO migratório de missionários. **Hungria e América Latina: passado e presente comuns**. 2018. Disponível em: <https://latam.kormany.hu/en>. Acesso em: 14 mar. 2020.

GATZHAMMER, Stefan. Antijesuitismo europeu. Relações político-diplomáticas e culturais entre a Baviera e Portugal (1750-1780). **Lusitânia Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Religiosa**. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2.ª Série, Tomo V, 1993, pp. 159-250.

HELANDER, Hans. On neologisms in Neo-Latin. In: FORD, Philip; BLOEMENDAL, Jan; FANTAZZI, Charles (eds.) **Brill's Encyclopaedia of the Neo-Latin World**. Leiden: Brill, 2014, pp. 37-54.

KOHUT, Karl; PACHECO, María Cristina Torales. **Desde los confines de los imperios ibéricos. Los jesuitas de habla alemana en las misiones americanas.** Madrid: Iberoamericana, 2007.

MATOS, Frederik Luizi Andrade de. As missões jesuíticas e fazendas no entorno de Belém: as missões de Mortigura e Sumaúma. **Herança Jesuítica**. 2012. Disponível em: <http://jesuiticaheranca.blogspot.com/>.

MOURA, Pe. Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil. Passado, presente e futuro**. São Paulos: Edições Loyola, 2000.

PORRO, Antônio. Uma crônica ignorada: Anselm Eckart e a Amazônia setecentista. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 3, p. 575-592, set.-dez. 2011.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica.** São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

TEIXEIRA, Ivan. **Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

TONERA, Roberto (coord.). **Fortificações no Mundo**. Universidade Federal de Santa Catarina, s/d. Disponível em: <http://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=173&muda_idioma=PT>.

VALLE, Carlos Guilherme do. **Tremembé. In: Povos indígenas no Brasil**. s/d. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Trememb%C3%A9#Hist.C3.B3ria>.